

DIRECCOM:

Carlos Quiroga

CONSELHO DE REDACÇOM:

Carlos Garrido Rodrigues
 Carmen Villarino Pardo
 Isaac Alonso Estraviz
 Isabel Morám Cabanas
 J. Henrique Peres Rodrigues
 Joám Manuel Araújo
 José António Souto Cabo
 José Luís Rodríguez
 José-Martinho Montero Santalha
 Oscar Diaz Fouces
 Paulo Valério
 †Jenaro Marinhas del Valle
 †Ricardo Carvalho Calero

PAGINAÇOM E GRAFISMO:

IC&KK

NOTA DA REDACÇOM

1. AGÁLIA reserva-se o direito a publicar originais nom solicitados.
2. A revista nom se responsabiliza da devolução de originais.
3. Os trabalhos publicados passam a ser propriedade da revista.
4. Os trabalhos publicados aparecerán na normativa de carácter reintegracionista que defende AGAL (no seu *Prontuário Ortográfico Galego*), ou em qualquer outra normativa do nosso sistema lingüístico. O envio de originais por parte dos autores supom a aceitação desta norma.
5. Os textos assinados som da responsabilidade dos autores, nom se identificando, necessariamente, a revista com os respectivos pontos de vista.
6. Os trabalhos publicam-se na ordem alfabética do primeiro nome da autora ou autor.

Imprime: LITONOR artes gráficas
 Santiago de Compostela
 litor@corevia.com

CONSELHO CIENTÍFICO:**GALIZA:**

Alberto Garcia Vessada
 Aurora Marco
 Carlos Campoy
 Cláudio López Garrido
 Felisindo Rodríguez
 Higinio Martínez Estêvez
 Joám Trilho Pêrez
 José Agreló Ermo
 José Posada
 Luís Gonçales Blasco
 Manuela Rivera Cascudo
 Marcial Gondar Portasany
 Maria das Dores Rei Teixeira
 Ramom Nogueira Calvo
 Ramom Reimunde Noreña
 Xavier Vilhar Trilho
 †Ernesto Guerra da Cal
 †Júlio Garcia Santiago

BRASIL:

Gilda da Conceição Santos
 Júlio Barreto Rocha
 Leodegário A. de Azevedo Filho
 Raúl Antelo
 Reynaldo Valinho
 Yara Frateschi Vieira
 †Gladstone Chaves de Melo
 †Sílvia Elia

MOÇAMBIQUE:

Fátima Mendonça

PORTUGAL:

Albano Martins
 Amadeu Torres
 Benjamim Moreira
 Carlos Assunção
 Inocência Mata
 José Luís Pires Laranjeira
 Mário Gomes dos Santos
 Óscar Lopes
 †José A. Fernandes Camelo
 †Manuel Rodrigues Lapa

EEUA:

Onésimo Teotónio de Almeida

S U M Á R I O**ESTUDOS**

- 9** **Contra a normalización: Reconhecimento cultural e redistribuição económica sob a dominação linguística**
 Celso Álvarez Cáccamo
- 25** **Do espaço e da palavra feitos de cinzas**
 Daniel Conte
- 61** **Origem e formaçom do barallete e novo contributo lexical**
 Jorge Rodrigues Gomes
- 95** **R. Otero Pedrayo, modelo de educador galego, teórico e práctico**
 José Paz Rodríguez
- 115** **Falsa essência e utilidade verdadeira (sobre a teoria e a praxe de Antão Vilar Ponte)**
 Vítor Meirinho

POESIA E RELATOS

- 135** **“Cholo”; “Kid Moreno”**
 José Alberte Corral Iglésias
- 139** **“Caíu a noite”**
 Alberto Rodríguez Díaz
- 156** **“Camões e Rosalía”; “Ir e voltar”**
 Alberto Machado da Rosa

ENTREVISTA

- 169** **Tabajara Ruas: escritor**
 (por C. Villarino e Márcio Coelho Muniz)

NOTAS

- 177** **Portugal e Galiza no bom caminho**
 Isaac Alonso Estraviz
- 189** **Defendendo D. Ricardo**
 Luís Gonçales Blasco
- 203** **Ernesto Guerra da Cal e o Brasil: um reconhecimento mútuo e frutífero**
 Joel R. Gómez
- 207** **O impacto da cultura brasileira nos Estados Unidos**
 Ernesto Guerra da Cal

R E C E P Ç O M D E O R I G I N A I S E A S S I N A T U R A S

Apartado dos Correios 453 - 32080 OURENSE (Galiza)

Fax: 986 438 856

agalia@agal-gz.org

www.agal-gz.org

223 **Poemas e Pinturas de Guerra. Mar Meu de Xanana Gusmão**
Roberto López-Iglésias Samartim

235 **Indícios da Planificação Linguística na Galiza:
a *Gran enciclopedia gallega***
M^a Carmen Pérez

RECENSONS

Joel R. Gómez
249 **DA HETERONÍMIA EM EÇA DE QUEIRÓS E FERNANDO PESSOA
À ALTERONÍMIA EM MIGUEL TORGA, DE M. DA A. MORAIS MONTEIRO**

Maria Anjos López Otero
251 **AS MULLERES ESCRITORAS (1860-1870). O XENIO DE ROSALÍA,
DE CELIA M. ARMAS**

257 PERCURSO

ALONSO ESTRAVIZ EM HOMENAGEM A TEIXEIRA EM GUIMARÃES
EDELMIRO MOMÁM NOVAL, TESE DE DOUTORAMENTO EM QUÍMICA
MÚLTIPLOS ACTOS EM TODA GALIZA POR CAUSA DA MARÉ NEGRA
GRUPOS LOCAIS DA AGAL
WWW.AGAL-GZ.ORG
NOVOS NÚMEROS DA REVISTA *ÓMNIBUS*
QUICO CADAVAL EM LISBOA
MANUEL MARIA NA RAG
MESA REDONDA
BIBLOS -CLUBE DE LECTORES
III CURSO DE GALEGO CIENTÍFICO E TÉCNICO
NÚMERO 15 DO BOLETIM *RENOVAÇÃO*
DICIONÁRIO EM-LINHA
DIA DAS LETRAS NA BÉLGICA, PONTE VEDRA, BARCELONA, NO BERÇO
DIA DAS LETRAS DA ARTÁBRIA
SALVATO TRIGO EM OURENSE
CONGRESSOS DE ESTUDOS JORNALÍSTICOS
BIBLIOTECA VIRTUAL GALEGA
UTAD COM GALEGUIDADE
ARTÁBRIA POR CARVALHO CALERO
PORTAL APRESENTADO EM LUGO
CARTA DA MESA À RAG
ACORDOS DA *COMISSOM LINGÜÍSTICA* DA AGAL SOBRE TOPONÍMIA
DENÚNCIA PERANTE O COMITÉ DE EXPERTOS DA UE
PRÉMIO PARA REINTEGRACIONISTA
BNG E A LÍNGUA NO PARLAMENTO
CURSO DE GALEGO-PORTUGUÊS EM COMPOSTELA
ELEIÇÕES AGAL
ENCONTRO DE ESCRITORES DE EXPRESSÃO IBÉRICA NA PÓVOA
COMPOSTELA DE PASSAGEM
PROPOSTAS DE ARTÁBRIA AO CONCELHO DE FERROL
III FESTIVAL DA TERRA E DA LÍNGUA
PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DE *NOVAS DA GALIZA*
ESCULCA
LIVROS E REVISTAS



Contra a *normalización*: Reconhecimento cultural e redistribuição económica sob a dominação linguística (*)

Celso Álvarez Cáccamo

(Universidade da Corunha)

Escolho no título a forma linguisticamente ambígua *normalización* (não “normalização” ou “normalizaçom”, nem sequer “normalizazón” ou mesmo –porque não?– “normalissassiõ”) para destacar a *bivalência* da acção das elites intelectuais e políticas na Galiza. Por uma parte, trata-se (aparentemente) de estabelecer como “normal” uma prática linguística oral e escrita pré-definida como “galego”; mas, por outra, isto faz-se em referência ao quadro (político, ideológico, simbólico) do espanhol, quer dizer, dentro do que chamaremos o *mercado linguístico* (=simbólico-cultural, mas também económico) de tudo aquilo que é o Espanhol. Contudo, como descreio igualmente duma hipotética “normalização” (galego-portuguesa), para sossego de todos/as limitarei o uso do artifício estilístico.

Introdução: Porque *contra* qualquer *normalización* ou normalização?

Em primeiro lugar, qualquer normalização –a criação duma norma de conduta– implica por contraste a nociva noção de *anormalidade*. Estritamente, nenhuma conduta sociolinguística é anormal, senão que

(*) Uma versão anterior deste texto foi apresentada para debate na “Mesa sobre Lingua e Cultura” do *Foro da Cultura Galega*, em Junho de 2000. Nunca surgiu uma publicação inclusiva com todos os documentos dessa Mesa. Por sua parte, as “Conclusións” do *Foro* desse ano, como síntese do debatido, apenas recolhiam do meu contributo parte de uma frase (sobre a definição de “normalização”), que, além, distorcia parcialmente o sentido do que eu propunha (a minha frase referia-se à necessária *naturalização* do galego-português como objectivo e eixo definidor da “normalização”). É por isto que considero apropriado dar à luz estas reflexões.

Endereço: Depto. de Galego-Português, Francês e Linguística, Faculdade de Filologia, Univ. da Corunha, 15071 A Corunha. Tel.: 981 167000, ext. 1888. Fax: 981 167151. Correio electrónico: celsoac@udc.es .
Página web: <http://www.udc.es/dep/lx/cac>.

todas respondem a complexos jogos de identidades sociais, ideologias, benefícios económicos e simbólicos, intenções comunicativas imediatas, etc.¹

Em segundo lugar, se por “norma” (social, condutual) se entende um ponto de referência para as escolhas de língua (o galego-português), deve-se assumir com consequência o estatuto duvidoso da noção de “norma” (condutual) em qualquer teoria da acção social e em qualquer política de *intervenção* social, que é do que estamos a tratar. Os indivíduos e grupos não agem mecanicamente por aderência ou rejeitamento de padrões identificáveis pré-existentes (p.ex. uma “norma” de uso do galego como poderia ser uma norma de tráfico), mas polo que se têm chamado *expectativas comunicativas* (v. Gumperz 1982), ou princípios de interacção construídos (e assentados) na socialização na vida diária no seio das diversas retículas sociais. Qualquer política da “normalização” que ignore a base inerentemente interaccional da conduta linguística está condenada a reproduzir esquemas inoperativos (esquemas do tipo *normalização versus normativização* que, por exemplo, divorciam a fala *como conduta da escrita como conduta*: a “normativização” deveria portanto ser também parte inerente da “normalização”, mesmo dentro da lógica que questiono).

Por último, se por “normalização” se entende singelamente a expansão dos usos orais e escritos de algo que se pré-constrói como “galego”, a tarefa inicial é abordar *que é esse “galego”* como objecto, para que se deve espalhar o seu uso, que grupos se *beneficiariam* deste processo e que grupos continuariam em *lugares subalternos*.

Desbotada para mim a utilidade da noção “normalização”, proponho-me a mim próprio entender por “normalização” algo assim como a *natu-*

(1) A pesquisa sobre estes aspectos das condutas linguísticas reais, documentáveis no nosso país é crescente. Alguns/umas autores/as com publicações neste campo são: Luzia Domínguez Seco, Gabriela Prego Vázquez, Xoán Paulo Rodríguez Yáñez, Mário J. Herrero Valeiro e Celso Álvarez Cáccamo (ver Bibliografía Adicional). Esta pesquisa revela-nos a limitação e o redutivismo das macro-noções de “identidade galega” para compreendermos as escolhas de idiomas e variedades na conversa face a face e no discurso das instituições. Se uma parte da sociolinguística galega e da intelectualidade, que glorifica a priori programaticamente um imaginário nacional (e portanto uma “identidade”), quer continuar a ignorar o interesse desta pesquisa, o diálogo académico faz-se mais difícil. Mas é a sua responsabilidade, não o dos que praticam (praticamos) a análise das micro-condutas linguísticas, tanto na vida diária quanto no discurso público e político.

ralização –mais ou menos espontânea, e menos reflexiva do que mais– das condutas e práticas que implicam usos orais e escritos socialmente produtivos das diversas variedades do que entendo amplamente como língua portuguesa no nosso país (frente à outra língua, a espanhola).² É deste ponto de vista que quisera abordar o sentido social de tal naturalização de usos numa sociedade de classes como a nossa.

As bases materiais da língua e do discurso

Parto duma ampla concepção materialista –e, em último termo, economicista– da língua e do discurso. Em todas as sociedades estratificadas (quer dizer, em todas as sociedades conhecidas), a língua é um recurso simbólico, mas também material, sujeito a processos de apropriação, controlo, distribuição desigual e acesso diferencial. Isto é particularmente notável no caso da língua escrita, que deve também ocupar um lugar central em qualquer reflexão colectiva (sobretudo nas sociedades de classe funcionalmente alfabetizadas) sobre o papel da Língua na construção e/ou projecção das identidades colectivas, e particularmente da “identidade nacional”. Noções basilares para entendermos esta ancoragem material da Língua, adoptadas do trabalho do falecido Pierre Bourdieu (ver referências bibliográficas) são a de *mercado linguístico* (como o âmbito no que opera um *padrão* de troco simbólico, que é tanto *emblema* quanto *estandarte*) e a de *capital simbólico e cultural*, como o benefício e prestígio acumulado por uso e apropriação desse padrão (benefício e prestígio não isento às vezes de consideráveis recompensas económicas). É evidente que na Galiza actual as únicas tentativas de quebrar o mercado linguístico espanhol são as que provêm do *lusu-reintegracionismo*, etiqueta em cujo desmiudamento semântico não entro agora. A opção lusu-reintegracionista implica, não um questionamento do funcionamento básico

(2) Contraste-se com o recolhido desta formulação nas “Conclusións” do Foro da Cultura Galega: “Entendemos o concepto de normalización lingüística como a naturalización das conductas que implican usos orais e escritos socialmente productivos, no noso caso os propios da lingua galega fronte ao español, e non, como pretenden os defensores da aberración conceptual denominada “bilingüismo harmónico”, o mantimento do reparto actual de usos e funcións das dúas linguas coexistentes, que conviven en situación de bilingüismo social de carácter diglósico, en convivencia desigual que beneficia o avance do proceso normalizador do español como lingua única” (FCG 2000, p. 64).

da língua como padrão de troco e mecanismo de selecção social no capitalismo, mas uma ré-territorialização (a ampliação desse mercado), que subleva perigosamente a linha dos estados-nação (o Reino de Espanha e a República de Portugal).

Redistribuição económica e reconhecimento cultural

Dentro deste enquadramento materialista, a questão central é a quem e como beneficia a criação dum padrão e dum mercado linguístico galego “próprio”. Visto que no mercado linguístico se manifestam os conflitos económicos (mobilidade de classe), identitários (expressão duma “essência” colectiva através do padrão) e simbólicos (acumulação de capital cultural), a questão chave para compreendermos os benefícios ou desvantagens da “normalização” é em que medida esta se imbrica com (ou faz parte de) *políticas de intervenção* nas duas linhas que a teoria e crítica social recente tem chamado *redistribuição* e *reconhecimento* (v. uma excelente síntese em Fraser 1995). A redistribuição concerne a acção social encaminhada à justiça e igualdade económicas; o reconhecimento implica acção encaminhada à justiça cultural por meio do respeito real aos grupos culturais e da criação de imagens e auto-imagens positivas. A redistribuição tenta paliar ou reverter a exploração económica; o reconhecimento, a dominação cultural e ideológica.

As duas categorias sociais basilares que se entrecruzam nas políticas do reconhecimento e da redistribuição são as de *classe* e *nação*. Entendo a classe como um grupo social com um papel estruturalmente determinado na produção e reprodução social: económica, cultural, mesmo biológica (daí que haja “elementos de classe” nas mulheres como grupo dominado). A nação é a construção identitária intersubjectiva (e, portanto, tão “real” ou irreal como outras) dum grupo que se projecta a um destino colectivo comum.

Começemos por abordarmos a “normalização” dentro duma política do reconhecimento.

“Normalização” e reconhecimento cultural

A política do reconhecimento na Galiza passa por dous eixos fundamentais. Em primeiro lugar, passa pola valorização cultural de “o galego” (entendido como tudo o galego, não apenas como o idioma), tanto fora como dentro. A inseminação cultural sistemática dos meios espanhóis e anglófonos atenta não apenas contra a valorização de “o galego”, através de estereótipos crescentes, mas atenta mesmo contra a dignidade intelectual e o potencial cognitivo das gentes. Não se pode desvincular a dominação cultural de elite sobre “o galego” da dominação cultural de classe, que toma a forma de doutrinação constante nos valores mercantilistas do próprio capitalismo global que explora economicamente as classes que ele mesmo alimenta culturalmente.

Em segundo lugar, o reconhecimento da diferença é necessário e urgente dentro da Galiza, na esfera pública galega, dentro do próprio campo da criação de saber, de sentidos e de ideologias: os campos da intelectualidade e da política. As etiquetas estigmatizantes contra sectores específicos da população com concepções não legitimadas do social, como os chamados “reintegracionistas”, são um útil instrumento para construir a oposição necessária em torno da qual as elites se apropriam do sentido de “o galego”. Obviamente, há grandes obstáculos para o reconhecimento pleno do luso-reintegracionismo como uma opção legítima e, portanto, como susceptível de ocupar posições hegemónicas no campo discursivo da Língua. Mas os obstáculos a este reconhecimento não derivam tanto da justeza ou aberração das posições reintegracionistas (que intelectualmente muita gente compreende, e que subjaze também a um “senso comum” escassamente examinado pola sociolinguística oficial) como, precisamente, de questões de classe num sentido amplo. Nesse sentido, não sou tão ingénuo como para pensar que o “diálogo” entre sectores é suficiente. As posições luso-reintegracionistas e isolacionistas estão ancoradas estrutural e diferencialmente no processo (económico-social) de produção de saber.

O dispositivo fundamental de dominação sobre o luso-reintegracionismo na Galiza consiste em construí-lo como uma opção “minoritária”, afastada dos valores culturais do “Povo”. Frente a isto, o chamado autonomismo ou isolacionismo cultural apresentam-se como a plasmação

orgânica e representativa desses valores culturais do “Povo”. O isolacionismo pretende ser representante *natural* duma essência nacional galega. Também sectores do reintegracionismo o pretendem, mas o seu sucesso está limitado a que, simplesmente, os seus discursos podam circular *efectivamente* na esfera pública galega... e pouco circulam. Portanto, o isolacionismo representa mais um exemplo de apropriação dirigida dos traços identitários da língua e a cultura. Este fenómeno de apropriação dirigida é velho: acontece, numa forma ou outra, em todos os regimes de disciplinamento através do pretense consenso democrático (apropriação da “identidade espanhola” pelo nacionalismo espanhol no âmbito do estado, apropriação do sentido do “democrático” pelas elites da partitocracia, etc.).

Porém, é necessário lembrar que em todo processo de falta de reconhecimento social se dão simultaneamente formas de *des-reconhecimento*. Quer dizer: os discursos públicos fornecem pistas para a fragmentação das experiências comuns que subjazem ao reconhecimento, e para a sua conversão em formas de *des-identificação* e *des-reconhecimento*. Assim, “os galegos” (grupo composto majoritariamente por classes trabalhadoras, desapaçadas, desempregadas, infra-empregadas, precarizadas, etc.; as elites económicas, políticas e culturais são isso: elites) vêem-se a si próprios como (também) “espanhóis” e adoptam os emblemas da sua cultura popular (a música *flamenca* –com gaita ou sem ela–, os mitos mediáticos...). Esta forma de *des-identificação* explica que só quando algum produto cultural surgido na Galiza se torna mediaticamente espanhol poda ser reconhecido como “galego”; o caso paradigmático é o dos autores literários que se fazem famosos “fora”, concretamente, num “fora” muito particular: Madrid, mas nunca Lisboa ou Porto. A intelectualidade, polo geral, aplaude estas projecções como sintoma de fortaleza cultural, em lugar de como sintoma evidente da inserção efectiva dos elementos identitários galegos no mercado cultural estatal espanhol.

O *des-reconhecimento* atinge especialmente às identidades de classe. A experiência comum de classe –que consiste na subsistência diária, na exploração no trabalho, no trabalho mal remunerado, na precariedade nos serviços sociais, na desertização do campo não apenas como lugar de produção mas como espaço eco-social, etc.– é fragmentada polos vários

discursos hegemônicos, de maneira que se produz, por exemplo, uma maior identificação entre um trabalhador rural galego e um empresário de Almeria do que entre o primeiro e um trabalhador rural de Portugal. (No olho panóptico do televisor, o *Gran Hermano* é o irmão maior de todos, da grande família nacional espanhola; no interior dessa caixa, só o que é espanhol pode ser galego). Neste sentido, os traços susceptíveis de construir *identidades de classe* (e, portanto, trans-estatais) aquém e além das fronteiras políticas são estilizados pelo estado e polos seus servidores na Galiza nas aras das “identidades nacionais”. Uma mínima olhada aos dispositivos de dominação cultural sobre os sectores campestres e marinheiros galegos leva a concluir que se está a operar um des-reconhecimento estratégico dos elementos (o que se chamam “traços de identidade”) comuns galego-portugueses, incluindo obviamente a língua e as práticas discursivas concomitantes. Se for suficientemente inteligente, o discurso luso-reintegracionista não precisaria portanto nem sequer acudir ao seu modo de mitificação do passado histórico (o isolacionismo tem outro) para recuperar e dar forma (sempre política) aos traços de identidade galego-portugueses, ou *galegos e portugueses*.

A possibilidade de recuperar e alinhar traços *naturalizados* de identidade comum (incluída a língua) além e aquém das fronteiras é reconhecida mesmo por sectores oficialistas na sua prática linguística. No terreno da língua, uma mínima coerência implicaria que o reconhecimento cultural passasse, *mesmo dentro da lógica do mercado linguístico capitalista*, por uma aceitação dos padrões de especialização linguística próprios duma sociedade “normalizada”, como se supõe que é o vizinho Portugal, recorrente emblema (com Islândia) do Mito do Monolingüismo. Quer dizer: esta especialização sócio-funcional das variedades da língua significa a *naturalização da distância inerente* entre as variedades formais (que produzem capital) orais e escritas e as coloquiais em todas as línguas de “cultura”. Este processo de especialização de variedades, que Gil Hernández e Rabunhal Corgo (1989) propuseram na sua altura para grande assombro de intelectuais “nacionalistas” que não compreendiam inteiramente o significado de “diglossia”, consiste na superação do que Gil e Rabunhal chamavam a “diglossia por deslocação” existente (quer dizer, a situação pela qual a variedade “alta” do idioma –o português padrão– não seria utilizada onde se falam as variedades galegas

“baixas”)³ e a assunção plena do *mercado linguístico galego-português* como única maneira de minimizar a fragmentação de experiências sociais e discursivas comuns, de paliar o des-reconhecimento e de potenciar o reconhecimento. Em definitivo, o reconhecimento implica a reivindicação da diferença cultural *dentro do âmbito galego-português, não dentro do âmbito espanhol*: o reconhecimento cultural implica a superação do imaginário Galeuzca.

Por último, o reconhecimento passa por inserir os grupos desvalorizados socialmente (incluídos os luso-reintegracionistas, tanto “de base” como “de elite”) dentro do debate público sobre a língua. É evidente que a maior parte do activismo linguístico, da intervenção activa e *política* sobre a língua e a cultura, provém dos chamados “grupos reintegracionistas de base”. Que o nacionalismo isolacionista não reconheça este facto não é cegueira: é uma grande cautela, porque estes grupos estão a jogar um papel comparável ao das associações culturais e de activismo linguístico da década dos anos 1970, quando a reivindicação fundamental (ainda por cumprir) que podia levar a algumas pessoas à cadeia era “Falemos Galego” (a prática em si não levava não: apenas a *consigna* de fazê-lo). O esquecimento sistemático do papel que tem o reintegracionismo de base na política de reconhecimento cultural só se pode chamar *exclusão* e *invisibilização*, que é uma das duplas tácticas mais burdas (mas efectivas) de hegemonia ideológica. Enquanto o nacionalismo político e cultural galego continue endogamicamente a reproduzir-se a si próprio e a reproduzir o seu discurso em pseudo-debates sobre a “normalización” que desde há trinta anos não contribuem nada substancialmente novo nem incorporam novas ideias substancialmente interessantes, é lógico que parte dos reintegracionistas considerem tais “debates” como um jogo fechado e estéril, e tenham optado até há pouco por uma das saídas naturais ao impasse: a aceitação da exclusão que experimentam.⁴

(3) O argumento de Gil Hernández e Rabunhal Corgo, contudo, tem problemas. Por exemplo, em princípio a especialização diglósica sócio-funcional de variedades deve dar-se no seio do que constitui uma comunidade *de fala*, e é evidente que a Galiza e Portugal dificilmente formam na altura uma só comunidade de fala, apesar de serem parte da *comunidade linguística portuguesa*. Porém, não me interessa tanto desmiudar o quadro teórico dos autores quanto salientar o argumento válido de que a expansão do português padrão na Galiza contribuiria para regularizar essa especialização “relativamente estável” de variedades da diglossia originária de Ferguson.

(4) Novos desenvolvimentos no ano 2002, como a criação da Assembleia da Língua (<http://br.groups.yahoo.com/group/assembleia-da-lingua>), podem estar a contribuir para mudar esta dinâmica.

“Normalização” e redistribuição material e simbólica

Do dito não se deve desprender que a política de reconhecimento cultural seja suficiente para a “normalización”. De facto, o grande debate (já antigo) concerne as conexões entre a dominação cultural e a exploração económica nas sociedades de classe. O dilema é, concretamente, *em que deve consistir uma política de redistribuição compatível com uma política de reconhecimento*.

Para focarmos a questão, faz-se conveniente um breve resumo dos mecanismos de selecção social das sociedades de classes através da distribuição dos recursos simbólicos, incluindo a língua e os saberes associados a ela. Brevemente, nas sociedades com aparelhos institucionalizados de “alfabetização universal”, o sistema educativo está desenhado para, teoricamente, fornecer as mesmas oportunidades de acesso aos recursos a todos e todas: entre estas oportunidades, fundamentalmente, a possibilidade de acesso à língua como instrumento de cultura. Porém, simultaneamente o mesmo aparelho está desenhado para a selecção dos “melhores”, e o facto evidenciável é que só os “melhores” (uma categoria nada objectiva) ascendem socialmente através do saber. Quer dizer, as desigualdades de acesso à cultura inerentes à desigualdade de classe, que começam na família, não são abordadas no sistema educativo com políticas e práticas compensatórias. Por contra, o mito da “igualdade democrática” constitui-se em fonte da ubíqua miragem das sociedades alfabetizadas pela qual, enquanto a escola é “de todos e para todos”, apenas uns poucos obtêm dela os benefícios simbólicos que logo porão em prática para a obtenção dum trabalho de elite e para a reprodução do próprio campo intelectual.

A lógica (nada contraditória) deste processo é evidente no nosso país: enquanto a legislação (a *Lei de Normalización Lingüística*) garante a “igualdade de conhecimentos” de galego e espanhol afinal do ciclo educativo, a realidade é que os escolares têm ainda menos domínio escrito do galego do que o espanhol, que se supõe ser a língua de cultura por antonomásia. Porque acontece isto assim? Melhor, para que? Simplesmente, para a *analfabetização maciça* se impor (como tem comentado em diversos lugares António Gil Hernández), e para que o “efeito canteira” ou pirâ-

me social não só se mantenha, mas se incremente. O efeito pirâmide exagera-se na universidade, que nutre as elites culturais com as poucas pessoas que chegam a saber colocar um pronome clítico no seu lugar (eu próprio excluído), símbolo paradigmático da Identidade Linguística Galega Nacional actual.

Tem-se apontado repetidamente que a própria concepção da língua e a proposta ortográfica jogam um papel importante neste processo de selecção social, num sentido ou noutro. Para os luso-reintegracionistas, a inserção plena do galego no sistema cultural galego-português paliaria a sua falta de prestígio e utilidade evidente, vista a projecção (para alguns, Imperial) do português no planeta. Para os isolacionistas, a ortografia portuguesa afastaria ainda mais os estudantes da sua língua chamada “própria”, por impor soluções ortográficas “difíceis” de serem aprendidas por cérebros sem dúvida infradotados. Ambos tipos de argumentos contêm falácias que seriam longas de debater. Sirva simplesmente o seguinte argumento para esclarecer a questão: *nas sociedades de classes, qualquer modelo formal de língua e qualquer ortografia ensinada nas escolas e legitimada socialmente estão inerentemente desenhados para manterem e reproduzirem as desigualdades de classe; qualquer “falta de ortografia” (quer dizer, falta de perícia na Língua Legítima) será sempre manipulável como símbolo de identidade para trocar a diferença em distinção social; qualquer variante “dialectal” será susceptível de manipulação como símbolo duma identidade subalterna;⁵ qualquer prática escrita será inerentemente uma prática de distinção social: nenhum membro do “Povo” ou “Pobo” heteroglóssico a que algumas elites dizem representar poderia jamais formar parte de debates sobre a Cultura se não for como elemento antropológico e folclórico.*

Portanto, a pergunta é se nas sociedades de classe é possível “redistribuímos” o capital simbólico (a língua), a começarmos no próprio sistema educativo, de modo a este capital não constituir uma fonte de distinção social. O próprio termo “redistribuição” pode ser suspeito dum reformismo que não ataca a raiz do conflito de classes. Daí que sejam possíveis duas perguntas opostas sobre a política de redistribuição neces-

(5) Observem-se, se não, os sentidos sociais dos fenómenos dialectais como a gheada e o sesseio no discurso mediático e na cultura popular: em bandas desenhadas cómicas dos jornais ou, paradigmaticamente, em séries televisadas como *Mareas Vivas* (Alvarez Cáccamo 2000).

sária. A primeira é: *Trata-se por acaso de facilitar a mobilidade e ascenso social através da redistribuição mais igualitária dos recursos, incluídos os linguísticos, e das possibilidades de acesso a estes? A segunda é: Ou trata-se, antes, de socavar as bases da estrutura de classes para alcançarmos novas formas de distribuição e acesso aos recursos linguísticos, esvaziando-os do seu potencial estratificador?*

Obviamente, a boa pergunta é a segunda (uma boa pergunta contém a metade da resposta), e só o possibilismo impõe uma má pergunta como a primeira, que é a que impera nas sociedades ocidentais.⁶ Porque, é compatível uma *naturalização da diferença social de base linguística* com um projecto utópico de igualdade social? À partida, teoricamente esta compatibilidade seria possível se, como apontei, o potencial discriminador da diferença linguística ficasse esvaziado, quer dizer, se a diversidade (de muitos tipos) não se constituísse em capital. Mas o facto é que o nosso único ponto de referência neste projecto são as sociedades de classe, e, nesse sentido, é difícil imaginar uma naturalização das condutas linguísticas não associadas à desigualdade social.

Uma proposta razoada?

Porém, talvez for factível um “utopismo razoado”, como o que propugnou o inteligente mas recalitrante europeísta Bourdieu (1998), baseado nos que proponho como pontos fundamentais:

- ◆ A compreensão crítica dos fenómenos de dominação de classe por meio da língua.
- ◆ A compreensão crítica do papel estrutural das elites culturais na reprodução da dominação de classe, e na sua própria reprodução como classe.
- ◆ A acção *eticamente informada* em favor da constituição dum *espaço público de debate*, duma *esfera pública* dinâmica, onde impere o respeito pela diferença ideológica (talvez, inclusive, o respeito pela pobreza intelectual).

(6) As próprias *perguntas legítimas* são indicativas do panorama ideológico global. É óbvio que na Galiza actual há muitas perguntas que nem sequer se podem *fazer legitimamente* sobre a língua, sobre as instituições de cultura, sobre o construto das identidades nacionais, sobre a aura hagiográfica dos personagens vivos ou mortos que dominam a cena intelectual (sobre os seus contributos efectivos a um projecto social e linguístico emancipador, por exemplo), etc. No seu lugar, as perguntas legítimas viram em torno da “normalidade” sociolinguística, da correcção idiomática, do “compromisso linguístico”, do *pedigree* étnico-linguístico, da “ projecção ” galega em Madrid, da propriedade intelectual, da estética poética.

- ◆ A minimização da importância do “factor língua” na consecução dessa utopia social, e a centralização das questões materiais (aproximadamente a “desfilologização” a que se tem referido Concha Costas nos debates do Foro da Cultura, mas sempre acompanhada dum modelo historicamente progressista de sociedade).⁷
- ◆ A geração de estratégias e táticas de resistência eticamente coerentes (por exemplo, a conservação da dignidade no aproveitamento dos recursos institucionais; o rejeitamento dos privilégios vergonhosos; a despersonalização dos debates culturais; a geração, promoção e apoio às práticas de activismo de base; etc.).⁸

Contudo, estas propostas razoadas não deveriam levar-nos a acreditar na “normalidade” social num futuro próximo ou menos próximo. Pessoalmente, as propostas utópicas razoadas são para mim um imperativo intelectual e –dentro do possível do termo– *ético*, com o que procuro enxotar o fantasma da culpabilidade por detentar, assumir e exercer uma posição de privilégio social baseada no acesso e posse de recursos de saber que me legitimam para *falar da língua com a língua*, recursos que à maioria da população lhe são negados estruturalmente pelo próprio desenho dos aparelhos e indústrias de produção de saber (desde a escola até às universidades e fundações públicas e privadas). As elites intelectuais (de novo, definidas estruturalmente) não são (não somos) os principais executores da política de barbárie e escravismo que caracteriza o capitalismo do entrante Milénio Final: somos o que Bourdieu deu em chamar, num escrito cuja referência nunca consigo encontrar, a “fracção dominada da classe dominante”. Mas, nesse sentido, a nossa prática reflexiva está sempre presa entre, por uma parte, a lealdade a esse “Povo” que certos sectores sistematicamente apropriam, e por outra, a submissão ao capital económico que nos sustém.

(7) Debate da “Mesa sobre Língua e Cultura” do Foro da Cultura Galega, Compostela, 3-Março-2000.

(8) Frente à miragem mítica da “independência do intelectual”, Bourdieu salienta a subordinação cada vez maior das elites intelectuais aos estados e aos capitais privados. Nunca antes na história houve mais dinheiro público posto ao serviço da produção de saber... dum saber pré-escolhido, obviamente, como saber economicamente produtivo.

Em definitivo, é-me impossível conceber uma “sociedade galega culturalmente normalizada” no quadro do capitalismo global ou de qualquer outro modo de produção baseado na apropriação do valor da força de trabalho assalariado. Nesse sentido, toda sociedade “galega” normalizada seria-o também planetária. Mas é possível, talvez, conceber novas (muito antigas?) formas de consciência *razoadamente utópicas* encaminhadas a tal sociedade. No que a nós atinge, o primeiro passo seria renomearmos e ré-desenharmos quaisquer foros, plataformas ou espaços de cultura “galega” como, simplesmente, *foros, plataformas ou espaços da cultura ou das culturas* (em geral e em plural), e tentarmos dilatá-los no tempo e espalhá-los amplamente para incorporarmos sectores produtores de formas (plural) de culturas (plural) tanto locais como próximas geograficamente mas ainda tremendamente afastadas de nós pelas altíssimas isoglossas políticas dos estados, aquelas que dividem (sempre artificialmente, como todas as barreiras) a Galiza histórica e social dentro do Reino de Espanha da Galiza histórica dentro da República de Portugal.

Referências bibliográficas

- ALVAREZ CÁCCAMO, Celso. 1999. “O ‘galego’ frente ao ‘português’, ou a lógica social da diferença”. Em *A lingua e a literatura galegas nos alcances do Terceiro Rexurdimento (1976-2000) / La llengua i la literatura gallegues als inicis del Tercer Ressorgiment (1976-2000)*, ed. por Camilo Fernández. Terrassa-Barcelona: Xunta de Galicia / Amics de les Arts i Joventuts musicals de Terrassa / UNED-Terrassa, 43-49.
- ALVAREZ CÁCCAMO, Celso. 2000. “Identidad, clase e ideoloxías lingüísticas en el discurso público gallego [Mareas Vivas y el nuevo orden sociolingüístico de clase]”. Trabalho apresentado no *IV Congreso de Lingüística General*, Cádiz, 3-6 Abril, 2000, na sessão “Ideoloxías y prejuicios lingüísticos”, coorganizada por Luisa Martín Rojo e Celso Alvarez Cáccamo.
- BOURDIEU, Pierre. 1977. “The economics of linguistic exchanges”. *Social Science Information* 16 (6), 645-668.

- BOURDIEU, Pierre. 1982. *Ce que parler veut dire*. Paris: Fayard.
- BOURDIEU, Pierre. 1990. *In other words: Essays toward a reflexive sociology*. Stanford: Stanford University Press.
- BOURDIEU, Pierre. 1998. "A reasoned utopia and economic fatalism". *new left review* (227), 125-130. [Tradução espanhola: "Una utopía razonada: contra el fatalismo económico" (2000), *new left review* 0, número monográfico *Pensamiento crítico contra la dominación*, pp. 156-161].
- FORO DA CULTURA GALEGA [FCG]. 2000. *Presentación das Conclusións*. Santiago de Compostela.
- FRASER, Nancy. 1995. "From redistribution to recognition? Dilemmas of justice in a 'post-Socialist' age". *new left review* 212, pp. 68-93. [Tradução espanhola: "¿De la redistribución al reconocimiento? Dilemas de la justicia en la era 'postsocialista'" (2000), *new left review* 0, número monográfico *Pensamiento crítico contra la dominación*, pp. 126-155].
- GIL HERNÁNDEZ, António, e Henrique Rabunhal Corgo. 1989. "O conceito de diglossia segundo Ch. A. Ferguson, e a sua pertinencia para a Comunidade Lusófona da Galiza. Um caso de diglossia por deslocação". *Nós* 13-18, pp. 361-388.

Bibliografía adicional sobre sociolinguística da fala na Galiza

[Esta bibliografía básica (além de vários trabalhos em curso não listados) oferece estudos sobre as práticas de fala na Galiza, baseados em dados gravados em áudio e/ou vídeo, que arrojam um panorama muito mais rico sobre a nossa situação sociolinguística do que o "paradigma da normalização" ou o "paradigma da diglossia" nos podem apresentar. Como comentado alhures (Alvarez Cáccamo 1997), estas perspectivas não tem considerado os usos reais das variedades em conflito, usos não facilmente reduzíveis às análises dominantes pola sua riqueza indéxica das identidades e posições sociais].

- Alvarez Cáccamo, Celso: • 1987. "Fala, bilingüismo, poder social". *Agália; Revista da Associação Galega da Língua* 10, 127-150. • 1990. "Rethinking conversational code-switching: Codes, speech varieties, and contextualization". Em *Proceedings of the Sixteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, February 16-19, 1990. General Session and Parasession on the Legacy of*

Grice. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 3-16. • 1991. "Language revival, code manipulation and social power in Galiza: Off-record uses of Spanish in formal communicative events". Em *Sociolinguistics of the Spanish-speaking world: Iberia, Latin America, United States*, ed. por Carol A. Klee. Tempe (AZ): Bilingual Press / Editorial Bilingüe, 41-73. • 1993. "The pigeon house, the octopus, and the people: The ideologization of linguistic practices in Galiza". *Plurilinguismes* 6, 1-26. • 1996a. "Building alliances in political discourse: Language, institutional authority, and resistance". *Folia Linguistica* XXX (3-4), 245-270. • 1996b. "The power of reflexive language(s): Code displacement in reported speech". *Journal of Pragmatics* 25 (1), 33-59. • 1997. "Construindo a Língua no discurso público: Práticas e ideologias linguísticas". *Agália. Revista Internacional da Associação Galega da Língua* 50, 131-150. • 1998. "From 'switching code' to 'code-switching': Towards a reconceptualisation of communicative codes". Em *Code-Switching in Conversation. Language, Interaction and Identity*, ed. por Peter Auer. London: Routledge, 29-48. • 2000. "Para um modelo do 'code-switching' e a alternância de variedades como fenómenos distintos: Dados do discurso galego-português/espanhol na Galiza". *Estudios de Sociolingüística* 1 (1), 111-128.

Bobillo García, Nancy, Luzia Domínguez Seco, Mário J. Herrero Valeiro, e Gabriela Prego Vázquez: • 1998. "Las prácticas de habla en Galiza: entre el conflicto lingüístico y la armonía bilingüe (conexiones macro-micro en el discurso sociolingüístico gallego)". Trabalho apresentado no VI Congreso Español de Sociología. *Sociología y Sociedad*, 24-26 Setembro 1998, A Corunha.

Domínguez Seco, Luzia: • 1996. "Língua, status, identidade: A fala como marca-dora da diferença social". Em *The Linguistic Construction of Social and Personal Identity: First International Conference on Sociolinguistics in Portugal [25 a 29 de Março de 1996, Universidade de Évora]*, ed. por Sandi Michelle de Oliveira. Évora: Centro de Investigação e Desenvolvimento em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Évora (CIDEHUS.UE) / Research Committee on Sociolinguistics, International Sociological Association, 31-35. • 2000. *Aproximación interaccional a la conceptualización del habla: Las ideologías lingüísticas en Galicia como índice de la diferencia social*. Tese de Doutoramento, Departamento de Galego-Português, Francês e Linguística, Universidade da Corunha.

Domínguez Seco, Luzia, e Mário J. Herrero Valeiro. • 2001. "Monolingüismo e purismo (A ideologização das práticas de fala na Galiza)". *Revista Iberoamericana de Discurso y Sociedad* 3 (1), 9-41. • 2002 (no prelo) . "Pureza

- e (des)lealdade linguística na ideologização das condutas de fala na Galiza". *Estudios de Sociolingüística*.
- HERRERO VALEIRO, Mário J. • 2000. *Gltopol tica y genealog a del poder: El proceso de institucionalización del gallego desde la perspectiva de una (macro)política de la lengua*. Tese de Doutoramento. Departamento de Galego-Portugu s, Franc s e Linguística, Universidade da Corunha. • 2001. "Os novos galegos e o uso do galego como inciso conversacional". Em *Agália. Revista Internacional da Associaçom Galega da Língua* 62, 77-101.
- PREGO VÁZQUEZ, Gabriela: • 1996a. "Estructuraci n sociodiscursiva de regateos de ferias rurales gallegas". *Interlingüística* 5, 137-146. • 1996b. "Língua e identidade social em regateios de feiras rurais galegas. Análise da fase inicial do 'tira e afrouxa'". Em *The Linguistic Construction of Social and Personal Identity: First International Conference on Sociolinguistics in Portugal [25 a 29 de Março de 1996, Universidade de  vora]*, ed. por Sandi Michelle de Oliveira.  vora: Centro de Investiga o e Desenvolvimento em Ci ncias Humanas e Sociais da Universidade de Évora (CIDEHUS.UE) / Research Committee on Sociolinguistics, International Sociological Association, 43-49. • 1998a. "Alianzas discursivas, alternancia de códigos gallego-castellano y negociación de identidades en la Galicia rural". *Interlingüística* 7, 171-177. • 1998b. *Aproximación socio-interaccional al g nero discursivo del regateo*. Vol. 17, *Lynx. Documentos de Trabajo / Documents de Treball / Documentos de Trabajo / Working Papers*. Val ncia: Universitat de Val ncia / Universidade da Corunha. • 1999. "La cortesía: control interaccional y negociación de identidades en regateos de ferias rurales gallegas". Em *Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la America Latina*, 773-782. • 2000. *Prácticas discursivas, redes sociales e identidades en Bergantiños (Galicia): La interacción comunicativa en una situación de cambio sociolingüístico*. Tese de Doutoramento, Departamento de Galego-Portugu s, Franc s e Linguística, Universidade da Corunha. • 2002 (no prelo). "Comprando leitugas, leitughas e lechughas. Reformulaci ns e negociación de identidades na feira". *Estudios de Sociolingüística*.
- RODRÍGUEZ Y NEZ, Xoán Paulo: • 1995. *Estratexias de comunicación nas interaccións cliente-vendedor no mercado da cidade de Lugo: As alternancias de lingua galego/castelán e a negociación da escolla de lingua*. Tese de Doutoramento. Departamento de Linguística Geral e Teoria da Literatura, Universidade da Corunha. • 2002 (no prelo). "Historias conversacionais entre bilingües: O pasado interaccional compartido". *Estudios de Sociolingüística*.

Do espaço e da palavra feitos de cinzas (*)

Daniel Conte

(Universidade Regional Integrada
do Alto Uruguai e das Missões. Brasil)

I. Do início do fogo

O romance de Lobo Antunes é um romance de fragmentos, e são justamente esses fragmentos que passam a formar a unidade constitutiva da obra, trazendo à tona uma realidade existencial por demais efêmera e pulsante. É daí que podemos afirmar que não menos fragmentada do que esta representação da realidade é a realidade representada.

Afirma Rosenthal (1975, p. 1), que o “romance moderno veicula uma surpreendente imagem de realidades atuais, na medida em que, simultaneamente, focaliza e mistura estados de consciência e aspectos concretos do mundo em torno”. Esse “focalizar” e “misturar” estados de consciência está bem representado na fragmentação do discurso romanesco do escritor português e exemplifica a migração do leitor de um plano objetivo a outro – subjetivo, que representa a voz do próprio personagem-narrador. Reforça-se essa idéia com o rompimento da linearidade cronológica, que traz a valorização de um elemento temporal em sua elaboração.

Antonio Lobo Antunes faz parte de uma geração que viveu a ditadura salazarista até seu desmantelamento com o 25 de abril e foi a partir dos seus escombros que buscou dar início a um processo de entendimento do espaço português. Após um momento de certa perplexidade “[...] começou-se a conquistar no plano literário uma nova história. Seria uma apro-

(*) Este ensaio é parte do trabalho de mestrado desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob orientação da Professora Dr^a Jane Fraga Tutikian.

priação ideológica de ênfase social das tradições culta e popular antes restritas às minorias privilegiadas” (ABDALA JÚNIOR, 1989, p. 160).

Um processo que parte do espaço alienante deixado pelo regime fascista em direção a uma possível reorganização espacial. Nesse momento importante, acaba-se com os mitos alimentados pelo Estado salazarista e busca-se o entendimento da pátria, tentando satisfazer e retratar um sofrível imaginário nacional interseccionado entre realidade e ficção.

E é justamente essa intersecção que faz com que se derrubem mitos inúteis, proporcionando a leitura de uma

[...] ‘caligrafia’ que vem das raízes da memória individual e coletiva dos portugueses, [e que] corresponde a uma apropriação social dessa memória, após a Revolução dos Cravos. Uma apropriação ideológica de uma cultura de caráter nacional e que não era ‘propriedade particular’ das elites salazaristas (ABDALA JÚNIOR, 1989, p. 165).

Essa “nova caligrafia” a que se refere Abdala Júnior é o golpe de misericórdia na descartabilidade definitiva do mito político que foi o regime de Salazar. Refiro-me a uma descartes, “[...] a atualidade é mitológica” e por “[...] este motivo pode-se dizer que rtabilidade porque Mielietinski (1987, p. 105) afirma que, para Baos mitos políticos [...] são precisamente mitos artificiais”. Se “os mitos políticos são artificiais”, e para Portugal, representante de uma cultura notadamente euro-ocidental, esse mito político é um mito que não se renova, pois não está ligado à tradição, - simplesmente se exaure – (a partir da visão de Barthes) nós não podemos, por exemplo, ter aí representado um processo de desmitologização. Bem porque a desmitologização está diretamente ligada ao aspecto folclórico do mito, às tradições culturais, eliminando a possibilidade de centrar-se tal processo numa cultura antropocêntrica como é a portuguesa.

Mielietinski (1987, p. 433-434) ensina que:

[...] o mitologismo no romance europeu ocidental do século XX não se baseia nas tradições folclóricas, enquanto nos romances latino-americanos e afro-asiáticos as tradições folclóricas, arcaicas e a consciência folclórico-mitológica podem coexistir, ao menos em forma de resquício, com o intelectualismo modernista de tipo puramente europeu. [...] Essa situação histórico-cultural sui generis torna possível a coexistência e a interpenetração, que às vezes

chega à síntese orgânica, de elementos de historicismo e mitologismo, realismo social e folclore autêntico.

Esse trânsito possível dos elementos míticos “latino-americanos e afro-asiáticos”, está baseado numa interpretação que oscila entre uma elevação de mitos de cunho romântico de uma originalidade nacional (mitos cosmogônicos) e as “[...] buscas modernistas de arquétipos recidivos. Para designar esse fenômeno original na crítica ocidental, emprega-se amplamente o termo *realismo mágico*” (MIELIETINSKI, 1987, p. 434).

Logo, em romances representativos de realidades e culturas ocidentais, não ocorre essa desmitologização, mas uma remitologização, ou melhor, a criação de um mito prático surgido do embate das necessidades do Estado com a sua História. Um mito que vem suprir as necessidades da cadeia simbólica de determinado imaginário, sem alicerçar-se em tradições, baseando-se apenas nas relações estabelecidas entre Estado e Indivíduo dentro de um dado recorte histórico-temporal.

Assim, dessa relação, há a transformação da História numa ideologia pela Instituição e, numa contra-ideologia, pelo indivíduo. Nesse choque de antagonísticos discursos, que denunciará o sofrimento e a traição oficial, silenciosamente vividos por toda uma geração, elevam-se as vozes daqueles que se assujeitaram historicamente:

Éramos peixes, percebe, peixes mudos em aquários de pano e de metal, simultaneamente ferozes e mansos, treinados para morrer sem protestos, para nos estendermos sem protestos nos caixões da tropa, nos fecharem a maçarico lá dentro, nos cobrirem com a Bandeira Nacional e nos reenviarem para a Europa no porão dos navios, de medalha de identificação na boca no intuito de nos impedir a veleidade de um berro de revolta (ANTUNES, 1986, p. 87).

Essa contra-ideologia, evidenciada no fragmento, segue um processo que podemos denominar de maturação discursivo-analítica: calado, o indivíduo português se assujeita historicamente, sendo partícipe mudo de um discurso oficial sobre ele exercido. Depois, apodera-se desse discurso e o devolve, confrontando-o com a realidade. Isso, na totalidade da narrativa de Lobo Antunes, evidenciará a traição do Estado contra a geração que luta na guerra. Evidenciará na sua narrativa o paradoxo teoria/prática de pulsão traumática, pois

[...] enquanto os condenados pela PIDE se enrolavam como tentáculos inertes nos seus buracos, os soldados tremiam de paludismo nos beliches das casernas, os generais no ar condicionado de Lisboa inventavam a guerra de que nós morríamos e eles viviam, a noite de África se desdobrava numa majestosa infinidade de estrelas, os bailundos comprados em Nova Lisboa agonizavam de despaiamento nas senzalas das fazendas, e eu escrevia para casa, Tudo vai bem, na esperança que compreendessem a cruel inutilidade do sofrimento, do sadismo, da separação, das palavras de ternura e da saudade, que compreendessem o que não podia dizer por detrás do que eu dizia (ANTUNES, 1986, p. 116).

O velamento da realidade, a fabricação de uma tática bélica artificial termina com o espaço íntimo do soldado português e frustra a palavra, bem como a realidade. A guerra é inventada e esta invenção divide Portugal em duas partes: uma metade vive na Europa, a outra metade morre (metade da metade) na África. O “despauamento” que mata “os bailundos comprados em Nova Lisboa” (ANTUNES, 1986, p. 116) mata tanto quanto ou menos do que o despauamento dos lusitanos da velha Lisboa, “a dez mil quilômetros” (ANTUNES, 1986, p. 61) distante dos “cus de Judas”.

Com a elevação deste discurso, que antes só existia na esperança de compreensão das entrelinhas das vigiadas cartas enviadas –da guerra para os lares portugueses–, concretiza-se um contra-discurso que caracterizará uma contra-ideologia. Aí, então, pode-se dizer que inicia um outro processo: o da derrubada do discurso oficial.

O referido processo é “plurivocal”, pois a narrativa de Lobo Antunes representa a estruturação de um conflito em espaço íntimo, de vozes independentes e constituintes de um discurso contra-ideológico; de modo que recorre a “[...] um elemento fundamental: o dialogismo de consciência, onde se estabelece o diálogo entre o ‘eu’ e o outro, em que o eu, sujeito de enunciação, emite um enunciado a outro ‘eu’, também sujeito, pleno de palavras interiores (REMÉDIOS, 1986, p. 59).

Dentro dessas relações entre Estado, Indivíduo e História, a literatura serve como marco balizador de inverdades oficiais produzidas pela máquina estatal. O romance histórico traz a outra visão, a da “[...] perspectiva de se escrever a história vista de baixo, resgatando as experiências passadas da massa da população” (SHARPE, 1992, p. 42).

É justamente a feitura de romances históricos (que causam um seríssimo embate com a História oficial) que se pode caracterizar como a principal necessidade da época em que ainda se vive sob o espectro de ditaduras, regimes totalitários, que varreram o mundo no século passado, e que precisam, agora, ser totalmente varridos da memória coletiva, através de um processo catártico proporcionado pela literatura que se vai concretizar na possibilidade de releitura e revisão do discurso histórico oficial.

No caso português, por exemplo, o centramento na produção do romance histórico “[...] pode ser encarado [...] dentro de motivações e necessidades muito específicas” (LEPECKI, 1988, p. 388) do imaginário nacional que vem sofrendo, digamos, uma violação necessária depois do 25 de abril, o que leva ao processo específico da remitologização. É o estabelecer uma nova visão: é o reformular valores culturais, é o rever valores religiosos, é o romper o silêncio jogando ao lado a velha mordaza fascista.

A Revolução se fez “[...] enquanto acontecimento libertador de pulsões criadoras, realmente tarde” (LOURENÇO, 1984, p. 8). Cabe à geração da qual faz parte Lobo Antunes o desamordçar-se para, então, estabelecer uma relação dialética com a sociedade que dá o respaldo necessário para as possibilidades do rompimento das fronteiras imaginárias que sempre limitaram os passos e vigiaram os caminhos. De acordo com Lepecki (1988, p. 388) “[...] tais razões se prenderiam a um desejo de indagação, de desocultação da História, propiciado pelo 25 de abril”.

Se no século XIX, a produção romanesca buscava o maior estreitamento possível com a realidade, ao tentar retratá-la com o máximo de verossimilhança possível, durante o século XX a representação se dará através de “[...] certos princípios psicológicos *eternos* ou, ao menos, de modelos nacionais estáveis” (MIELIETINSKI, 1987, p. 1).

Conjugando esses dois princípios, Antunes vai organizar a matéria artística centrando-a num fluxo de consciência ininterrupto; numa profícuca produção de metáforas e imagens dilacerantes que compõem o mosaico espaço-memorial luso-africano, e que é reflexo do mormaço intelectual que impera na semi-cerrada Metrópole. Não bastasse, ainda retratará os horrores de uma guerra colonial inócua.

Os cus de Judas é uma obra alfabeticamente composta, que se estrutura “[...] até o capítulo C, no lembrar da formação e educação familiar, da inculcação ideológica, metaforicamente na aprendizagem do ABC” (SIMÕES, 1996, p. 55). De A a Z é construída a frustrada pretensão de um decurso de aprendizagem do homem português. A construção do alfabizar-se da vida, do tornar-se autônomo, do possibilitar que se possa ler as glórias salazaristas. Mas, por ironia, isso não se vai dar! O que acontece é o exato reverso da pretensão.

A guerra é a esperança de “endireitar” o garoto (narrador-personagem), as tias repetem sempre

–Felizmente que a tropa há de torná-lo um homem. Esta profecia vigorosa, transmitida ao longo da infância e da adolescência por dentaduras postiças de indiscutível autoridade, prolongava-se em ecos estridentes em mesas de canasta, onde as fêmeas do clã forneciam à missa dos domingos um contrapeso pagão a dois centavos o ponto, quantia nominal que lhes servia de pretexto para expelirem, a propósito de um beste, ódios antigos pacientemente segregados [...] O espectro de Salazar pairava sobre as calvas piás labaredazinhas de Espírito Santo corporativo [...] A PIDE prosseguia corajosamente a sua cruzada contra a noção sinistra de democracia [...] De modo que quando embarquei para Angola, a bordo de um navio cheio de tropas, para me tornar finalmente homem, a tribo, agradecida ao Governo que me possibilitava, grá-tis uma metamorfose, compareceu em peso ao cais (ANTUNES, 1986, p. 12-13).

A premissa das tias e os dois miseráveis centavos que simbolizam o regime e a educação do velho Portugal evidenciam a mesquinhez e o cinismo representados. O excesso de protocolo da quase-pretensa-educação vela o cinismo e a demagogia, constantemente representados. Primeiro a família passa a função da formação do cidadão para o Estado, ilibando-se de qualquer responsabilidade referente ao espaço íntimo, o que configura uma alienação cultural. Depois, o atalho miserável dos dois centavos para que sejam externalizados ódios que provavelmente fixariam no espaço seco alguma outra Guerra Santa, alguma cruzada “pacientemente” segregada, como a da PIDE contra a democracia.

A dissimulação e o velamento do real são coerentes com a prática política portuguesa, que

Numa tentativa de convencer a opinião pública internacional, contrária à exploração colonial no período posterior à Segunda Guerra Mundial, [...] chegou a incorporar em sua Constituição (artigos 134 e 135) a noção de que era um país único, composto de províncias continentais e ultramarítimas (MENEZES, 2000, p. 148).

O espaço do país não passa de uma aldeia que se justifica pela fé em Deus. Não um deus generoso e condescendente, mas imposto, vigiador e corregedor que tem no sacrifício de seus filhos a legitimação de sua existência. Pois no Portugal sob regência de Salazar “Não se discute Deus. Não se discute a família. Não se discute a autoridade. [...] É Deus quem nos manda respeitar os superiores e obedecer às autoridades” (Salazar apud ROSADO, 1994, p. 3).

O velho olhar místico, historicamente lançado sobre a África, agora, volta-se a Portugal. *A tribo* está na Europa, o antropocentrismo está longe dali e Portugal não passa de uma aldeia. O português vai à guerra para aprender a ser homem e volta transformado numa “[...] criatura envelhecida e cínica” (ANTUNES, 1986, p. 137) que vem desmitificar o Estado salazarista, vem derrubar os mitos construídos pela Instituição e estabelecer um processo de remitologização, ao passo que descarta o discurso vigente.

A renúncia do espaço habitado, ao voltar da guerra, provendo-se de um discurso contra-ideológico, é a maior prova dessa remitologização e a valorização memorial do espaço africano é o evidenciar do que historicamente se negou:

[...] tento desesperadamente fixar, dizia, o cenário que habitei tantos meses, as tendas de lona, os cães vagabundos, os edifícios decrépitos da administração defunta, morrendo pouco a pouco uma lenta agonia de abandono: a idéia de uma África portuguesa, de que os livros de História do liceu, as arengas dos políticos e o capelão de Mafra me falavam de imagens majestosas, não passavam afinal de uma espécie de cenário de província a apodrecer na desmedida vastidão do espaço, projetos de Olivais Sul que o capim e os arbustos rapidamente devoravam, e um grande silêncio de desolação em torno, habitado pelas carrancas esfomeadas dos leprosos (ANTUNES, 1986, p. 104).

O fragmento acima traz a possibilidade do fim da subversão da História através do discurso oficial e demonstra que a realidade velada

alimentou durante séculos uma projeção irreal da Colônia na Metrópole. Agora essa realidade (outrora composta nos livros de História de liceu) presenciada, apodera-se do discurso oficial e o transforma em uma contra-ideologia, que comporá o discurso narrativo-ficcional, gerando uma ideologia necessária de resistência.

O espaço negro oferece para o homem sonhador-de-guerra a possibilidade da reflexão, do pensar-se, do reconhecer-se, do olhar-se e do gestar uma contra-ideologia que servirá de arma para a derrubada dos modelos impostos pela administração portuguesa.

A remitologização surge, então, desde uma formação discursiva contra-ideológica, pois o desenvolvimento desse processo de destruição dos mitos na cultura ocidental “[...] alimentou-se [...] do presentimento do fascismo [...] e dos traumas por este causados, do medo diante do futuro histórico” (MIELIETINSKI, 1987, p. 3) e, sobretudo, da violação do imaginário social entremeado de vozes que, com a imposição de uma rede simbólica artificial, se tornou afônico.

A referida contra-ideologia nasce de um plano polifônico que delega uma certa liberdade, já que rompe com o monólogo imposto pelo Estado. É, aí, evidente o que Bakhtin defende a respeito da importância da autoconsciência do personagem. Diz ele que:

A personagem interessa [...] enquanto ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesma, enquanto posição racional e valorativa do homem em relação a si mesmo e à realidade circundante. O importante [...] não é o que a [...] personagem é no mundo mas, acima de tudo, o que o mundo é para a personagem e o que ela é para si mesma. (BAKHTIN, 1981, p. 39).

O ensinamento de Bakhtin sobre a personagem é explicativo. Primeiro, mostra a composição desta *persona* como a própria confluência de vozes sem que nenhuma se sobressaia à outra, num legítimo processo de polifonia. Depois, traz a importante e central questão que está muito presente na narrativa de Antunes, que é a percepção crítica do cosmo social, do mundo que a envolve e na qual é elemento participativo.

Então, temos aí dois pontos: a) o ponto de vista da personagem sobre o mundo e sobre si mesma e b) o que o mundo é para a personagem.

É-nos, então, apresentada a síntese de uma relação dialética: um ir e vir de percepções. Na escritura de Lobo Antunes, isso se caracteriza muito bem quando detemos o olhar, por exemplo, sobre a análise do que representa o Estado português para o Indivíduo português. E o que representa o Indivíduo português para o Estado português.

II. Da feitura do pó

Um indivíduo e uma mesa de bar.

Um indivíduo e uma mesa de bar e um interlocutor.

Um indivíduo e uma mesa de bar e um interlocutor e um país.

Um país e um interlocutor e uma mesa de bar e um indivíduo.

A ação da História sobre quem a viveu é extremamente habitante, pois se caracteriza como motivadora de uma memória que possibilita a verticalização do pensamento, a pragmatização das ações. A História de um país é, normalmente, habitante, se vislumbrada como representação de um processo transformador da rede simbólica que gesta o influxo de vozes que a compõem e que faz do indivíduo elemento principal de uma solução catalisadora entre o presente, o passado e o futuro.

Na literatura, o interlocutor ocupa um espaço habitante na narrativa, até a mesa de um bar pode exercer importante função habitante num espaço, se propulsora da memória.

Mas e o indivíduo?

Que indivíduo?!

Ora, o que está sentado à mesa, o que fala com o interlocutor, o que habita o país desabitado de si! Este, que é símbolo, que se desloca, que senta ao lado do leitor, que provoca uma ressonância na História, que impacienta o inteiriço véu de Clio – aquela musa que inspira ciclicidade. Este, que sendo ressonância da vida “[...] convida-nos a um aprofundamento da nossa própria existência [...] e] produz uma reviravolta no existir” (Bachelard apud CHEVALIER & GHEERBRANT, 1982, p. 17).

Em se tratando de história de um indivíduo, que sentido existe em dizer que suas formações imaginárias só adquirem importância, só representam um papel porque fatores “reais” - a repressão das pulsões, um traumatismo – já haviam criado um conflito? O imaginário age sobre um terreno onde existe repressão das pulsões e a partir de um ou vários traumas; mas esta repressão das pulsões está sempre presente, e o que constitui um trauma? Afora casos extremos, um acontecimento só é traumático porque é “vivido como tal” pelo indivíduo, e esta frase quer dizer no caso presente: porque o indivíduo lhe imputa uma significação dada, que não é a sua significação “canônica”, ou de qualquer maneira não se impõe fatalmente como tal (CASTORIADES, 1972, p. 163).

Na passagem, em que Castoriades evidencia as relações sintetizadas entre indivíduo e História, fica claro que a possibilidade de sofrer um trauma ao viver-se a História é grande, pois ele surge justamente do embate da vida com o tempo e com o espaço nos quais essa transcorre. Esses traumas estão representados nas ações, as mais comuns possíveis, e geram imagens reflexivas duma solidão alimentada e decomposta pela existência morna em uma História alienante.

N’*Os cus de Judas*, esses traumas formam um mosaico composto de fragmentos-imagéticos que denunciam sempre uma decadência permanente e muito próxima e que, especialmente, vai delinear-se como projeção de um outro-eu-meu-ocupante formado pela compilação dos elementos geradores do sofrimento bélico. Sofrimentos que se apresentam sempre evidenciadores e perpetuadores de uma velhice precoce e de um espaço miserável de um “país estreito e velho” de uma “cidade afogada de casas que se multiplicam” (ANTUNES, 1986, p. 27) e que vão perpetuar a pausa temporal miserável controlada pelo falido discurso salazarista.

Em tom de falsa admiração, afirma o narrador-personagem:

Em cada manhã, ao espelho, me descubro mais velho: a espuma de barbear transforma-me num Papai Noel de pijama cujo cabelo desgrenhado oculta pudicamente as rugas perplexas da testa, e ao lavar os dentes tenho a sensação de escovar mandíbulas de museus, de caninos mal-ajustados nas gengivas poeirentas. Mas por vezes, em certos sábados que o sol oblíquo alegre de não sei que promessas, suspeito-me ainda no sorriso um reflexo de infância, e imagino, ensaboando os sovacos, que me despertarão rémiges

entre o musgo dos pêlos, e sairei pela janela numa leveza fácil de barco, a caminho da Índia do café. (ANTUNES, 1986, p. 58).

Reparemos que toma conta do narrador-personagem uma espécie de decepção narcísica, castradora de manifestações reacionais, motivada pelo espelho que reflete sempre uma imagem cada dia mais distante, cada dia menos sua, cada dia mais alheia. Já a infância reanima a memória e, embora efêmera, há a percepção de um Ser completo, existente e acrítico (aquele que ainda não percebe a mão-invisível-do-Estado). A imagem de sair pela janela e flutuar levemente em um barco é a mais forte característica de um sonhador –a janela está aí para provar– e explica-se, então, a obliquidade do Sol, animando “não sei que promessas”. A dualidade discursiva, ou melhor, este fazer questão de não perceber o brilho mais forte do astro é, a meu ver, em todo decurso narrativo, o maior e principal indicador do pessimismo incrustado no casco desse barco que depois da guerra não mais leve está. Ainda que o sonho o deseje leve!

É um limo criado com uma função defensiva, que torna este eu-casco ocupante de um espaço totalmente irreconhecível, estranho e impossível de habitar, pois de grandioso (nele) só existe a lembrança:

[...] de uma capital cintilante de agitação e de mistério, copiada de John dos Passos, que alimentara fervorosamente durante um ano nos areais de Angola” e que agora diminuía-se “envergonhada defronte de prédios de subúrbio onde um povo de terceiros-escriturários ressonava entre salvas de casquinhas e ovais de croché” (ANTUNES, 1986, p. 73).

A desilusão do regresso é o canto da solidão!

Na África, a mesmice de uma guerra inócua faz com que o espaço português adquira proporções majestosas devido ao parâmetro ridículo imposto. E na volta, a cidade-estranha se resume a “[...] casas, [...] imersas na atmosfera uniforme de solitária viuvez devota comum a certas terras de província” (ANTUNES, 1986, p. 73) e o devaneio só poderá verticalizar-se sobre aquilo que está vivo na memória e que, por estar afastado, toma a vez de Portugal, no que se refere à grandiosidade devaneante. Esse estranhamento da urbe é a refração de uma intimidade destruída e

leva o narrador a afirmar que se resume a “uma espécie de avidez triste e cínica, feita de desesperança cúpida, de egoísmo, e de pressa de [se] esconder de [si] próprio” que o levou a substituir “para sempre o frágil prazer da alegria infantil” (ANTUNES, 1986, p. 57).

Em suma, é uma vergonha da própria condição, é a interação com o ainda evidentemente anônimo *não-eu-para-mim*, sem identidade definida e que se manifesta sempre, teimoso que é, através de um espelho refrator-frustrador. O que ocorre, é que a refração do espelho, elemento que compõe a malha simbólica do discurso contra-ideológico (discurso de resistência), oferece uma espécie de contraponto à reflexão manifestada anteriormente na passagem de Antunes, que proporciona a possibilidade de se suspeitar “ainda no sorriso um reflexo de infância” e na qual o narrador se imagina “ensaboando os sovacos” que “despertarão rémiges entre o musgo dos pêlos” que lhe permitirá sair “pela janela numa leveza fácil de barco, a caminho da Índia do café” (ANTUNES, 1986, p. 58). O reflexo é ideológico ao contrário da refração. O reflexo insinua o sorriso e no, reflexo possível, –reparem como é importante– a Índia aparece ainda como a referência oficial do café. Essa reflexão representa a “ideologia, enquanto reflexo da realidade” que é “traduzida na educação recebida das tias,” (SIMÕES, 1996, p. 55) por exemplo.

A refração, por sua vez, apresentar-se-á sempre mais presente, sempre reveladora de uma realidade angustiante, desencantadora e que denunciará o trauma da guerra. É Simões que afirma que, a contraponto de uma ideologia refletida nas ingênuas inferências-memoriais-infantis, apresenta-se como elemento dialogizador do texto:

[...] a contra-ideologia que refrata, denuncia a traição a uma geração; a traição cultural e ideológica sofrida pelo personagem narrador, desde a infância, através da educação familiar e posteriormente na experiência militar percebida depois de longa aprendizagem (SIMÕES, 1996, p. 55).

Em lugar da substituída alegria infantil, agora, habita a voz que narra uma tristeza contra-ideológica que se desenha numa uniformidade de “casas imersas na atmosfera uniforme”. A cidade (espaço urbano) apresenta-se vazia, homogeneamente desgastada pela mesmice –símbolo de um encalacrado país– tão vazia como deserta é a vida e a existência intra-projeção de uma guerra sem sentido.

Mas o mais interessante é o medo e a conformidade impingidos pelo destino: medo de estar e conformidade de ser! Estar em um espaço pobre e irrelevante imageticamente e ser o próprio reflexo (irreconhecível reflexo) vazio desse espaço de existência. Ser o mesmo homem abortado de emoções, estranho em si e estrangeiro em sua terra, que tem no memorável o alimento desnutrido da consciência, ou melhor, é o conformar-se em ser um “[...] homem de uma país estreito e velho, de uma cidade afogada de casas que se multiplicam” (ANTUNES, 1986, p. 27) homogeneamente, ditando, uma vez mais, pela uniformidade, a pausa espaço-temporal em seu país.

É no barbear-se, por exemplo, no olhar-se no espelho que (para o personagem de Antunes) a África se revela (grandiosa e ocupante) e traz espaço e tempo habitados. Ao passo que ele se estranha, reconhece em si a presença do africano em seu íntimo. É uma relação dialógica que se estabelece:

[...] entre o eu e o outro, entre o eu-para-o-outro e o outro-para-mim, aparece um novo elemento que é aquele não-eu-em-mim [...] Uma modalidade do eu que tende a anular o eu-para-mim para se definir como outro dos outros (ZOPPI-FONTANA, 1997, p. 116).

Esse novo elemento *não-eu-em-mim* será o sustentáculo de uma solidão traumática vivida na guerra e trazida a Portugal no regresso. Logo, se apresenta claramente uma espécie de aparecimento de um *eu* velado que, medrosamente, se ocultava e que agora confunde espaços, existências e apresenta o desfalecimento como elemento natural da exigüidade espacial. É então que se percebe o surgimento de um *outro-eu* feito de *outros-outro*.

Este processo origina-se de um caos espacial gerado pelas referências dessituadas e pela pulsão mórbida que rege a existência do narrador-personagem, desde o momento da partida para a guerra, até o momento do regresso a Portugal. Para que fique claro, observemos a passagem que segue, na qual se exemplifica este misturar de espaços, vozes e referências:

Uma agitação de silhuetas e de vozes borbulhou na senzala, aproximou-se, tomou forma: os meus tios, os meus irmãos, os meus primos, o chofer da avó, afetado e delicadíssimo, os sujeitos da risca na orelha, o caseiro, o senhor doente da poltrona, fardados, exaustos, sujos, de arma ao ombro, chegavam de uma operação na mata

e dirigiam-se para a enfermaria transportando, num pano de tenda entre dois paus, o meu corpo desarticulado e inerte com um garrote na coxa reduzida a um inchaço ensangüentado. [...] A família, imóvel, à porta do posto de socorros, aguardava, suspensa que eu me reanimasse a mim mesmo, o cabo de transmissões pedia o helicóptero aos gritos para me conduzir a Benfica a tempo dos licores e do café. Auscultei-me e nenhum som me veio, pelas borrachas do estetoscópio, aos ouvidos. O furriel enfermeiro estendeu-me a seringa de adrenalina, e eu, depois de abrir a camisa e palpar o espaço entre as costelas, cravei-a de um só golpe no coração (ANTUNES, 1986, p. 101).

O espaço da senzala (espaço particular do negro), as vozes mescladas, os tios, o motorista da avó, o furriel, os irmãos, os primos, todos os principais elementos da formação identitária do personagem fundem-se em uma só pulsão: a de morte. O fluxo de consciência traz a lembrança que aí se apresenta como uma espécie de desfalecimento natural, propulsora de uma fuga, de uma tentativa de negação do próprio espaço.

Evidencia um espaço íntimo confuso, totalmente destruído, e que não leva em si a solidão necessária para o sonho, mas sim a solidão desnecessária dos espectros da África, onde o “[...] MPLA, inimigo invisível, se escondia, obrigando-nos a uma alucinante guerra de fantasmas” (ANTUNES, 1986, p. 35). Fantasmas de uma luta que “[...] o mundo-português criou” e que se resume a estes “luchazes côncavos de fome que nos não entendem a língua, a doença do sono, o paludismo, a amebíase, a miséria” (ANTUNES, 1986, p. 107) e que vão ser presença constante, tornando fantasmagórica a Lisboa (vazia) do regresso.

Esse insulamento vai atuar como espaço modificador, caracterizador da coisificação do negro e da animalização do português, porque de acordo com Césaire (1978, p. 24):

[...] a colonização desumaniza, repito, mesmo o homem mais civilizado; que a acção colonial, a empresa colonial, a conquista colonial, fundada sobre o desprezo pelo homem indígena e justificada por esse desprezo, tende, inevitavelmente, a modificar quem a empreende; que o colonizador, para se dar boa consciência se habitua a ver no outro o animal, se exercita a tratá-lo como animal, tende objectivamente a transformar-se, ele próprio, em animal.

É em tom desesperado que o animalizado narrador de Antunes (1986, p. 107) afirma que aquele que:

[...] veio aqui [para a guerra] não consegue voltar o mesmo, explicava [o narrador] ao capitão de óculos moles e dedos membranosos colocando delicadamente no tabuleiro, em gestos de ourives as peças de xadrez, cada um de nós, os vivos, tem várias pernas a menos, vários braços a menos, vários metros de intestino a menos, quando se amputou a coxa gangrenada ao guerrilheiro do MPLA apanhado no Mussuma os soldados tiraram o retrato com ela num orgulho de troféu, a guerra tornou-nos em bichos, percebe, bichos cruéis e estúpidos ensinados a matar.

Importante a meticulosidade da enunciação (com gestos de ourives). Importante a intenção de registrar o nada-a-fazer, o inexorável. Importante, também, é atentar para o remontar das características do interlocutor à época daquilo que é narrado: nada nesse capitão, nesse oficial do exército salazarista demonstra firmeza. Nada! Sua aparência é letárgica, seus dedos salientam as membranas (articulações já falidas e desobedientes), seus óculos parecem não existir e, se há alguma coisa que ele evidencia, seguramente não é a autoridade de um oficial de guerra. Parece mesmo, tomando essas adjetivações, mais um fantasma produzido pela carnificina promovida por Salazar em Angola.

A luta, esse mecanismo bélico, serve unicamente como fomentadora de situações traumáticas –como é visto no excerto–, e a fuga se faz necessária, pois é uma evasão da solidão, da falta de espaço para pensar-se, para refletir com contundência sobre o que se apresenta, bem porque naquele espaço a necessária reflexão não existe, não se faz possível –pois o ser-pensante se mostra ser-esvaziado, moribundo, que não espera outra coisa além da erosão de seu *eu-padecedor*.

Logo, na guerra, só há espaço para a atuação conceitual das ações, elemento formatado, não possibilitador de uma verticalização sonhadora, porque o “conceito”, por si só, já “[...] é um pensamento morto já que é, por definição, pensamento classificado” (BACHELARD, 1998, p. 88) E é neste espaço agônico que:

[...] durante um ano, morrremos não a morte da guerra, que nos despoeva de repente a cabeça num estrondo fulminante, [...] mas a lenta, aflita, torturante agonia da espera, a espera dos meses, a espera das minas na picada, a espera do paludismo, a espera do cada vez mais improvável regresso, com a família e os amigos no aeroporto ou no cais, a espera do correio, a espera do jipe da PIDE que sema-

nalmente passava a caminho dos informadores na fronteira, trazendo consigo três ou quatro prisioneiros que abriam a própria cova, se encolhiam lá dentro, fechavam os olhos com força, e amoleciam depois da bala como um suflê se abate, de flor vermelha de sangue a crescer as pétalas na testa (ANTUNES, 1986, p. 113).

Se pensarmos em Césaire é uma erosão das pretensões civilizacionais burguesas da Europa, que dá lugar à colmatação de um *eu-animalizado* (quase-insensível-quase) pelo processo instaurado, em Angola, por Portugal, o da colonização. É neste espaço que manifestações de qualquer ordem tornam-se não-reacionais, não havendo como existirem vozes politicamente audíveis. O que há é uma verborragia insandecida e inócua, num espaço travestido, - obviamente por um discurso imposto artificialmente como é o colonialista, o qual “[...] os senhores de Lisboa mascaram de falsas pompas de cartolina” (ANTUNES, 1986, p. 153), tornando a angústia elemento natural daquela paralela realidade:

São os guerrilheiros ou Lisboa que nos assassinam, Lisboa, os americanos, os russos, os chineses, o caralho da puta que os pariu combinados para foderem os cornos em nome de interesses, que me escapam, quem me enfiou sem aviso neste cu de Judas de pó vermelho e de areia a jogar as damas com o capitão idoso saído de sargento que cheirava a menopausa (ANTUNES, 1986, p. 35).

É Bakhtin que nos ensina que no espaço carnalizado, ou seja, no espaço gerado a partir da elaboração de um contra-discurso (embativo discurso), as blasfêmias e as grosserias se redimensionam, perdendo “[...] completamente seu sentido mágico e sua orientação prática” (BAKHTIN, 1993b, p. 15), caracterizando, então, uma atmosfera carnavalesca. N’*Os cus de Judas*, essa atmosfera propiciará à personagem a liberdade de fenececer, esvaziada de si mesma, na breve/eterna existência africana ou no retorno a Portugal. É também por essa razão que se confirma o que antes foi referido: reações que se tornam não-reacionais, fazendo com que impere uma afonia política.

Esse “sentido mágico” perdido, ao qual se refere Bakhtin, é simplesmente a perda da significação. O esvaziamento da palavra! A palavra torna-se a extensão do homem desabitado e não possibilita a contundência necessária para a sua reação. Deixa a palavra, numa atmosfera carnalizada, de ser o que é e, tendo o homem desse espaço sua significação espelhada na palavra, passa a refletir o que ela significa.

Nessa conjuntura, não há a possibilidade de existir a verticalização do devaneio e é por ela que o homem-português-lutador-de-guerra não tem a possibilidade de habitar-se e é por ela a esterilidade do Estado, do espaço-pátrio, e é por ela o vazio da existência. Esse, assim apresentado, é o motivo da traumatização coletiva!

E é perfeitamente possível pensarmos que o narrador d'*Os cus de Judas* é um personagem traumatizado, é um indivíduo que não imputou, conforme Castoriades (1972), a significação canônica ditada pelo salazarismo –a de Guerra Santa–, à luta promovida na colônia, e teve agravada a retenção da pulsão criadora gerada pelo imaginário falacioso do Estado Português. É um narrador que narra “[...] de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (LEITE, 1985, p. 43), colocando-se ao lado do leitor e estreitando o espaço entre narrador, leitor e realidade representada. Sua posição elimina qualquer distanciamento que possa vir a servir de barreira para o entendimento da História que (está sendo) ainda não havia sido contada.

De acordo com o estudo de Leite (1985), podemos classificá-lo como *narrador-protagonista*, já que é a partir dele que tudo é percebido, que tudo é narrado, ocupando essa voz, então, lugar central na obra. Necessário salientar que o leitor toma conhecimento daquilo que se narra e de os todos elementos referenciais da obra somente pela voz desse narrador-personagem, o que significa que não existe, por exemplo, um narrador outro –onisciente– que nos aponte características referentes às diferentes questões da escritura.

Este narrador tem total domínio sobre a matéria artística, imperando sua voz do início ao fim da narração. E é justo esta impossibilidade da outra perspectiva que nos leva a compactuar com o que é narrado, elevando-nos a um outro plano que não o objetivo de leitor comum. O que quero dizer é que somos leitores conduzidos a sermos cúmplices da voz que é gestadora de um discurso contra-ideológico, negadora da voz oficial do Estado e que se eleva - numa tática irreprensível de Antunes –a uma categoria universalizante, ao passo que seu interlocutor está pulverizado em cada um de nós.

Esse interlocutor, “Maria José” (ANTUNES, 1986, p. 55), é por uma única vez referido na obra, passando quase que despercebido. Isso per-

mite que todas as outras referências a essa interlocutora, como *senhora, você e minha boa amiga*, por exemplo, sirvam de elemento referencial ao leitor, abstraindo-o de uma dita realidade e inserindo-o numa realidade representada, que é a da ficção. É aí que se configura a migração do leitor de um plano objetivo (racional) para um subjetivo (mítico).

Este narrador é um típico narrador do romance deste século XX, um narrador violento, um narrador que em cada palavra descarrega uma carga dilacerante de imagens fragmentadas e que quase é substituído por uma voz-autoridade do narrado, que valoriza o monólogo interior, que registra com perfeição o fluxo de consciência, dissertando sobre os traumas proporcionados pela História.

Referi-me a um narrador típico do século XX, porque é neste século que o romance sofre profundas alterações:

[...] abala-se a cronologia, fundem-se passado, presente e futuro, estremecem os planos da consciência e o onírico invade a realidade; assume-se e se expõe o relativo na nossa percepção do espaço e do tempo; desmascara-se o “mundo epidérmico do senso comum”, denunciando como simples aparência; a distensão temporal é revirada pelo avesso, pela fusão do presente, do passado e do futuro, pela criação de uma simultaneidade que altera radicalmente não apenas as estruturas narrativas mas também a composição da própria frase que perde seus nexos lógicos (LEITE, 1985, p. 72).

Portanto, essas alterações configurar-se-ão no ininterrupto processo evidenciador de vozes envolvidas com aquilo que se está narrando, “presente e sensível pela própria desarticulação da linguagem”, pelo “movimento miúdo das suas emoções e o fluxo de seus pensamentos” (LEITE, 1985, p. 72). São estas referidas características que, através da percepção crítica do mundo pelo narrador-personagem, vão eliminar o espaço vazio, “a distância entre o narrado e a narração” (LEITE, 1985, p. 72), entre o objeto e sua representação, entre a História e a ficção.

É aceitável a idéia de que Bachelard enquadraria este narrador no rol dos sonhadores de chama –sonhador de objetação simples, antecedente e motivadora de enormes fantasias– profundas fantasias!

A chama do personagem é o álcool! Sua vela, o uísque, o conhaque, o *drambuie*, a vodca. Quanto mais alcoolizado, mais lúcido fica, adquirindo

a chama de seu devaneio diferentes tons. São os diferentes teores do álcool, são as distintas inflexões da voz delatora do horror –agônica da existência–, são as diversas intensidades das imagens gestadas pela narração, porque

[...] deixe-me confidenciar-lho, sou terno, sou terno mesmo antes do sexto JB sem água ou do oitavo drambuie, sou estupidamente e submissamente terno como um cão doente, um desses cães implorativos de órbitas demasiado humanas que de quando em quando, na rua, sem motivo, nos colam o focinho aos calcanhares gemendo torturadas paixões de escravo, que acabamos por sacudir a pontapé e se afastam a soluçar, decerto, interiormente sonetos de alma-naque, chorando lágrimas de violetas murchas (ANTUNES, 1986, p. 26).

No devaneio da embriaguez, acima, o laranja da chama torna-se mais alaranjado no uísque. O tom azulado do fogo (do devaneio) azula também o *drambuie* que motiva a “[...] suave e jovial tontura” e que proporciona “[...] o segredo da vida e das pessoas, a quadratura do círculo das emoções” (ANTUNES, 1986, p. 20). O tom do conhaque permite relembrar passagens que se insinuam mais delirantes, como “Lênin a conspirar, de cabeleira postixa, no meio de um grupo de sobrecasacas ardentes, Rosa Luxemburgo coxeando comovida nas ruas de Berlim, Jaurès assassinado a tiro no restaurante” (ANTUNES, 1986, p. 48) ou coisas do gênero.

Mas com a vodca, quase-incolor-bebida, que separa o azul da base do fogo, do devaneio, perpassando o *drambuie* (e o tom-conhaque que o segue) do pulsante alaranjado do uísque, é que se pode enfrentar melhor:

[...] o espectro da agonia com a língua e o estômago a arder, e esse tipo de álcool de lamparina que cheira a perfume de tia-avó possui a benéfica virtude de me incendiar a gastrite e, em conseqüência, subir o nível da coragem: nada como a azia para dissolver o medo ou antes, se preferir, para transformar o nosso passivo egoísmo habitual num estrebuchar impetuoso (ANTUNES, 1986, p. 22).

A elevação do “nível da coragem” é motivador do inestancável fluxo memorial. É com ele que se vai, desde uma mesa de bar, empilhar imagens que satisfazem a necessidade-catártica-ébria de um bêbado (vazio de si, vazio de seu país) de concretizar o que já não é possível e o que se tornou abstrato:

Quem sabe se acabaremos a noite a fazer amor um com o outro, furibundos como rinocerontes com dores de dentes, até a manhã aclarar lividamente os lençóis desfeitos pelas nossas marradas de desespero? [...] Não faça caso, o vinho segue o seu curso e daqui a nada peço-lhe para casar comigo: é o costume (ANTUNES, 1986, p. 23).

Neste espaço intervalar, entre uma bebida e outra, ulterior à alcooli-zação, desenha-se aquilo que não é (ou nunca foi) possível numa reali-dade lusitana: o amor, a ternura, a habitação! O amor só é possível por-que bebem, bebe. A mulher é objeto de desejo e traz representada em si a pulsão reprimida e/ou artificializada pela guerra, quando a “[...] mas-turbação era a nossa ginástica diária” (ANTUNES, 1986, p. 15), ela –a mulher– é objeto de devaneio, inspira uma possível ternura que se vai transformar numa habitação noturna de um eu-oco-desacreditado, mas que não vai efetivamente transformar numa habitação noturna de um eu-oco-desacreditado, pois:

[...] é o momento, aviso-a de se retirar sorrateiramente com uma desculpa qualquer, de se meter no carro num suspiro de alívio, de telefonar depois do cabeleireiro às amigas a narrar-lhes entre risos as minhas propostas sem imaginação. No entanto, até lá, se não vê inconveniente, aproximo um pouco mais a minha cadeira e acom-panho-a durante um copo ou dois (ANTUNES, 1986, p. 22).

Percebemos que frustrada é a habitação. Estéril é a relação, como infe-cunda foi a guerra. Agora, configura-se bem um outro espaço: o da morte em si. Não mais os outros conjecturam contra o narrador, mas ele projeta a criação dum devaneio moribundo auto-gestado, nada além do “[...] pro-longamento da indiferença morna e neutra, sem entusiasmo nem tragédias [...] feitas de dias cosidos uns aos outros numa fúnebre burocracia despro-vida de inquietações” (ANTUNES, 1986, p. 24) que ele tão bem conhecia.

Esses dias “cosidos uns aos outros” que já eram denunciados no chão de zigue-zague do navio, na partida para a África, quando Lisboa se ape-quenava com a distância, agora, representam perfeitamente a velha máquina de costura enferrujada do Soba, que costura, inspirado nos vin-cos de seu rosto, os séculos de colonização, num exercício inócuo de com-pilação dos fragmentos de seu povo, perdidos numa realidade outra, ins-taurada.

Será este espaço quase incolor, entre a diversidade de tons da chama da vela, que fará com que o narrador-personagem suporte a “criatura envelhecida e cínica a rir de si própria” (ANTUNES, 1986, p. 137) em que se transformou, como percebemos, sem cor, vazio, não gestador de uma mínima existência.

Esse álcool motivador de uma ebriedade é que o deixa iluminado e verticaliza seu devaneio sobre a luta, objeto singelo para um sonhador-de-guerra. O amargo e a ardência das bebidas tornam a vida mais suportável, porque, por exemplo, o uísque:

Este banal líquido amarelo [que] constitui, nos tempos de hoje, depois da viagem de circunavegação e da chegada do primeiro escafandro à Lua, a nossa única possibilidade de aventura: ao quinto copo o soalho adquire insensivelmente uma agradável inclinação de convés, ao oitavo, o futuro ganha vitoriosas amplidões de Austerlitz, ao décimo, deslizamos devagar para um coma pastoso, gaguejando as sílabas difíceis da alegria: de forma que, se me dá licença, instalo-me no sofá ao pé de si para ver melhor o rio, e brindo pelo futuro e pelo coma (ANTUNES, 1986, p. 106-107).

A realidade passa a ser aceitável a partir da embriaguez. A solidão é a embriaguez da realidade, pois, a “chama isolada é testemunha de uma solidão, solidão essa que une a chama e o sonhador” (BACHELARD, 1989, p. 20) e não há nada mais que una o narrador do escritor português à guerra do que a solidão. E não há nada mais que o una à infância do que a solidão. E não há nada mais que o una a Portugal do que a solidão. Nada mais do que a solidão une a sintaxe do romance:

Subitamente sem passado, com o porta-chaves e a medalha de Salazar no bolso, de pé entre a banheira e o lavatório de quarto de bonecas atarraxados à parede, sentia-me como a casa dos meus pais no verão, sem cortinas, de tapetes enrolados em jornais, móveis encostados aos cantos cobertos com grandes sudários poeirentos, as pratas emigradas para a copa da avó, e o gigantesco eco dos passos de ninguém nas salas desertas. Como quando se tosse nas garagens à noite, pensei, e se sente o peso insuportável da própria solidão, nas orelhas, sob a forma de estampidos reboantes, idênticos ao pulsar das têmeoras no tambor do travesseiro.

Ao segundo dia alcançamos a Madeira, bolo-rei enfeitado de vivendas cristalizadas a flutuar na bandeja de louça azul do mar, Alenquer à deriva no silêncio da tarde. A orquestra do navio resfo-

legava boleros para os oficiais melancólicos como corujas na aurora, e do porão onde os soldados se comprimiam subia um bafo espesso de vomitado, odor para mim esquecido desde os meio-dias remotos da infância, quando na cozinha, à hora das refeições, se agitavam à volta da minha sopa relutante as caretas alternadamente persuasivas e ameaçadoras da família, sublinhando cada colher com uma salva de palmas festiva até que alguém mais atento gritava:

–Cantem o Papagaio Louro que o miúdo está a puxar o vômito.

Em resposta a este aviso terrível, todos aqueles adultos desata-vam a desafinar em uníssono como no naufrágio do Titanic, de beijos arrepiados sobre dentes de ouro batia tampas de tacho a compasso, o jardineiro fingia marchar de vassoura ao ombro, e eu devolvia ao prato um roldão de massa e arroz que me obrigavam a reengolir [...] Agora, percebe, estendido no convés numa cadeira de repouso, a sentir o progressivo suor do colarinho a implacável metamorfose do inverno de Lisboa no verão gelatinoso do Equador, mole e quente como as mãos do senhor Melo, barbeiro do avô, no meu pescoço, na loja da Rua 1º de Dezembro, onde a umidade multiplicava o cromado das tesouras nos espelhos canhotos, o que com mais veemência me apetecia era que, tal como nesses tempos recuados, a Gija me viesse coçar as costas estreitas de menino num vagar feito de paciência da ternura, até eu adormecer de sonhos lavrados pelo ancinho dos seus dedos apaziguadores, capazes de me expulsarem do corpo os fantasmas desesperados ou aflitos que o habitam (ANTUNES, 1986, p. 17-18).

O comparar-se à paterna casa de praia, no verão, desabitada, falsamente ocupada por móveis-imóveis-inutilizados, arrinconados e envolvidos em sudários é a mais perfeita representação da própria desabitação. Desabitação da intimidade, envolta também em seu sudário –cadáver de si mesmo. Os “passos de ninguém” equivalem a uma tosse inventada, forjadora de uma companhia. É, portanto, o habitar-se da miséria do mundo, do engano real, pois numa noite:

[...] há pouco tempo, ao atender o telefone, perguntaram-me se falava de um número completamente diferente do meu. Julga que desliguei? Pois bem, dei por mim a tremer, de palavras enroladas na garganta, úmido de suor e de aflição, sentindo-me um estranho em uma casa estranha, a invadir em fraude a intimidade alheia, uma espécie de gatuno, percebe, do universo doméstico de um outro (ANTUNES, 1986, p. 102).

Ademais, desse desespero por uma habitação íntima, o trânsito cíclico entre a partida para a guerra, a infância, a adolescência e o retorno, inspira o mesmo desnorreamento de ser cidadão português, independente do momento histórico em que se situa esta agonia. O vazio entre os parágrafos caracteriza-se como uma espécie de silêncio compreendido entre um gole e outro de álcool e caracteriza bem a quase-desconexão do discurso de um bêbado. É a solidão amarelada e abrasante da existência, é uma realidade histórica tornando-se mais real na proporção direta da embriaguez, é o indivíduo cada vez mais lúcido; é o homem cada vez mais alcoolizado. Nesta ruptura espaço-discursiva, a História é transgredida por um canto paralelo, por uma paródia, por uma representação burlesca, e o dialogismo se evidenciará através do carnaval, pois é

[...] durante o carnaval [que] a própria vida se representa, e por um certo tempo o jogo se transforma em vida real. Essa é a natureza específica do carnaval, seu modo particular de existência. O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua vida festiva. A festa é a propriedade fundamental de todas as formas de ritos e espetáculos cômicos da Idade Média (BAKHTIN, 1993b, p. 7).

O carnaval apresenta-se *n'Os cus de Judas* pela desarticulação da linguagem, pelas frases desconexas, pelo uso de expressões lingüísticas referenciais a determinado universo lingüístico, que passam a ser elementos blasfêmicos universalizantes e a representar, então, a típica familiarização carnavalesca. As blasfêmias e as grosserias da comunicação caracterizam o sentido específico da carnavalização, porque, como foi anteriormente referido, é durante o carnaval que mudam de sentido, perdendo

[...] completamente seu sentido mágico e sua orientação prática específica, e adquiriam um caráter e profundidade intrínsecos e universais. Graças a essa transformação, os palavrões contribuíam para a criação de uma atmosfera de liberdade, e do aspecto cômico secundário do mundo (BAKHTIN, 1993b, p. 15).

O que é importante ressaltar aqui, é que esta liberdade carnavalesca, adquirida através de um discurso cômico, universalizante, vem com uma função prática de resistência, de protesto, de demonstração da agonia, só que esterilizada pelo seu contexto espacial:

O enfermeiro que me ajudava repetia Caralho caralho caralho com pronúncia do Norte, viemos de todos os pontos do nosso país amordaçado para morrer em Ninda, do nosso triste país de pedra e mar para morrer em Ninda, Caralho caralho caralho repetia eu com o enfermeiro no meu sotaque educado de Lisboa [...] o capitão sumiu-se e voltou com mais uísque no copo, a chana desbotava-se anunciando a noite, o enfermeiro sempre a repetir Caralho caralho caralho veio a acorar-se ao pé de nós, todos dizíamos Caralho de boca fechada, o capitão segredava Caralho ao copo de uísque, o oficial de dia colocou-se em sentido diante da bandeira e os seus dedos, que ajeitavam a boina, gritavam Caralho, os cães vadios que nos roçavam os tornozelos gemiam Caralho nos implorativos olhos molhados (ANTUNES, 1986, p. 51-52).

O país amordaçado não consegue proibir as blasfêmias e as grosserias evidenciadoras da falência do discurso do Estado na colônia, ao passo que naquele espaço elas são universalmente improdutivas. E, se durante o lapso temporal caracterizador do carnaval elas perdem sua “orientação prática e específica”, agora terão essas orientações bem pontualizadas no espaço da guerra colonial, num exercício de recuperação de um espaço perdido. Na obra, essa carnavalização se configura no instante da enunciação, pois é já ao enunciar a narrativa que o narrador-personagem recupera uma experiência vivida (trauma), oriunda de uma pulverização ridícula que traveste o espaço africano da colonial fantasia carnavalesca.

Nesse exercício de recuperação, traz consigo todo o espaço habitado da África, que se contrapõe e se conjuga ao vazio do (espaço) português. Durante a noite, espaço curioso a noite. Espaço negro que sugere desde a morte até a esperança do renascimento. Pela noite é que surgem as mais reservadas manifestações do nosso íntimo e que compõem um complexo espaço da existência. “Nyx, para os gregos era a filha do Caos [...] engendrou também o sono e a morte, os sonhos e as angústias, a ternura e o engano” (CHEVALIER & GHERBRANT, 1982, p. 639) –espaço diegético do decurso narrativo, a vida real se torna sonho, devaneio –vivido pelo narrador-povo–, o carnaval durante esta fragmentação temporal se caracterizará como uma existência paralela à realidade.

Interessante que todos os aspectos caracterizados pela noite estão presentes na narração de Antunes. Todas as dualidades. O sono e a morte representados no medo de que a morte se configure como extensão do

sono. Os sonhos e as angústias, na representação de uma companhia habitante. E a ternura e o engano estão claramente iconizados no sexo fácil, e insípido e violento dos colonialistas, na violência da violação; quando o violentar o outro passa a ser o violentar a si mesmo. Tudo isso vai caracterizar uma outra realidade, uma realidade que impossibilita a verdadeira ocupação de um espaço íntimo.

E se a realidade portuguesa não permite esse habitar-se, se é “[...] uma quermesse de província, um circo ambulante montado junto ao rio, uma invenção de azulejos que se repetem” (ANTUNES, 1986, p. 80), se é ventre seco, infecundo (como foi infecunda e seca a guerra), a noite vai trazer, ao personagem-narrador, a ruptura dessa imagem, a possibilidade de uma companhia; a esperança de momentos de ternura e a externalização das angústias que são motivadoras dos traumas causados por uma guerra inventada, originária de uma cidade (não menos) inventada.

É na noite transcorrida que o fluxo de memória estabelecerá uma relativização da voz oficial do Estado, uma verticalização da seqüência imagética morta, e registrará e elevará à condição de audíveis as palavras de Seres desabitados pela História.

E é justamente durante a escuridão, durante o que se supõe velado, que se vão autonomizar vozes povoadas, trazendo em si a representação do outro, tão claramente, que se concretizará, então, o dialogismo, perpassado pelo álcool - motivador de profundas fantasias. Fantasias que vão reforçar a fixidez de uma realidade que, por si só, é carnavalesca – a da guerra colonial – se a pensarmos pela ótica da comicidade em que “[...] os bufões e os bobos são as personagens características” (BAKHTIN, 1993b, p. 7).

Nessa realidade, representa-se uma espécie de caricaturização de manifestações simbólicas de determinada rede imaginária como, por exemplo, a angolana, em que um chefe de tribo, depois de libertado da prisão colonialista é condenado a errar

De coroa de lata na cabeça, incrustada de brilhantes de vidro, posto a ridículo perante o seu povo, pelo Estado corporativo, que o obrigava a um humilhante uniforme do imperador de carnaval, o rei vagueava no seu quimbo à maneira de doentes mentais nas enfermarias psiquiátricas, olhado com desgosto incrédulo pelos velhos da tribo (ANTUNES, 1986, p. 115).

[...] demarcando o espaço e o tempo da estupidez. Ao imputar esse personagem ao chefe da tribo, ao caricaturizar uma autoridade local, como castigo e demonstração pública do poder colonialista, a administração portuguesa dá início a um processo que perpetua esta carnavalescação, uma existência não real, mas paralela à realidade. Essa imagem verte da narrativa memorial do narrador-personagem, *d'Os cus de Judas*, como se fosse a demonstração de uma imitação burlesca de colonização que foi a portuguesa, na verdade.

Este sonho vai caracterizar um real paralelo e a guerra aparecerá como elemento de ligação dessas duas existências muito próximas –a portuguesa em Portugal e a portuguesa na África–, especialmente quando se toma a representação do individual e o mecanismo engendrado pelo Estado para a desabilitação do espaço íntimo.

Este narrador, ao narrar, estará criando uma outra voz própria –não a confluência de vozes que povoa seu discurso (lúcido), mas outra ainda (embriagada)– a carnavalescada (parodizada), que se sobreporá à sua primeira voz, povoada voz, e que o remeterá a um fronteiro espaço. Bem porque o carnaval “[...] se situa nas fronteiras entre a arte e a vida. Na verdade é a própria vida apresentada com os elementos característicos da representação” (BAKHTIN, 1993b, p. 6).

A embriaguez do narrador é, por si só, então, dialógica. Na verdade, cumpre a função de perpetuar a ruptura cada vez mais profunda com a História e preparar “[...] todas as fantasias da verticalidade” (BACHELARD, 1989, p. 61), fazendo com que a sobreposição de vozes seja ininterrupta e aja sobre a narração como uma espécie de criação sucessiva de espaços sobrepostos. São estes espaços que compõem o mosaico da solidão portuguesa no espaço português, da solidão portuguesa no espaço africano. São estes os espaços da solidão.

O narrador-personagem torna-se, então, arena da sua bêbada lucidez. Simultaneamente, ao verter dessas vozes multifacetadas, que inspiram uma existência paralela à vida, ele duela consigo na tentativa de uma contenção de imagens pungentes –reflexo de uma pulsão criadora, outra reprimida. Isso é notado pelo silêncio, ou pelas quebras brutas da

narração, porque nem a linguagem, cárcere privado do silêncio, se apresenta competente para retê-lo.

O narrador e a sua interlocutora, Maria José, não são, de modo algum, espectadores desta sobreposição à existência que é o carnaval, pois “[...] eles o vivem, uma vez que o carnaval pela sua própria natureza existe para todo o povo” (BAKHTIN, 1993b, p. 6). A verdade é que esta marcha irrefreável que avança noite adentro carregada por um discurso ébrio, é causadora de uma resistência que se concretiza num discurso contra-ideológico. Motivadora de uma gargalhada séria, um “[...] riso popular ambivalente [que] expressa uma opinião sobre o mundo em plena evolução no qual estão incluídos os que riem” (BAKHTIN, 1993b, p. 11).

Refiro-me não a um riso satírico, que faz rir simplesmente, a um riso que evidencia os aspectos negativos e, a contra-ponto, é provocador de alegria repentina. Este riso coloca o autor fora do objeto! Mas a um riso sério, como havia mencionado. Um riso que não destrói a comicidade de determinado cosmo, ao contrário, atribui enorme valor a este aspecto, elevando-o, n’*Os cus de Judas*, ao papel de denúncia, um riso “[...] que escarnece dos próprios burladores” (BAKHTIN, 1993b, p. 10). Portanto, o

[...] presente, a atualidade enquanto tal, o ‘eu próprio’, os ‘meus contemporâneos’ e o ‘meu tempo’ foram originariamente o objeto de um riso ambivalente, objetos simultâneos de alegria e de destruição. [...] Ao lado da representação direta – da ridicularização da atualidade vivente – floresce a parodização e a travestização [...] das grandes figuras da mitologia nacional. (BAKHTIN, 1993b, p. 412).

Então, esse riso deixa de ser elemento representativo de um gênero inferior e passa a ter, no romance, um caráter ambivalente, em que o mito nacional cai diante do travestimento da realidade. Não existe mais Império, o que existe é um deboche oficial, que se pretende sério, e que se inviabiliza por sua prática carnavalizada.

Esse caos e essa desobediência evidenciados no fluxo memorial de Antunes não são em si a própria negação espacial, mas agem como motivadores de um processo que se dá da parte para o todo, ou seja, sua função centra-se no elevar, no mostrar as formas da guerra, da colônia, justamente para esquecê-las. Ou seja, neste mundo cômico “ridiculariza-se para esquecer. Esta é a zona do contato familiar e tosco: o riso –a invectiva– a descompostura” (BAKHTIN, 1993b, p. 414).

N'Os *cus de Judas*, este riso confere à Metrópole a categoria de ser destinatária de um discurso crudelíssimo e de uma resistência silenciosa, que vão desintegrar a realidade exterior. Esta, por sua vez, será reinterpretada através da (concretização em discurso) fluidez da consciência do personagem-narrador, bem porque o fluxo de consciência é justamente uma espécie de: “[...]expressão direta dos estados mentais, mas desarticulada, em que se perde a seqüência lógica e onde parece manifestar-se diretamente o inconsciente. Trata-se de um ‘desenrolar ininterrupto dos pensamentos’ das personagens ou do narrador” (LEITE, 1985, p.68).

O discurso fascista da Metrópole, enquanto imperante, domina espaços habitados e vazios existentes e, ao deparar-se com as tradições, esbarra no silêncio, nas formas do silêncio.

A pretensa pausa a ser imputada no espaço africano volta em proporções mais graves para o espaço lusitano, ridicularizando o português e reforçando o mito do colonizado:

Os fascistas fizeram grandes erros em África, percebe, grandes e estúpidos erros em África, porque o fascismo felizmente é estúpido, suficientemente estúpido e cruel para se devorar a si mesmo, e um deles foi substituir os chefes de sangue, os nobres, altivos e indomáveis chefes de sangue, por sobas falsos, que o povo escarnecia e desprezava, fingia venerar diante dos brancos satisfeitos mas desprezava em segredo, continuava a obedecer às autoridades verdadeiras ocultas na mata, o soba Caputo, por exemplo, agarrou na imagem de madeira do deus Zumbi, desapareceu na noite, e a sua gente, perplexa, contemplava o nicho vazio numa consternação aflita, recebia as instruções dos tambores que latiam na treva as suas enormes têmporas reboantes de ecos (ANTUNES, 1986, p. 140).

Neste fragmento, fica evidente que a presunção maior do colonizador, –a demolição da rede simbólica formadora de um imaginário popular– é frustrada justamente pelo silêncio, precisamente por não poder assacar em definitivo um tempo (objetivo) histórico sobre um outro (subjetivo) mítico. Esse descompasso é uma das formas deste silêncio! É Raphael Patai que, ao explicar a principal diferença entre “o acontecimento histórico e o acontecimento mítico”, afirma que “o significado do primeiro reside numa realidade objetiva, ao passo que a do último reside numa realidade subjetiva” (PATAI, 1972, p. 71).

Portanto, a infecundidade dessa prática de conduzir e manipular o decurso histórico de outras nações, no caso de Portugal, a pretensão de dirigir boa parte do continente africano, oferecia muito mais uma possibilidade autista de política e autoencalacramento do que qualquer outra manifestação que adjetive o colonialismo.

É dizer que estes homens europeus moralizadores, que foram precursores de uma política colonial desajustada e caótica, alimentaram, com essa prática, seus temores e os fizeram concretizar-se em fantasmas que projetaram sobre suas práticas dirigentes.

Daí surge o retrato do homem português. Um homem alter-dirigido. Um homem que, em meio à confusão duma guerra suposta, não compreende o motivo que o levou a lutar, contra a desintegração de tão ostensivo império, à derrocada de tão poderoso mito. E, ao referir-me a mito tomo a idéia que Patai traz em sua obra, e que contempla a idéia da “pequena aldeia” portuguesa. Diz Patai (1972, p. 30) que “[...]a mitologia de uma tribo é sua religião viva, cuja perda é sempre e em toda parte, mesmo no caso do homem civilizado, uma catástrofe moral”. Esta catástrofe moral que Portugal proporcionou durante cinco séculos aos africanos, retorna ao país como uma intraprojeção tardia da colonização, da aculturação e da opressão. Com uma diferença: o português, ao contrário do africano, não reage, sucumbe.

Subjugado, abate-se a uma espécie de ansiedade mórbida, mito artificial instaurado e ritualizado pelo governo salazarista e que tinha no coletivo, deslocado no espaço negro, a base de sustentação de sua existência –fruto de uma proibição velada pela prática governamental que não conseguia conduzir-se a si própria e tentava servir de modelo para os outros. Sucumbe com o enraizamento do caráter de uma perspectiva colonialista que está, historicamente, dois séculos atrasada e que dá ao homem a desorientação necessária para não se sentir nem desamparado nem avassalado pela política, pois é ostensivamente protegido por um discurso-cortina que o separa do mundo real.

É isto que Lobo Antunes retrata em sua literatura. A incapacidade do homem português de olvidar a mão invisível do Estado, pois

[...] enquanto for bem sucedido, ele procura, em seu fracasso frustrador, torná-la visível, a fim de que possa golpeá-la. Sua política, como seu caráter, fica coagulada quando a falta de êxito revela e torna intolerável sua falta de compreensão (RIESMAN, 1995, p. 245).

Agora, é necessário atentar que essa referida capacidade de “esquecer a mão invisível” do Estado, de se ter um sentimento de proteção, n’*Os cus de Judas*, apresenta-se pulverizada no decurso da narração. Vem conjugada ao discurso das tias, das mulheres do Movimento Nacional, da Igreja e de todos os outros representantes salazaristas. Para a personagem, aparecerá, principalmente nos primeiros momentos da narrativa, em que a percepção espacial passa pela ótica dele-menino ou em raras inferências temporais no espaço habitado africano. Constata-se, ainda, na confusão referencial do pós-guerra, já numa Lisboa esterilizada pela impossibilidade do memorável, “[...] tão desprovida de mistério como uma praia de nudistas” (ANTUNES, 1986, p. 94).

Importante percebermos a diferença essencial: na infância, o espaço da solidão é simplesmente vivido (horizontal), enquanto na volta da guerra colonial há o desenvolver de um processo (vertical) que leva à compreensão do porquê do esvaziamento íntimo.

Na perspectiva do adulto regresso há a possibilidade de pragmatização do devaneio:

O que os outros exigem de nós, entende, é que os não ponhamos em causa, não sacudamos as suas vidas miniaturas calafetadas contra o desespero e a esperança, não quebreemos os seus aquários de peixes surdos a flutuarem na água limosa do dia-a-dia, aclarada de viés pela lâmpada sonolenta do que chamamos virtude e que consiste apenas, se observada de perto na ausência morna de ambições (ANTUNES, 1986, p. 106).

[...] ao passo que antes isso não acontecia:

Da janela dos quartos dos meus irmãos enxergava-se a cerca dos camelos, a cujas expressões aborrecidas faltava o complemento de um charuto de gestor. Sentado na retrete, onde um resto de rio agonizava em gargarejos de intestino, escutava os lamentos das focas que um diâmetro excessivo impedia de viajarem pela canalização e de descerem no jato das torneiras grunhidos impacientes de examinador de Matemática (ANTUNES, 1986, p. 10).

A janela –espaço maior do devaneio– apresenta (neste instante) uma imagem que se vai desfalecendo por ser reflexo simplesmente. Uma imagem que, pela ausência de um discurso contra-ideológico, possibilitador de uma refração imagética e de uma reflexão crítica, que se contraponham ao oferecido, não pode ser sonhada. Aceita-se somente a imagem, remoendo-a e desintegrando, aos poucos, um eu-meu-narrador-personagem já entristecido, erosionado e afônico.

É dentro desta perspectiva dialógica, em que podemos perceber a elevação de palavras que vêm povoadas de traumas históricos, que o “riso sério” exercerá uma das mais importantes de suas funções: a de relacionar-se essencialmente com “a verdade popular não-oficial” (BAKHTIN, 1993b, p. 78), evidenciando sempre o entrecruzamento da realidade e da ficção.

Referências bibliográficas

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *Literatura, história e política*. São Paulo: Ática, 1989.
- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1965.
- ALMEIDA, Pedro Ramos de. *História do colonialismo português em África*. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.
- ANDRADE, Fernando da Costa. *Literatura angolana: opiniões*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *Imperialismo e fragmentação do espaço*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1991.
- ANTUNES, António Lobo. *Memória de elefante*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.
- ANTUNES, António Lobo. *Os cus de Judas*. 14^a ed. Lisboa: Dom Quixote, 1986.
- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 1997.

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BACHELARD, Gaston. *A chama de uma vela*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1993a.
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC, 1993b.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1990.
- BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin – dialogismo e construção do sentido*. São Paulo: Unicamp, 1997.
- BRUNEL, P.; PICHOS, CL.; ROUSSEAU. *Que é literatura comparada?* São Paulo: Perspectiva/USP, 1990.
- BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.
- BURKE, Peter. *A escola dos Annales*. São Paulo: Editora da Unesp, 1997.
- CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VI, n. 61.
- CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VIII, n. 84.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- CANÊDO, Letícia Bicalho. *A descolonização da Ásia e da África*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1986.
- CARVALHAL, Tania. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1986.
- CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida. *O sistema colonial como burla, confisco e roubo: um desencadeador da conscientização nacionalista angolana. Publicação do Programa de Estudos do Tempo Presente (TEMPO)–UFRJ e do Programa de Estudos e Debates dos Povos Africanos e Afro-Americanos (PROAFRO)-UERJ. [199?].*

- CASTRO, Marília Dias de. “A dialogia e os efeitos de sentido irônicos”. In BRAIT, Beth (org.), *Bakhtin – dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- CASSIRER, Ernst. *O mito do Estado*. Lisboa: Europa-América, 1961.
- CASTORIADES, Cornelius. *A instituição e o imaginário: primeira abordagem*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- CONTE, Daniel. “Pepetela Viva voz” (entrevista). *Revista Porto e Vírgula*, Porto Alegre, n. 40, p. 12-18, nov./jan. 2000/2001.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANDT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- CRAVEIRINHA, José. *Maria*. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.
- DACOSTA, Fernando. *Máscaras de Salazar*. Lisboa: Notícias editorial, 1998.
- DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo: Ática, 1987.
- DURAND, Gilbert. *Imagens e reflexos do imaginário português*. Lisboa: Hugin, 1997.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 1999.
- ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercury, 1992.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- FRANÇOIS, Frédéric. “Dialogismo e romance ou Bakhtin visto através de Dostoiévski”. In BRAIT, Beth (org.), *Bakhtin – dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1972.
- KRISTEVA, Julia. “A palavra, o diálogo e o romance”. In *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

- LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LEPECKI, Maria Lúcia. *Aspectos da narrativa de preocupação histórica em Portugal, hoje*. Coimbra: Poitiers, 1988.
- LEITE, L. C. M. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1985.
- LOURENÇO, Eduardo. "Literatura e revolução". In *Colóquio Letras*, Lisboa, 78, 1984.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da Saudade*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- MAESTRI FILHO, Mário José. *A agricultura africana nos séculos XVI e XVII no litoral angolano*. Porto Alegre: IFCH/UFRGS, 1978. n. 4.
- MELO, José Ernesto. "Cronologia sobre a história da África contemporânea (1945 – 1998)2. *Ciências & Letras*, revista da faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, Porto Alegre, n. 21/22, p. 329-367, 1998.
- MENEZES, Solival. *Mamma Angola. Sociedade e economia de uma país nascente*. São Paulo: Edusp, 2000.
- MIELIETINSKI, E. M. *A poética do mito*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- MESTRE, Davi. "A memória coletiva". *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa, 29 mar./11 abr. 1995.
- MOUTINHO, Viale (org). *Contos populares de Angola*. São Paulo: Principio, 1994.
- NEVES, Antonio Loja. "Nós procuramos a utopia" (entrevista). *Expresso*, 17 nov. 1990.
- NITRINI, Sandra. "Em torno da literatura comparada". *Boletim Bibliográfico*, São Paulo, v. 47, n. 1/4, p. 34-52, jan./dez. 1986.
- NOVAES, Adauto. (Org.) *Tempo e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- OLIVEIRA, Mário António Fernandes de. *Reler África*. Coimbra: Centro de Estudos Africanos, 1990.
- PAGEAUX, Daniel-Henri et al. *Literatura comparada: teoria da literatura*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 1, 1962.
- PATAI, Raphael. *O mito e o homem moderno*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. *O romance português contemporâneo*. Santa Maria: Edições UFSM, 1986.
- RIESMAN, David. *A multidão solitária*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

- ROSADO, Pedro G. *Retratos: os heróis cabisbaixos do Estado Novo: a síndrome do contestável*. Diários de Notícias, Lisboa, 13 abr. 1994.
- ROSENTHAL, E. T. *O universo fragmentário*. São Paulo: Edusp, 1975.
- SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SARAIVA, A, J e LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 16ª ed. Porto: Porto editora, 1993.
- SARAIVA, José Flávio Sombra. *O lugar da África*. Brasília: Editora da UNB, 1996.
- SHARPE, Jim. "A história vista de baixo". In BURKE, Peter (Org.), *A escrita da história. Novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, p.39-62, 1992.
- SILVA, Maria Teresa. "As aventuras de Ngunga: uma mitologia invertida". *África Literatura e Cultura*, Lisboa, v. 2, n. 10, Ano II, out./dez. 1980.
- SILVA, Rodrigues. "Pepetela, Angola com todas as letras". *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa, 29 mar./11 abr. 1995.
- SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. *Caminhos da ficção*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1996.
- SOARES, Torquato de Souza. *O colonialismo português*. Coimbra: Edição do autor, 1959.
- TEZZA, Cristovão. "A construção de vozes no romance". In BRAIT, Beth (org.), *Bakhtin –dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- TUTIKIAN, Jane. *Inquietos olhares: a construção do processo de identidade nacional nas obras de Lúcia Jorge e Orlanda Amarílis*. São Paulo: Arte e Ciência, 1999.
- TUTIKIAN, Jane. *Os restelos do século do fascínio: a renúncia ao épico*. 2001. (em mimeo).
- TUTIKIAN, Jane. *A história roubada Angola Mito Guerrilha*. Projeto de Pesquisa – UFRGS, 1996. (em mimeo).
- TUTIKIAN, Jane. (coord.) *A história roubada: Angola mito guerrilha*. Projeto de iniciação científica, 1997. (mimeo).
- VIEIRA, Joaquim. "Pepetela: O papel da Literatura consiste em levantar problemas". *Jornal de Letras, Artes e Idéias*, Lisboa, ano 1, n. 43, 17 dez. 1981.
- ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela. "O outro da personagem: enunciação, exterioridade e discurso". In BRAIT, Beth (org.), *Bakhtin –dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.



Origem e formaçom do baralhete e novo contributo lexical (I)

Jorge Rodrigues Gomes

(Vigo)

O baralhete é a gíria dos afiadores e paragüeiros, ou guarda-soleiros, ambulantes das comarcas de Ourense, Maceda, Caldelas e Trives. O primeiro estudo desta gíria gremial foi publicado por José Ramón e Fernández Oxea em 1953 y posteriormente em 1968¹. Domingo Álvarez Álvarez inclui um vocabulário de baralhete no seu livro *Jergas de Galicia*, publicado en 1965². O antropólogo Xosé Antón Fidalgo Santamariña³, nos seus estudos sobre a vida e o traballo dos afiadores e paragüeiros ambulantes, acrescentou os vocabulários dos anteriores autores. Por último o escritor Xosé Fernández Ferreiro publica no seu romance *A saga dun afiador*⁴, um vocabulário de termos de baralhete empregados na mesma, no qual aparecem alguns novos nom compilados polos autores citados.

A maioria dos colectivos que desenvolvêrom falas gremiais mui elaboradas caracterizam-se por serem artesaos, isto é, possuidores dumha técnica cujo domínio lhes proporcionava um traballo com procura na sociedade, e por exercerem toda ou parte da sua actividade de maneira ambulante, tendo que traballar portanto fora da sua terra de origem. Devemos esclarecer que além de gremiais, som gírias locais, quer dizer, faladas apenas polos membros de um grémio dumha comarca concreta.

(1) RAMON E FERNÁNDEZ OXEA, José (1953), “O Barallete. Jerga de los oficios ambulantes de la provincia de Orense” in *Revista de Dialectología y Tradición Popular*, Tomo IX. E posteriormente: “O Barallete” in *Santa Marta de Moreiras*, Sada-A Coruña, Ed. do Castro (1982).

(2) ÁLVAREZ ÁLVAREZ, Domingo (1965), *Jergas de Galicia. La de los tejeros, canteros, albañiles y paragüeros*, Tomiño-Pontevedra.

(3) Vid. “A fala dos ambulantes ourensáns estudiados”, in *Cinco profesións ambulantes ourensáns*, Ourense, Caixa Rural Provincial de Ourense; “A linguaxe especial do oficio do afiador ambulante” in *O Afiador*, Vigo, Ed. Ir Indo; “O ‘Barallete’, linguaxe especial de oficio dos afiadores ambulantes ourensáns”, in *Raigame 6*.

(4) FERNÁNDEZ FERREIRO, Xosé (1980), *A saga dun afiador*, Vigo, Edicións Xerais (1992).

As gírias gremiais de carácter esotérico como a que nos ocupa cumprem duas funções básicas no colectivo de falantes: servir de protecção do grupo nos meio alheios em que trabalhava, e servir de sinal de identidade dos membros do grémio, com o consequente sentimento de união que isto supunha. Provavelmente tenha servido também para guardar em secreto a técnica artesanal que dominavam e transmitir-lha apenas às pessoas relacionadas com o colectivo, quer dizer, filhos ou vizinhos, mantendo desta maneira a exclusividade que garantia a conservação da procura de trabalho constante.

O baralhete é, seguindo a classificação de Adolfo Coelho⁵, uma gíria complexa ou de vocabulário próprio, face a outras denominadas simples em que o seu vocabulário se baseia em alterações puramente fonéticas do léxico do idioma base, exemplo destas últimas seria a que falavam os caixeiros da Baixa lisboeta (consistente em inverter as consoantes) ou o largonji dos carneiros franceses (substitui-se a primeira consoante da palavra por ele e acrescenta-se um sufixo).

As gírias do género do baralhete utilizam diversos recursos para a criação do seu léxico: derivação de termos galegos, empréstimos, composição sintagmática, modificação semântica, etc.

No presente trabalho apresentamos uma nova compilação de vocabulário desta gíria elaborada por meio de entrevistas a antigos afiadores, seguido de um estudo lingüístico sobre a origem e formação da mesma. Os informantes fôrom principalmente o ex-afiador José Fernández Núñez, nascido em Fitoiro (Chandreja de Queija) em 1915, e em menor medida Avelino Gomes Cachaldora (nascido em 1919) e Leôncio Gomes Cachaldora (nascido em 1916), filhos de um afiador natural de Pereiro de Aguiar. Destacamos em negrito as palavras que até agora nom foram registadas polos anteriores compiladores do baralhete, as quais somam 150, a acrescentar às aproximadamente 1300 que até agora se deram a conhecer, e que fam desta gíria gremial uma das mais ricas lexicalmente.

(5) Vid. COELHO, Adolfo (1892).

A) Vocabulário

abofar	soprar	bicudo	porco
acudilhar-se	sentar-se	bicudo fuco	porco bravo
agarapinhar	atar	biorta /ɔ/	gravata
agoteiro	rápido	brancujo	cal
alongar	sobrar	brote /ɔ/	pam
alteiro	céu	cachameira	pucha
amecer	ser, estar, haver, ter, vir	cachameiro	chapéu
amigouja	noiva	cafúrrio	café
amordaçar	rir	caira baril	nossa senhora
anicar	copular	cairo	velho
aniqueiro	chisqueiro	cairo,-a baril	avô, avó
antefosco /o/	sábado	calquetas /e/	calcinhas
apujar	apalpar	carantar	querer
apurrinhar	andar	Castrapa	Castela
aradeira	terra	castrapo	castelhano
arar	escrever	caxiga	crego, rei da baralha
arguia	carne	chafarote /ɔ/	cuitelo
argueira	carniçaria	chavelho /e/	quem nom é galego
arriostra	afiador	cherpeira	carteira
arristrar	afiar	cherpes /ɛ/	dinheiro
atalabisar	entrar	chincadeira	prato
aviantar	vir	chincar	comer
baril	bom, bem, grande	chircaino	figado
baril caxiga	deus	chirriar	assubiar
baril claroujo	bom dia	chírrio	carro
baril fosca	boa noite	chírrio do alteiro	aviom
beiro	cavalo, cavalo da baralha	chírrio larguenho	comboio
belbas /ɛ/	guardas civis	choulo	parvo, burro
belbinhas	polícias	clarouja	luz
belém	home	claroujo	dia
belena	mulher	coladoiras	copas da baralha
berxenar	rezar	colar	beber
		colgujar	colgar

corço /o/	real (25 ctmos)	furguela /ε/	rapariga
corpeiro	corpo	fusco	negro
curteiro	perto	ganuta	gana
dentroujo	dentro	ganutar	ganhar
doca /ɔ/ (fem.)	cadela, 5 Ctmos.	ganoutas!	obrigado!
doca /ɔ/(masc.)	cam, 10 Ctms.; ouros da baralha	garapela	unha
doupes	dous	garapelhos, garapelos	dedos
entoquenhar-se	embebedar-se	garapinha	orelha
entervar	entender	garilhas	espadas da baralha
faldreira	saia	Garipa	Galiza
farrapeira	carteira	garipo	galego
feladeira	guerra	garladeira	língua
felar	morrer	garladeiro	conto
fantos	paus da baralha	garlar	falar
ferroupeiro	armário	giadeiro	inverno
ficar	pagar	girela /ε/	laranja
filhórrio	filho	gorellete /e/	percevejo
filhórrio/a fuquino/a	neto/a	gorelho /e/	piolho
fírgar	ver	goucha	mao
firga baril!	cuidado!	greleiro	armário, camiseiro
foçona	pataca	greleira	camisa; cobertor
folhouja	folha	grila	puta; sota da baralha
fosca /o/	noite	griladeiro	preservativo
fosco /o/	domingo	grilar	copular
frós	nada	guaina	casa
frouja	flor	jamba	gente
fuco	mau; doente	labiujo	lábio
fulé	mau	labrante	três da baralha
funga	cama	labregar	trabalhar
fungueira	mina	laceiro	ás da baralha
fuquino	pequeno, pouco; bes- besbelhinho da baralha	lambiqueiros	lábios
furgas	rapaz	lambujar	lamber
furgueira	escola	lampeira	uva
		lapeta	ladrom
		lapetear	roubar
		largueiro	grande
		larote /ɔ/	medo

lilar	ler	potelo /ε/	português
limpoujo	limpo	pressouja	pressa
lória	vaca	primoujo	primo
loche /ɔ/ (masc.)	aldeia	quentadeira	primavera
loiro	amareleiro	quentadeiro	inferno
longueiro	caminho	quenteiro	sol
longueiro baril	estrada	ranheira	sardinha
lonjado	longe	ranheira da terra	lagarto, lagartixa
lumbear	beijar	saltadeira	pulga
lunoujo	segunda-feira	saltareira	mosca
margarolas /ɔ/	tetas	saltarim	rato
meixueira	saca	sibes	si
mondelo /ε/	gato	solato	só
moreteiro	moreno	talasibes	termo que serve para designar qualquer cousa de que se desconhece ou nom se lembra o nome
mosqueiro	mel	talona /o/	pousada
motrete /e/	leite	talonear	comer na pousada
motreteiro	queijo	taloneira	pousadeira
mouga	vinho	tapa-guainas	telheiro
mouga fuco	vinagre	tara	peseta
murgueiro	nenho	tarazana	roda de afiar
mutilo	rapaz	tiujo,-a	tio,-a
naceiro	mestre afiador; ás do baralho	tomelo /ε/	tomate
nexo	nom, nada	toquenho /e/	bêbedo
oientar	ouvir	trepes	três
oreta /e/	chuva	trinchantas	tesoiras
oretar	mejar	tutomes /o/	todo
oreteira baril	melancia	voadeiro	páxaro
oreteira friageira	saraiva	voltadeira	bicicleta
oreteiro baril	melom	xaramugo	cigano
parrela /ε/	palha	xouba	saco
pelga /ε/	criada	xôulia	borracha para o vinho
picalho de lória	cornio	xouleadeira do murgueiro	berce
picanheiro	fato, traje	xoulear	dormir
picona /o/	cobra	zonar	ir-se
pilde	cu	zuros	dinheiro
pildom	maricom		
pitelo /ε/	peso (cinco pesetas)		

Exemplos:

<i>“Garlar tutomes”</i>	falar muito
<i>“O mondelo chincou as ranheiras à taloneira”</i>	o gato comeu as sardinhas à pousadeira
<i>“O doca oretou-lhe no chírrio ao Belém”</i>	o cam mejou-lhe no carro ao home
<i>“Lumbear a belena”</i>	beijar a mulher
<i>“Amece frós”</i>	nom tem valor
<i>“Nexo amecim frós”</i>	nom figem nada, nom conseguimos clientes
<i>“O mutilo arriostra zonou do loche pra Castrapa, a arriostar chafarotes e trinchantas. Chincou baril brote, arguia...Culou mougá baril. Ganotou cherpes. Na talona xouleou coa pelga. Amece cairo, amece ao loche pra felar na guaina”</i>	O rapaz afiadador foi-se da aldeia para Castela, a afiar cuitelos e tesoiras. Comeu bem: pam, carne. Bebeu bom vinho. Ganhou dinheiro. Na pousada dormiu coa criada. É velho, véu à aldeia para morrer na casa.
<i>“...xouleou na talona, anicou a pelga...”</i>	dormiu na pousada, fodeu a criada
<i>“O xaramugo lapeteou-lhe o beiro ao belém”</i>	o cigano roubou-lhe o cavalo ao senhor
<i>“Na Garipa amecem bariles beiros, lírias e bicudos”</i>	na Galiza há bons cavalos, vacas e porcos
<i>“Na Garipa amece baril mougá e arguia”</i>	na Galiza há bom vinho e carne
<i>“Na Garipa amecem bariles belenas”</i>	na Galiza há boas mulheres
<i>“O que de mutilo nexó labrega de cairo xouleou na parrela”</i>	o que de rapaz nom trabalha de velho dorme na palha
<i>“o talasibes da belena”</i>	a saia

B) Recursos de formação do Léxico⁶

O baralhete como todas as gírias do mesmo género apenas se caracteriza polo seu léxico diferente do da língua comum. As demais características lingüísticas som semelhantes às da língua base, portanto nom faremos referências a aspectos gramaticais já que a sua morfologia e sintaxe

(6) Elaboramos este trabalho a partir do estudo de todas as compilações lexicais do baralhete conhecidas e citadas na bibliografia, além da da nossa autoria.

som as mesmas do galego. Só devemos salientar que todos os verbos pertencem à primeira conjugação excepto um à segunda e três à terceira: *amecer* (estar, ser, haver, ter), *apurrir* (pagar), *caxir* (dar) e *gandir* (comer).

1. Derivação externa

Referimo-nos com esta denominação à criação de palavras em baralheite por derivação morfológica de outras galegas, isto é, a deformação de léxico galego por meio dos recursos da derivação (sufixação, prefixação, etc.), com o fim de nom ser reconhecido polos falantes alheios ao grémio.

1.1. Sufixação

1.1.1. Sufixos dos pronomes Pessoais e dos Numerais

Começamos por estes por serem os únicos que possuem um sufixo caracterizador da sua classe de palavras, como fijo notar Fernández Oxea. Assim os pronomes pessoais apresentam o sufixo *-eces* acrescentado à forma galega própria da comarca de origem da maioria dos afiadores: *tieces*, *ileces*, *noseces*, *voseces*. A terceira pessoa do plural apresenta a variante “-ence”: *ilesence*. A primeira pessoa do singular exprime-se com a palavra do romani *menda*, ainda que também se documentam *mimeces*, *mimenda*, *mimém* e *egoeces*. Esta última é citada por Xosé Anton Fidalgo, e nom é fácil de explicar pola sua aparente base latina e a improbabilidade de que os afiadores soubessem latim. Esta origem só se justificaria de aceitarmos que através da liturgia cristá fosse conhecido o pronome latino “ego”. Outra hipótese basearia-se na evolução desde um original *eueces*, em que a vogal “u” passasse a semiconsoante explosiva e desde aí aparecesse um apoio consonántico com a oclusiva velar sonora, egüeces, e o posterior passo do ditongo crescente a hiato, acabando em *egoeces*.

Também apresenta este sufixo o indefinido *algueces*, “alguém”.

Os numerais caracterizam-se polo sufixo “-pes”: *doupes*, *trepes*, etc. Contudo há excepções: *xato*, quatro, ou *onzefres*, onze. Este último com o sufixo “-fres” que encontraremos também nalgum advérbio.

1.1.2. Sufixação Nominal

Substantivos

A classe de palavras que mais utiliza a sufixação homogénea desde o galego é a dos substantivos, tanto polo número de sufixos como de palabras que se formam com este recurso:

-anho:	longanho, “chouriço”	-oujo,-a:	folhouja naroujo pressouja primoujo,-a saloujo tioujo,-a	
-anta,-o:	amoranto, “amor” amoranta,-o, “noiva,-o”	-pelho:	coraçompelho	
-ata,-o.	novata, -o	-ujo,-a:	barrujo garrafuja invernujo “tinta”, com infixó irmujo	labiujo pratujo tintamuja (de ventujo)
-echa,-o:	açucarecho arrozecho boticarecho quadrecha xordecho	-uleque:	pratuleque	
-eja:	arteja	-umelo,-a:	bluxumela, “blusa” buratumelo caixumela carumela escadumela formumelo gasumelo, “petróleo” jerrumela latumela, “folha de lata”	lingumela pratumela pratumelo quadrumela quartumelo sangumelo/sangrumela recibumelo tab(l)umela ventumelo
-elfa,-o:	garotelfo policelfa	-una:	mesuna	
-ela,-o:	garfelo mamela mamelo, “peito”	-urda:	calurda, “calor”	
-eque:	fradeque / fraileque	-úrrio,-a/-urro,-a:	almadúrria (síncope de “almofadúrria”) arvorúrria brandúrrio/blandúrrio cajaturrírio calúrrio canteirurro contúrria copúrrio cordúrrio	crystalúrrio familúrria fradúrrio/frailúrrio galbanúrria mandúrrio martelúrrio monjúrria tab(l)úrria vranúrrio
-ete:	chisquete, “copo de vinho” ladete Luguete	-uta:	ganuta	
-etрана:	peletrana			
-ifada:	couchifada ⁷			
-ocha,-o:	cestocha cestocho ceocho, “céu”			
-olo:	picolo, “cravo”			
-órria, -o/-orra-o:	amigórrio doçórrio facórria/facorra facórrio/facorro			
	filhórrio quilórrio sitórrio			

(7) Com o passo do /s/ de cousa, a /tʃ/.

A palavra *assinorante* está relacionada com a galega “sino”, mas o sufixo “-ante”, freqüentemente sobre base verbal, o infixo “-r-” e o prefixo “a-”, fam supor um verbo *assinorar*, “soar os sinos”, ainda que nom esteja documentado no corpus manejado, do qual derivaria *assinorante*.

Relacionado com este sistema de sufixação há que citar outro em que partindo dumha palavra galega se substitui o seu sufixo, real ou suposto, por outro diferente, por exemplo:

caçola (galego) > caçúrria (baralhete), onde o sufixo “-ola”
é substituído polo típico do baralhete “-úrria”
carrete > carrelo (“carrete de fio”)
carteira > cartumela⁸
bromista > bromajante (como no caso de *asinorante*,
sugire um suposto **bromajar*)

Noutros casos a terminação da palavra é confundida com um sufixo:

alfaiate > alfaiom/olfaiom
bigode > bigarro
chisqueiro > chiscante
cozinha > cuzarra⁹
estadulho > estadoujo
frio > frete
fror (flor) > frouja
jamom > jameque
larica > larota
nariz > naroujo
tomate > tomelo
verdura > verdoca
xabom > xabeque

(8) Nom se confunde com carta já que esta se di “arada” a de correspondência, e “ludradoras” as do baralho.

(9) O /u/ de cuzarra representa a pronúncia mais estendida de cozinha, por harmonização vocálica.

Este recurso permite abreviar termos que doutra maneira ficariam demasiado longos ao ser acrescentado o sufixo.

Com estes últimos casos temos novos sufixos: “-ante”, “-arro,-a”, “-om” “-oca” e “-ota”.

Adjectivos

A maioria dos adjectivos do baralhete exprimem-se com palavras próprias, muitas delas derivadas de verbos ou substantivos aos quais se lhes une um sufixo caracterizador como “-ento,-a” ou “-ante”. Formados directamente do galego por sufixação homogénea temos só:

-anho,-a / -enho,-a:	larganho/larguenho, “alto, grande ou longo”
-ato,-a:	novata,-o (também substantivo)
-echo,-a:	durecho xordecho (também substantivo)
-enho,-a:	docenho/dulcenho
-ineo:	carineo
-oco,-a:	fioco (de “feo” ou “feio”)
-órrio,-a:	doçórrio /dulçórrio finórrio limpórrio

Um caso especial encontramos-lo no adjectivo *moreteiro*, “moreno”, em que ao acrescentamento do sufixo -eiro, soma-se a troca da consoante da última sílaba por “t”, disfarçando eficazmente desta maneira o termo originário, o que nom se conseguiria com a simples adiçom do sufixo. Este recurso combinado imos observamo-lo também nos advérbios *agoteira* e *agoteiro*, “agora” e “rápido”.

Já vimos ao tratar dos substantivos o termo *frete*, “frio”, o qual também funciona como adjectivo e se forma tratando a sua terminaçom vocálica como um sufixo.

Classificação

Todos estes sufixos nominais podemos classificá-los em dous grupos: aqueles que existem em galego com um valor determinado, e os que som próprios do barallete. Entre os primeiros a maioria som em galego sufixos diminutivos: *-echo/-a*, *-eja*, *elo/-a*, *-ete*, *-ocho/-a*, *--olo*, *-ota*, *-ujo/-a*. Há algúns depreciativos: *-arra*, *-ocol/-a*, *-orro/-a*; e um aumentativo, *-om*. O sufixo *-arra* tem pouco rendimento em galego-português sendo inusitado na Galiza.

O sufixo *-enho/-a* é de tipo caracterizador e formador em galego de adjectivos. Com a mesma función encontramos-lo nesta gíria: *docenho*.

O sufixo *-nte*, é um sufixo deverbais com um alto grau de alomorfia em galego, (*-ante*, *-ente*, *-iente*, *-inte*), mas que em barallete se reduz a *-ante*, dado apenas ser produtiva a primeira conjugação. É de tipo caracterizador sendo utilizado em barallete, além de para formar substantivos e adjectivos deverbais, como deformador das palabras galegas citadas.

O resto dos sufixos nom existe em galego, ainda que a maioria se podem encontrar como terminaçõs de vocábulo comuns:

<i>-anho,-a</i>	<i>-ifada</i>	<i>-umelo,-a</i>
<i>-anto,-a</i>	<i>-ineo</i>	<i>-una</i>
<i>-ato,-a</i>	<i>-órrio,-a</i>	<i>-urda</i>
<i>-elfo,-a</i>	<i>-oujo,-a</i>	<i>-úrrio,-a</i>
<i>-eque</i>	<i>-pelho</i>	<i>-uta</i>
<i>-etrana</i>	<i>-uleque</i>	

Em *-ifada* podemos ver o sufixo colectivo *-ada* com um infixos em función desfiguradora. A combinação de *-ada* com outro sufixo, normalmente pejorativo, nom é estranha em galego: *porcallada*, com *-alho*, *cal-doubada*, com *-oubos*¹⁰.

O sufixo *-oujo,-a* poderia ter a sua origem no cruzamento de *-ujo,-a* com sufixos como *-oupo,-a* (*casoupa*), ou *-ouco,-a* (*velhouco*). Repare-se que também no galego coloquial podem alternar *-oupo,-a* / *-upo,-a*: *casoupa*, *casupa*.

(10) Vid. Freixeiro Mato, Xosé Ramón (1999), Págs 216 e 240.

O sufixo *-pelho*, pode considerar-se umha variante alomórfica do diminutivo e pejorativo galego *-elho*, com infixo eufônico.

Os de maior rendimento de todos os sufixos nominais som claramente *-umela,-o*; *-orr(i)a,-o* e *-urr(i)a,-o*. O sucesso de *-umela,-o* pode relacionar-se em parte com a sua capacidade para tornar a palavra mais irreconhecível, devido a constar de três sílabas.

Chama a atenção a frequência de *-órrio,-a* e *-úrrio,-a*, inexistentes em galego. Para o primeiro deles podemos considerar umha origem híbrida a partir de *-orro,-a* e *-ório,-ória*. O sufixo *-orro,-a*, de origem basca, tem pouco rendimento em galego-português, documentando-se na Galiza apenas o termo “cabeçorra”¹¹; o sufixo nocional e caracterizador *-ório,-a* pode adquirir valores pejorativos próximos dos apreciativos¹²: *latinório*, *responsório*, *finório*, etc.

Desde *-urro,-a*, também de origem basca, pudo formar-se *-úrrio,-a* por analogia com *-órrio,-a*. Note-se que som muito mais frequentes *-órrio,-a* e *-úrrio,-a* do que *-orro,-a* e *-urro,-a*: com *-orro,-a* só temos *facorro* e *facorra*, e além disso alternando com *facórrio* e *facórria*. Com *-urro* só está registado *canteirurro*, podendo incluso pensar que se trate dum erro cometido polo compilador do léxico.

1.1.3. Sufixação verbal

No vocabulário do baralhete conhecido encontramos 33 verbos formados sobre bases verbais galegas, às quais se lhes acrescenta um sufixo. Os sufixos utilizados e os verbos que formam som os seguintes:

(11) Vid. García, Cosstantino (1985), e Rodríguez González, Eladio (1958).

(12) Vid. Freixeiro Mato, Xosé Ramón (1999), pág. 218. Mário Vilela (1994) considera-o um aumentativo com valor pejorativo.

-anhar:	picanhar (“coser”)	-etar:	lapetar (“roubar carteiras”)
-antar/-entar:	abaixentar acabentar buscantar carantar/querantar chamantar chegantar despechentar ¹³ (“forçar portas, cofres, etc.”) dexentar/dexantar (<deixar, “es- quecer”) oientar sabantar trincantar (“cortar com tesoura”) zarrentar	-ichar:	subichar
		-ochar:	comerciochar
		-olar:	picolar (“cravar”)
		-oliar:	andoliar
		-ouçar:	cobrouçar
		-ufar:	cantufar (“falar”)
		-ujar:	colgujar lambujar ventujar (“suspeitar”)
		-urdar:	calurdar
		-urriar:	mandurriar senturriar-se
-atar:	apecatar ¹⁴ (“confessar”)	-utar:	agardutar ganhutar /ganutar gardutar
-elar:	mamelar	-uzar:	cambuzar
-enhar:	lavrenhar		

Da análise destes verbos pode-se concluir o seguinte:

- ◆ Todos som verbos da primeira conjugação, e mesmo os três que procedem da segunda e os dous que o fam da terceira, passam em barallhete à primeira: *carantar*, *lambujar*, *sabantar*, *oientar* e *subichar*. Como ficou dito nesta gíria todos os verbos som da primeira conjugação excepto quatro, *amecer*, *apurrrir*, *caxir* e *gandir*, e nengum destes procede de bases galegas.
- ◆ A maioria destes sufixos nom aparecem como terminaçons nos outros verbos nom formados sobre bases galegas, (entre as excepçons temos *aganhlar*, *aparantar*, *apujar* e *achantar*, verbo tomado do galego mas que se utiliza com o significado de “agachar-se”), o qual se explica por terem como única funçom deformar a palavra de maneira que nom seja reconhecível, isto nom é preciso nos verbos que por ter outras origens já resultam incompreensíveis em galego.

(13) Supom um **pechentar* nom documentado.

(14) Pode supor um **pecatar* < *pecar*, nom documentado.

- ◆ Observa-se preferência pola consoante dental oclusiva surda: doze em -antar/-entar, mais um em -atar, outro em -etar e três em -utar.
- ◆ A maioria destes verbos nom conservam como vogal radical¹⁵ (VR) a vogal temática (VT) do verbo galego original:

<u>Galego</u>	<u>Baralhete</u>
VT /a/	VR /e/ : 8 casos VR /o/ : 4 casos VR /u/ : 10 casos VR /a/ : 6 casos
VT /e/	VR /a/ : 2 casos VR /u/ : 1 caso
VT /i/	VT /e/ : 1 caso VT /i/ : 1 caso

Nos da primeira conjugação em oito casos a VT galega passa a VR /e/ em baralhete, em quatro a /o/ (num deles formando ditongo com /u/), e em dez a /u/. Conserva-se em seis. Em dous verbos da segunda a VT galega passa a VR /a/ e noutro a /u/, em baralhete. Nos da terceira num caso passa a /e/ e noutro mantém a VT galega como VR do baralhete. O facto de maioritariamente nom se manter podemos-lo atribuir à necessidade de afastar a palavra da sua original galega. Também se pode considerar que, secundariamente respeito à causa anterior, podem actuar fenómenos de dissimilação vocálica. Esta evitaria que se dessem casos de palavras em que se repetisse, desnecessariamente, a mesma vogal em três e inclusive quatro sílabas sucessivas (*acabentar*, *abaixentar*), com o seu evidente cacófono. Assim dos seis verbos com base em um galego da primeira conjugação que tenhem /a/ como VR, em cinco deles a vogal anterior é diferente (*apeccatar*, *buscantar*, *chegantar*, *picanhar* e *trincantar*), sendo só chamantar a excepção. Os outros

(15) No caso de *andoliar*, *mandurriar* e *senturriar-se*, a anterior à vogal radical.

casos com a mesma vogal em sílabas sucessivas justificariam-se por distanciamento da palavra galega, regra principal que rege a formação destes verbos, mesmo nalgum caso alterando a VR galega: *carantar*.

- ◆ Sobre a origem do sufixo de formação de verbos de maior rendimento, “-antar/-entar”, podemos pensar numa terminação analógica da de alguns verbos galegos, (achantar, cantar, comentar, quentar, sementar, etc.), do sufixo factitivo -entar presente em construções parassintéticas (adormentar, afugentar, escorrentar, avelhentar, etc.), ou relacioná-lo com a sequência “-ent-”, “-ant-” presente noutros sufixos do barallete. Assim entre os sufixos caracterizadores que formam substantivos e adjectivos desde bases verbais e substantivas, os dous de mais uso som “-ante” e “-ente” (*farelante*, “mentiroso”, *gilento*, “famento”, *lordenta*, *suja*, *melante*, *ladrom*), tomados do galego.

Esta sequência fónica está presente também na sufixação homogénea (galego>barallete) adverbial e substantiva:

longento, de “longe”,
abaixenta, *debaixenta*, relacionados com o verbo *abaixentar*,
amoranta, -o, “noiva, -o”,
amoranto, -a, “amor”.

Para nós, portanto, a origem mais provável deste sufixo verbal, estaria nos sufixos caracterizadores galegos “-ante”, “-enta”, que o barallete utiliza de forma maioritária em adjectivos e substantivos; desde estes criaria-se o sufixo verbal dito, para acrescentar a aqueles verbos galegos necessários na fala quotidiana, e para os que o barallete carece de outros substitutos.

1.1.4. Sufixação adverbial

Quase todos os advérbios do baralhete têm base no seu correspondente galego, ao qual se lhe acrescenta um sufixo:

-anho/-enho:	larganho/larguenho, “muito”	-ento:	longento
-ano:	solano ¹⁶ , “só”	-ete:	solete ¹⁸ , “só”
-ado:	lonjado	-fres:	antefres
-ato:	forato	-órrio:	cedórrio
	solato ¹⁷ , “só”	-tocho:	maistocho/mastocho, “mais”
	todato	-ucho:	dentrucho
-bis:	albis	-ufa:	diantrufa
	aquibis		trasufa
	síbis	-ufo,-rufo:	dentrufo
-êncio:	larguêncio, “muito”		diantrufo
-enta:	(a)baixenta		tardufo
	debaixenta	-unha:	arribunha

Num deles observa-se como há umha clara regra de formação: os acabados en /i/ tónico, acrescentam -bis (às vezes pronunciado “bes”). O de mais rendimento vemos que é *-ufa,-o*. O sufixo *-tocho* pode relacionar-se co sufixo nominal *-ocha,-o*, com o infixo -t- para manter a implosividade da sibilante.

Há que acrescentar os advérbios formados mediante o processo mais complexo de combinar sufixação com troca da última consoante da palabra base: *agoteira*, “agora”, *agoteiro*, “rápido”. Este recurso foi já também observado na formação de adjectivos.

1.1.5. Classificação

Vistos todos os sufixos que o baralhete utiliza para criar palabras desde o galego, podemos classificá-los da seguinte maneira:

(16) Desde o castelhanismo “solo”.

(17) Vd. nota anterior.

(18) Vd. nota 15.

-- sufixos caracterizadores dumha classe de palavras:

- eces, dos pronomes pessoais
- pes, dos numerais

-- sufixos exclusivos dumha classe de palavras:

- dos verbos: *-ich-ar*, *-oli-ar*¹⁹, *-ot-ar*, *-ouç-ar*, *-uz-ar*
- dos substantivos: *-arra*, *-eja*, *-elfo/-a*, *-eque*, *-etrana*,
-ifada, *-oujo/-a*, *-pelho*, *-uleque*, *-umelo/-a*, *-una*
- dos adjectivos: *-ineo*, *-oco/-a*
- dos advérbios: *-ado*, *-ano*, *-bis*, *-êncio*, *-fres*,
-ucho, *-unha*²⁰

-- sufixos comuns a várias classes de palavras:

- anho,-a,-ar: substantivos, adjectivos, verbos e advérbios,
- anto,-a,-ar / -ento,-a,-ar: substantivos, verbos e advérbios,
- ato,-a,-ar: substantivos, adjectivos, verbos e advérbios,
- echo,-a: substantivos e adjectivos,
- eiro,-a: adjectivos e advérbios,
- elo, -ar: substantivos e verbos,
- enho,-a,-ar: verbos e adjectivos,
- ete,-ar: substantivos, adjectivos, verbos e advérbios,
- fres: numerais e advérbios,
- ocho,-a,-ar: substantivos, verbos e advérbios,
- olo,-a,-ar: substantivos e verbos,
- orr(i)o -a: substantivos, adjectivos, verbos e advérbios,
- ufo,-a,-ar: verbos e advérbios,
- ujo,-a,-ar: substantivos e verbos,
- urda, -ar: substantivos e verbos,
- urr(i)o,-a,-ar: substantivos e verbos,
- uta, -ar: substantivos e verbos.

(19) Existe o substantivo andólia, perna, mas explica-se como umha derivação regressiva do verbo andoliar.

(20) Existe o verbo arribunhar, mas é um derivado de arribunha e nom de um verbo galego.

Como se pode observar, fora dos que caracterizam umha classe de palavras, som maioria os que servem para desfigurar diferentes classes destas, sem que seja possível estabelecer nengumha relação estrutural entre a classe de palavra e o sufixo utilizado para a sua desfiguração.

1.1.6. Utilização do recurso sufixal

Todos estes sufixos estudados nom tenhem o mesmo tipo de uso na fala espontânea. Devem especificar-se dous casos diferentes. O primeiro é aquel em que o sufixo se acrescenta a umha palavra galega passando esta a lexicalizar-se dentro do vocabulário do baralhete, isto é, a constituir um termo reconhecido e usado por todos os falantes, por exemplo: *arteja, amoranto, larganho, piccolo*, etc.

E um segundo em que, ante a inexistência de um vocábulo em baralhete ou o desconhecimento do mesmo polo falante, o sufixo serve para improvisar um novo termo de maneira circunstancial. Quer dizer, no mesmo acto de fala recorre-se a um expediente de encobrimento de palavras que o ouvinte vai saber decifrar. Isto explica que para um mesmo conceito se tenha registado um termo criado por sufixação e outro com um recurso diferente (por exemplo, martelo: *martelúrrio, calmante*), ou a mesma palavra com sufixos diferentes (*ventumelo, ventujo*). Para este uso da sufixação o número de sufixos implicados é mui reduzido, dado que deve ser fácil e rapidamente recordado polo falante e polo ouvinte. A este tipo de sufixo ao qual os utentes da gíria gremial acodem para improvisar novos termos no discurso chamamos-lhe “sufixo universal”, dado ser possível a sua aplicação a qualquer palavra do galego comum em qualquer momento. Em baralhete funcionam como sufixos universais principalmente os seguintes: *-umelo,-a, -úrrio,-a* e *-oujo,-a/-ujo,a*, predominando um ou outro segundo o falante e a comarca de procedência. Há que acrescentar que nom registamos este uso sufixal com os verbos, já que quando estes se improvisam utilizam-se outros recursos, nomeadamente a composição sintagmática, que estudaremos noutro capítulo.

1.2. Prefixação

A formação de palavras por prefixação desde um étimo galego é praticamente inexistente em barallete, ao contrário do que acontece noutras gírias gremiais como a dos cabaqueiros e a dos arguinas. Um dos casos registados é a voz *ferroupeiro*, “armário”, em que ao termo roupeiro se lhe acrescenta um prefixo deformador.

Se admitirmos que *garabelo/garbelo*, “bonito”, deriva do galego belo, estaríamos ante outro caso de prefixação.

1.3. Derivação genérica

Este recurso de uso freqüente para a criação de novas palavras a partir de outras já existentes em barallete, é por razões óbvias pouco utilizado desde o léxico galego, já que pode ser facilmente decifrável por qualquer observador alheio.

Registamos, contudo, três casos:

Canhoto > canhota. O primeiro é um vocábulo galego que significa “cana do milho depois de seca”, ou “pau sem forma definida”; o segundo utiliza-se em barallete para denominar a “vareta do guarda-chuva”.

Parafuso > parafusa. Do comum significado galego passa em feminino a denominar o trado ou trade em barallete.

Xarope > xaropa. Com a forma feminina designa-se nesta gíria a sidra por modificação semântica de tipo metafórico.

2. Derivação interna

Como ficou dito a gramática do barallete é exactamente a mesma do galego, portanto os recursos derivativos que intervinem na formação de palavras são basicamente os mesmos e com as mesmas funções. Contudo observam-se algumas particularidades interessantes que merecem ser estudadas.

2.1. Formação de substantivos

2.1.1. Sufixos formadores de substantivos

Sufixos desubstantivais²¹:

-aço:	bicudo,-a → bicudaço,-a: <i>porco,-a, porcom,-na</i> facórria → facorrião: <i>cuitelo, cuitelada</i> goucha → gouchaço: <i>mao, bofetada</i> xambouca → xambouçaço: <i>cabeça, cabeçada</i> zuta → zutaço: <i>machada, machadada</i>
-ada:	albaro → albarada: <i>gato, gatada</i> fandino → fandinada: <i>burro, burrada</i> queimona → queimonada: <i>cebola, cebolada</i> xamonda → xamondada: <i>navalha, navalhada</i> zapique → zapicada: <i>chocolate, chocolatada</i>
-age:	fusto → fustage: <i>pau, lenha</i> zuro → zurrage: <i>dinheiro nos dous casos</i>
-al:	cotoço → cotoçal: <i>pereira, pereiral</i> frasca → frascal: <i>merda, lixeira</i>
-ância:	foquino,-a → foquinância: <i>doente, doença</i>
-ano,-a:	garipo → garipano: <i>galego, idioma galego</i>
-ante:	futrica → futricante: <i>quinquilharia, vendedor de miudezas</i> ria → riante: <i>pedra, canteiro</i>
-aria/	agustim → agustineria: <i>leite, leitaria</i>
-eria:	doco → docaria: <i>cam, matilha</i> pilde → pildaria: <i>cu, porcaria</i> xinado → xinadaria: <i>presidente de câmara municipal, casa do concelho</i>
-eiro,-a:	bérrio → berrieiro: <i>milho, canastro</i> calcurro → calcurreiro: <i>sapato, sapateiro</i> caxiga → caxigueira: <i>padre, casa reitoral</i> folhato → folhateiro: <i>pára-águas, guarda-chuva, para-agüeiro</i>

furgas, furgo → furgueira: <i>rapaz, escola</i> goimol → goimoleira: <i>pam, artesa</i> gumarra → gumarreiro: <i>galinha, galinheiro</i> méixua → meixeiro,-a: <i>pousada, pousadeiro,-a</i> oreta → oreteira, oreteiro: <i>água, fonte, rio</i> ruxa → ruxeira: <i>noz, nogueira</i> zagarra → zagarreira: <i>maçá, maceira</i>
-inho,-a: belba → belbinha: <i>guarda-civil, polícia municipal</i> xinada → xinadinha: <i>senhora, senhorita</i> xua → xuinha: <i>lume, fósforo</i>
-ito,-a: zuro → zurito, zurita: <i>dinheiro, peseta, peso</i>

Sufixos deadjectivais

-ino,-a: fuco,-a → fuquino,-a: <i>mau, doente, belhinho</i>

Sufixos deverbais

-ada: arar → arada: <i>escrever, carta</i> xotar xotada: <i>bater, pancada/ patada</i>
-age: cantufar → cantufage: <i>falar, fala, linguagem</i>
-ança: lavrenhar → lavrenhaça: <i>trabalhar a terra, lavra</i>
-ância: melar → melância: <i>roubar, roubo</i>
-ante,-a: abigarrar → bigarrante: <i>barbear, barbeiro</i> balutrar → balutrante: <i>peneira, peneirador</i> calatear → calateante: <i>bailar, bailarino</i> calmar → calmanta, calmante: <i>martelar/ bater, maça, martelo</i> canear → caneante: <i>andar/marcas as horas, relógio</i>

(21) O número de exemplos que damos de cada sufixo é proporcional aos casos registados: oferecemos cinco quando esse sufixo tem bastante frequência de uso, menos de cinco quando som poucos as vozes registadas com el, e mais de cinco quando tem umha alta produtividade.

	garlar → garlanta: <i>falar, língua</i>	arrear → arreador: <i>afiar, afiador</i>
	girar → girante: <i>pedir esmola, esmolante/moinante</i>	melar → melador: <i>roubar, ladrom</i>
	melar → melante: <i>roubar, ladrom</i>	tiçar → tiçador,-a: <i>comensal</i>
	trenar → trenante: <i>encarcerar prender, carcereiro</i>	xabarrear → xabarreador: <i>capar, capador</i>
-çom/ -ciom:	alombar → alombaçom: <i>encher, abundância</i>	-eço: agouchar → goucheço: <i>colher/ apanhar, roubo</i>
	arromanar → arromanaciom: <i>falar, conversa</i>	-eiro,-a: ficar → fiquero: <i>ganhar, jogador profissional</i>
	felar → felaciom: <i>morrer, morte</i>	picanhar → picanheiro,-a: <i>coser, alfaiate, agulha / costureira</i>
-deiro,-a:	frisgar → frisgadeiro: <i>ver, espelho</i>	xingrar → xingreiro: <i>tocar música, músico</i>
	garlar → garladeiro: <i>falar, conto</i>	-ete,-a: chiscar → chisquete, chisqueta: <i>beber, copo, copa</i>
	tiçar → tiçadeiro: <i>comer, sala de jantar, refeitório</i>	-mento: esgueilar → esgueilamento: <i>ir-se/ sair, fugida</i>
	xoular → xouladeira: <i>dormir, quarto</i>	-ostre: arrear → arreostre: <i>afiar, afiador</i>
-doiro:	felar → feladoiro: <i>morrer, cemitério</i>	-tória: pildar → pildatória: <i>cagar, cagarria, diarreia</i>
-dor,-a:	abigarrar → abigarrador: <i>barbear, barbeiro</i>	-tório: pildar → pildatório: <i>cagar, latrina</i>
	aganzuar → aganzuadora: <i>fechar, fechadura</i>	
	arar → arador, aradora: <i>carteiro / escrevente, pena de escrever</i>	

O sufixo *-eço* é insólito em galego. Em barallete apenas o encontramos num caso *goucheço*, e tem o significado de *açom* ou efeito. Rejeitamos a possibilidade de ser um erro do compilador (Ramón e Fernández Oxea) ou gralha de imprensa por aparecer duas vezes (no vocabulário barallete-galego e no galego-barallete), além de aparecer compilado também o termo *gouchaço* com outro significado (bofetada). A voz *goucheço* deriva de *agouchar*, “agarrar”, e utiliza-se por sinédoque com o significado de “roubo”.

O uso que se fai do sufixo *-ete,-eta* é também original. Em galego este sufixo tem valor diminutivo, agregando-se, portanto, a bases nominais. Com base verbal existe o sufixo *-eta* com sentido de *açom* ou resultado dela (jogueta). Em barallete encontramos-lo em dous casos, masculino e feminino, desde base verbal e com significado de objecto.

Insólito é o sufixo *-ostre*, documentado apenas umha vez, embora importante polo muito uso da palavra *arriostre*, um dos nomes com que se nomeiam a si próprios os afiadores (o outro é *arreador*).

Igualmente original é *-áncio*. Também somente documentado numha voz, *meláncio*. Curiosa masculinização do sufixo culto galego *-ância*, talvez motivada polo género masculino do termo correspondente em galego, “roubo”.

Resultam originais algumas formações, como a de *pildatório*, onde se utiliza um sufixo culto acrescentado à base de um termo vulgar, o qual tem conotações humorísticas. Estas conotações vem-se acrescentadas ao ser inventada umha forma feminina deste sufixo, portanto inexistente em galego, e com um valor também inédito, relacionado com a mesma base, *pildatória*, “diarreia”.

No sufixo *-ada* temos na origem, como em galego comum, dous sufixos diferentes, um que indica acção ou efeito da acção (*xotada*), e outro que provém da substantivização de adjetivos verbais originalmente participípios. Neste último caso a nova palavra designa um conceito concreto totalmente independente do significado da base, embora na origem relacionado (*arada*).

Os sufixos mais produtivos formadores de substantivos som, sem dúvida, *-eiro,-a* e *-ante,-a*. O primeiro forma maioritariamente substantivos que denominam árvores, profissões, recipientes ou lugares onde se guarda o objecto designado pola base ou onde este é abundante.

O sufixo *-ante,-a* salienta por ser muito mais produtivo do que em galego comum, nomeadamente na formação de substantivos, e por ter desenvolvido em baralhete umha variante feminina para designar objectos que em galego tenhem este género: *garlanta*, “língua”; *calmanta*, “maça”.

A alta produtividade deste sufixo chega a convertê-lo em formador de substantivos também desde adjetivos e nom apenas desde verbos, embora termos como *futricante*, “vendedor de miudezas”, e *riante*, “canteiro”, pareçam sugerir desde a consciência lingüística do galego-falante uns supostos verbos **futricar* ou **riar* nom documentados.

Este sufixo é equivalente no seu valor (pessoa que realiza umha acção ou instrumento que serve para realizar umha acção) ao sufixo *-dor,-a*, tal como acontece em galego comum, mesmo chegando nalguns vocábulos a serem permutáveis:

abigarrador – bigarrante, “barbeiro”
melador – melante, “ladrom”

Também quando é formador de adjectivos, os quais serão estudados a continuação:

intervador – intervante, “entendedor, que compreende”

Quanto ao sufixo *-aria*, *-eria*, observamos o predomínio da primeira forma, a genuína galega, face a *-eria*, castelhanismo com grande presença na actual fala espontânea. Neste caso actuam sobre o barallete duas tendências opostas:

- ♦ a primeira podemos denominá-la «distanciamento», isto é, dado tratar-se dumha gíria que busca o segredo, prefere sempre formas mais afastadas, por diferentes formalmente, do galego comum, e, por conseguinte, mais difíceis de decifrar. Destarte palavras ou neste caso sufixos, que tenham desaparecido ou perdido produtividade no galego comum, podem sobreviver em barallete. Esta tendência tem mais força sobre o léxico que sobre a morfologia.
- ♦ A segunda tendência é a do «paralelismo» ou «correspondência morfológica». Dada a gramática do barallete ser a do galego qualquer mudança desta vê-se reflectida no primeiro.

De qualquer modo o falante de barallete quando se exprime pode traduzir conceitos livremente (utilizando diferentes recursos: derivação desde o galego, estrangeirismos, formações perifrásticas, metáforas léxicas, etc.), ou traduzir palavras fazendo equivalências mórficas. No segundo caso actua de maior maneira a influência morfemática e consequentemente as novidades que se produzirem no galego espontâneo, nomeadamente os castelhanismos.

Desta maneira mantém-se em barallete o sufixo *-aria* em vozes como *docaria*, onde nom há umha palavra equivalente em galego, já que o termo “matilha” é na Galiza de uso culto; ou em *xinadaria*, onde a voz galega equivalente é umha forma perifrástica, “casa do concelho”. E igualmente em *pildaria*, onde a base do barallete e do galego diferem no seu significado (*pilde*, “cu”, face a “porco”). Mas em *agustineria* a equivalência formal e a conceitual das bases som exactas:

galego: leite → barallete: agustim

galego (castelhanizado): leiteria → barallete: agustineria

Um caso especial de derivação encotramo-lo no termo *pildares* (femi-

nino), “nádegas”, onde nom é claro se a sua formação se produz desde *pilde*, “cu”, com um insólito sufixo -ares, ou desde o verbo *pildar*, “defecar”. Desconhecemos se o singular é *pildar* ou *pildare*.

2.1.2. Derivação regressiva

Formações em -a:

amordatar → mordata: *rir, riso*
 andoliar → andólia: *andar, perna*
 ficar → fica: *ganhar, ganância*
 garlear → garlea: *falar, boca*
 lapetar → lapeta: *roubar carteiras, carteirista*
 picanhar → picanha: *coser, agulha*
 sabentar (variante de sabantar) → sabenta: *saber, sabedoria*
 trincantar → trincanta(s): *cortar com tesoura, tesoura*

Formações em -e,-a:

sabantar → sabante, sabanta: *saber, mestre, mestra*

Formações em -o:

amordatar → mordato: *rir, riso*
 calatear → calateo: *bailar, baile*
 cobrar → cobrouço: *cobrar, cobro*
 ficar → fico: *ganhar, ganho*
 lavrenhar → lavrenho: *trabalhar a terra, trabalho*
 macaiar → macaio: *fumar, tabaco*

Regista-se também a forma anómala «meleo», roubo, do verbo «melar», roubar, com a terminação em -eo, própria dos verbos em -ear.

O mais salientável deste tipo de formação em baralhete é a presença de umha terminação em -e com o seu correspondente feminino em -a, o que acontece por derivar um substantivo de profissom. Em galego comum as formações regressivas em -e nom tenhem feminino por significarem acção ou efeito da acção exprimida polo verbo (embarque, escape, remate, combate...). Este substantivo profissional que encontramos em baralhete (*sabante,-a*), que além disso é o único formado por derivação regressiva, podemos considerá-lo na realidade como umha for-

maçom influída pola derivaçom sufixal em *-ante,-a*, de cuja produtividade já falamos, mas sincopada desde a sua mesma origem, por razons eufónicas: *sabantar* > **sabantante* > *sabante*. Alíás influído pola forma original galega “saber”, da qual deriva *sabantar*.

Nalguns casos podemos estar ante um derivado regressivo ou ante um derivado verbal desubstantival. O critério etimológico ou o semântico podem esclarecer a origem:

Andar > *andoliar* > *andólia*

Garlear (< lat. Garrulare) > *garlea*

Lapar > *lapetar* > *lapeta*

Lavrar > *lavrenhar* > *lavrenho*

Mordate (dente) > *amordatar* (rir) > *mordato* (riso)

Picar > *picanhar* > *picanha*

Trincar > *trincantar* > *trincanta*

Polo critério semântico podemos diferenciar os dous casos citados sabendo que os substantivos deverbais indicam açom ou efeito da açom exprimida polo verbo, enquanto que os substantivos originais costumam indicar objecto ou substância:

Calatear > *calateo* face a *farela* > *farelar*

Contudo há casos em que, por desconhecimento do étimo, por ambigüidade semântica ou por pouca fiabilidade desta como critério determinante em barallete, dadas as excepçons que nesta gíria habitualmente encontramos a respeito do galego comum, nom podemos ter a certeza de se estamos ante um derivado verbal de um substantivo, ou se este é resultado de derivaçom regressiva do verbo:

dexentar – dextento: *esquecer, esquecimento*

ludrar – ludra: *jogar a baralha, baralha*

macaiar – macaio: *fumar, tabaco, cigarro*

tiçar – tiça: *comer, comida*

2.1.3. Derivaçom genérica

É um dos recursos mais produtivos em barallete para criar novas palavras, devido à sua simplicidade e ao mesmo tempo efectividade. De

um termo masculino pode originar-se um feminino com diferente significação, ou de um feminino um masculino. Com frequência carecemos de dados para saber qual dos géneros foi o originário. Nalguns casos pudérom surgir os dous simultaneamente, isto acontece com derivados regressivos como *andólia*, “perna”, *andólio*, “pé”. Além de, como em galego comum, poder marcar diferença de tamanho ou forma, é característico desta gíria a utilização deste recurso formativo para criar novas palavras relacionadas com o significado do original nalgumhas das suas características, ou bem por associação metafórica ou metonímica, além dalgumha outra mais específica que oferecemos na relação que segue.

Também é original o uso da marca de género –o,-a para marcar sexo nalguns animais com que em galego se utilizam outras marcas mórficas (*doco*, *doca*). Na maioria dos casos o género destes pares de termos está determinado polo género que tenhem em galego, o qual ajuda a criar a derivação e a sua interpretação correcta. A continuação oferecemos alguns exemplos:

Diferença de tamanho:

zutra > zutro: janela, janela grande

Diferença de forma, de tamanho e forma ou de categoria:

bigarro > bigarra: bigode, barba

caixumela > caixumelo: caixa, baú

calcanta <> calcante²²: cadeira, banco

calmante <> calmanta: martelo, maça

chiám > chiana: carro, carreta

curuxol > curuxola: candil / lampiom, vela

maquino > maquina: caminho, rua

méixua <> méixuo: pousada, hotel

quilma <> quilmo: mochila, saco

remo > rema: garfo, colher

tarela <> tarelo: peseta, peso

xamonda <> xamondo: navalha, coitelo

(22) Utilizamos o duplo símbolo <> para sinalar os casos em que nom há dados suficientes para determinar qual dos dous géneros é o originário e qual o derivado.

Derivação metafórica:

gaurra <> gaurro²³: noite, negro
guinea > guineo: cabeça, chapéu
raiganho > raiganha: nabo, teta

Características comuns:

andólia <> andólio: perna, pé
oreta > oreto: água, caldo
queimom <> queimona: alho, cebola
raheira > ranheiro: sardinha, xurelo
zúrria > zúrrio: perna, pé

Relação fruta – árvore:

gulia > gulio: cereija, cerdeira
rabecha > rabecho: ameixa, fatom, ameixeira, fatoeiro

Gentílico – país:

castrapo > Castrapa: castelhano, Castela
garipo <> Garipa: galego, Galiza

Sexo:

doco > doca: cam, cadela
geno > gena: cabra, castrom

2.2. Formação de adjectivos

2.2.1. Sufixos formadores de adjectivos

Sufixos desubstantivais:

-aco,-a:	Béria → berriaco,-a: Astúrias, asturiano,-a
-eiro,-a:	tolme → tolmeiro-a: peido, peideiro,-a
-eno,-a:	Ancha → ancheno,-a: Castela, castelhano,-a
-ento,-a:	lorda → lordento,-a: merda, sujo, porco,-a frasca → frasquento,-a: merda, merdento,-a gil → gilento,-a: fame, famento,-a
-udo,-a:	xambouca → xamboucudo,-a: cabeça, cabeçudo

(23) Se *gaurra* procede do basco *gau*, podemos considerar que da primeira sai *gaurro*. Mas se nom for assim, entom com mais lógica de *gaurro*, “negro”, se originaria *gaurra*, “noite”, como acontece em calão, onde *negra* é noite, ou no argot espanhol onde encontramos a mesma situação em *negrera*.

Sufixos deverbais:

-ante:	andoliar → andoliente: andar, andarim chiscar → chiscante: beber, bebedor farelar → farelante: mentir, mentiroso intervar → intervante: entender, entendedor lavrenhar → lavrenhante: trabalhar, trabalhador
-dor:	intervar → intervador: entender, entendedor
-om,-ona:	pildar → pildona: cagar, porca

O número de adjetivos em baralhete é notavelmente inferior ao de substantivos, e por conseguinte também o dos sufixos formadores destes. Salientamos alguns como o gentílico *-aco,-a*, sufixo culto que em galego é átono, *austríaco*. Pudo acontecer que influíssem na sua pronúncia os sufixos diminutivos ou pejorativos tónicos com oclusiva velar surda: *-eco, -ico, -oco* e *-uco*: *libreco, fachico, bichoco, mulheruca*; mais populares do que o gentílico. Também gentílico é *-eno,-a*, presente em galego em termos como *chileno-a*.

Como observamos entre os formadores de substantivos, também se evidencia agora a produtividade do sufixo *-ante*, com que haveria que relacionar o sufixo *-ento,-a*, o seguinte mais produtivo, também com a seqüência fónica de nasal mais oclusiva linguodental.

2.2.2. Parassíntese

des + lexema + ento: descoirento, *desvergonhado*

Embora na forma galega “desvergonhado” nom haja um processo de parassíntese, mas do que podemos considerar derivação mista (já que há um primeiro processo de prefixação, *des-vergonha*, e a partir de aqui um de sufixação, *desvergonh-ar*, de cujo particípio procede o adjetivo “desvergonhado”), em baralhete podemos considerar um caso, pouco freqüente em galego, de um adjetivo formado por parassíntese: o prefixo *des-* e o sufixo *-ento* unem-se simultaneamente à base *coira*, “vergonha”, sem existir umha forma **coirento* ou **descoirar*. Isto acontece por ser percebido “desvergonhado” como um adjetivo sem vinculação com

qualquer verbo, desta maneira o falante de baralheite joga com os sufixos do idioma permutando-os com o fim de deformar mais a palavra original, dentro da lógica interna desta gíria, na qual -ento é um sufixo caracterizador com mais força do que o -do participio, quem indica mais propriamente um estado. Assim verificamos como na formaçom desta gíria nom se produz umha simples traduçom da morfologia do galego comum, mas umha original recriaçom.

Descoirento pode funcionar também como substantivo, mas incluímo-lo entre os adjectivos por o seu sufixo ser formador habitual destes, e assim ser sentido este termo polos falantes, como acabamos de verificar.

2.3. Formaçom de verbos

2.3.1. Sufixos formadores de verbos

Sufixos desubstantivais

- ar: balutra → balutrar: *peneira, peneirar*
 - berxena → berxenar: *igreja, rezar / ir à missa*
 - cachamea → cachamear: *cabeça, cabecear*
 - cestocho → cestrochar: *cesto, fazer cestos*
 - chiám → chianar: *carro, acarretar*
 - farela → farelar: *mentira, mentir*
 - filpo → filpar: *vulva, fornicar*
 - grila → grilar: *prostitua, fornicar*
 - maquino – maquinar: *caminhar com a roda de afiar, caminho, rua*
 - oreta → oretar: *água, chover / mejar / molhar*
 - pilde → pildar: *cu, defecar*
 - sua → suar: *lume, arder*
 - trena → trenar: *cárcere, encarcerar / prender*
 - xamonda → xamondar: *navalhar, cortar*
 - xoulo → xoular: *parvo, aparvar / dormir*
- ear: barrosanta → barrosantear: *música, tocar a gaita*
 - caixumela → caixumelear: *caixa, encaixar*
 - canea → canear: *hora, andar ou marcar as horas*
 - corrente → correntear: *azeite, azeitar*

cuçarra → cuçarrear: *cozinha, cozinhar*
 florete → floretear: *coito, fornicar*
 folhato → folhatear: *guarda-chuva, arranjar guarda-chuvas*
 talona → talonear: *pousada, comer na pousada*
 tolme → tolmeiar: *peido, peidar*

Sufixos deverbais

-arrar: assuar → assuarrar: *arder, queimar*

2.3.2. Prefixação

É um recurso pouco utilizado em baralhete e apenas o encontramos na formação de uns poucos verbos, e em todos os casos com o mesmo sufixo: -des. Este indica inversão do significado do verbo original:

Foscar > desfoscar: *dormir, acordar, despertar*
 Treinar > destreinar: *prender, abrir / pôr em liberdade*
 Xoular > desxoular: *dormir, acordar, despertar*

Assinalamos outro possível caso: *despechentar*, “forçar portas, baús, caixas, etc”. Este verbo parece sugerir a existência de um **pechentar*, “fechar”, nom registado.

2.3.3. Parassíntese

Modelo a) substantivo → verbo: a- + lexema + -ar

bigarra → abigarrar: *barba, barbear*
 fosca → afoscar: *cama, dormir*
 ganzua → aganzuar: *chave, fechar*
 goucha → agouchar: *mao, colher, segurar*
 mordate → amordatar: *dente, rir*
 sua → assuar: *lume, arder*

Modelo b) adjectivo → verbo: en- + lexema + -ar

frete → enfretar: *frio, enfriar*

A formação de verbos por derivação reduz-se a utilização dos sufixos de uso mais popular -ar e -ear, acrescentado-se um caso de -arrar.

Nom se regista qualquer caso com outros sufixos verbais produtivos no galego moderno, como –ejar ou –ecer; este último por serem utilizados apenas verbos da primeira cojugação em barallete, com as excepções de *amecer*, (ser, estar, ter) *apurir* (pagar), *caxir* (dar) e *gandir* (comer). Todas as formas procedem de substantivos, com a excepção de *assuarrar*.

Os sufixos –ar e –ear som permutáveis nalguns verbos:

bocalar – boquelear: *disparar*

trincantar – trinquetear: *cortar com tesoura*

xoular – xoulear: *dormir*

Nalguns casos, como já ficou advertido ao falar da derivação regressiva, por desconhecimento do étimo, nom podemos ter a certeza de estarmos ante um derivado verbal de um substantivo, ou ante o resultado de derivação regressiva do verbo:

dexentar – dexento: *esquecer, esquecimento*

ludrar – ludra: *jogar a baralha, baralha*

macaiar – macaio: *fumar, tabaco, cigarro*

tiçar – tiça: *comer, comida*

É especialmente interessante o caso do sufixo –arrar (*assuarrar*), inexistente em galego e formado por reduplicação silábica com significado intensivo, de maneira que se produz umha equivalência entre significante e significado, isto é, duplicasse o sufixo indicando que se aumenta a intensidade da acção ou do resultado da acção, passando de arder a queimar.

A formação parassintética segue os modelos do galego comum mas reduzido ao tipo a + lexema + ar, com a excepção de *enfretar*, trás o qual se identifica a influência directa do galego “enfriar”. Também se pode formar um mesmo verbo com os dous recursos vistos: *suar* e *assuar*.

2.4. Formação de advérbios

A maioria dos advérbios do barallete procede, como já foi visto, da forma galega desfigurada com algum sufixo. Dentro do próprio léxico do barallete podem formar-se novos advérbios com o sufixo –mente, da mesma maneira que em galego comum:

baril → barilmente, *bom, boa, boamente*

2.5. Sufixação apreciativa

Os sufixos apreciativos em baralhete som os mesmos do galego comum e com os seus mesmos usos. O mais freqüente é, portanto, *-inho,-a*:

doquicadelinha, *cadelo*,
zutinha, *machadinha*,
zutrinha, *janelonha* ,-o.

Nalguns casos aparece lexicalizado:

altamirinha, *mesa de cabeceira*, *de altamira*
belbinhau, *polícia mnicipal*
xinadinha, *senhorita*
xuinha, *fósforo*, *de xua*, *lume*.

Chama a atenção a presença do sufixo diminutivo *-elo,-a*, documentado numha voz: *coizarela*, (com o infixos /r/), “velhinha”. Este diminutivo tem hoje umha baixa produtividade em galego, usando-se na maioria dos casos lexicalizado, o qual pode ser umha pista para argumentar a favor da antiguidade deste termo e da própria gíria.

Devemos citar o caso especial de *furguela*, “rapariga”, feminino de *furgas*, “rapaz”²⁴, onde observamos como a esta insólita formação feminina galega lhe corresponde em baralhete também a insólita, na função de género, *-ela*, com o qual se verifica o total paralelismo que rege a formação do baralhete desde o galego. O sufixo *-iga* de rapariga foi sentido como originalmente diminutivo, e o falante de baralhete procurou outro sufixo também diminutivo e ao mesmo tempo nom usado como sufixo flexional feminino em qualquer outra palavra.

Entre os aumentativos o sufixo *-om* pode usar-se lexicalizado em paralelo com o correspondente equivalente galego. No termo *docom* (de *doco*, “cam”), moeda antiga de dez cêntimos denominada cam, cam grande, pataco ou patacom em galego, parece produzir-se um cruzamento entre o sentido de “cam grande” e o sufixo de “patacom”.

(24) Também seregistam as formas *furga*, feminino face a *furgo*, masculino.

Bibliografía

- ÁLVAREZ ÁLVAREZ, Domingo (1965), *Jergas de Galicia. La de los tejeros, canteros, albañiles y paragüeros*, Tomiño-Pontevedra.
- BENVENISTE, Émile (1974), *Problemas de Linguística Geral I e II*, Campinas, São Paulo, Pontes, (1989).
- BESSES, Luis (1905), *Diccionario de Argot Español*, Cádiz, Universidad de Cádiz, (1989).
- COELHO, Adolfo (1892), *Os ciganos de Portugal, com um estudo sobre o calão*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, (1995).
- GARCIA, Constantino (1985), *Glosario de Voces Galegas de Hoxe*, Verba, anuario galego de filoloxía, Anexo 27, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.
- FERNÁNDEZ FERREIRO, Xosé (1980), *A saga dun afiador*, Vigo, Edicións Xerais (1992).
- FERNÁNDEZ REI, Francisco (1990), *Dialectoloxía da lingua galega*, Vigo, Xerais.
- FERREIRO, Manuel (1997), *Gramática histórica galega II. Lexicoloxía*. Santiago de Compostela, Edicións Laiovento, (2001).
- FIDALGO SANTAMARIÑA, Xosé Antón (1988), “A fala dos ambulantes ourensáns estudados”, in FIDALGO SANTAMARIÑA, X.A. e RODRIGUEZ FERNANDEZ, F., *Cinco profesións ambulantes ourensáns*, Ourense, Caixa Rural Provincial de Ourense.
- FIDALGO SANTAMARIÑA, Xosé Antón (1992), “A linguaxe especial do oficio do afiador ambulante” in *O Afiador*, Vigo, Ed. Ir Indo.
- FIDALGO SANTAMARIÑA, Xosé Antón (1998), “O ‘Barallete’, linguaxe especial de oficio dos afiadores ambulantes ourensáns”, in *Raigame* 6.
- FREIXEIRO MATO, Xosé Ramón (1999) *Gramática da Língua Galega. III. Semántica*. Vigo, Edicións A Nosa Terra.

- MARTÍNEZ MÁRQUEZ, José Ramón Julio (1996), *El Nuevo Tocho Cheli. Diccionario de Jergas*, Madrid, Ediciones Temas de Hoy.
- NOBRE, Eduardo (1986), *Dicionário de Calão*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, (2000).
- PAZ PÉREZ, Carlos (1996), *Diccionario Cubano de Términos Populares y Vulgares*, La Habana, Editorial de Ciencias Sociales.
- RAMON E FERNÁNDEZ OXEA, José (1953), “O Barallete. Jerga de los oficios ambulantes de la provincia de Orense” in *Revista de Dialectología y Tradición Popular*, Tomo IX.
- RAMON E FERNÁNDEZ OXEA, Xosé (1968), “O Barallete” in *Santa Marta de Moreiras*, Sada-A Coruña, Ed. do Castro (1982).
- SALILLAS, Rafael (1896), *El delincuente español. El lenguaje. (Estudio filológico, psicológico y sociológico). Con dos vocabularios jergales*. Edição digital baseada na edição de Madrid, Librería de Victoriano Suárez, 1896, <http://cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/068146068722516230424822/>

R. Otero Pedrayo, modelo de Educador Galego, teórico e práctico

José Paz Rodrigues

(Universidade de Vigo)

A grande figura que é para Galiza Ramom Otero Pedrayo, em todos os campos da cultura, obscureceu um pouco o seu grande labor de educador. Tema não menos importante do que o de escritor em todos os géneros (romance, teatro, ensaio e poesia), investigador, político e orador excepcional, que tem muito a ver com a sua pedagogia. A sua faceta de educador teórico e práctico é bem merecente de uma tese de doutoramento. Eis um formoso tema para que um jovem investigador pedagógico realize a sua tese sobre Otero Pedrayo como pedagogo.

Ainda se está a tempo de recolher exemplos do seu excelente labor pedagógico como docente no Instituto de Ourense (que agora leva justamente o seu nome) e na Faculdade de Filosofia e Letras de Santiago de Compostela. Felizmente ainda existem os documentos vivos que são seus ex-alunos e alunas, muitos deles com morada na cidade de Ourense.

Otero, uma grande pessoa

Não é fácil, num simples artigo, reflectir o que Otero Pedrayo foi como educador teórico e práctico. Este aspecto é tão importante nele que requeria uma investigação muito ampla e profunda como já asseveramos mais acima. Este artigo não deixa de ser uma pequena aproximação a Ramom Otero Pedrayo pedagogo.

Pola nossa idade, conhecemos muito pouco o professor Otero. Só nos últimos anos da sua vida, já reformado e como conferencista. Lembramos com carinho as conferências que lhe escutávamos no antigo Círculo Recreativo de Artesanos e no Orfeón Unión Ourensano. Como orador era uma maravilha. Nós tivemos a sorte de deliciar-nos do seu cáldido verbo em vivo. Era tão extraordinário que os assistentes não se iam ainda que foram as onze da noite. Podia-se estar escutando-o com verdadeiro prazer horas e horas sem se aborrecer.



Don Ramón Otero Pedrayo
Catedrático
(Federación Republicana Galega)

Otero nos anos da Segunda República,
catedrático do Instituto de Ourense.
Membro da Federação Republicana Galega.

Polo que respeita a outros dados sobre Otero pedagogo tivemos que recorrer, além dos recordos de algum que outro ex-aluno, entre outros, à ex-professora do Colégio das MM. Franciscanas D^a Ângela Pérez Fernández, o ex-professor do CEIP «Curros Enríquez» Antón Vázquez Martín, e a mestra reformada Maria González Fernández, aos excelentes trabalhos de Carlos Casares¹ e Filgueira Valverde², à monografia editada pola Junta com motivo da efeméride das Letras Galegas dedicado a Otero Pedrayo em 1988³ e a três livros essenciais para o tema que nos ocupa, do próprio Otero: *Prosa miúda*⁴, *Ensaio sobre a cultura galega*⁵, *História de Galiza* (como coordenador)⁶, *Pelerinaxes*⁷, e a gravação em cassete da sua conferência proferida em Buenos Aires o 26 de Julho de 1949 sobre «A paisagem galega, as suas leis e tipos»⁸.

Existe um denominador comum na apreciação da figura de Otero, que têm todos os que o conheceram ou investigaram sobre ele: que Otero era uma pessoa excepcional. Com valores positivos, com sensibilidade, com humor e simpatia, com veracidade, com coerência, com carácter agradável, com optimismo, com vitalidade. Compreensivo, amigável... Em fim, com todas aquelas qualidades humanas necessárias para poder ser um excelente pedagogo, especialmente prático e não só teórico. A escala de valores que adornava a personalidade de Otero era a idónea para chegar a ser um excelente educador. É o que lhe dizemos aos nossos alunos que vão ser mestres: Não se pode ser bom docente ou educador se antes não se é uma boa pessoa. Isto é prioritário à aprendizagem de teorias pedagógicas e de técnicas e estratégias didácticas. E depois amar tudo o que

(1) Carlos Casares, *R. Otero Pedrayo*, Galáxia, Vigo, 1980.

(2) José Filgueira Valverde, *Con Otero Pedrayo*, Traslva, ed. do Padroado Otero Pedrayo, 1990.

(3) AA.VV. *Ramón Otero Pedrayo (1888-1976)*. Dia das Letras Galegas 1988, Santiago de Compostela, Junta de Galiza, 1988.

(4) R. Otero Pedrayo, *Prosa miúda. Artigos non coleccionados (1927-1934)*, Ed. do Castro, Sada 1988.

(5) R. Otero Pedrayo, *Ensaio sobre a cultura galega*, Lisboa 1932, Guimarães Editores, 1954.

(6) R. Otero Pedrayo (coordenador), *História de Galiza*, (3Vols.) Ed. Nós, Buenos Aires, 1962. Existe uma edição de tamanho reduzido em Akal, Madrid, 1979.

(7) R. Otero Pedrayo e outros, *Pelerinaxes*, Ed. Nós, Corunha 1929. Existe uma edição facsimilar em Ed. do Castro, Sada, 1993.

(8) R. Otero Pedrayo. *A paisaxe galega, as suas leis e tipos*, Buenos Aires, 26 de Julho de 1949, Federación de Sociedades Galegas. Livro e cassete. Santiago de Compostela, Conselho da Cultura Galega, 1998.

se leve à frente nas aulas e fora delas (seguindo o pensamento de Tagore).

Segundo diz Marino Dónega na biografia de Otero escrita por Casares, Otero era uma pessoa otimista, «com optimismo vital», que a nós nos lembra o dos grandes pedagogos da Escola Nova que acreditavam profundamente na educação, como foram Reddie, Demolins, Geheeb, Decroly, Montessori, Tagore, Freinet, Lodi, Rodari, Giner ou Cossio e também o nosso Biqueira.

O mesmo Dónega continua a falar das virtudes humano-pedagógicas de Otero: o seu apreço pela mocidade que exaltava e louvava em todo momento «como futuro de uma Galiza remida, formosa e cheia de pulo criador», a sua atitude romântica mas harmónica, a sua sensatez, o seu liberalismo moral frente aos liberalismos que só valoram o ter e não o ser, a sua coerência em toda a sua vida, radical, plena ou total, e especialmente consigo mesmo. O próprio Dónega lembra o que lhes explicava Otero aos seus alunos de 5º de Bacharelato na disciplina de História: «há que acreditar na bondade humana e na coordenação da liberdade de cada um com a liberdade dos demais».

Otero como aluno

«Incompatibilidade absoluta com a escola. Cregos mestres na casa. Muito mimo...» Desta maneira escreve sobre si mesmo o próprio Otero em 1935 num breve esboço autobiográfico que lhe enviara ao professor Filgueira Valverde. A Otero não lhe atraía nada aquela escola tradicional. Não queria ir à escola -a gente lembra-se agora dos formosos desenhos de Castelão no Album Nós, relativos a este tema- e o dia que os pais o mandaram à escola das senhoras de Hermida na mesma rua da Paz, os berros que lançou, para não ir, alvoroaram os



Otero na época de professor do Instituto de Ourense.



O rosto de Otero revela as qualidades de uma pessoa excelente: amável, de carácter agradável, otimista e com vitalidade..., importantes características de um bom educador.



Otero na época em que exercia como catedrático da Universidade de Compostela.

vizinhos da rua. Resulta surpreendente que nisto se pareça a outros grandes pedagogos que odiavam a escola como Andrés Manjón e Tagore.

Sendo excelente observador como era, com essa sensibilidade fora do comum pela paisagem, as pessoas, a natureza, o património e todas as cousas (por isso chegou a ser grande geógrafo), não deve estranhar que a melhor escola fosse para ele o entorno no que vivia e caminhava, um excelente meio educativo, tanto na cidade de Ourense na que morava, como nas férias em Trasalva, a onde era levado ao Paço familiar por seu pai. E também o ambiente familiar, as conversas do lar, e as numerosas visitas de intelectuais, políticos e artistas que acudiam à casa paterna da rua da Paz ourensana. Além dos brin-

quedos e jogos infantis, muitos deles na companhia de Vicente Risco, que vivia no primeiro andar da mesma casa de Otero.

Ao não gostar da escola tradicional naquela altura, existem muito poucos dados sobre o ensino primário. Em Setembro de 1898 ingressa Otero com dez anos no Instituto Provincial de Ourense, onde se faz amigo de Cuevilhas, que ingressara dous anos antes, e com o qual manteve sempre grande amizade o mesmo que com Risco. Da sua passagem polo Instituto ourensano, entre outras cousas, Otero lembra com carinho a dous dos seus professores. Em primeiro lugar a D. Marcelo Macias ao que considera um verdadeiro mestre, no senso amplo da palavra. Também ao professor de Geografia e História D. Eduardo Moreno López, que era considerado por Otero como um excelente pedagogo e brilhante orador. É provável que fosse este docente um dos que mais influências exerceu sobre um Otero de por si com



Otero acompanhado da sua mãe e da sua esposa.



Otero estudante da Faculdade de Letras da Universidade Complutense de Madrid. Numa excursão ao Escorial está acompanhado do seu professor de Teoria da Literatura e das Artes, Andrés Ovejero -um dos poucos bons docentes, segundo Otero, daquela universidade- e dos seus companheiros de turma. Otero é o segundo pola esquerda da última fila.

excelentes qualidades para observar a realidade e o entorno, tal como já dissemos dantes. Do que mais se lembra Otero é de que o professor Moreno organizava com os seus alunos excursões escolares. Entre elas salienta as feitas a Alhariz, Cela Nova, Junqueira de Ambia, Ribadavia e S. Pedro de Rocas.

No *Livro dos amigos* (1953), Otero dedica-lhe um formoso capítulo ao seu mestre Eduardo Moreno López do que diz, entre outras cousas, «Talvez ele não se dava inteira conta do ronsel que deixavam em mim as suas explicações...» Parece ser, segundo diz Casares na sua biografia, que a simpatia entre o docente Moreno e o discente Otero era mútua. Estes factos revelam o importante que é ter bons mestres. E Moreno era-o. Inclusive didacticamente era um adiantado para o seu tempo em métodos e recursos do professor, pois estamos a falar de fins do século XIX.

Ao término dos estudos secundários decide realizar o Curso de Ampliação de Letras na Universidade de



Na foto tirada por Augusto Pacheco, Otero aparece com os seus alunos e alunas, num dos pátios do Instituto de Ourense, que leva hoje o seu nome.



O professor Otero com os seus alunos do Instituto de Ourense, em Maio de 1949, nas escadas do jardim ourensano do Possio.

Ali, na antiga Univ. de Noviciado-S. Bernardo, estuda Letras e Direito. Otero tampouco gosta do ensino que ali se ministra. Considera que as aulas são medíocres e os docentes o mesmo quase todos. Entre eles só salienta, como verdadeiros pedagogos, a quatro: a Andrés Ovejero que leccionava a disciplina de Teoria da Literatura e das Artes; ao professor Garbin, responsável das aulas de Literatura Latina, do que Otero chega a dizer que era «um dos poucos bons mestres inspirado, amigo do estudante, apaixonado como um humanista do século XV...». Também destaca os professores de História do Direito D. Eduardo Hinojosa e o Dr. Sales i Farré de História Universal, Moderna e Contemporânea.

Em Madrid Otero reconhece uma vez mais que as maiores influências educativo-culturais que recebe são as das tertúlias nas que participa, especialmente as do Ateneu de Madrid, onde está em contacto diário com as figuras culturais, literárias e políticas do momento, que foram importantes para a sua formação humanística. Foram também muito importantes as suas

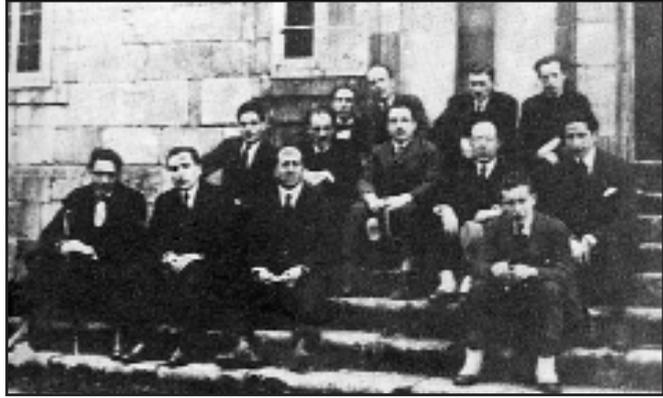


Otero na sua cátedra com os estudantes da Universidade de Santiago de Compostela.

Santiago de Compostela. Primeiro por livre, desde Ourense, e depois no último trimestre marcha a Compostela onde fica decepcionado da Universidade e dos seus docentes. Entre eles só destaca a D. Armando Cotarelo Valledor e as suas estupendas aulas.

Com dezassete anos, em Setembro de 1905, marcha para Madrid.

numerosas leituras, quer literárias, quer sobre geografia, história e filosofia. Otero lembra com carinho a Matias Vilanova -inclusive com páginas dedicadas no seu romance *Arredor de si* e no *Livro dos amigos* -que era o que lhe fornecia a maioria dos livros. Devido às suas leituras,



Otero -segundo pola dereita, na segunda fila- em Monforte de Lemos, numa juntaça das Irmandades da Fala. Está acompañado, entre outros, por Castelao, Vilar Ponte, Lousada Diegues e Manuel António.

Otero chegou a atingir um grande nível cultural e conhecer a literatura, sobretudo de língua francesa e inglesa do momento. Não esqueçamos que foi o primeiro que escreveu na Galiza sobre o *Ulysses* de Joyce. A sua excelente biblioteca que ainda se conserva no Paço de Trasalva, revela a importância que tiveram na sua formação os livros e as leituras. Eis outro estupendo tema para investigar: Otero leitor.

Otero, um pedagogo prático excelente

Ramom Otero Pedrayo volta a Ourense, a sua cidade natal, no ano 1911. Desde o primeiro momento, Otero implica-se na vida cultural e social daquela cidade ourensana que tinha naquela altura perto de quinze mil habitantes. Sem embargo, mais vida cultural e dinamismo do que o que tem agora com cento e dez mil. Anos de sã rebeldia da mocidade para Otero e os seus amigos Risco, Cuevilhas e Primitivo R. Sanjurjo. As tertúlias, os jornais, o teatro e mesmo o cinema, exerceram profunda pegada em todos eles, que terminaram por implicar-se mais, por exemplo, nas tertúlias da Comissão de Monumentos e, especialmente, no Ateneu de Ourense fundado no ano 1914, e de cuja junta directiva Otero seria o primeiro tesou-



Otero em Portugal



Otero é o primeiro pola esquerda, acompañado por varios membros do SEG., entre os quais destacan : Cuevilhas, Risco, Carro, Filgueira e Abelardo Moralejo (este último profesor de Latim e Árabe na Universidade Compostelana).

reiro. Em 1917 nasce *La Centuria* da qual Risco é a «alma mater» e na que colabora também Otero.

«Muitos de nós andávamos em Madrid como sem bússola, como o Solóvio da novela, comenta-lhe Otero a Freixanes numa entrevista do livro *Unha ducia de galegos*⁹. «Em fim: figem-me universal- continua Otero- (...) os meus anos de Madrid (...) foram naquela altura uma procura sem acougo (...) não conseguia a identificação que arelava. Quem era eu? (...) Quanto me custou descobrir a nossa Terra dando voltas polo universo e os livros!». Assim falava Otero, que ingressa no galeguismo no ano 1918, da mão de Lousada Diéguez e das «Irmandades da Fala», criadas em 1916 na Corunha por Vilar Ponte. O primeiro artigo de temática galega publica-o Otero em *La Región* o 13 de Janeiro de 1918. A partir desse momento e até à sua morte, não deixou de escrever sobre a sua amada Galiza e dos temas mais variados. Colaborou com os seus escritos em múltiplas publicações: *La Centuria*, *Nós*, *A Nosa Terra*, *El Pueblo Gallego*, *Galicia*, *Céltiga*, *El Heraldo de Galicia*, *La Noche...* Outra maneira de desenvolver uma pedagogia cívica, a prol da sua terra. Segundo Casares, Otero foi «um dos colaboradores mais prolíficos de toda a história da imprensa galega». Escreveu também para as publicações da emigração galega na América e para Portugal. Sobre as relações da Galiza e Por-

(9) Victor Fernández Freixanes, *Unha ducia de galegos*, Galáxia, Vigo, 1976.



Otero, acompanhado por Ricardo Carvalho Calero (à sua direita), participando num encontro cultural galaico-português.

tugal chegou a dizer isto de máxima importância: «Galiza é uma prolongação de Portugal ou Portugal uma prolongação da Galiza. O mesmo dá».

Além do seu estupendo labor de pedagogo cívico com a riquíssima prosa dos seus múltiplos artigos, Otero desenvolveu outro extraordinário labor no Seminário de Estudos Galegos criado no mês de Outubro de 1923. Otero dirigiu no mesmo a secção de Geografia. Pola sua parte Manuel Diaz Rozas dirige a secção de Pedagogia, que elabora os estatutos do «Padroado da Escola Rural Galega», um interessantíssimo projecto educativo para a escola galega, não alheio ao próprio Otero.



Em Compostela, numa das juntanças do Seminário de Estudos Galegos. Otero é o sexto pola esquerda sentado. Aparecem também na foto, entre outros, Cuevilhas, Risco, Bouça-Brei, Carro e Filgueira.

Ramom Otero Pedrayo tem um labor muito destacado no Seminário investigando sobre a geografia e a arte da Galiza e nos excelentes trabalhos de equipa investigando nas terras do Deça e de Melide. Dentro das Missões do Seminário, organiza com outros e pronuncia numerosas conferências de



Uma das facetas mais importantes de Otero: a de orador.

divulgação em todas as cidades e em muitas vilas galegas. Este é outro excelente labor pedagógico de Otero, que nunca abandonaria.

Como professor de ensino secundário, Otero aprova por concurso livre a cátedra de Geografia e História em Março de 1919 e o 23 desse mesmo mês e ano toma posse da do Instituto de Burgos. Por permuta com um companheiro, no curso de 1919-20 passa a ocupar a mesma cátedra no Instituto de Santander. Por concurso de traslado, já no curso seguinte, 1920-21, ocupa a do Instituto de Ourense. A partir de Outubro de 1920 e até ao ano 1937, Otero desenvolve no Instituto ourensano um labor pedagógico e didáctico excepcional, reconhecido pela totalidade das gerações de alunos que passa-

ram polas suas aulas. Foram dezassete anos de labor docente enormemente frutífero. Aquelas mesmas palavras que Otero usou para destacar a valia pessoal e educativa dos seus mestres Eduardo Moreno no Instituto e Garbin na Universidade, são quase as mesmas que os que foram os seus alunos usam para qualificar o seu mestre Otero. «Mestre» com maiúsculas, inspirado, amigo dos alunos, compreensivo e tolerante, apaixonado com as suas explicações e a sua terra, flexível e carinhoso, sempre disposto a ajudar e, especialmente, um magnífico orador, manancial de palavras... Todos coincidem em que as suas aulas eram verdadeiras lições magistrais. Tema no que coincidem posteriormente os seus alunos de Compostela.

Mas Otero é afastado definitivamente do ensino o 21 de Agosto de 1937 pola Junta Técnica del Estado, causando baixa no quadro de catedráticos de ensino secundário do Estado. Os franquistas triunfadores polas armas não podiam tolerar o exercício nobre docente de Otero e fica sem a cátedra de Geografia e História do Instituto de Ourense. E menos mal que salvou a vida! Por ordem ministerial do 21 de Setembro de 1948 é de novo repostos na sua cátedra, passando a ser professor agregado de Geografia e História no Instituto de Ourense a partir do 28 de Outubro desse mesmo ano. Foram onze longos anos os que privaram a aquele centro ourensano do verbo cálido de Otero. Agora volta às aulas que nunca devera abandonar só durante dous anos. Os dias 20 e 21 de Março de 1950 concorre brilhantemente à cátedra de Geografia da Faculdade de

Filosofia e Letras da Universidade de Santiago. Finalmente, superadas as provas, o 16 de Outubro desse mesmo ano dá a primeira classe aos alunos de 5º ano e pronuncia ao dia seguinte a lição de abertura. Com todo merecimento, Otero acabava de converter-se no primeiro professor titular da Cátedra de Geografia em toda a história da Universidade compostelana. O seu labor docente magnífico, lembrado com carinho por todos, não se limita unicamente às aulas do antigo edifício universitário. Como em Ourense, estende-se à cidade compostelana, às publicações e investigações, ao relacionamento com os estudantes, às colaborações jornalísticas, às tertúlias do «Espanhol» e a escrever. Os oito anos que Otero esteve em Compostela como professor foram de verdadeira e frutífera docência universitária, mantendo sempre viva a emoção nos seus alunos e mesmo nas pessoas de Compostela que de



O seu labor pedagógico de conferencista foi sempre excelente.

ando uma lição magistral ao ar livre em Padrom o 8 de Abril de 1968, dia de Rosalia de Castro.



Dando uma lição magistral ao ar livre em Padrom o 8 de Abril de 1968, dia de Rosalia de Castro.



Apoiando a difusión do libro galego, no acto de abertura de uma mostra do Livro Galego.

quando em vez se filtravam nas suas aulas para escutar aquela fonte garimosa de palavras. O próprio Otero diz-lhe a Freixanes na entrevista comentada anteriormente «Os oito anos em Compostela foram os mais alegres da minha vida». Carlos Casares, sobre o particular, escreve umas formosas frases dedicadas a Otero nas que se reflecte de forma prístina a grande valia pedagógica de D. Ramon: «A universalidade cultural do humanista enchia com a sua voz o velho claustro da Faculdade, onde punha um acento de nobreza de espírito, de altura científica,

de inteligência, de alegria e de simpatia, que pronto souberam cativar tanto os discípulos como os companheiros de tarefas académicas»¹⁰.

O 5 de Março de 1958, Otero cumpre 70 anos e portanto deve reformar-se. Com tal motivo esse dia tem lugar no paraninfo um acto solene presidido polo Reitor e os decanos. No mesmo, Otero, rodeado de amigos vindos de toda Galiza e dos estudantes que tanto lhe queriam, pronuncia a derradeira lição universitária. A lição foi em galego «porque ao falar em galego -disse- sinto-me abraçado à minha Terra» e sobre um formoso tema: «Uma visão geral da Galiza». Carlos Casares, com muito acerto, volta a dizer deste acto: «Foi escutado no meio dum silêncio respeitoso no que palpitavam encontrados sentimentos: era a alegre coroação de uma grande biografia, mas era também a tristeza de um adeus a oito anos de estadia em Compostela, os oito anos mais ledos da vida do protagonista». Era também o dia em que deixava de ser docente prático, com dezanove anos de magistral exercício no ensino secundário e os oito sinalados no nível universitário

(10) Carlos Casares, *R. Otero Pedrayo*, Galáxia, Vigo, 1980, p. 183.

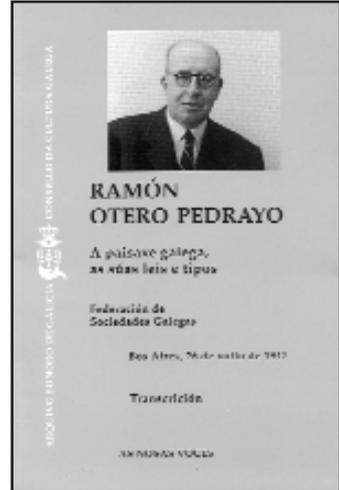
Lembranças pedagógicas

Falando da destacada figura de Otero nos seus dias de vida e ensino em Compostela, Carlos Casares sinala entre outras cousas: «Os estudantes sabem que é um professor da Faculdade de Filosofia e Letras com fama de sábio e homem de bem, dos que nunca reprovam». Um dos seus ex-alunos da Universidade compostelana, Ramón Lorenzo, no seu artigo de 1958, falando do seu professor Otero, diz: «os exames magoavam-no»¹¹.

Neste tema Otero coincide plenamente com um grande pedagogo espanhol, D. Francisco Giner de los Rios, da «Institución Libre de Enseñanza» (ILE), o qual odiava tanto os exames que no artigo segundo dos Estatutos proibia taxativamente fazer exames na sua escola. Isto lembra-nos também o nosso admirado Tagore que tampouco gostava dos exames na sua escola de Shantiniketan. Já mais perto de nós, lembramos o nosso professor da Escola Normal D. Bruno Martínez Díez, que sofria muito se tinha que reprovado alguém.

Parece ser que Otero só reprovou uma vez uma aluna na Faculdade compostelana. Além disso, nem no Instituto, nem na Universidade, nunca reprovou. Ainda que este dado haveria que o comprovar mais pormenorizadamente. A mencionada aluna não assistia regularmente às aulas de Geografia da disciplina que D. Ramon ministrava e teve que lhe fazer um exame oral. Às perguntas formuladas polo professor Otero a aluna não sabia que contestar. Então D. Ramon perguntou-lhe o motivo. A discípula comentou que todos lhe disseram que aquela matéria era uma «maria» polo que não a estudara. Longe de zangar-se por esta asseveração, o velho professor deu-lhe uma oportunidade para poder aprovar. Disse-lhe que contara com as suas palavras tudo o que de Compostela se podia ver pola janela da aula. E de novo a discente não soube que dizer. Sem embargo teve que escutar a formosa conferência que Otero lhe pronunciou sobre o que desde ali se observava e voltou para examinar-se em Setembro...

Os ex-alunos/as que mencionamos ao começo do nosso artigo contaram-nos várias anedotas simpáticas de Otero nas suas aulas. No institu-



A sua conferência sobre a paisagem galega dada (Buenos Aires, 26-07-1947), recuperada recentemente na sua própria voz.

(11) AA. VV. *Ramón Otero Pedrayo, a sua vida e a sua obra (Homaxe da Galicia Universal)*, Caracas, 1958, p. 89.

to uma vez perguntando-lhe a um rapaz sobre as Guerras médicas, este contestou-lhe que foram três: a primeira, a segunda e a terceira. Otero, com esse seu fino humor, disse-lhe: «Está bem», à tua idade percebo que não che interessam as guerras médicas, pois estás na idade para interessar-te outras cousas. Ou aqueloutra quando um aluno pronuncia à castelhana o nome de «Shakespeare» e um companheiro lhe indica como deve pronunciar-se em inglês. Ao escutá-lo, Otero diz: «Muito bem» e passa a falar-lhes aos rapazes em inglês.

Formosa foi também aquela quando na época republicana, no papel de inspector de ensino secundário, fez uma visita à comarca de Monte Rei. Perguntando-lhe a um moço polo rio que por ali passava, não soube que contestar e os seus companheiros apontaram-lhe o nome. Ele percebeu mal e disse: «O Tâmesis!». Otero, com um sorriso, disse-lhe: «Muito bem, nada tem que lhe invejar o nosso formoso Tâmega ao Tâmesis».

Uma das suas ex-alunas, já reformada como professora do colégio das MM. Franciscanas, também com uma grande memória e excelente educadora, Ângela Pérez, verdadeira admiradora de Otero, fala sem parar das excelências docentes do mestre e comenta que era tão bom docente que mesmo quando ia ou vinha de Compostela no Castromil, ao sentar-se ao seu lado aproveitava para falar-lhe da paisagem, da geografia, das aldeias, da vida e das pessoas que se iam vendo, dos montes e dos vales, das árvores e pássaros, dos rios, das fontes das lendas e dos nevoeiros...

A mestra mencionada levava muitas vezes à casa de Otero da rua da Paz as suas alunas para estar com ele, depois da sua reforma. E era um verdadeiro prazer estar com ele e escutá-lo. Para as estudentas resultou sempre uma experiência inesquecível, segundo nos conta com alegria e saudade D. Ângela.

Mas, os melhores documentos publicados com lembranças dos seus alunos recolhem-se no livro publicado no ano 1958 em Caracas com o título de Ramón Otero Pedrayo, a sua vida e a sua obra. No mesmo, o já mencionado Ramón Lorenzo, escreve um depoimento com o título de «A minha lembrança do mestre». Nele, entre outras cousas diz: «Ali, nas suas aulas, gostei, como outros companheiros da sua grande verbosidade. Porque D.



O roteiro de Otero, Risco e Ben-Cho-Shei, de Ourense a Sto André de Teixido, é um modelo de roteiro didáctico prático.

Ramom para nós era um catedrático, era um amigo, um companheiro que nos dirigia e nos dava folgos. Era um amigo mais velho, sempre com o espírito jovem, que só gozava falando-nos». É pena que o Sr. Lorenzo não seguisse os métodos do seu tocaio Otero, nas aulas de Língua e Literatura Galega posteriores.



Otero dando uma palestra aos alun@s do Colégio C. Arenal de Ourense. À sua direita está Joaquim Lourenço (Jocas).

Do mesmo livro queremos salientar, polo que tem de paradigmático, a opinião de outro dos seus ex-alunos, que chegou também a ser catedrático em Compostela. Estamos a referir-nos a Gonzalo R. Mourullo que, entre outras cousas, no seu depoimento intitulado «Catro momentos de Don Ramón» diz na página 21:

«São tantas as palavras que nom cabem na aula.

O estudante moço de Compostela não está em Compostela.

D. Ramom segue falando. Tampouco ele está onde está.

É a voz de todos os rios despenhando-se montanha abaixo. É a voz de todos os mares batendo-se nos rochedos, É a voz de todos os ventos que se penteia nas árvores. É a voz doce e prometedora do mencer. É a voz forte e equilibrada do meio-dia. É a voz amargada e desenganada do solpor.

Dom Ramom é a voz da Galiza

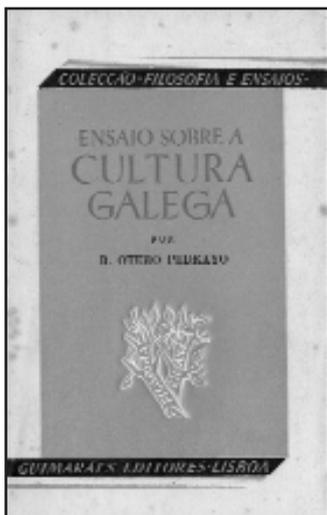
As palavras são tantas que não cabem na aula

—«A hora», diz alguém.

Deixam todos os rios de despenhar-se montanha abaixo. Deixam todos os mares de bater-se nos rochedos. Deixam todos os ventos de pentear-se nas árvores. O estudante moço de Compostela sente-se pequeno. Pequeninho. Tem ainda no seu peito a sensação de vértigo. Tem que atravessar toda uma distância. Logo chegará a Compostela».

Epílogo: as ideas educativas de Otero Pedrayo

Otero chegou a ser un vulto importantísimo para a nosa cultura, que todos debemos lembrar e tratar de seguir o seu exemplo. De homem íntegro, coherente, construtivo, de ética profunda... E tamén levar à práctica, os docentes, os seus principios educativos, tanto teóricos como prácticos.



Guimarães Edit. publicou en Lisboa o seu Ensaio sobre a cultura galega (1954).

A Historia de Galiza en tres volumes, editada en Buenos Aires e coordinada por D. Ramon é unha excelente obra que nos amosstra moitos dos valores pedagóxicos e ideas do Mestre. O Ensaio sobre a cultura galega, publicado inicialmente en castelano no ano 1932 pola editorial Nós de Santiago e do que nós temos a sorte de posuír na biblioteca privada a edición portuguesa do ano 1954 dada a lume por Guimarães Editores de Lisboa, é un libro excepcional, básico dentro da bibliografía oteriana. O libro *Pelerinaxes* editado no ano 1929 tamén por Nós, no que se recolle o roteiro levado a cabo por Risco, Ben-Cho-Shei e o propio Otero Pedrayo a Santo André de Teixido, é un verdadeiro modelo de roteiro didáctico práctico, agora que tanto se fala de saídas escolares, de xeiras e prácticas de sendeirismo. O Guia de Galicia, publicado por Galaxia en sucesivas edicións, continua a ser modélico, para coñecer paso a paso as comarcas da Nosa Terra. E aínda os seus estupendos libros de texto publicados na Coruña no ano 1929: *Treinta y tres lecciones de geografía general* e *Lecciones elementales de Historia universal*, *Síntese geográfica de Galiza* publicada por Lar en 1926 e *Problemas y paisajes geográficos de Galicia*, publicado en Madrid en 1929. Alén do excelente programa de un «Curso en dez leccións de Geografía da Galiza», para desenvolver na Universidade de Compostela o ano 1933. Todos estes libros constitúen un amplo e modélico elenco de prosa didáctica.

Polo que se refire aos seus artigos con contido pedagóxico queremos salientar os seguintes da antoloxía *Prosa miúda*: «Un eixe ético» (*El Pueblo Gallego*, 21-Abril-1929); «Paisaxe compostelán: A Residencia de estudantes», no que desenha o que debería ser unha auténtica residencia para os universitarios galegos (*El Pueblo Gallego*, 23-Novembro-1930); «A

realidade galega» (*El Pueblo Gallego*, 1 Janeiro 1932); «Espranza» (*El Pueblo Gallego*), 13 de Março 1932); «O estudante» (*Céltiga*, nº 130-131, ano 1930) «A chamada do Sul» (*Céltiga*, 159, ano 1931); e muito especialmente¹² o artigo publicado no nº 138 de *Céltiga* de 1930 com o interessante título de «Un deber do profesorado galego».



Sala de leitura do Paço de Otero em Trasalva.

Este artigo tão importante é para nós o mais paradigmático do seu pensamento pedagógico, o mais clarividente e o mais próximo ao pensamento pedagógico europeu do momento, tanto da Escola Nova como da ILE de Giner e Cossío. O que revela que Otero conhecia os pedagogos mais importantes nessa altura. Aconselhamos a sua leitura a todos os mestres e mestras e a todos os docentes galegos. Porque inclusive hoje têm uma tremenda actualidade.

De forma simples poderíamos resumir, para terminar, as ideias pedagógicas básicas de Otero:

- a) Importância das qualidades humanas do docente ou mestre. Ser modelo como pessoa.
- b) Optimismo pedagógico. Acreditar na educação e no que se faz.
- c) Apreço do alunado. Confiança no estudante. Ser um verdadeiro amigo dos alunos.
- d) Alegria e humor no ensino e na aula.
- e) Afabilidade, comunicação aberta e sensibilidade no relacionamento.
- f) Importância da palavra fazendo discursos atractivos. Debates. Tertúlias. Método socrático.
- g) Podendo ser, supresão de exames e qualificações. Utilizar outros modelos para avaliar.
- h) Excursões culturais, roteiros e jeiras para conhecer a nossa Terra.

(12) Ramom Otero Pedrayo (1930), do livro citado *Prosa miúda*, pp. 225 e 226 (Nota nº 4).



Otero no seu escritório do Paço de Trasalva.

- i) O melhor recurso didáctico é o entorno e o que ele contém.
- j) Continuidade do processo educativo, evitando os compartimentos estanco de primeiro, segundo e terceiro «ensino».
- k) Importância da formação de tipo técnico (agrária, comercial ou industrial no seu caso).
- l) No Ginásio, Liceu ou Instituto (sic) dar uma formação de cultura clássica e científica.
- m) Universidade criadora, com seminários e laboratórios, nos que além da formação da consciência e da técnica profissional, vivam todas as formas da superior cultura e todas as inquietudes desinteressadas. Não repetidora, senão original. Enraizada na Terra, que opine e resolva, que guie e aconselhe e que seja uma entidade com vida.
- n) Incluir no currículo -porque é de justiça- todos os temas galegos.
- o) O material para o ensino temo-lo diante, na nossa Terra: os montes, os rios, as fragas, os castros e as suas lendas, os contos, as igrejas, os refrães e ditos populares, os acontecimentos diários, os ofícios, os comércios, as feiras, a flora e fauna, os trabalhos agrícolas...
- p) Um verdadeiro ensino deve partir do conhecido, do entorno próximo, para ir ao desconhecido.
- q) Ânimo para todos os docentes galegos e reconhecimento do seu valor. Incentivá-los.
- r) Importância da nossa língua e literatura, ensinando-as de forma adequada.
- s) Conseguir um acordo entre todos para que em todas as aulas e cáte-

dras não esteja ausente a grande e vital realidade da Galiza, que nos envolve e na que alentamos como uma atmosfera nossa e insubstituível.

- t) Recomenda tomar como exemplo o modelo pedagógico, tanto na forma como no fundo, do ilustre Dr. Cotarelo Valledor, levado já à frente na Universidade compostelana alá polo ano 1906.
- u) Amor à Terra e a todo o que ela encerra (feitos, costumes, natureza, idioma, gentes...)

Não queríamos fechar este artigo sem lembrar a opinião de Otero -em entrevista concedida a Maribel Outeiriño para *La Región* -sobre o Teatro Principal da rua da Paz, e que tanto nos ajudou aos do grupo «Adepende» na campanha para salvá-lo. «No nome do que eu represento pido que não se derrube o Teatro Principal. É mais importante salvar o Principal que uma igreja românica». Finalmente pudemos salvá-lo e hoje é uma joia que temos na cidade. Quando ali vamos sempre nos lembramos de D. Ramon Otero Pedrayo, um verdadeiro «Mestre» no amplo sentido da palavra.

Bibliografía citada

- CASARES, Carlos. *R. Otero Pedrayo*, Galáxia, Vigo, 1980.
- FILGUEIRA VALVERDE, José. *Con Otero Pedrayo*, Trasalva, ed. do Padroado Otero Pedrayo, 1990.
- AA.VV. *Ramón Otero Pedrayo (1888-1976). Dia das Letras Galegas 1988*, Santiago de Compostela, Junta de Galiza, 1988.
- OTERO PEDRAYO, R. *Prosa miúda. Artigos non coleccionados (1927-1934)*, Ed. do Castro, Sada 1988.
- OTERO PEDRAYO, R. *Ensaio sobre a cultura galega*, Lisboa 1932, Guimarães Editores, 1954.
- OTERO PEDRAYO, R. (coordenador). *História de Galiza (3Vols.)* Ed. Nós, Buenos Aires, 1962.
- OTERO PEDRAYO, R. e outros, *Pelerinaxes*, Ed. Nós Corunha 1929 (existe uma edição facsimilar em Ed. do Castro, Sada, 1993).
- OTERO PEDRAYO, R. *A paisaxe galega, as suas leis e tipos*, Buenos Aires, 26 de Julho de 1949, Federación de Sociedades Galegas. Livro e cassette. Santiago de Compostela, Conselho da Cultura Galega, 1998.
- FERNÁNDEZ FREIXANES, Victor. *Unha ducia de galegos*, Galáxia, Vigo, 1976.
- CASARES, Carlos. *R. Otero Pedrayo*, Galáxia, Vigo, 1980, p. 183.
- AA. VV. *Ramón Otero Pedrayo, a sua vida e a sua obra (Homaxe da Galicia Universal)*, Caracas, 1958, p. 89.

Falsa essência e utilidade verdadeira **(sobre a teoria e a praxe de Antão Vilar Ponte)**

Vítor Meirinho

(Santiago de Compostela)

I. Introdução

As referências ideológicas e filosóficas de qualquer movimento político são sempre cruzadas, diversas, e divergentes e contraditórias até, porque diversas são as pessoas elaboradoras do discurso que o compõem e compuseram. Sucede não apenas nos momentos iniciais, mas também nos momentos de consolidação, inclusive se um segmento ideológico hegemónico personifica socialmente toda a ideologia geral. Dessarte, todo movimento que tiver uma certa história pode reinterpretar simbolicamente uma variedade relativamente ampla do material discursivo e ideológico do passado vinculado a ele, primando num certo momento os materiais mais legitimadores da sua linha ideológica ou estratégica actual e deixando de parte outros. Um dos restos que deixou o sistema ideológico do Antigo Regime, nunca plenamente morto, foi o aspecto da legitimação: Carlos Marx intuiu-o quando notou que os líderes dos regimes novos sentem a necessidade de se vestirem com as roupagens dos usos velhos para se mostrarem com elas à vista dos seus súbditos. A dificuldade de fundamentar hoje uma comunidade política que se justifique a si própria de maneira auto-referencial sincronicamente continua a ser tão grande nesta época histórica, que por vezes se faz chamar *pós-moderna*, quanto o foi na própria Modernidade.

O mesmo que sucede nas comunidades políticas assentes num território fixado (chamem-se estados ou outros entes), sucede na maioria dos movimentos cívicos, quer culturais, quer explicitamente políticos, os quais precisam de um sistema ideológico legitimador. Estes movimentos, como microcomunidades políticas, fazem a sua reinterpretação simbóli-

ca desde o presente, fragmentando e fazendo ainda menos contínuo do que é o pensamento humano do qual querem e conseguem apropriar-se.

As numerosas rupturas ideológicas a respeito do galeguismo anterior à guerra de 1936 que apresentam os grupos nacionalistas fundados após o conflito bélico, hoje virados em *nacionalismo hegemónico* segundo expressão corrente¹, implicam uma dificuldade de apropriação simbólica das pessoas e dos discursos de determinados vultos do primeiro nacionalismo galego, como João Vicente Biqueira ou Antão Vilar Ponte. Essa ausência de apropriação, lógica aliás noutros segmentos ideológicos do nacionalismo espanhol, resulta contudo surpreendente dentro do nacionalismo galego, quer no declaradamente independentista, quer no federalista. A elevação de Castelão à posição, praticamente, de *vulto sacro* do galeguismo mostra claramente essa contradição, porquanto as propostas económicas, de estruturação territorial e de definição do âmbito linguístico e cultural da Galiza que faz Castelão² devem-se manifestamente às ideias sustentadas pelo sector progressista das primeiras Irmandades da Fala, em que Vilar Ponte e Biqueira são representantes eminentes, e dos quais Castelão frequentemente não faz mais do que uma simples transcrição.

Este trabalho tem duas intenções. Em primeiro lugar, mostrar a linha ideológica de Vilar Ponte, coerentemente ligada nos seus aspectos particulares, e fazer ver como a sua coerência interna leva o político do Partido Galeguista a imaginar a questão nacional galega numa perspectiva de abrangência com Portugal. Em segundo lugar, a exposição dessa linha ideológica poderá sugerir os motivos pelos quais o nacionalismo galego não integra o discurso de Vilar Ponte dentro do seu imaginário, coisa que numa primeira olhada deveria semelhar contraditório, sendo como são o fundador das Irmandades da Fala e o seu grupo da Corunha a origem do segundo Castelão, cujo pensamento eleva o nacionalismo contemporâneo à categoria de dogma político.

(1) Estou a me referir à matriz do nacionalismo actual gerada nos anos sessenta arredor dos movimentos nacionalistas primariamente marxistas, que tomaram mais tarde as referências “culturalistas” consolidadas durante a época da ditadura.

(2) Vid. o *Sempre en Galiza*.

II. A postura filosófica (ideológica) universal

Os anos anteriores à Grande Guerra europeia e os que vieram depois deles foram um período de extraordinário desenvolvimento intelectual e estético na Europa. Este desenvolvimento nem deixou de ter influência destacada na Espanha, impregnando a sua produção cultural de um espírito inédito até essa época. No primeiro terço do século localizam-se desenvolvimentos filosóficos e artísticos que fizeram desses anos a segunda “idade de ouro” na cultura espanhola, segundo interpretação generalizada.

Estes anos são, aliás, de um eclético entrecruzamento de diversas ideologias e tendências, para além de serem anos de efervescência política, em que se sucederam regimes e projectos políticos variados. No tema nacional, vive-se o progressivo questionamento da forma do estado-nação espanhol, num crescimento contínuo da força dos movimentos separatistas ou descentralizadores e numa diversificação das suas linhas ideológicas e estratégicas³.

Neste ambiente, o nacionalismo galego acha-se sob doutrinas plurais, e enfrentadas até. A fundamentação da nação ampara-se quer sob o irracionalismo objectivista quer sob a ideia da sua contingência e desenvolvimento dialéctico. Costuma-se distinguir, dentro das Irmandades da Fala e do Partido Galeguista, entre um nacionalismo filosoficamente historicista e politicamente de direita⁴, arredor do grupo de Ourense (Risco, Otero Pedrayo, Cuevilhas...), e um nacionalismo subjectivista e de esquerda, que para além de estar mais virado para a acção política (em vez de estar para o labor cultural) teria os seus militantes mais destacados na zona da Corunha. Nele se achariam Manuel Lugris, Eugénio Carré, Lois Penha Novo, Vítor Casas...

(3) Na Catalunha, o nacionalismo de Cambó diferencia-se da *Esquerra Republicana*. Na Vascónia espanhola, cinde-se o *Partido Nacionalismo Vasco* em duas linhas possivelmente mais iguais do que se costuma pensar. No nacionalismo da Galiza participam sectores diversos, que por vezes se recolhem sob organizações separadas.

(4) A classificação que figura, por exemplo, em Justo BERAMENDI e Xosé Manuel NÚÑEZ SEIXAS: *O nacionalismo galego*; Vigo, A Nosa Terra, segunda edição, 1996.

Se fizermos caso desta divisão, teremos de colocar João Vicente Biqueira e Antão Vilar Ponte como os pais intelectuais do segundo grupo. A configuração intelectual que ambos dão a este nacionalismo progressista entende-se dentro do substrato filosófico com que chegam ao galeguismo. Tem-se assinalado a confluência de Biqueira com os princípios da *Institución Libre de Enseñanza* sediada em Madrid⁵, onde foi aluno e professor.

As influências filosóficas assinaladas em Biqueira são patentes em Vilar Ponte. Os dous se devem ao princípio de construir os sistemas políticos desde a racionalidade e desde o seu serviço à natureza dos seres humanos, individualmente considerados e não como fazedores de um ente abstrato induzido ou imaginado como essência. Destarte, as formações políticas históricas serão julgadas pela sua correspondência com a sociedade de homens a que elas devem servir. A subordinação do indivíduo a uma suposta transcendência da nação não tem lugar na matriz do pensamento de Vilar Ponte. Isto serve-lhe para criticar directamente a inoculação da ideia do patriotismo espanhol:

¿Incondicionaes d'Hespaña? A incondicionalidade é escravitú. A incondicionalidade inda non se da no senso natural para que poida dárese no senso político. Condicional é o mais respetable da vida: a relación entre pais e fillos, dentro da familia. ¿Cómo poden existir parvos que falen da santa incondicionalidade a un Estado, sempre cousa artificiosa e mudable.⁶

Não consideramos que esta opinião sobre o artifício do estado seja apenas uma afirmação estratégica para criticar a invenção da *pátria espanhola* contida no projecto nacional do Reino de Espanha, mas achamos que a noção da contingência histórica dos estados e da relação não natural destes com o sentimento da “pátria” está fortemente assente no pensamento de Vilar Ponte. Assim é que se explica a recorrência da *des-divinização* do sentimento patriótico, presente também de passagem em textos não políticos. Em artigo publicado no jornal “El Pueblo Gallego”, a fazer crítica de um livro sobre o suicídio, Antão Vilar Ponte comenta:

(5) Vid. notas e prólogo de António Gil Hernández em João Vicente BIQUEIRA: *Obra selecta (Poesia e ensaio)*; Ponte-Vedra/Braga, *Cadernos do Povo* - Revista Internacional da Lusofonia, nº 43-46, 1998.

(6) “Discursos a nazón galega”, in *A Nosa Terra*, nº 75, 15 de Dezembro de 1918, p. 4.

El capítulo en que se habla del deber de morir y del derecho a disponer de la vida considerámoslo el más audaz del libro de referencia y estamos seguros que no encontrará el “placet” de aquellos moralistas ochocentistas que han aprendido en De Maitre a distinguir, amén de otras cosas, lo que hay de diferencial entre el acto del soldado que mata a un semejante en nombre de la patria, y el verdugo que ejecuta a un reo por orden de la justicia.⁷

O pensamento político de Vilar Ponte parte destarte de uma filosofia humanista que **reconhece como relativos os sistemas sociais construídos historicamente pela Humanidade**, e portanto também os conceitos de nação e de estado, sem considerá-los nem realidades eternas nem factos que determinem uma imposição moral a priori para as pessoas. Desta maneira, **o discurso de Vilar Ponte adquire uma forte e distinta personalidade face ao tipo de discurso historicista** predominante nos nacionalismos do século XIX e começos do XX.⁸

A concepção do nacionalismo galego não se poderia ter formado, para Vilar Ponte, como uma afirmação exclusiva do particular. Antes, a *persistência* (e faríamos bem em dizer aliás o *desenvolvimento*) da nação galega é defendida desde a diversidade universal. Duas são as ideias presentes detrás da defesa da galeguidade: a primeira, que o mundo será mais rico quanto mais diversas forem as suas partes; a segunda, que nenhuma dessas partes poderá aceder à universalidade se para isso se impuser como condição a sua despersonalização cultural. Estas ideias aparecem na resposta que Vilar Ponte dirige a Miguel de Unamuno, depois de ter defendido o escritor basco-espanhol a supressão das línguas “regionais” da Espanha para adoptarem os seus falantes a língua castelhana, que os colocaria para ele em melhor disposição de se inserirem no que ele chama de *cosmopolitismo*:

Así es como nosotros hacemos universalismo. Uniformar es esclavizar, matar. Diferenciar es culturalizar, libertar. Como dice el catedrático Vicente Risco, “sólo preservando nuestras energías autóctonas, nuestra capacidad de creación, podremos contribuir a la civilización universal, incorporando a ella nuestras creaciones inéditas”. Esto nos impone el deber de ser cada vez más gallegos; el enxe-

(7) “El instinto de la muerte”, compilado em *Pensamento e sementeira*, p. 164.

(8) E infelizmente ainda subjacente em boa parte do nacionalismo galego do século XXI...

brismo tiene este amplio sentido de humanidad que analizó muy bien otro catedrático galleguista: Viqueira. Si ahondáramos un poco en las palabras del señor Unamuno, acaso pudiéramos demostrarle que por escribir a vuela pluma confundió cosmopolitismo con universalismo.⁹

Para além disto, espera-se que esta pluralidade, sendo assumida pela cultura global, contribua para uma sorte de harmonia universal das culturas. As referências a Guyau são abundantes¹⁰. O “comunismo das culturas”, que em Vilar Ponte adopta o nome de “universalismo”, é diferente do que ele chama de “cosmopolitismo”, designando por esse nome uma renúncia da própria cultura em favor não da constituição de cidadãos do mundo, mas do retorno a um novo provincianismo, limitado aos respectivos centros das capitais estatais. Quer dizer, uma sorte de provincianismo da grande cidade¹¹.

Ao *cosmopolitismo*, gerador para Vilar Ponte de centros vários, mas fagócitos e opostos entre si, opõe-se o *universalismo*. Este seria caracterizado pelos ideais de harmonia, concorrência e vacuidade nas fronteiras culturais.

A nação significa para Vilar Ponte um facto objectivo mas contingente, construído dialecticamente na história e não seguindo qualquer teleologia. O carácter nacional que se desenvolve com independência das fronteiras marcadas pelos estados, quando ele é feito em harmonia com o entorno das outras nações, constitui-se num dever político derivado da bondade intrínseca da diversidade, factor enriquecedor para o ser humano universal. A contingência da nação significa que ela é construída por vários actores, obrando no contexto de forças históricas. Quer-se dizer que para a realização da ideia de nação num determinado território e população traba-

(9) “O sentimento liberal na Galiza”; artigo publicado no jornal *El Noroeste* e recolhido em *Pensamento e sementeira*, p. 308.

(10) Jean-Marie Guyau (Laval, 1854-Menton, 1888), filósofo francês positivista autor de *Esquisse d'une morale sans obligation ni sanction* (1884), *L'irréligion d l'avenir* (1887) e *L'art au point de vue sociologique* (1889, publicada postumamente).

(11) O uso da palavra “cosmopolitismo” por Vilar Ponte não se corresponde, evidentemente, com o seu significado real. Possivelmente tenha usado este termo para combater com sarcasmo a invocação que do “cosmopolitismo” faziam muito frequentemente os defensores da uniformidade linguística e cultural da Espanha, nisto tão semelhantes aos actuais pseudoprogressistas da “Espanha constitucional” e “includente” pela via digestiva.

lham necessariamente grupos humanos, mais pequenos do que a nação mesma, de modo a construírem a teorização sobre a qual descansa a nação; e aliás, de modo a dotarem essa teorização de suportes práticos.

Ou seja, a nação, quer a Espanha quer a Galiza, **devém nação por meio de uma tarefa de construção, encarada por elites conscientes desse processo e defensoras motivadas do mesmo**. A ideia de nação de Vilar Ponte não é de nenhum modo historicista à maneira em que entenderiam a maioria dos nacionalistas galegos (pretéritos e actuais), pois não se trata de uma nação existente na latência, que terá de ser “descoberta”. A nação não reside no “povo secular” que se construiu a si próprio sem ter consciência disso. A nação existe primeiro na mente dos que a projectam, e depois, se têm sucesso, na mente da população que é dominada ideologicamente por esta elite. Vilar Ponte tem clara consciência deste facto:

¿Qué importa que muchos campesinos y muchas gentes neutras estén al margen de este, problema, como de tantos otros? Los incultos y los indiferentes son almas líquidas que se adaptan a la forma de todas las vasijas. Nada sabían de régimen parlamentario los aldeanos ingleses y el Parlamento se impuso. Nada sabían de la Enciclopedia, de las doctrinas de Rousseau, ni de los derechos del hombre los habitantes del rus galo, y, sin embargo, la Revolución Francesa triunfó. Aún no se dieron cuenta de lo que es el comunismo, no ya los campesinos eslavos, sino muchos de los pobladores de las urbes moscovitas, y ello, no obstante, el régimen de los soviets impera. Pues lo mismo podríamos decir de España con respecto al sentimiento republicano o socialista que hoy vibra entre nosotros. Las minorías conscientes cuando operan con tenacidad sobre cosas vivas, consubstanciales con el progreso, casi siempre alcanzan victoria.¹²

Só o home dino e libre pode ter unha patria. Pode tela; a non ten sempre, pois hai tempos en que só existe na imaginación de poucos: un, dez, quizais algun cento d'elegidos. (...) Antr'eses poucos está entón a nazionalidade e latexa o nazionalismo; mantéñense alleos ao seus afáns os millós d'habitantes que jantan e lucran no país.¹³

Depois desta primeira fase, na qual uma minoria activa se organiza, virá o mergulho de toda a população na ideologia nacional desta mino-

(12) “Sobre la autonomía regional”, publicado no jornal *El Pueblo Gallego*; in *Pensamento e sementeira*, p. 107-108.

(13) “Discursos a nazón galega”, in *A Nosa Terra*, nº 76, 25 de Dezembro de 1918, p. 1.

ria, ideologia que se terá tornado no pensamento “normal”. Esta ideologização irá progressivamente impregnando a totalidade, como requer a natureza do conceito de nacionalidade no período histórico moderno. Só aí é que a nação imaginada se terá tornado realmente pátria:

Cando non hai patria, non pode existir nacionalismo. Este sentimento colectivo só é posible na medida que sinala o latexar unísono dos corazóns. Namentras un país non é patria, os seus habitantes non constituíen unha nación.¹⁴

A consciência de como o processo de construção nacional se verifica leva Vilar Ponte a insistir em várias advertências para os seus companheiros políticos galeguistas, aos quais se dirige por meio de artigos mais imediatamente prosélitos, que se publicam sobretudo no diário “A Nosa Terra”. Antão Vilar Ponte acha que a génese da nação galega (entendida no seu sentido mais próprio e moderno) está mais no futuro que estão a começar as Irmandades da Fala e o Partido Galeguista, e menos no passado. Daí que o emprego simbólico dos materiais do passado não tenha um valor intrínseco, mas um valor colocado em relação com o projecto futuro:

E o remedio contra d'esas crisis da cultura non está no fetichismo do pasado (siñores académicos), senón na sementeira do porvire,¹⁵

As advertências de Vilar Ponte para os seus companheiros políticos procuram sobretudo duas vias simultâneas, a serem praticadas pelos grupos nacionalizadores galegos, para efectivarem o seu projecto. O primeiro implica a desvinculação do quadro de pensamento e acção que o galeguismo procura combater (o estado-nação castelhano-espanhol), na medida em que se entende ser esse quadro uma ideologia global em todos os aspectos vitais da população espanhola (e com ela a população galega). O facto de que esta ideologia se manifeste de maneira global, não apenas pontual, faz com que o labor de reversão ideológica que devem acometer os galeguistas seja enormemente dificultoso. Por tudo isto, seguindo o particular estilo retórico da época, Vilar Ponte também aplica adjectivos grandiosos à missão de difundir o ideário dos naciona-

(14) Seleção do Facho, p. 17.

(15) “Discursos a razón galega”, in *A Nosa Terra*, nº 76, 25 de Dezembro de 1918, p. 1.

listas (como “redenção”). Os galeguistas terão de ser um primeiro núcleo onde se verifique o facto nacional; são dessarte um ensaio da sociedade inteira:

Cantos aspiren a redentores, hánse redimir eles primeiro. E ¿sabedes de galegos, agás os nacionalistas, e nin siquer todos, desgraciadamente, que teñan feito na súa conciencia a súa redención individual do castelanismo? Pois esta redención individual é a que traerá a redención colectiva. Primeiro, redimirse cada ún a sí mesmo; logo, redimí-la intimidade do fogar propio, e o demáis virá por engádega.¹⁶

Sendo uma sorte de ensaio, ou de “nação incubada”, os nacionalistas deverão ter muito cuidado com a sua própria qualidade interna como pessoas capazes e de cultura. Entende-se que o primeiro carácter que tomar o grupo nacionalista determinará em grande medida o carácter da nação. Eis o motivo pelo qual os nacionalistas terão de dar importância ao seu cultivo pessoal. A cultura (lembre-se a herança krausista da geração corunhesa dentro da qual está Vilar Ponte, e o ideal do homem ilustrado como sustentador da comunidade moderna, que no pensamento da época é sempre *comunidade nacional*) figura-se como o instrumento que melhor dará a consciência do facto nacional:

O da nazonalidade é un concepto moderno. A cultura é o millor e mais forte cimento da nazonalidade. Sin a cultura os homes non chegan, endebén, a poseeren o verdadeiro sentimento de patria.¹⁷

III. O correlato particular galego: o espelho simbólico

Uma das ideias centrais para Vilar Ponte, segundo o que acaba de ser exposto, será averiguar a maneira em que o nacionalismo galego (que é tanto cultural quanto político, pela imbricação dos dous aspectos na definição nacional) poderá dar uma feição à Galiza de maneira a ser, simultaneamente, uma sociedade nacionalmente moderna e auto-identificada.

Para todos os nacionalismos hispânicos, o idioma é fundamental. A nação joga-se a possibilidade de ser real dispendo de uma língua nacio-

(16) Seleção do Facho, p. 16.

(17) “Discursos a nazón galega”, in *A Nosa Terra*, nº 76, 25 de Dezembro de 1918, p. 1.

nal utilizada, factualmente e com exclusão de qualquer outra, em todos os âmbitos da sociedade moderna. A construção nacional, destarte, é companheira de uma outra construção, a do modelo de língua, destinada a oferecer possibilidades para uma mudança sociolinguística.

Confrontado por exigências profissionais com a língua portuguesa utilizada em Portugal, Vilar Ponte, em 1912, tem ocasião de comprovar a vinculação das falas galegas a Norte do rio Minho com as existentes na república. Se as primeiras se acham em condição dialectal e cobertas nos seus usos formais pelo padrão castelhano, quer dizer, em situação de diglossia deslocada¹⁸, as segundas estão inseridas num sistema sociolinguístico desenvolvido plenamente. A língua do povo português está presente nos jornais, no parlamento; em toda a vida do estado.

Mostrando-se ser a língua dos galegos e dos portugueses a mesma, a conclusão para Vilar Ponte é que se a língua na Galiza tivesse superado o seu estado actual e se achasse restaurada, os usos linguísticos na Galiza seriam idênticos aos que se verificam no quotidiano em Portugal. A ideia da proximidade da Galiza a Portugal surge então natural, e reafirma o nacionalismo galego, porquanto faz sentir que os galegos têm mais que ver com uma nação teoricamente estrangeira do que com os seus próprios “compatriotas” (castelhanos, andaluzes, catalães...), e aliás surge a impressão de serem as manifestações culturais e institucionais havidas na terra galega umas manifestações impróprias do país, pois as portuguesas seriam menos estrangeiras para os galegos do que as espanholas. Em 1916, Antão Vilar Ponte lembrava deste jeito o que significou para ele o contacto com Portugal:

(18) O conceito foi desenvolvido, na Galiza, por António Gil Hernández e Henrique Rabunhal Corgo. A situação normal de diglossia, presente em todas as línguas nacionais normalizadas, consiste em que as falas da língua nacional, que se apresentam fragmentariamente entre si e num registo informal, estão cobertas no seu uso formal por uma variante culta da língua nacional. Esta variante exerce influência sobre as falas informais, aproximando-as para si. A situação de diglossia deslocada dá-se quando os usos formais não estão representados pela própria língua em que se desenvolvem os usos informais, mas por outra diferente à que emprega o comum na população em situações que requerem de um menor cuidado linguístico. Diz-se então que as falas de base deslocaram o seu padrão, adoptando o padrão de uma língua estranha. É desta maneira que este padrão exerce influência sobre as realizações concretas da língua nos falares populares, afastando a língua minorizada das suas feições próprias.

Pero fue en Lisboa y Oporto, poblaciones que visitamos por exigencias periodísticas, donde nuestro pensamiento acerca del particular se robusteció con vigos indestructibles, sintiéndonos allí, por lo que a la expresión idiomática respecta y aun por lo que hace relación a ciertos usos y costumbres, casi igual que en nuestra tierra, y desde luego más connacionales, a causa de afinidades de raza, de los portugueses que de los madrileños y andaluces. Observando entonces cómo el gallego, transformado al influjo de evoluciones pertinentes de un antiguo nacionalismo, afluyó lo mismo a los labios de la aristocracia que de la mesocracia y del pueblo; viendo cómo sus periódicos -modelo si se les compara con la mayoría de los españoles- parecían más nuestros que los nuestros propios; escuchando la expresión de sus políticos y artistas en palabras hermanas de las nuestras.¹⁹

A ligação entre duas das ideias legitimadoras do nacionalismo, isto é, as características culturais (e sobretudo as linguísticas) e a configuração histórica da nação (que remete para a sua sobrevivência desde o passado como motivo para procurar a sua sobrevivência no futuro) derivam logicamente na formulação da ideia de serem a Galiza e Portugal dois fragmentos de uma mesma colectividade separados pela acção do ente político e jurídico que despersonalizou a Galiza. Tanto os factores práticos (na linha da filosofia liberal de esquerdas de Vilar Ponte) quanto os históricos dão razão à vontade do político de Viveiro para defender a união galego-portuguesa, mas são os segundos aqueles que fundamentalmente legitimam essa tomada de postura.

O nacionalismo galego tem achado portanto, nessa altura, o seu referente de identidade ou reintegração em Portugal, como tinham feito já alguns pensadores do regionalismo anterior²⁰. A ideia de ser Portugal uma sorte de Galiza nacionalizada terá exercido uma importância para certos segmentos nacionalistas, pois é simbolicamente eficaz num momento no qual não existem referentes exclusivamente galegos que contrapor ao referente do modelo nacional espanhol. No momento em que Vilar Ponte funda as Irmandades da Fala (1916), a capacidade simbólica que oferecem os *precursores* do século XIX acha-se ultrapassada pela capacidade que oferece o estado português. Vilar Ponte atribui

(19) “Nacionalismo gallego. Nuestra afirmación regional”, in *La Voz de Galicia*, 1916, p. 38.

(20) Vid. os esquemas contidos nas páginas 334-336 de Ramón MÁIZ: *A idea de nación*; Vigo, Xerais, 1997.

–num artigo em que lembra retrospectivamente a constituição das Irmandades– a fundação intelectual do nacionalismo galego à verificação de ser o galego língua de uso pleno, quer dizer, nacional, num estado. Este facto teria revelado o carácter protonacional da Galiza:

E eu dígolles con todo respecto aos “tradicionalistas” da galegitude actual en movemento, que cando valorizamos Galiza para facela xurdir política e culturalmente de seu, non ollamos a nada antergo –o que non quer dicir que non deba ollarse– senón á realidade “presente” con ollada virxe: vendo un país con lingua propia, viva na maoría dos seus moradores e afincada nun esteo indestrutíbel, o da lingua portuguesa, que lle dá ás nosas arelas unha forza maor que a dos máis pobos diferenciados da Península e de Europa enteira; un país de unidade xeográfica, económica e moral, que só pode trocarse de territorio con habitantes, en pobo con alma e cidadanía, en pobo relevante e útil a sí mesmo e ó progreso humano, esculpíndose en sí mesmo para sí mesmo con cincel do próprio estilo.

O noso pulo naceu ollando o presente e o porvir. Xermolaría igual de non termos historia nin precursores. Os que fitan agora atrás fan ben; nós non fitábamos cando ceibámolo berro primeiro do galeguismo conscente. Sin pasado histórico daríamolo o mesmo. **Concebímolo pelegrinando por Portugal. Véndolle vivir a vida moderna na nosa fala.**²¹

O negrito, marcado por mim, está a indicar que Vilar Ponte afirma ter nascido o nacionalismo galego por causa de Portugal. Provavelmente não devemos tomar isto como uma afirmação certa se entendemos que Vilar Ponte se está a referir a uma atitude comum na sua geração. O galeguismo existia antes que o referente de Portugal adquirisse uma importância tão elevada, e aliás as divisões do movimento foram contínuas a respeito deste tema (pois se não estivesse dividido a proposição lida por Vilar Ponte na primeira assembleia nacionalista de 1918 teria sido aprovada)²². Mas está-se a indicar, com certeza, um processo individual de chegada ao galeguismo por parte de Vilar Ponte –um dos “pais fundadores” mais destacados do nacionalismo–, que teoriza uma ideologia pela qual a Galiza tem por destino Portugal.

(21) O que vai de 1916 a 1936, in *Pensamento e sementeira*, p. 300.

(22) O próprio subtítulo de “Discursos a nazon galega”, que Vilar Ponte vai publicando por entregas n’A *Nosa Terra*, sugere que o autor era consciente de estar subvertendo partes substanciais do ideário corrente dos galeguistas quando explica as suas ideias a respeito de Portugal. O subtítulo era “Revisando valores”.

Por tudo isto, Antão Vilar Ponte desenvolve nos primeiros anos do nacionalismo galego uma tentativa para fazê-lo entrar numa *questão portuguesa*, com uma dupla orientación: uma orientación interna procura interessar os nacionalistas galegos (que seriam os *constructores* da Galiza nacional) em Portugal, pois acha que a aproximación dos galegos a Portugal firmará a personalidade galega. Numa segunda orientación, Portugal tem uma finalidade estratégica: o envolvimento de Portugal com a Galiza multiplica a forza política do galeguismo. Os dous aspectos relacionam-se na sua proposición lida na assembleia de Lugo:

1.º Galicia ten que considerar a Portugal, pois élo é axiomático, como o baluarte da sua independenza espiritoal. Namentras Portugal exista como nazón independente, Galicia non perderá endexamais as esenciais dunha persoalidá propia, que, esvaída ou non, sempre terán virtude xermoladora dun senso irredentista. Galicia, emporiso, debe ter sempre latexante no seu idearium nazonalista este principio:

“A liberdade e a independenza de Portugal considerámol-a os galegos como nosa mesma liberdade e independenza, e estaremos dispostos de cote a erguérmonos violentamente contra dos que quixesen esnaquizar aquela”.

2.º Galicia considera o portugués como o galego nazonalizado e modernizado, e asin pensa de fondo e transcendente interés familiarizar entre os galegos a groriosa literatura portuguesa, prova suprema e fecunda de que no noso idioma pode e debe facerse nosa cultura coase inexistente, efecto de cinco séculos de centralismo desgaleguizador que non foron capaces de matar a fala de Rosalía, inda hoxe empregada pol-as cinco sextas partes do povo, e comprendida por todos os galegos.

[...]

3.º Galicia considera que ela con Portugal forma nazón compreta, tallada pol-o fatalismo histórico. [...]

H.) Como primeiro paso para todo isto, os nazonalistas galegos teñen que acordaren dirixirensen a o Goberno portugués con o obxeito que éle na conferencia da paz e dentro da Liga das nazóns, fága-se intelprete do noso desexo d’autonomía integral e da nosa door de que namentras os povos neutraes d’Europa viven en xeito de pacifismo interior, Hespaña é o único Estados que gardaron neutralidá na guerra onde fica sen resolver un probrema de nazonalidades e inda o do exercicio da cidadanía, orixe de continua loita interior, estorbo para a civilización xeneral.

Conclusión: Galicia e Portugal estreitadas ao fin supoñerían unha expansión cultural de idioma diferente do castelán tan extensiva coase como a d’este na península e camiño de rivalizar tamén na

América, con o baluarte do Brasil, sinificando a redenzón do noso espírito para colaborar por nós mesmos, con todas as esencias naturais da nosa raza, no superior comunismo da cultura universal, de que falou Guyau.²³

Portanto, partindo do tipo de fundamentação das propostas de Vilar Ponte e donde elas partem, não dou a importância especial que Ramom Varela Punhal concede ao Norte de Portugal dentro do ideário lusista de Vilar Ponte, quando diz que

Umha parte da terra portuguesa estivo muitos anos ligada a Galiza historicamente, do que se deduz que, para Vilar Ponte, a relação com todo Portugal nom é a mesma, se bem nom delimita pormenorizadamente, ao contrário do que fará Castela, qual é essa parte irmã da galega e falará quase sempre de Portugal sem mais²⁴

porque a ideia da proximidade especial da Galiza com o Norte de Portugal, e não como todo o estado português, tem-se firmado sobre considerações culturais (com preferência, provavelmente, das etnográficas) e, se calhar no dia de hoje, económicas. Mas Antão Vilar Ponte está-se a referir a um plano mais puramente político, embora o discurso externo se possa tingir de um verniz cultural.

Na base disto está o mesmo princípio que anos mais tarde enunciou Castelão no *Sempre en Galiza*: a diminuição da força relativa que Castela²⁵ tem dentro da Espanha lograr-se-á mediante o balanço que deverão oferecer uma Catalunha e um bloco galego-português fortalecidos, como o acrescentamento da Vascónia. Este princípio programático pressupõe uma tese: que os nacionalismos galego, basco e catalão nascem de uma insegurança motivada pelo peso desproporcionado do bloco central, castelhano-andaluz. A manutenção dessa desproporção alimenta o sentimento de insegurança nas “periferias”, e fá-lo derivar progressivamente, em último termo, na vontade de se separarem de Espanha²⁶. A realização de um sistema de contrapesos, no qual se incluiria um Portugal unido à

(23) Proposição lida na Assembleia Nacionalista de Lugo; publicada com o título de “Pangaleguismo. O caminho direito”, em *A Nosa Terra*, nº 77, ps. 5-6.

(24) Ramom VARELA PUNHAL: *Relaçons Galiza-Portugal em Antom Vilar Ponte*, p. 164.

(25) Quando Castelão se refere a Castela fá-lo, de uma maneira algo imprópria, a todos os territórios de fala castelhana, incluindo a Andaluzia, como é sabido.

(26) Castelão será claro em atribuir o separatismo à política de assimilação do projeto espanhol, prognosticando

Galiza faria possível manter a união das partes de Espanha e realizaria nela o ideal da harmonia cultural.

A aproximação da Galiza a Portugal fita, portanto, para a Confederação Ibérica, para a aproximação de Portugal à Espanha por meio da Galiza. Mas pode-se inferir não ser esta a intenção principal, por aparecer menos vezes no discurso do que outra intenção, a de firmar a diferença da Galiza a respeito do resto do estado. Para o segundo é imprescindível a concorrência de Portugal; a realização da Federação Ibérica também não poderá ser feita sem o estado luso. Quer para o primeiro, quer para o segundo, a existência do estado português será a principal força em que o galeguismo, estrategicamente, terá de avançar:

Sempre que se fale da Federación Ibérica, teremos que apuntar os nazionalistas galegos unha cousa moito esencial. A nova posición de esprito, o novo credo ideolóxico que pouco a pouco van conquistando vontades da nosa Terra, así o pide. ¿E que cousa é a apuntar? Deciredes.

A de que Galiza considera como postulado do seu ser a independencia de Portugal. Esta independencia foi e será sempre, a garantía e defensa da nosa persoalidade. Se a o longo da Historia de Portugal estivese perdida sua independencia, nen a máis pequena sombra do “ser” galego eisistiría hoxe. Mentras eisista Portugal con características propias, haberá razón na Galiza pra loitar pola reivindicazón da ialma nazional.

A independencia da Lusitania groriosa é, pois, o mesmo que a nosa propia independeza; quen atentare contra aquela, será o nemigo maor do galeguismo. Ten para nós forte intrés a eisistencia dun Estado luso grande, próspero, soberano absoluto dos seus destinos, capaz de pesar tanto como Castela, no prano da balanza das hegemónías ibéricas.

Na “Atlántida”, de Verdaguer, o xigante luso salva Galiza. Pois o mito primitivista do poeta catalán, ten na realidade, dende os séculos antigos ate hoxe, un eco de certo. Mentras viva Portugal, vivirá Galiza. Mentras Portugal sexa forte, haberá a posibilidade de que Galiza chegue a selo. Os galegos que non amen Portugal non amarán tampouco Galiza.²⁷

que será Espanha quem obrigue os galegos (e Castelão próprio) a serem separatistas, algo que em princípio não concorda com o seu ideal de confederação ibérica.

(27) “Visión internazionalista”, in *Pensamento e sementeira*, ps. 218-219.

Antão Vilar Ponte é consciente do conflito que poderia acarretar o facto de os nacionalistas organizados seguirem a via que ele assinala. Acredita que devido a que os galegos podem seguir o caminho de se apoiarem num estado soberano além das fronteiras espanholas (coisa que não podem bascos nem catalães) o nacionalismo galego é potencialmente o nacionalismo com mais sucesso, de todos os que operam dentro da Espanha, se os nacionalistas da Galiza se decidirem a fazê-lo assim.

IV. Conclusão: resumo e revisão actualizada (para o ano 2003)

A filiação de Antão Vilar Ponte ao galeguismo deriva de quando a sua filosofia política prévia, formada na esquerda liberal espanhola de começos de século, entra em contacto com a realidade social e cultural portuguesa. Após esse facto, Vilar Ponte imagina a Galiza dentro de um pensamento de esquerda no qual a nação devém objecto a partir da relação entre umas bases objectivas e a acção organizadora da minoria reitora da sociedade (núcleos galeguistas). Destarte, desloca o essere da nação para a vontade de uma parte da população, afastando o nacionalismo galego do ideário mais historicista que encarna o grupo de Ourense (principalmente). Portugal desempenha um duplo papel no ideário de Vilar Ponte: de uma parte, é referente de identidade, meta de chegada do processo nacionalizador galego. Da outra, é instrumento estratégico, multiplicador da força dos galeguistas.

O jeito em que Vilar Ponte defende as suas posições, à maneira de invocação, evidencia que não eram compartilhadas pela totalidade dos seus companheiros, ou, no mínimo, que Vilar Ponte percebia fraquezas na sua assunção. O fundador das Irmandades da Fala tencionou suprimir a divisão do galeguismo a respeito da conveniência da aproximação a Portugal (e também à América Latina) porque calculava dotá-lo assim de uma acção eficaz. A divisão, porém, perdurou, influída possivelmente pelo peso que o *espírito etnográfico* (mais tendente a atender as diferenças do que a abranger visões de conjunto) exerceu, para próprios e alheios, na olhada deitada sobre a Galiza.

A encruzilhada em que o galeguismo se achava na altura é fundamentalmente semelhante àquela em que se acha hoje o processo nacio-

nalizador (pretensão ou real) da Galiza. E provavelmente o é porque o galeguismo não resolveu os seus dilemas orientando-se para uma finalidade estratégica prática, e aceitou (consciente ou inconscientemente) desenvolver-se, até hoje, seguindo a acção do mito de Sísifo.

As causas endógenas disto residem provavelmente em várias cousas. Destaco, entre elas, a que mais propriamente tem que ver com factores ideológicos: a falsa compreensão, muito frequente, de certas concepções sobre a identidade da Galiza como se fossem verdades de tipo natural e não como se fossem aquilo que realmente são, isto é, concepções relativas derivadas de um substrato ideológico particular (nomeadamente, aquele que vem da construção teórica do nacionalismo espanhol datada no século XIX e praticada desde aquela época até hoje). Precisa-se na Galiza, ainda hoje, uma maior compreensão da relação existente entre as concepções que fazemos de nós próprios e as consequências práticas disto. Dessa maneira, compreender-se-ia melhor qual deveria ser o caminho mais viável, não para construirmos uma identidade que nos ofereça uma auto-satisfação individual –ou individualista–, mas para alcançar uma meta implementada colectiva e realmente (e diga-se de passagem que também se poderia chegar ao estabelecimento mais fiável de verdades a respeito de nós mesmos). Tudo isto exige capacidade intelectual para ultrapassar o idealismo filosófico como método de compreensão da realidade²⁸. Superá-lo é melhorar o discurso, e portanto ganhar oportunidades para fazê-lo mais visível (pois normalmente as pessoas que mais evitam explicar publicamente os seus valores ideológicos são aquelas que menos confiam neles). Destarte, hoje a revisão crítica das concepções em que se têm fundamentado os defensores da causa galega é uma necessidade para firmar um movimento cujos avanços derivem não da maior aceitação social produzida pela diluição do conteúdo ideológico do movimento, mas pela penetração que esse conteúdo –se ele for correcto e bom– consegue na sociedade.

(28) Exigência que devia ser aliás mais urgente, sequer pelo facto de ser o nacionalismo galego um movimento cuja maioria de militantes pertence à esquerda política...

Bibliografia

- BERAMENDI, Justo e NÚÑEZ SEIXAS, Xosé Manuel: *O nacionalismo galego*; Vigo, A Nosa Terra, segunda edição, 1996.
- BIQUEIRA, João Vicente: *Obra selecta (Poesia e ensaio)*; Ponte-Vedra/Braga, Cadernos do Povo –Revista Internacional da Lusofonia, nº 43-46, 1998.
- CARRÉ ALDÃO, Eugénio (dir.): *A Nosa Terra* (compilação em dous volumes); Corunha, Boreal, 1992.
- CASAS, Victor; IGLESIAS ALVARIÑO, Aquilino; SUÁREZ PICALLO, Alfredo; e VILAR PONTE, Antón (dirs.): *A Nosa Terra* (compilação em 7 volumes); Vigo, Nova Galicia, 1989.
- CASTELAO, Afonso Daniel Rodríguez: *Sempre em Galiza*; Madrid, Akal, quarta edição, 1994.
- s/a: “A Galiza precisa do apoio de Portugal” (entrevista com Antão Vilar Ponte), in *Diário de Lisboa*, Lisboa, 10 de Julho de 1933.
- MÁIZ, Ramón: *A idea de nación*; Vigo, Xerais, 1997.
- VARELA PUNHAL, Ramom: “Relaçõs Galiza-Portugal em Antom Vilar Ponte”, in *Agália* nº 38; Corunha, Associação Galega da Língua, Verão 1994.
- VILAR PONTE, Antón: *Pensamento e sementeira*; Buenos Aires, Ediciones Galicia, 1971.
- VILAR PONTE, Antón: (*seleção sem título*); Corunha, O Facho, 1977.
- VILLAR PONTE, Antonio: *Escolma*; Compostela, Universidade de Santiago, 1977.



POESIA E RELATOS

José Alberte Corral Iglésias

CHOLO

Ainda que som galego de nascença, passo as férias em Euskadi. É umha Terra na que me sinto bem por muitas razons; de quando em vez passo umha semana na cativa cidade onde me criei, pois como outros muitos nenos de bairro fum expulso polo desemprego ou a fame, segundo como queiramos chamar. Como muitos outros rapazes tivem que solucionar a minha vida indo polo mundo adiante, até que varei em Zurique. O outro dia estava de vagar em Ondárroa quando um homem da minha idade parou diante de mim. Escuse-me, senhor, nom se chamará você, Nardo? Sim, assim é, respondim. Nom sabes quem som eu?, seguiu inquirindo. Pois nom... contestei-lhe mentres fitava aquele homem. Sem dar resposta alguma, sorri e fai-me um aceno que eu já tinha esquecido. Caralho... ! -respondo, tu es o Cholo. E fundimo-nos numha forte aperta.

Ele nom tem a culpa, dizia-lhe ao meu pai, entre salaios e carragem. Fomos todos, e se o pilhárom foi por me vir ajudar pois manqueei-me ao saltar da árvore. Os demais já estavam no cimo do muro e nom figérom nada, afinal fugirom e deixaram-nos sós aos dous. A minha mai seguia a laiar: Nom quero que te arrimes ao Cholo. Ouviche-me bem, nom quero saber que te ajuntas com ele.

Os meus pais, como todos, sempre pensam que os pilhabáns som os filhos dos outros e nom os seus, e muito mais se estes som pobres entre os pobres. Eu seguia dá-lhe que dá-lhe com a minha perrencha. Pois o Moncho dissera-nos que iam a levar para o Reformatório ao cuitado do Cholo, ouvi-ra-lho falar ao seus pais em conversa na cozinha. O meu pai ao escuitar que quem me prestara acorro fora o Cholo, deveu lembrar algo da sua nenez pois mudou de cariz para logo me levar ao meu quarto mentres careixava na minha cabeça.

-Bem, agora acouga e conta-me como foi o conto.

Em vez de nos ir a banhar a S. Amaro, tínhamos tomado a decisom de ir à pilhota a Liáns, pois o bom do Sindo contara-nos que os frutais das hortas estavam já inçados. Colheríamos a motora de Santa Cruz e assim além de nos banhar encheríamos-nos de ameixas, pêssegos, pavias, maçás, e outras frutas; ninguém se ia inteirar se voltávamos cedo. Quedamos às três da tarde. Estávamos em caminho quando apareceu Cholo perguntando a onde íamos. Moncho conta-lhe o nosso acordo e convida-o a vir, mas ele cala. O Moncho teima e di-lhe que polo dinheiro do boleto nom se faga pro-

blema, paga-lho. Já estávamos os quatro: Sindo, Moncho, Cholo e mais eu, em grea, abertos de génio e botando pé adiante; aquela tarde pintava melhor que bem, tinha que ser umha tarde de quatro estalos.

Banháramo-nos na praia pequena de Santa Cruz, ali as águas estavam quentinhas e podias estar nelas tempo, nom como na de Santo Amaro que gea os colhons e tens que sair num alustre. Às seis do serao mais ou menos já estávamos numha horta que tal fosse o Paraíso, toda inçada de árvores a rebentar de fruta, íamo-nos encher; e como Cholo e mais eu gavéamos bem tocou-nos subir a elas, os outros dous ficárom abaixo para apanhar o que lhe botávamos, metiam-na nos petos das calças e mais na bolsa de praia do Moncho, desta seguro que no bairro sentávamos praça diante dos nossos amigos. Nestas ouvimos berrar: Cabrons..!, Filhos de puta...! e vimos vir para nós a um homem com umha moca que metia medo e no vam da porta, que dava ao curro, a sua mulher, Meca, com umha galha na mao direita. A mim abátesse-me o coração; os dous que estávamos nas árvores chimpamo-nos ao chao para botar a correr junto com os nossos companheiros; eu tive má sorte, caim mal e torcim um pé mancando-me num nocelo; Cholo em vez de fugir voltou por mim para me ajudar; e pilhárom-nos. Derem-nos paus e despois entregaram-nos à Guarda Çivil.

Papa..., Cholo é o meu melhor amigo; se ele vai ao Reformatório temos que ir todos nós. Dixem eu todo digno, erguendo a crista.

O meu pai foi falar com o senhor Ramom, que além de ser o pai do Moncho trabalhava nas oficinas do Governo Civil. Nom sei o que conversárom, o certo é que ninguém de nós foi ao Reformatório.

Ao passar uns meses meus pais mudam de casa e de bairro. Quando eu já nom vivia em Monte Alto, o bom do Sindo acha-me no Cinema Kiosko, ao findar a fita aguarda por mim na saída para me contar que o Cholo e mais o seu irmao maior emigraram a Bilbao.

Nunca mais soube do meu amigo da infância até onte que já idosos e perto da jubilaçom, atopamos-nos ao chou numha das ruas de Ondárroa.

José Alberte Corral Iglésias

KID MORENO

Já está no ringue. Dentro de uns intres fará a sua primeira peleja como profissional. Ali fora há gente do seu bairro e alguns amigos. Os seus pais nom vinhérom. Nunca gostárom da sua afeição ao boxe; mas quando começou a ir ao ginásio nom lho reprochárom. Consideravam que lhe vinha bem, pois assi tirava-se fora das ruas e dos perigos das bandas. Ainda que há poucos dias na tasca do Grelo ouvira dizer ao seu pai falando com o senhor Mingos, «tanto che tem estar na tarroeira como trás da cancela».

Até aquele dia só tinha ido para treinar: correr na praia do Orçám, saco, saltos com corda, sombra, espelho, fazer luvas com os companheiros. Também fizera algum que outro combate de afeiçãoado de três assaltos e mais nada. Apartir desta contenda ficaria decidida a sua continuidade ou nom nesta profissom. A biga de hroje nom é mais que umha peleja no cartaz, tanto o seu contrario como ele som uns rapazes de dezanove anos, os dous som peso «welter»; um é de Bouças e o outro de Monte Alto. Todos somos de arrabalde, um de umha cidade e outro de outra, mas sempre de arrabalde. Filhos da necessidade e da sobrevivência.

*

* *

Estava sentado na mesa de massagens, já lhe tinham tirado as luvas. Agora estavam com as vendas.

—Nom tenhas cuidado, as cousas neste esporte som assim.

Quem falava era Domaio, um antigo peso meio e agora treinador de rapazes que começavam no mundo do boxe.

A estampa tem-na teimuda diante dos olhos. Soa a campainha. É o quinto assalto. Fai-se com o centro do ringue, os seus pés movem-se, jogam, deslocam-se de um jeito instintivo; é umha dança de guerra, tem que entrar e sair, entrar e sair. Aguarda friento e com tino a chegada do contrario, manda-lhe o seu "Jab" ao olho esquerdo, do que está meio cego. Tem que aproveitar; sente passar a direita do contrario zoando como umha bala roçando-lhe a orelha. Retrocede. Kidolve acometer. Ele aguarda no centro do ringue e enfreia-o com um «uppercut»; aplica-lhe de novo um «Jab» ao rosto, massacra-lhe o olho. A pálpebra ensanguentada e caída cega o de Bouças. Os golpes que lhe lança Kid, já nom levam a potência do começo. Ele aproveita para acurrá-lo num recanto do ringue; descarga a esquerda no figado do contrário. De súpeto fazendo um baile de pernas dá um passo atrás e com assanho coloca-lhe a direita em toda a mandíbula. É umha maçada. O protector salta da boca como disparado por umha mola. Esto

finda com Kid Moreno, cai na lona como um polichinelo destroçado. O árbitro para a gurra e manda-o ao seu recuncho. Ele nom sente nada, nesse intre nom alcança a ter mágoa polo caído, nom há compaixom, vencer ou ser vencido. O árbitro chama por ele, acode e vai ao centro do ringue, colhe-lhe o punho direito, ergue-lho dizendo o seu nome e proclama-o campeom do combate.

-Deixo isto, nom quero continuar. Umha cousa é o ginásio e outra derrubar alguém e que saia em padiola meio-morto.

-Que ocorresse agora é o melhor que lhe pudo acontecer. Se o seu treinador é o seu amigo, dirá-lhe que nom volte a subir, que abandone isto, pois nom encaixa os golpes -respondeu Domaio.

*

* *

Ao dia seguinte nom voltei ao ginásio, arrastava dentro de mim um pesadelo amarelo e denso como mordida de cam. Quando a minha mai soube a nova de que Kid Moreno estava em coma, o seu rosto tornou-se macilento, como se colhera as ferraduras da morte, e chorava polo derrotado tal se fosse filho seu.

Este foi o meu primeiro e derradeiro combate de boxe como profissional, nunca mais pugem luvas de boxe.

◆ ◆ ◆

Alberto Rodríguez Díaz

CAÍU A NOITE

A Sara, José Ramón e Manuela,
do Sexto Instituto, para que as trevas
nom volvam sobrevoar Galiza.

Eu nom volveria ver nunca mais a Joám Malvis Segundo, aquele vagabundo silencioso que costumava percorrer as ruas da cidade com um sobretudo cheio de remendos, quiçás herdado de seu pai e que levava -chovesse ou fosse sol- com umhas calças esfarrapadas que provavelmente também herdasse de seu pai, com aquela gravata de laço e aquele chapéu que lhe conferiam todo o viso dum home rico e poderoso, dum burguês adinheirado, dum gentil-homem, ou, como diria meu pai, “um dos nossos”.

Confesso que nom o volveria ver mais. E isso que o busquei nalguns lugares nos que cria que se poderia achar, mas tudo foi em vam. Joám Malvis Segundo desaparecera sem deixar nenhuma pista do seu paradeiro, como engolido pola terra, como esvaecido no ar. Desaparecera na cidade. A cidade... Feiticeira, totem das minhas paixões, opressora e oprimida, agarimosa à vez, o ventre onde dormimos os filhos da noite, os escravos do silêncio, entanto no gramofone se escoita um hino desconhecido para nós, apoucada, como umha moça púbere, sinuosa, arroutada, ainda muito nena, engrunhada, patejando às vezes no seio materno, com aquele gris tirando a preto dos tecidos mortos, de alento a cadáver, gótica, embalsamada, posta a salgar, mas com todo engaiolante, com um rio salomónico partindo-a pola metade, aquelea língua ferida onde dormia a névoa alá polas manhazinhas quando as gentes espertavam, a névoa peganhenta como a pele dumha serpe, a névoa virgem e mesta, preguiceira, misteriosa, na que se perdiam os arrotos dos bêbados, afastados, e a abafante sereia que reclamava os trabalhadores das fábricas, como umha mãe que chama polos seus filhos mortos, sereias, ¡ha, ha!, quase parece um jogo de palavras, sereias, sereias, sereias aguardentosas, sereias que afogam os seus pesares na aguardente, sereias que servem, à sua vez, para consolarem os que já afogaram, os que quiçá, por nom possuirem umha ajeitada carta de navegaçom, ancoraram no mar da tristeza...

A mim de pequeno diziam-me que no nosso rio moravam as sereias, com cabelos dourados, peitos libidinosos e rabo de peixe, monstros terríveis,

com olhos da cor das algas e cairos afiados, aguardando por algum Ulisses que se deixasse engaiolar pelos seus cantos.

Eu ia muitas vezes à beira do rio, a ver se via as sereias, mas nom as via, nom sendo em forma de miragens. Mas ouvir ouvia os seus cantos, que latejavam acompassadamente por entre o nevoeiro e a mim, que ainda nom me apontava a barba, fervia-me o sangue.

Sim, já nom volveria ver mais aquele vagabundo que pedia esmola polas ruas até que começou a trabalhar como cómico na companhia de Cristóvão Fermoselhe. O certo é que me amiguei muito com aquele homem acho que também ele comigo, ainda que, bem é certo, nunca se sabem os sentimentos mais profundos das pessoas.

Meus pais já o conheciam desde havia muito tempo. Em realidade conheciam o seu pai, Joám Malvis Primeiro e diz-se que foi este homem um fulano muito adinheirado, cujos negócios afundiram quando naufragara o Titánic e quedara na miséria mais absoluta. Fijo-se tam quotidiano como inusual o feito de vê-lo pedindo esmola polas ruas com a mulher, quem finou alá polo dezoito quando houve o andaço da gripe, e com o moço, quem caminhava polas ruas um tanto desorientado, como um pito ao sair do ovo, ao ter que trocar opulência por fome, pola necessidade do necessário.

Meus pais nom queriam que me fizesse amigo dum esmolante, quiçá pola inimizade que seus pais mantiveram com eles por mor de interesses mercantis, mas eu via-me igual com ele. Foi daquela quando me passavam as traduções das obras de Marx, Das Kapital, A sagrada familia, e que sei eu que mais livros, também as obras dos enciclopedistas franceses, Diderot, Voltaire ou o barom de Montesquieu... Cria muito firmemente na igualdade dos homens, sem ter em conta a sua condiçom social. Juntávamo-nos muitas vezes na loja de calçados que há na rua da Paz, da paz incondicionada, umha rua muito estreitinha, muito íntima, o hálito das gentes que vivem nas casas que a delimitam agarimam-che as meixelas, frescura de mapoulas e caraveis nos balcões e há um cheiro a nostalgia por entre as fendas das paredes, um cheiro a águas de esgotos, a moça desvirgada, a salgadas báguas de mai triste, a um que sei eu que nom sei, mas que nom podó deixar de imaginar...

Dizia que o vagabundo Joám Malvis Segundo e mais eu nos juntávamos na loja de calçados que há nessa rua, à beira mesmo do teatro. Ali parolávamos o que queríamos. A dona da loja, dona Jacinta, dona Cinta para nós, tinha um falar repousado, muito firme, assegurava cada palavra que pronunciava com grossos amalhões. Era pequerrecha, de cara redonda, neve nos cumes, um pouco eivada, enrugada, muito velha, mas sabia mais do que um bacharel. Eu queria-a muito, como se fosse a minha segunda mãe.

Às vezes convidava-nos a chocolate com farturas ou ao teatro quando havia funçom. João Malvis Segundo punha-se entom, lembro-me, muito led e os olhos escintilavam-lhe como espelhos ao sol. Gostava mais do teatro do que do chocolate com farturas e estimo que poderia ter arriscado algum jantar por ver-se no galinheiro, algum jantar que ao melhor nom haveria de recuperar em duas ou três semanas.

Meus pais iam com frequência ao Royalty e nom reparavam nas minhas juntanças com João Malvis Segundo. Geralmente, e se alguma vez o faziam, rifavam-me muito. Meu pai malhava-me quanto queria em quanto nom tinha muito corpo, mas quando me figem homem e me agromou a penugem no peito, botava-se um pouco para atrás e nom me dizia nada. A gente falava, ignorante, para nom variar. Que falasse. A gente fala e fala, como papagaios sem tino. Mas o que fala, e isto é muito simples de comprovar, carece de critério as mais das vezes.

Antes, muito antes (ou quiçá um pouco antes, segundo se queira taxar a passagem do tempo) de conhecer a João Malvis Segundo foi quando comecei a compor versos, aqueles versos sem rima que examinava Dom Vicente, muito rigoroso, e que logo apareciam nos números de La Centuria. Daquela eu cria que o mundo era tam pequeno que rematava na desembocadura da Guarda, alá onde o mar começava a engolir o sol nas curtas tardes de inverno, para trouzá-lo, novamente, ao amencer.

O rio, o pai rio do que, segundo meu avó, nasceram algum dia, no princípio dos tempos, os nossos antepassados, parecia um herói desconhecido, silencioso, transcorrendo desde o primeiro latejar da terra, por aquela fenda aberta espontaneamente, por aquela veia, sangue ubérrimo, sangue do nosso sangue, águas que dam vida, morte nos seus remoinhos, também um alento mítico, quase religioso, como um mistério doloroso, como um terço, como um espírito imaculado, fugidio e receoso, sempre a fugir do tempo, agochando-se no nevoeiro. Ninguém pode banhar-se duas vezes no mesmo rio. Eu mergulhei-me muitas vezes nas suas águas, e cada banho era um banho ritual, como um baptizado no Jordám, e as trutas esvaravam-me entre as pernas, igual que as sereias que lavavam os seus cabelos nas mesmas águas nas que mijavam os borrachos, nas mesmas águas nas que vertiam báguas os nostálgicos e os que semelham cadáveres por amor.

Dona Cinta costumava contar-nos que, quando o mundo era muito menino, quando ainda começava a dar os primeiros passos, havia um barqueiro que se dedicava a passar as gentes dumha beira à outra. Quando umha pessoa era muito velhinha, era levada polos seus descendentes ao barqueiro, que a levava consigo, perdendo-se na mesta névoa, até chegarem à outra beira, onde aguardava a morte aafiando a gadanha. Eu pergun-

tava o que passara com aquele barqueiro, e por que já nom trabalhava. Dona Cinta tossia gravemente, para prosseguir logo com a narração.

Dumha vez havia um homem que, quando considerou que era o suficientemente velho como para que a morte aguardasse por ele, decidiu cruzar o rio. O barqueiro surpreendeu-se, porque o viu vir sem companha, sem mais bagagem que a roupa posta. Malpeçado -pensou o barqueiro-: “Tem-se por valente porque nom sabe o que lhe aguarda.” O homem, em efeito, estava muito tranquilo. Sempre fora pessoa de muito sossego e na velhice ainda mais. Ao pouco de montar na barca, passou algo inesperado, algo imprevisível, algo insólito: o barqueiro quedou dormido, relaxados os remos nas extremidades da barca, como um menino. Estava esgotado após de tantas viagens, de tanto vir para aqui e ir para alá. O homem aproveitou entom para fazer-se com o controlo da barca e os dous viajeiros esvaeceram-se na névoa para nom volverem aparecer mais. Uma oportunidade imelhorável para burlar a morte. Há quem di que morreram os dous afogados num remoinho. Há também quem di que, rema que te rema, chegaram a Cuba, do rio ao mar, e que agora, imortais os dous, estavam a trabalhar nas plantações de bananas.

Todos os dias, quando a luz solar me fai lenes alouminhos na face, penso nos caminhos que pudo tomar Joám Malvis Segundo. Sempre aparecia reencarnado em qualquer circunstância: no canto dum pintassilgo que ele imitava à perfeiçom, no fumegar dumha chávena de chocolate que tanto gostava de tomar, no ar que me devolvía as suas palavras, o seu sorriso, os seus adeuses... aquele homem pequerrecho e fraco, quase feito de cera como um círio, fraco como um misto, no que prendia a chama da ilusom, do optimismo e do consolo.

Este rapaz chegará muito longe, -dizia dom Vicente ao ler os meus versos que logo apareciam en La Centuria. Acudim a algumas juntanças nacionalistas. Otero tinha uma oratória que turrava de nós como umha locomotora, umha oratória com alma de seu, que assulagava o auditório.

Foi à saída dumha das juntanças quando conhecim Joám Malvis Segundo. Era pola tardinha, quando o sol começava a esmorecer alá ao longe, quando as trevas estavam próximas ao nosso vale, caía o pano do nosso teatro e a cidade inteira fechava os olhos, deixando-se seduzir pola noite iminente. Sucedeu que, ao passar à beira do rio, reparei nas sereias que outras vezes molhavam os seus longos cabelos nas águas de prata, que me faziam acenos chiscando-me os olhos. Eu já me tinha juntado com algumha, mas falávamos mais do que fazíamos, polo que o seu ofício ficava, polo menos, em entredito. Lembro-me dumha moça de cabelos loiros e olhos azuis, reflectindo-se neles o decorrer das mansas águas, umha moça

de coral, bonita como nunca vira outra, tanto que, de nom mo dizer ela, nunca a teria tomado por tal. Chamava-se Hermelinda, mas quando me beijou por primeira vez, comecei a chamar-lhe Linda, Linda, Linda, a luz do débil sol da aurora que obra prodigios no corpo do cravo namorado pola saraiva.

Linda contava-me histórias maravilhosas à luz daquele candil morno, mentres me ranhava as costas debuxando-me efêmeros sulcos nelas e se queijavam as gastadas madeiras da enxerga, naquela pensom húmida e fria, entanto o dono ouvia tangos naquela rádio móvel, sentia o tacto gélido dos seus seios na minha pele, Linda, tam Linda, o sangue fervendo-me nas veias e aqueles lábios adolescentes, de tantos beijos malgastados.

Umha noite passamo-la deitados sobre a enxerga. Eu escoitando as suas histórias, bébedo da sua mirada e à luz do luar imaginava o seu contorno e sugería a brancura da pele na negrura da noite. Contando-me formosas histórias que se mantinham no tempo, no silêncio, quase no espaço, como o fume do meu cigarro, como funambulistas na corda bamba, que teciam, pouco a pouco, a tea de aranha na que ficava apegado, insone. Chegou a concatenar um cento de histórias. Todas elas para fazer-me sonhar, ainda desperto. Meu pai jogando ao quatrilho, provavelmente, ou dormindo na almofada dos seus fantasmas.

Deram as oito no relógio da catedral. Ia-me achegando às sereias quando me decatei de que um homem me fitava tras as árvores, ao amparo dum tronco. Eu berrei-lhe e ele agachou a cabeça. Comecei entom a persegui-lo, tarefa que nom resultou nada fácil, porque alancava com umha agilidade nunca vista, como se fosse umha lebre. Pegou com um coio e caiu ao chao. Fijo sangue na fronte. Estava aterecido. Como te chamas? -perguntei-lhe-. Chamo-me Joám -respondeu-me ele tatejando. Fomos a um café e convidei-no a chocolate com farturas dos que deu boa conta em pouco tempo. Quando secou o sangue e amanhou bem a cabeça ferida, decidim metê-lo na pensom. Ali conversamos durante um bom anaco, e contou-me a vida inteira. Desde aquela tomamos muitos chocolates com farturas e conversamos muitas vezes mais. Mas, ao cair a noite, quando nos quigemos entregar, desapareceu sem deixar rasto, dumha maneira tam misteriosa como apparecera naquela tardinha, misturando-se com os troncos das árvores fluviais.

¡Dona Cinta, dona Cintaaaa! A voz de Mercedinhas, como a dumha menina inocente, com os seus olhinhos de vitela e a sua carinha branca chamando por min. Eu, meio dormida, nesta velha cadeira que herdei de meus tataravós, ergo as minhas pálpebras com muita dificuldade, as minhas pálpebras de chumbo que nalgum tempo foram de ouro. E no ambiente

circundante flutua a abafante sensação do estremadamente cotidiano, do afiado ordinarismo, quase irrespirável, o nada polo nada, com as mesmas pessoas, corpo e alma, corpo pecador, corpo feito de terra, corpo perecedor, alma virgem, alma sustentáculo das esperanças cristãs, alma imortal, os mesmos seres passeando por diante da minha porta, insones, seguindo um caminho já predestinado, como imanente neles, com a cabeça bem erguida e a mirada triste, ancorada no vazio, que jamais se poderá encher. As beatas, entre elas, sotto voce, a orelha coquetea com os lábios, Deum, te laudamus, exaudi nos e um moço que vive à beira do meu comércio, orfo e esvaído, que nunca quijo nascer, ensaia a sua desesperação numha trompeta afônica, a miséria em fa menor e o som que foge por entre as fendas, é a transfiguração da dor que nom dá saído para fora, que fica no interior, como um coágulo. Ao final que somos, eh? Que dianhos somos? E assim, quentando-me pouco a pouco como um forno de cozer, vou esperando e chego à conclusom de que nom somos mais que ossamenta e carne, carne que já vai apodrecendo em vida e o demais é a imaginação, a que no fundo nos fai viver. Crer num mundo melhor, ainda que interiormente respiramos a angústia de ter que fechar os olhos algum dia, para nom volver abri-los e venha a cair terra sobre os nossos corpos inertes e a gente seguirá vivendo, falando, chorando, porque o tempo só agonizou para nós...

Ai, ai, ai, já estou bem esperta, sentada nesta minha cadeira, refúgio do traseiro dos meus antepassados, fadiga, se cadra, das suas colunas vertebrais. «Jacinta, ergue-te, caminha, nom penses tanto». Umha voz vai redobrando palavras no meu interior, como um tambor militar.

Esses moços, esses pobres moços, escravos da sua juventude, que é a paixão que ferve no peito, a dar voltas de aqui para alá, baixo a chuva cinzenta. E agora apetece-me um cigarro, preciso do fumo enchendo-me os pulmões e o sangue misturado com o vinho, quando bebo, porque o vinho é a melhor medicina para atingirr o esquecimento de qualquer preocupação. Eu quero neste momento um cigarro, e o fumo, confuso, esvarando polo nariz e volvendo à atmosfera e fedendo-lhe aos meus pulmões. Mas sempre assedia a irreverência recalcitrante, que nom pode fumar. Dona Cinta, que fumar nom é bom, que me morreu um tio por mor de tanto tabaco e que sei eu... E a mim que mais me dá, porque nom há nada que me amole tanto como a impertinência dos jovens dando conselhos vans. Para que? Para acadar a imortalidade, porque o tabaco mata silenciosamente sem decatar-nos e mentres nom morremos, desfrutamos.

Esta cadeira, esta pobre cadeira, esta velha cadeira, ameaçada já pola couça, tem por riba dela outra velha. Quantas cousas terá ouvido, quantas terá visto, mas nom fala, nom fala, nom pode comunicar-se, tam só se irrita um pouco ao sentarmo-nos de súpeto, ressentida a madeira, e posso

botar a vista atrás, posso lembrar as imagens húmidas, venhem-me à memória com muita rapidez, como num cinematógrafo. Minha avó cosendo com os olhos fechados matinando, a piques de levitar, eu era ainda muito nena, muito nena, com o olfacto por desenvolver-se e a minha imagem dos arredores era muito limitada, e aquele cheiro a sapatos novos, quando o comércio era ainda adolescente, um negócio no que os meus pais pugeram todo o seu entusiasmo.

Até hoje, quando as lembranças ficam ocultas por entre as feridas destas paredes maltratadas polo tempo, entre os pares que se acumulam, cheios de pó, até hoje fica a cadeira no seu sítio e sobre dela as minhas cadeiras, logo inertes.

Esses moços, essas almas de Deus, pola rua tirados e chovendo como chove que semelha nom escampar nem numha semana. Vem-me outra lembrança, quando conheçi a Serafim mais a Joám. A Mercedinhas namorouse de Serafim nada mais vê-lo. Mercedinhas, mocinha feita de frouma volátil, que se namorou dum meu curmão quando o viu retratado, que se namorou daquele poeta português, Alberto Caeiro, quando veu mercar aqueles sapatos, aqueles sapatos tam caros, aqueles sapatos de poeta, que se namorou daquele homem que trabalhava na Oficina de Correios, daquele rapaz que lia o pensamento, daquele outro que domesticava serpes, daquele que era barítono, daquele que lia o jornal ao revés, daquele que sabia fazer raízes quadradas, daquele que gastava bisonhé, daquele que falava em latim sem querê-lo, daquele pintor de naturezas mortas, daquele soldado raso, daquele pianista surdo, daquele que nom sabia como se chamava, daquele que nom tinha dentes, daquele que vinha das Hébridias, daquele ao que lhe tocara a Lotaria, daquele que falara com Lenine, daquele que gastava brincadeiras pesadas sem ofender nunca, daquele que nunca quiço nascer que ensaiava agora a sua desesperaçom numha trompeta afónica, daquele... já non digo mais... A pobre Mercedinhas namora-se ao inspirar e desenamora-se ao expirar e quando se desenamora palidece muito, como um defunto, e quase nom fala e tenho que atender eu o negócio, que nom se pode parar porque nom queiram a umha...

Seguro que foram a algumha dessas juntanças políticas, que agora há muitas e di-se que existem por defenderem os interesses do nosso país. Eu tive um irmão maçom que ingressou na Lógia muito novo e botou mais de vinte anos sem voltar a casa. Via-o às vezes pola beira do rio, matinando, com a cabeça gacha e as putas berravam-lhe e chamavam-no, mas ele nom fazia caso. O ano passado soterrei-no, porque morreu dumhas febres muito altas que lhe deram e que o foram consumindo até acabarem-lhe com o derradeiro alento.

Eu nom gostaria de que Serafim e Joám Malvis Segundo aparecessem por aí, mortos a mãos dalgum lerrouxista, ou se cadra dalgum anarquista, pois esses ainda son piores. A mim parece-me bem que tenham inquietudes, mas tudo o fervoroso caminha com passo firme para o seu fim. Eu também tenho inquietudes, agora de velha, porque de nova nom me deixaram tê-las. Também leo versos de Rubén Dario e de Rosália. Mas falar falo o justo e sobre política nada de nada, porque nom quero que algum dia me marquem a porta do comércio.

O meu homem, que em paz esteja, notário ele, morreu dizendo que a nena nom estudasse mais alá das quatro regras, para nom ter mais complicações das necessárias. A nena, bem é verdade, nom mostrou muito interesse por saber mais do devido, minha Madaleninha, tam feitinha, de nena a mulher num suspiro, e eu cada vez mais velha. A ver se a casamos com esse langrâm, o Reimundo Rivas, esse papám que se pentea com a raia ao meio, esse guarda-agulhas que ma emprenhou. A ver se a casamos dumha vez. “Sim meu bem”. Se a casamos para nom ter que ver-nos com mais problemas. Ai! Se a emprenhasse aquele rapaz tam aposto, o Aristides Vaqueriza, o filho do dono da Funerária. Ai! Ai! Que bem viveríamos do que dam os mortos vivendo os vivos e alimentando umha nova boquinha!

Bem, ergo-me, ergo-me, por nom volver quedar dormida, com aquele sono tam pesado.

Eis venhem! Com a chuva penetrando até aos ossos, com a lama até as orelhas, hipnotizados pola palestra de Otero, alucinógena!

Mercedinhaaaaaaaaaaas, trai umha toalha, anda, bonita!

Apagada Vénus e o último alento da lua a piques de esmorecer, o germolo dum novo dia podia perceber-se já desde muito longe e aquele cheiro a orvalho estendia-se por riba de todo o visível e o invisível. Cada manhã, ao parir o sol a terra húmida, banhava-se num remanso do rio um anjo adolescente, muito formoso, de longos cabelos da cor do pêssego ao madurar e de face muito branca, branquíssima, larvícroma, com dous luzeiros alumando, duas lanternas de azougue mergulhadas naquelas águas de prata e os membros relaxados, dumha tersura semelhante à porcelana da China, quebradiços, inocentes, imaculados.

Entom, deixando um ronsel de claridade, surdia aquele recendo a rosas e cravos, a jasmins e a sempre-vivas. E podia-se sentir, por pouca que fosse a concentraçom, a respiraçom da vida e o compassado latejar daquela longínqua jugular, que volvia nascer como cada manhã e parece ser a melhor parteira que há.

Como sempre, Joám Malvis Segundo a dar voltas sobre si mesmo, como um piom intranquilo, nessa enxerga de folhas secas. Pobrinho. Sobrevoam-

no a saber que classe de insectos, por ver de chuchar-lhe o pouco sangue que lhe fica. A noite anterior nom comeu nada e com o bandulho baleiro nom há quem durma. Vemo-lo despertar, espreguizando-se, com olhos chorosos e a boca fedendo a demos, a barba começando a agromar, comendo-lhe a estreita cara e os piolhos inçando nesses cabelos crechos que nom podem evitar o chapeu quando trabalha.

O seu rosto é grave, pois a fome mata os sorrisos e tam só matina em como fazer para provar bocado. Onte travou-lhe a umha meretriz que lhe chamam Abesoura, movido por falsas ilusões. A Abesoura chamou as companheiras e, entre todas, maçaram-no a base de cantos. A Joám Malvis Segundo só o atormentam os seixos, porque cortam e a infecçom, pode durar por dias, mas os cantos dam-lhe igual. Umha comoçom mais ou menos nom é nada. Sempre é tempo no que a fome nom aperta. E se um dia nom se esperta... Bem, terra haverá de mais para abrir nela um buraco e botar aí o corpo sem vida dum homem miserento. Joám gostaria de que, quando morresse, o soterrassem à beira do rio e que nom ponham epitáfio nem nada, que ninguém o lembre, que ninguém chore por ele, porque as báguaas vertidas por um morto som as mais vácuas que pode haver.

Houvo umha rameira que se chamava Hermelinda, que era muito ferrosa, que com a claridade acarinhando-lhe o rosto mesmo parecia umha deusa, que lhe atenuou a aguda dor das maçadelas, molhando-as com água do rio. Logo debuxou um sorriso oficioso que lhe fijo esquecer a Joám as intensas ánsias de comer.

Cada amencer, muito cedo, quando a promessa dum novo dia começava a tomar forma, a silhueta de Joám Malvis Segundo emigrava para o centro da cidade, para pedir de comer nalgumha loja ou nalgum café e quando o botavam a berros, chegava-se à beira das Burgas e punha cara triste, como um cam abandonado, para ver se a alguém o movia a compaixom. Sim, às vezes algum dava umha moeda ou um anaquinho de pam, para ir enganando o estômago. Os nenos brincavam ao seu lado e alguns mofavam-se dele, crueis e empurravam-no. Joám Malvis Segundo aturava-o todo, estoico, ou quiçá consciente de que quase nom tinha forças.

Umha vez reparou nele um homem muito chamativo, de longa e mesta barba, lentes escuros, gardénia na lapela, gravata estampada, polainas nos sapatos, cachecol branco, chapeu para guardar as orelhas do frio, perfume caro... Todo um gentleman!. O homem, que era pintor, tomou-no por um poeta boémio. Dixo-lhe que era pintor e que queria fazer-lhe um retrato. Joám contestou que tanto lhe dava porque nom tinha nada a fazer. Assim, o pintor foi a casa polos seus aparelhos e quando veu retratou-no ali mesmo diante da água fervendo. Agora es imortal -dixo o pintor-. Mas Joám Malvis Segundo o único que escoitou foi o bule bule do seu bandulho.

Começou a cair a tarde, precipitando-se ao vazio dumha noite peganhenta. Aquele dia, ao amencer, João Malvis Segundo mirara-se nas límpidas águas do rio reflectindo-se o seu rosto nelas. Viu um homem rico, muito rico, com traje de pobre, muito pobre. Ai! -dixo- “Tam grande é a minha dor que quase nem a sinto e falha-me a vista, porque tinha que verme de muito bom ver, lustroso como um porco farto de comer na masseira, cheirando como cheirava aquele pintor que me retratou à beira da Burga, com aquele viso que devim de ter quando era muito neno, quando ainda nom me rugia o bandulho”. Mas Fortuna que todo o mistura, fai que me veja neste miserento estado, os erros que puido cometer meu pai pago-os eu agora, pero nom quero chorar, que as báguas, a estas alturas, o único que fazem é aumentar o caudal deste rio melancólico.

As meretrizes metiam-se com ele e chamavan-lhe presumido e papám, mas João Malvis sentia umha imensa necessidade de nom fazer caso a ninguém, de fechar os ouvidos ao exterior, de deixarse levar polo sopor que o consumia e de alimentar-se, polo menos, da irrealidade de ver-se formoso e farto.

A noite vem muito perto como um cam doente. As gentes vam e venhem, como um regueiro de formigas e o crepúsculo, como umha amarga intuiçom, acima das suas cabeças.

João Malvis Segundo deitou-se encol dumha alcatifa de erva, de palhas e de folhas secas, pança arriba, mirando para as nuvens que passavam mainamente, como se fossem caminhantes a peregrinarem para umha cathedral desconhecida. Começava já a levá-lo o sono, engaiolado pola quietude natural, umha serenidade que zoava nos ouvidos quando se escoitou a voz da Abesoura fendendo o silêncio, como se fosse um machado. “Velaí vêm Serafim Valado, o filho de Dom Cúrzio, o dono da Queijeira”. Que galante! E todas as outras berrando numha mesma voz: “Velaí vêm, velaí vêm!”

João Malvis Segundo por que nom o vissem na intimidade do sono, pois a vergonha dum homem está em que outro conheça os seus pesadelos, agachou-se tras o tronco dumha árvore.

Serafim Valado era um moço de muitas luzes, bem alto e bem parecido e pujo-se a fumar um cigarro fitando o decorrer das águas entanto as bonecas lhe louvavam o porte. Sentiu entom dous olhos húmidos, como dous vagalumes, pousados na caluga. E virando-se, como por um acto reflexo, botou a correr detrás daquele vulto inane, ainda com o cigarro fumegando-lhe nos lábios. Correram um bom anaco, deixando atrás o rumor das árvores respondendo à lene brisinha e às gargalhadas exageradas daquelas náiades, daquelas amalgamas de carne, mais paixom, mais ganas de

comer. Ao final o vulto caiu derrotado. Nom tinha mais forças para seguir com a carreira. Fijo umha ferida na fronte já que topara com um coio mal posto. O sangue, mesto, misturado com o suor, baixava-lhe a regueiros polas façulas, como numha fervença. Por riba, tras o esforço, colhera-o o frio e nom parava de tremer. Como te chamas? –inquiriu Serafim-. Chamo-me Joám –respondeu o ferido, tatejando- Porquê estavas agochado? Porque nom sabia quem eras e tinha-che respeito –dixo o Joám-. Serafim riu a cachom e assegurou que nom era nenhum fantasma. Como viu que tinha mal aspecto, convidou-no a um chocolate com farturas, ainda que nom eram boas horas. Quando amanhou a ferida, Joám foi com Serafim à pensom onde vivia este, independizado dos pais, por dissentir muito seriamente das ideias de seu pai. Intentara estudar Medicina em Compostela, em vam. Agora vivia na cidade, escrevendo artigos em contra do Governo e fazendo versos ultraístas. Ali, Joám Malvis Segundo contou o que calara por anos. Ao morrer o dia, surgiam os alicerces dumha nova amizade.

Quantas vezes tomariam chocolate com farturas no café de Pomba, atei-gado de vanguardistas. Quantas vezes iriam ao comércio da Dona Cinta, para participarem nas tertúlias, nas que Joám, com o bandulho cheio, falava como um sábio preeminente. Quantas vezes foram às juntanças galeguistas, dando-lhe forma às suas consciências, dando-lhe vigor aos seus peitos. Serafim Valado e Joám Malvis Segundo figeram-se amigos inseparáveis, como se fossem umha mesma veia pola que fluía o mesmo sangue.

Joám descobriu o teatro quando dona Cinta os convidou a assistir àque-la representação na que o público ria a escachar. Mesmo chegou a trabalhar nalgumhas funções na companhia do Cristóvão Fermoselhe quando fazia falha um actor. Nom lhe deram muito mais, com o trabalho que fijo quedou governado.

No trinta e seis a gente dixo sim, quere-se dizer que aceitou o Estatuto de Autonomia em três mananciais de História. Serafim Valado e Joám Malvis Segundo abraçaron-se muito daquela. Mas ao pouco, antes de que o Estatuto pudesse começar a latejar, o ceu abriu pola metade e a genreira emergiu do chão, como se fosse vapor. O Exército deu um golpe de Estado, calaram os homens, falaram as armas. Começou a sede de sangue alheio, a violência das trevas ameaçadoras, os crucifixos assinalando, implacáveis e muitos fuzilados à beira dos cruzeiros.

Por isso, antes de que a Guarda Civil pudesse perguntar por Joám Malvis Segundo e por Serafim,

Dona Cinta decidiu esconder os dous amigos num sótao que tinha no comércio, aguardando que passasse pronto a trevoada.

Cada manhã, nada mais abrir o dia, eu sonhava que um anjo luminoso, com cara de rapaza, baixava do ceu e me beijava nos lábios. O meu corpo estremecia-se todo, como se fosse tocado polo lume. Agora só tenho pesadelos, uns pesadelos muito fortes que me desacougam, que nom me deixam dormir e venha a dar voltas para um lado e venha a dar voltas para o outro e venha a chorar em silêncio, aqui, neste buraco tam fundo, onde a luz nom chega, a nom ser por umha vela que arde durante todo o dia. Aqui passaremos o tempo até que remate o enfrentamento e a República volva estar como tinha que estar e todo passará como as nuvens que trazem um temporal no verám, e passam e nom passa nada e abraçaremos-nos como já me tenho abraçado com Serafim e riremos, e diremos que bendito seja o sol que nos aluma cada dia e o ar que respiramos e o cheiro a camélias e eu voltarei a sonhar com aquele anjo luminoso com cara de rapaza beijando-me os lábios, porque eu quero morrer para transfigurar-me, quero morrer, dormir, quiçá sonhar ...Quero que remate dumha vez o que nunca deveu começar porque logo vai para um ano que estamos aqui mergulhados Serafim e mais eu neste canto que nom é nada, sem a mínima higiene, sem um retrete para o que se precise e umha toalha cada dous dias que Mercedinhas lava bem lavadas para que estejam limpas... e dormindo estamos, aqui dormindo neste ventre, para que as circunstâncias favoráveis nos fagan volver nascer. Shhhhhhhhh!, nom fales alto, por favor, Joám, nom fales alto que nom merece a pena, que o falar baixo nom acaba com os sentimentos e está Serafim intentando conciliar o sono, polo menos, quando nom está matinando nos seus versos e lendo às vezes a Baudelaire, a Yeats e a Schiller e outros que nom sei deles e, entretanto, fora a gente caminha sem rumo polas ruas sem final, fugindo do frio e da fome e nós, neste buraco, também temos muito frio, porque nom temos com quem falar, nom sendo com Dona Cinta ou com Mercedinhas quando nos trai o jantar, que é um jantar de formiga, pam seco e toucinho e às vezes umha mínima sardinha, ainda que nom é nada novo para mim, porque já aturei durante anos a ausência dos alimentos que semelhavam fugir de mim como ovelhas dos lobos ou talvez fosse que eu nom me dava achegado a eles e mesmo cheguei a pensar um dia que eu era o único mortal que tinha proibido ingerir alimento e por isso passei anos e anos, desde que meu pai perdeu o seu nome num desengano que o levou a quedar sem as suas possessões, sem as possessões que poderiam ter sido minhas algum dia, por isso passei anos e anos, digo, de aqui para lá, vagabundo numha noite sem estrelas, sem mais herdança de meu pai. Agora por fim descansa, que umhas calças esfarrapadas, um velho sobretudo, umha gravata de laço e um chapéu, que me conferiram o porte dum poeta taciturno e assim mendiguei de porta em porta, por ver se vivia a caridade nalgumha alma, men-

digando, como um cam, silenciosamente, sem deixar pegada, também sem mudar a expressom de tristeza da minha face, expressom que tam só se volveu alegria ou polo menos algum débil gesto de agradecimento para o meu protector, o meu estimado, o meu bem -amado Serafim, Serafim Valado, poeta ultraísta e amante da nocturnidade e do licor, este moço que agora dorme ao meu lado com a mesma cara do anjo adolescente com o qual eu sonhava. Lembro-me bem, beijava-me nos lábios, aquele anjo que me acordava cada manhã e que logo volvia ao ceu naquela fervença de luminosidade. Mais depois abria os olhos e regressava à mesma realidade, o carambelo calhando baixo as minhas pálpebras, o estómago bulindo inquedo e os piolhos fazendo das suas. Ai! Quanto me doem as pernas por nom poder mover-nos nesta obscuridade tam abafante, interrompida muito pouquinhas vezes pola luz que se filtra por umha janelinha que dá a um portal, umha janelinha muito pequena, na que um rato teria dificulda-des para introduzir-se por ela e interrompida também por umha vela que arde sem parar e porque nom nos matem estamos aqui, neste canto, com os joelhos flexionados, com vários meses sem provar umha folha de barbear e fedendo a um objecto inerte sem saber se trabalham os nossos corações ou se já pararom e poderemos perder a vida en qualquer momento sem dar-nos conta. Daquela os nossos corpos aboiaram neste mar de trevas, e Dona Cinta achar-nos-á num canto, um corpo à beira doutro e chorará, chorará muito, com báguas de diamante, e dirá: “que pena, morrerem estes moços, morrerem estes moços por faltar-lhes oxigénio, morrerem talvez por falta de luz”. Mercedinhas também chorará e as duas compartirám pano, lembrarám-nos quando estávamos com os olhos abertos e o timbre das nossas vozes, e acharám à nossa beira os versos compostos por Serafim, que eram parte dumha elegia pola República agonizante da qual eu dizia que havia sobreviver às adversidades porque era um barco muito seguro que nunca afundiria. Os lobos haviam marchar ao amencer e ele responderia que haviam morar na nossa terra durante vários amenceres, fugindo nalgumha manhã chuvinhenta, com os focinhos tingidos de sangue, alguns ao melhor com um cristo pendurado do pescoço, por se fosse pouco...

Como cada dia, dona Cinta pujo a rádio para informar-se das novidades da guerra. A batalha do Ebro fora muito dura, morreram muitos soldados, alguns afogados, e decantara-se polos insurrectos, decresceram as esperanças de quem ansiava o triunfo da liberdade. Sem embargo, naquela primavera, a dona Cinta ainda confiava no milagre. Acendeu entom a rádio. Mas a notícia que escutou nom foi nem muito menos a aguardada. Ferida de morte desde havia já muito tempo, a República expirou. A Resistência capitulou. Tudo rematou com o pior dos finais, e uns grossos nuvarrões

ameaçavam o céu. A noite antecipada. Ó, meu Deus! Começaram os ajustes de contas, as genzeiras dos cans doentes, que digo meu Deus, um Deus falso, porque Deus está sempre da parte dos ganhadores. Dona Cinta iaiva-se, porque o moço da sua filha, um guarda-agulhas chamado Reimundo Rivas, participava nalgumas greves e simpatizava com os comunistas. A nova ordem estabelecida havia semear a terra de cadáveres.

Mentres o General salmodiava aquele discurso, como um melisma adormecedor, dona Cinta duvidava se dizer-lhe ou nom aos dous moços que a guerra rematara. Se cadra era melhor nom dizer nada, e tê-los ali ocultos, porque, de sairem fora, poderiam ser descobertos e assassinados. Sim, era melhor nom dizer-lhes nada, e tê-los ali guardados, até que passasse o temporal, dando-lhes comida e bebida, nom só o acocho.

Sem embargo, apesar do que pensou nesse momento, nom pudo evitar acercar-se ao sótao e anunciar a má nova. Serafim Valado e Joám Malvis Segundo, adormecidos, crerom que se lhes parava o pulso. Acabou a guerra? Acabou, acabou a guerra. A dona Cinta esvaravam-lhe três ou quatro báguaas polas façulas, umhas báguaas muito azedas, muito carregadas de tristeza. Acabou a guerra e o balanço. A bagagem que nos deixa nom é a aguardada. Agora sabe Deus que vai ser destes moços, destas duas almas, com a barba já muito medrada. Serafim Valado nom queria pedir protecçom na casa do seu pai, Cúrzio Valado, o dono da Queijeira, porque já o botara da casa por marxista. Era umha pessoa detestável. A Dom Cúrzio, quando lhe dixerom que ia começar umha guerra, fiço-se com umha camisa azul e alçou o braço quantas vezes lhe mandaram. Evocou os Reis Católicos que eram uns senhores muito velhos, muito velhos, dos que nunca ouvira falar. Agora, ao morrer-lhe a mulher, vivia com um filho que era advogado e o ajudava a governar o negócio. Estava casado com umha moça do Berço, Alma Maria.

E agora? Que faremos? Morreremos, morreremos aqui, sem ninguém excepto dona Cinta, que nos compadeça. Nom, nom -dixo entom Joám Malvis Segundo-. Cumpre que o que vai acontecer aconteça quanto antes. O melhor é entregar-nos. Entregar-nos? Tu estás tolo! Sem dúvida, tolo sem soluçom! Entregar-nos é morte segura. É umha morte muito triste, muito triste, porque entregar-nos é dizer sim a este reino de trevas, a este reino de silêncio.

Sem embargo, Joám Malvis Segundo estava muito afiançado na sua decisom. "Entreguemo-nos, entreguemo-nos, Serafim, que pior é morrer neste recuncho, onde algum dia nos ham atopar. Entreguemo-nos, pois, quanto antes, ao quartel da Guarda Civil, porque o silêncio é a negaçom do pensamento, sem dúvida algumha, é a pior forma de dar a razom. Quantas palavras se perden, muitas vezes, em defender o que nom admite defesa, o

que nom pode ser? Sem embargo, quantas se deixam sem dizer polo medo a pór a mão sobre o lume. O silêncio é a pior morte que há, e se é voluntário, mais doi no peito. Reconheçamo-nos amantes da liberdade perante quem a negue e se logo temos que morrer, morreremos felizes, por nom afastar-nos de nós mesmos”.

Serafim Valado estava estremeado. Bravo! Bravo! Meu querido Sócrates. Assim o faremos, já que falache com muito siso. Ao melhor perdoam-nos, porque ainda existe umha débil luzinha de remorsos nesses corações de pedra. Daquela poderemos dizer o que nos pete e mercaremos umha casa e dedicaremos a olhar o firmamento e a compor alguns versos, e todo será mais fácil.

Dona Cinta dixo que era melhor nom entregar-se, porque a rendiçom era o pior dos males, e acabariam muito mal, muito mal, se quadra mortos. Mas Serafim replicou que era um mal necessário e que quería morrer fora daquele encerramento.

Joám Malvis Segundo ajustou a gravata de laço, pujo o sobretudo cheio de remendos e o chapéu, preparado para sair. Serafim respirou, que já nom era pouco. Ao irem subindo os chanços, a obscuridade ia diminuindo, ou talvez aumentando. Caíu a noite? -perguntou Joám Malvis Segundo- com a olhada coberta polo chapéu. Caíu, respondeu dona Cinta, ainda com bágua nos olhos.

Em efeito, a noite já caíra e, se quadra, até era umha noite prematura, pode que umha noite que nunca pretendera cair. Fora escutava-se umha vaga mestura das Danças Húngaras com os cánticos do Cara al sol. Joám Malvis Segundo e Serafim Valado tinham um caminhar incerto, muito pouco seguro. Iam à beira da Catedral e pareciam duas sorores com a cabeça gacha, dous vultos silenciosos. Viram vir de frente umha dúzia de falangistas, bêbedos, que festejavam a vitória das tropas nacionais. E agora que lhes dizemos? -perguntou Joám-. O que tu queres dizer, que nos rendemos e que queremos entregar-nos. Muito bem, pois diremos-lho.

Mas nem Serafim Valado nem Joám Malvis Segundo chegarom a dizer-lhes nada àqueles homens, porque em quanto estes os viram começaram a berrar-lhes, a chamar-lhes traidores de la patria, rojos de mierda, sem saber sequer se eram ou nom partidários da defunta República. Arrodearom-nos e seguirom a berrar, muito exaltados. Caíu um punhado, umha arrabunhadela, um tirom de cabelos e assim, de jeito tam triste, choveram paus nos corpos dos dous amigos, que nom podiam defender-se. A catedral como testemunha, impávida, de pedra toda ela, que nem sentia nem padecia. Quedaram os dous inconscientes, num regueiro de sangue. Já de longe, ainda se escutavam os cánticos do Cara al sol. Umha amizade

que haveria de sobreviver à morte, dous moços malferidos e a noite de fundo.

Carlos Valado olhava para o seu irmão, ainda dormido. Queria-o muito, ainda que nom se levava bem com seu pai. De quando em quando, dava-lhe dinheiro e este entregava-lhe algumas quartilhas com poemas. Quando acordou, Serafim estava desorientado e nom fazia mais que perguntar polo Joám Malvis Segundo, perguntas que nom tinham resposta. Eu nom vim a ningum Joám Malvis Segundo, -dixo Carlos-, só te vim a ti num mar de sangue. Vinha de tomar um vinho e atopei-te à beira da catedral, inconsciente. E logo com quem te bateche? Nom me lembro, -respondeu Serafim-. Nom me lembro e prefiro nom lembrar-me.

Serafim Valado, ainda com algum apósito, sentado numha cadeira velha. O recordeo do Joám Malvis Segundo atormentava-o. O feito de pensar em que o poderiam ter matado enchia-o de angústia. Que seria dele? Serafim Valado nom volveria a ver Joám Malvis Segundo, aquele vagabundo silencioso que acostumava percorrer as ruas da cidade com um sobretudo cheio de remendos, quiçá herdado de seu pai, com uns pantalões de cor azul obscuro, com a sua cordinha a jeito de cinto, aquelas calças esfarrapadas que provavelmente também herdara de seu pai, aquela gravata de laço e aquele chapéu, que lhe conferiam todo o aspecto dum homem rico e poderoso, dum burguês adinheirado, talvez dum gentil-homem...

Às vezes, a Serafim Valado enchiam-se-lhe os olhos de báguas muito salgadas e a sua tristeza acrescentava-se quando a chuva que visitava a cidade nas tardes de inverno batia na janela e lembrava seu amigo, no seu trabalho de histriom, na companhia de Cristóvão Fermoselhe. Estaria, ao melhor, contemplando-se nas águas do rio, do pai rio, do rio imorredoiro, à beira do qual medravam os juncos e se consumavam os amores. Jamais se lhe agradecerá bastante o ter-nos parido. A noite era unha gorja muito funda e havia perdurar num tempo impassível.

Serafim Valado também se lembrava dumha deusa de cabelos loiros e olhos azuis, dumha deusa inominada à que ele lhe chamara Linda. Linda, tam linda e mentres Alma Maria, a mulher de Carlos, tocava Claro de lua de Debussy ao piano, Serafim Valado enchia-se de melancolia.

Mas um dia, no que a primavera se intuía no canto dos pássaros, o rio deu umha resposta. Serafim Valado pudo ver a alma de Joám Malvis Segundo banhando-se nas suas águas, e as sereias berrando-lhe. Todo parecia tecido por algumas forças inconcretas.



e casas altas, tão altas
que querem o céu furar.

Sente uma coisa nos olhos
que não o deixa mirar,

e vai descendo as escadas
com vontade de voltar.

Quer um bilhete de volta,
mas não o pode comprar.

Pede o dinheiro aos amigos,
não lho podem emprestar.

Vê o dinheiro dos outros
mas nunca soube roubar.

Pega no saquinho às costas
e começa a caminhar.

Tem a roupa toda suja,
a cara toda a suar.

Um homenzarrão de azul
dá-lhe um papel, a gritar.

O papel cheira a dinheiro,
¿onde é que o irá buscar?

O bruto grita que grita
¡ai quem soubesse falar!

MEIO

Os anos passam depressa
e os dias devagar.

Passam anos e mais anos
;quem os pudesse parar!

Trabalha dias e noites
a vender e a comprar.

Compra e vende, noite e dia
não tem tempo de pensar.

Esqueceu a sua gente,
não tem tempo para amar.

Nunca mais lhes escreveu,
já nem sabe soletrar.

O livro que a Mãe lhe deu
¿onde é que foi parar?

Orações que bem sabia,
não sabe mais recitar.

Só diz palavras mal ditas
¿quem é que o há-de ensinar?

Um dia, pela tardinha,
;que saudade de matar!

Vende tudo, tudo vende,
pra seu dinheiro juntar.

Volta à sua velha terra
de primeira e pelo ar.

As bandeirinhas em baixo
são lencinhos a acenar.

O mar, que era tamanho,
é um laguinho a azular.

Dão-lhe lagosta e champagne
que é mesmo de consolar.

Com a boca ainda cheia
vê a Pátria despontar.

O sol, laranja madura,
quase se está a afundar.

Desaperta o cinto e sai,
vai suas malas buscar.

Grandes malas, lindas malas,
cheinhas, a abarrotar.

Leva roupas e mais roupas
para si e para dar.

Mira à volta, mira, mira,
¿quem é que o veio esperar?

Só uns gajos bem falantes
estão ali pró saudar.

Dão-lhe uma rica medalha,
um papel a acompanhar.

São homens de muita escola,
muito bons pra discursar.

Dizem-lhe palavras lindas,
todos o vêm abraçar.

Ele diz-lhes “muito obrigado”
com a cabeça a abanar.

Para não dizer asneiras
cala e anda, devagar.

Um homem de azul vestido
ao hotel o vai levar.

O homem, fala que fala,
e êle, sem poder falar.

Aqueles a quem bem queria
estão na terra a descansar.

A noite já vem caíndo,
ninguém o vê a chorar.

¡Ai triste de quem é triste
na travessia do mar!
Tem uma dor no partir
Tem outra dor no chegar.







TABAJARA RUAS

escritor

por M. Carmen Villarino Pardo
e Márcio Coelho Muniz



prosa brasileira actual

Tabajara Ruas nasceu em Uruguaiana, no Estado do Rio Grande do Sul, em 1942. Estudante de arquitectura, tivo que partir para o exílio em 1971, devido à sua actividade política contra o regime militar brasileiro. Viveu no Chile, na Argentina, na Dinamarca, em Portugal e em São Tomé e Príncipe. Completou os estudos de arquitectura na Dinamarca e escreveu o seu primeiro romance, *A Região Submersa*, durante o exílio, reeditado pela Âmbar em 2002 na colecção “Cântico Final”. É autor de outros cinco romances, entre outros *O amor de Pedro por João* (1982), *Os varões assinalados* (reed. em 2003) e *O Fascínio*, também publicado pela Âmbar. Trabalhou como *script writer*, nomeadamente para o filme *Kilas, o Mau da Fita*, de Fonseca e Costa, e foi produtor e realizador de cinema. Trabalha actualmente como *copywriter* e jornalista. É um dos

mais destacados escritores brasileiros actuais. «Tabajara Ruas é um escritor com um sentido de épico nas pequenas coisas e de humano no épico e [*Netto perde sua alma*, romance e filme] é, acima de tudo, um belíssimo texto. Nesta excursão ao passado, Tabajara vai atrás de um personagem fascinante e nos dá o privilégio de ir junto» (Luís Fernando Veríssimo). «Tabajara Ruas é um dos melhores escritores brasileiros de hoje. Escreve como Glauber filmava: apaixonado e com sínteses poéticas perfeitas» (*Bravo!*). «Prosa directa, cristalina, tensa, cinematográfica e sinfónica» (*Zero Hora*).

Para um homem que estudou arquitetura, participou da resistência à ditadura militar de 1964, obrigado a viver vários exílios, tradutor, editor, autor de folhetins, roteirista para histórias em quadrinhos e cinema, como vê hoje a sua trajetória como escritor brasileiro?

Essa pergunta –olhar para sua própria trajetória– é uma dádiva e um suplício. À primeira vista, considerando a pergunta, o escritor ficou um tanto esquecido na poeira de tantas atividades, nem todas nobres, nem todas bem sucedidas. Mas quem não levou porrada na vida? Só os conhecidos do Pessoa... Pensar na minha trajetória como escritor brasileiro naturalmente reabre feridas, mas também me recorda que escrevi os livros que quis, mudei de gênero quando quis e me senti livre, feliz e atormentado enquanto escrevia meus seis romances. Sem euforia, sem remorso e pronto e sereno para os novos desafios – é assim que me sinto, ou que me vejo.

Em alguns dos seus livros (O fascínio e Netto perde sua alma), você dialoga com a chamada "literatura fantástica". De onde vem o gosto por esse tipo de literatura? Quais são suas referências nesse campo?

Vem da beira do fogão à lenha, nos longos invernos do pampa, na minha casa na cidade da fronteira, ouvindo histórias de aparições e fantasmas na voz de minha mãe. Histórias fantásticas são um prato comum nas reuniões familiares do Rio Grande do Sul. Vem da cadeira de balanço de Ana Terra balançando vazia em "O Continente" de Érico Veríssimo e vem do fantasma que surpreende Hamlet com o pedido de vingança. Os fantasmas nos acossam a todo momento, em cada esquina. É uma vastíssima literatura, de Lovecraft a Garcia Márquez, e eu amei a cada um deles, página a página.

Como você se encaixaria no panorama da literatura fantástica latino-americana?

Tenho a impressão que qualquer escritor latino-americano se encaixa naturalmente na literatura fantástica de seu continente, mesmo sem querer pertencer a esse gênero ou mesmo sem perce-

nenses, mato-grossenses, paraenses, catarinas e gaúchos estão colados à América Latina, a essa enorme fronteira sangrenta das guerras de libertação, da resistência às ditaduras, dos entreveros

«A construção dos meus romances sempre foi de forma intuitiva. A intuição não é apenas mais cômoda para um escritor, acho que também é uma espécie de consciência da criação...»

ber esse fenômeno ou mesmo ignorando-o propositadamente, o que já significa um ato fantástico. Nossa realidade é fantástica, para bem ou para mal, e aos escritores cabe escrever sobre a realidade, transformá-la ou recriá-la, como bem entender. Fugir dela é que é difícil.

culturais, do contrabando e das línguas que se enroscam como línguas de amantes. Bahia e Rio estão longe da Venezuela, da Bolívia, da Colômbia, do Paraguai, da Argentina e do Uruguai, mas os que vivem em suas fronteiras conhecem bem o suor, o cheiro, a cor, o terrível e maravilhoso destino de ser brasileiro e latino e americano.

O João Ubaldo Ribeiro afirmou, em palestra nas Correntes da Escrita, de 2002, não gostar/acreditar na expressão “latino-americano” porque não se via como tal. Segundo ele, o brasileiro possui muito mais identidade cultural com a Europa e com os EUA do que com os países “latino-americanos”, cujas culturas são pouco ou nada conhecidas pelo brasileiro médio. Como Gaúcho, habitante de uma região limítrofe com alguns países sul-americanos, como se sente em relação a esta questão? Você crê numa identidade “latino-americana”? Quais seriam as bases dessa identidade?

Você costuma utilizar em vários de seus textos os assuntos/moldes do “romance policial” e da “narrativa de guerra” (Os varões assinalados e Netto perde sua alma). A utilização de gêneros diferentes tem como intuito o mesmo olhar para a Identidade e a História?

O João Ubaldo tem suas razões porque é da Bahia e mora no Rio de Janeiro, lugares “distantes” da América Latina. Mas os amaz-

A construção dos meus romances sempre foi de forma intuitiva. A intuição não é apenas mais cômoda para um escritor, acho que também é uma espécie de consciência da criação, algo que avisa misteriosamente se o caminho está certo ou errado. Mas, também o escritor busca conscientemente o caminho para seus

textos, e eu encontrei no “policial” bons e sólidos alicerces para construir alguns dos meus livros. Li com emoção os grandes romances épicos, as grandes narrativas de guerra, e depois disso se tornou totalmente inevitável que eles interferissem no meu labor criativo. Mas o olhar para a Identidade e a História são um olhar intelectual, meditado, e com intenção interpretativa. Acho que muito pouco, e ainda com extremo pudor, me propus a pensar nesses termos para alguns dos meus textos. As narrativas da aventura humana são suficientes para o escritor, pelo menos para mim. É dela que decorrem, depois, a especulação, a busca do racional, da Identidade, da História. Eu fico só com o prazer do Texto.

Para além do elemento “fantástico”, do elemento “policial” e da “narrativa de guerra” (quase obsessões literárias em sua obra), sua literatura pode ser incluída numa tendência da narrativa das últimas décadas do séc. XX dedicada a uma certa recuperação do “romance histórico” em nova perspectiva, na qual a História longínqua ou recente é convocada ou revisitada ficcionalmente com o intuito de se reler ou reavaliar os acontecimentos presentes. Por que a opção pelo “romance histórico”?

Enquanto tendência de final de século, sinceramente, não sei. Mas acho que dá para especular aqui

por estas bandas. Temos uma História recente. A existência do Rio Grande do Sul não tem mais de 300 anos. Foram três séculos de guerra. Nossa infância. Estamos na adolescência, tentando formar um caráter, nos perguntando quem somos de onde viemos para onde vamos, nos achamos belos e horrorosos, formidáveis e provincianos. Nos detestamos e envergonhamos, mas também erguemos mitos e nos louvamos exaltadamente diante do espelho, como qualquer adolescente. É uma grande fase da vida e é preciso aproveitar.

Em O fascínio também está presente a fascinação de Bertholino pela história de violência de seus antepassados. É como se os leitores de seus textos estivessem sempre prontos para a viagem no tempo e sobretudo no espaço rio-grandense, como se “com malas prontas ou sem elas” a viagem tivesse lugar sempre. É consciente disso? E qual o efeito narrativo que busca?

“O fascínio” é uma visão *noir* da História do Pampa. Ali estão todos os mitos antigos e modernos da minha formação. É uma viagem, sim, consciente mas nem tanto, através de livros e filmes de detetives e de fantasmas, entrelaçados com lendas de carga e degola. E é um exercício de síntese.

A crítica o define com um “ótimo

contador de histórias” e escritor com grande “visualismo cinematográfico”. Como leitores, ficaram-nos registradas estas mesmas impressões. Suas histórias, antes de tudo, constroem-se com ótimos enredos e uma linguagem fluente e, muitas vezes, poética. São essas suas intenções quando escreve?

O poder da literatura é o poder de criar imagens que possam desencadear a imaginação do leitor, transportá-lo para um mundo novo e perfeitamente aceitável, onde ele se emocione e reflita. É isso que eu busco num bom livro, é isso que eu quero fazer.

«Toda literatura é regional. O que a tira da sua região é a qualidade do texto e a profundidade da emoção.»

Sua literatura é marcadamente regional. Ainda que contando histórias de caráter ou tema nacionais (A região submersa) ou universais (O fascínio), você parte de uma mundividência gaúcha. Como se posiciona em relação ao rótulo de “regional”? Como sente a recepção de sua obra em outras regiões do Brasil e também no exterior?

Toda literatura é regional. O que a tira da sua região é a qualidade do texto e a profundidade da emoção. O Sul de Faulkner, o Sertão de Rosa, o Pampa de Borges. O que não quer dizer que não haja uma grande literatura onde a paisagem é apenas interior, como em Machado de Assis, João Gilberto Noll e Lya Luft. A crítica tem sido generosa comigo por onde tenho sido publicado. E

tem me obrigado a pensar. Sou grato pelos dois.

Você escreve suas obras, ao menos as primeiras, no exílio. Relate-nos um pouco dessa experiência. O que o moveu a escrever?

O que nos leva a escrever continua piedosamente misterioso. Mas o que nos leva ao exílio é sabido de todos. Quando cheguei à Dinamarca em 1974, a América Latina era um enorme campo de concentração. Mas eu já trazia dentro o que queria fazer. Queria escrever. Desde os tempos de

adolescente em Uruguaiana eu já queria escrever, e o que me movia a isso era e é um impulso irresistível, que amamos e tememos. Então, eu escrevia não porque estava na Dinamarca e no exílio, mas porque a Literatura não deixa opção para seu escolhido.

Que memória tem desse período em que publicou, na Europa, A região submersa e que partilhou “cenários” e mesmo problemas editoriais com romances como Zero, de Ignácio de Loyola Brandão, e outras obras de ficção qualificadas mesmo de “politicamente sensíveis”?

Minha memória é romântica. A Europa era romântica nos anos 70. Caíam as ditaduras de Salazar e Franco, acreditávamos em

transformar o mundo, nossas bandeiras eram sagradas. Mas também sabíamos que no bar da esquina espreitava o stalinista de plantão. Se a memória pode ser romântica, o exercício literário não pode. Escrevi “A região submersa” na Dinamarca, publiquei em Portugal pela Bertrand. Trabalhei em São Tomé e Príncipe como arquiteto enquanto escrevia “O amor de Pedro por João”. Voltei a Portugal, participei do roteiro de “Kilas, o mau da fita”, com José Fonseca e Costa e Sérgio Godinho. Tudo isso entre 1978 e 1980. Mantenho laços fortes com Portugal. Tenho muitos amigos lá. A Âmbar está publicando todos os meus livros e o Fonseca e Costa filma neste momento “O fascínio”. É um bom desafio. Ele adaptou a história para a fronteira Portugal-Espanha e a revolução brasileira de 1893 para a Guerra Civil espanhola. É curioso. Isso responde de algum modo aquela questão do regionalismo.

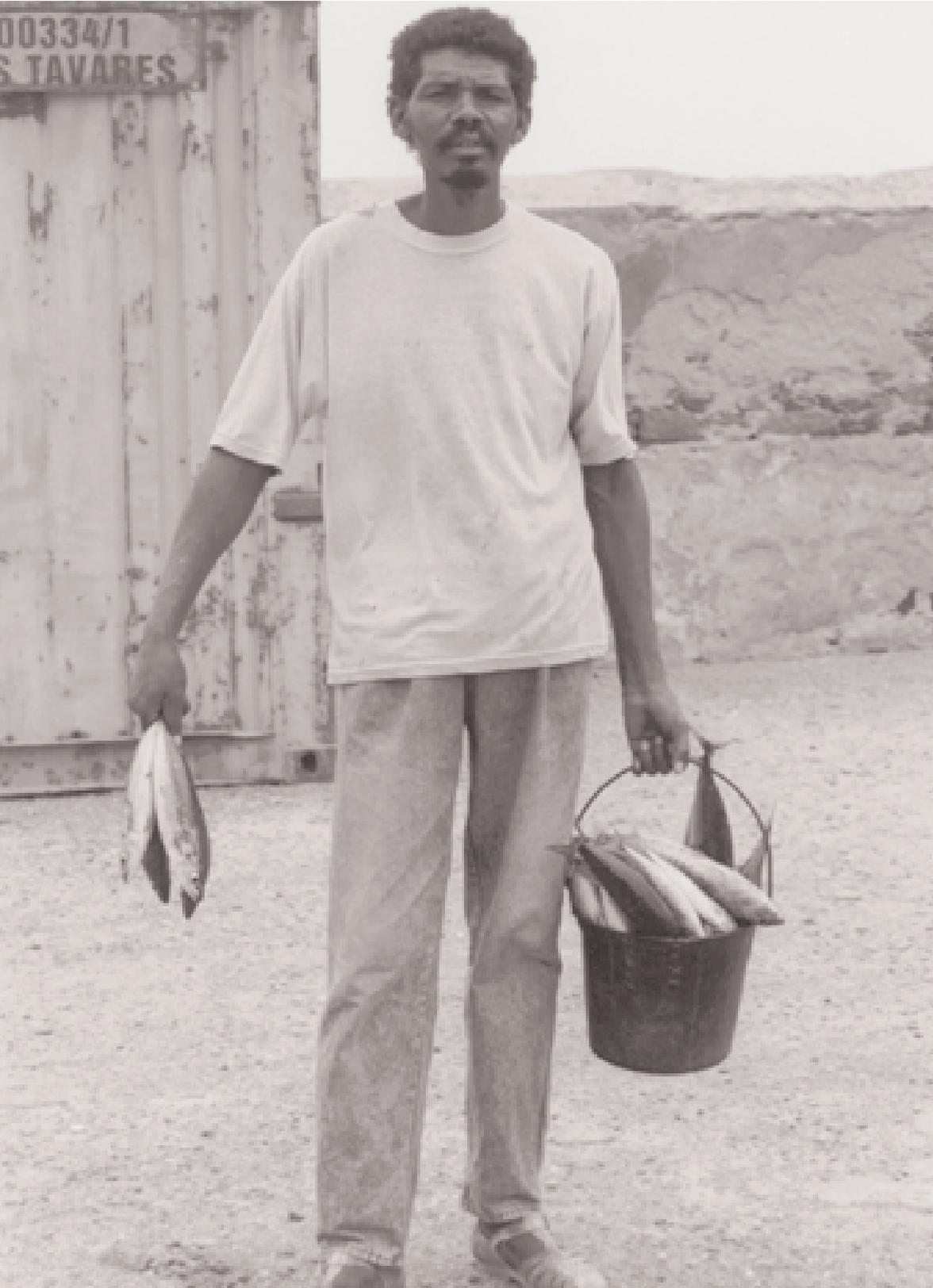
Que sabe da Galiza e dos galegos? Como era aquilo de ter passado uma noite a conversar com um galego exilado, quando de sua fuga do Brasil para a Argentina?

Os galegos são tão misteriosos para mim como o impulso de escrever. Ambos, ao longo da minha vida, foram motivo de espanto e admiração. Minha mãe falava muito nos galegos e na sua língua, mas as coisas só ficaram

claras (ou mais misteriosas?) quando encontrei um galego no meu caminho de exilado, conforme mencionei ao poeta Carlos Quiroga, numa carta. Vocês conhecem o cenário destas coisas, por isso vou ser sucinto: inverno no sul, cerração forte, rua enlameada de bairro pobre, casota de madeira e passos cautelosos para não acordar os vizinhos em plena madrugada. Me deixaram na porta e quem abriu foi um velho de barba branca e aparentemente mal humorado. Perguntou se eu queria comer algo e depois me levou para um sofá a um canto e me estendeu um cobertor. Antes de dormir fiquei pensando no modo como ele falava. Não era espanhol nem português. Me acordou de madrugada e me convidou com o mate. Fomos lacônicos (tínhamos que ser) e eu lhe perguntei porque falava assim. Me fuzilou com seus olhos azuis e disse que era galego. Me serviu bolachas e um copo de leite. Meia hora depois vieram me buscar. Nunca mais o encontrei.

(Junho, 2003)

00334/1
S. TAVARES



NOTAS

Portugal e Galiza no bom caminho

Isaac Alonso Estraviz

(Universidade de Vigo)

0.0. Quando em 1998 estava a transcrever as cartas de Teixeira de Pascoaes aos galegos e as destes àquele, encontrei-me com uma que trazia no sobrescrito a data de 18 de Novembro de 1918. Pus-lhe um interrogante e deixei passar. Mais adiante, como orientador da Tese de Mestrado de José David Araújo, vi-me na necessidade de consultar as revistas *Nós* e *A Nosa Terra*¹ e descobri uma série de actividades realizadas entre galegos e portugueses de grande transcendência. E entre elas a data aproximada da primeira carta que aparece no *Epistolário* e que deveria aparecer com o número 36 da edição.

1.0. As revistas *Nós* e *A Nosa Terra*

1.1. Efectivamente na *Nós*, nº 7, de 25 de Outubro de 1921², há bastante material sobre a vinda de Leonardo Coimbra à Galiza, sobre as actividades levadas a cabo e sobre o seu pensamento filosófico. Nessas páginas há dous trabalhos intitulados *A Embaixada Espiritual de Leonardo Coimbra*³ e *Leonardo Coimbra e o Criacionismo*⁴. Ainda que os textos da *Nós* são posteriores aos de *A Nosa Terra*, vou começar citando alguns parágrafos da primeira por os considerar de grande importância para o conhecimento do relacionamento galaico-lusitano daquela altura. Tanto na *Nós* como em *A Nosa Terra* os trabalhos aparecem sem assinar, mas pelo conteúdo e pola maneira de estar escritos, parecem ser da mesma pessoa,

(1) Tanto os textos da *NÓS* como de *A NOSA TERRA* adapto-os a um galego mais correcto.

(2) Cf. pp. 3-8.

(3) pp. 3-5.

(4) 6-8.

neste caso de Vicente Risco. Vou procurar segui-los fielmente e copiar aquilo que interessa para o melhor conhecimento de tal evento.

1.2. Tratamento na Revista *Nós*

a) A *Embaixada*

No segundo parágrafo de *A Embaixada* conta-nos o autor:

«Bem tempo levávamos de estarmos afastados e de não nos conhecermos... Bem tempo, padecendo a mesma doença funda e sem cura, a mesma ânsia atormentada do Infinito, cuidamos de nos ignorar, porque não trocávamos os nossos pensamentos, sem nos dar conta de que as nossas almas cegas se buscavam por instinto na escuridade... Bem tempo estivemos sem nos voltar um para o outro para nos dizer: 'Tu e mais eu, temos o mesmo sangue...'

(...) 'A Saudade -diz Teixeira de Pascoaes- é a Virgem tutelar das nossas Pátrias irmãs. Que elas se entendam e amem e trabalhem na mesma obra civilizadora!... A Galiza é irmã e mãe de Portugal. Portugal saiu dos seios da Galiza; depois abandonou a Mãe e foi por esses mares fora; fugiu como o filho pródigo. Mas é chegado o tempo do seu regresso ao lar materno. Temos de voltar a viver espiritualmente em comum. Assim o exige o destino das nossas Pátrias que ainda não está cumprido... Eu também espero que os dois Povos hão-de criar a Civilização atlântica. Serenada a tempestade que agita o mundo, a Galiza e Portugal aparecerão espiritualmente casados para afirmarem sobre a terra a sua Alma saudosa e redentora...'»

E continua mais adiante o autor do artigo:

«(...) sempre que Galiza sentiu ânsias de viver de novo, olhou amorosamente para a outra beira do Minho, como com um sentimento de revolta contra do azar histórico que nos dividiu fazendo dos galegos estrangeiros para Portugal, e dos portugueses estrangeiros para nós, como com uma ânsia de reintegração de Portugal e Galiza numa só Pátria espiritual que seria a verdadeira e nova Atlântida, a Atlântida rediviva».

Fala mais adiante dos autores portugueses que estavam na moda naquela altura na Galiza: Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra, Pina de Moraes, João Peralta, Armando de Basto, Manuel de Figueiredo, João de Castro, Alexandre de Córdova, José de Cervaens Rodrigues, Orlando Marçal, A. Pereira Cardoso. Também fala da importância que se lhe deu

na imprensa portuguesa à Embaixada da cultura portuguesa à cidade da Corunha.

b) Leonardo Coimbra e o Criacionismo

No segundo trabalho fala-se do pensamento filosófico de Leonardo Coimbra. O filósofo português não é um estrangeiro para os galegos. «Podemos dizer, pois, que o Dr. Leonardo Coimbra é o nosso pensador representativo, pois, como diz no mesmo artigo citado o professor Biqueira:

«O nosso espírito filosófico, ainda por desenvolver, está bem perto do espírito filosófico de Portugal, que convém tanto conhecer aos galegos⁵.»

Continua o artigo a falar do pensamento filosófico criacionista de Leonardo Coimbra comparando-o com outros filósofos europeus e outros sistemas de pensamento, considerando o pensador português como o mestre da filosofia de portugueses e galegos.

O publicado em *Nós* é posterior ao publicado com anterioridade em *A Nosa Terra*. O tratamento é mais sereno e tranqüilo ainda que com certa carga de emotividade. Ainda estão perto dos acontecimentos. Em ANT os acontecimentos salientam-se com muito verismo.

2.0. *A Nosa Terra*

2.1. O acontecimento da vinda dos portugueses à Corunha salienta-se de uma maneira especial⁶. O título em letra grande e negrito é o seguinte: «**Portugal e Galiza no bom caminho**. O primeiro acto de intercâmbio cultural e artístico entre portugueses e galegos» e começa com as seguintes palavras:

«A data do 4 de Setembro do 1921 é para nós uma data histórica, uma data inesquecível. Pola primeira vez uma representação dos mais altos valores da intelectualidade portuguesa, somando-se a elementos artísticos de valia, passou o Minho com o objecto de conhe-

(5) *Ib.* p. 6.

(6) Veja-se *A Nosa Terra*, nº 147, p. 1.

cer e estreitar laços de afecto com a intelectualidade da nova Galiza, da Galiza das Irmandades, que é a verdadeira e única Galiza»

A Nossa Terra e a lusitana — prescindindo do velho e murcho hispano-lusitanismo, do velho federalismo e das mais frases feitas ocas, começaram a se entenderem directamente, como irmãs afastadas por mor de intermediários molestos durante séculos, para acabar selando um pacto íntimo e cordial, com sangue dum comum espírito, que há trazer para ambas as pátrias um futuro glorioso e transcendente, útil à Humanidade⁷»

Diz-nos a seguir que, segundo Cambó, a chave da solução do problema catalão está em Portugal e na Galiza. Vilar Ponte também afirmara que a solução do problema da Galiza estava em Portugal e na Catalunha, especialmente em Portugal, e que ali havia-de achar-se a chave da solução do problema galego. Conta-nos como as frases anteriormente citadas foram comentadas admiravelmente num jornal da cidade do Porto por Pina de Moraes, o qual se sente plenamente identificado com o pangaleguismo.

Passa depois a falar-nos da corrente de simpatia mantida polos jornais portugueses em prol da Galiza e dos jornais e revistas galegos em prol de Portugal, o que facilitou a viagem de Leonardo Coimbra e o Orfeão do Porto à Corunha. Dentro deste ambiente de mútua simpatia e admiração considera um crime que a nossa terra e a terra portuguesa andassem de costas viradas como o estiveram até aqui por culpa de uma mediatização castelhana — alheia à alma comum dos dous países que rega o Minho. Temos também em comum a saudade e o cantor exímio da mesma, Teixeira de Pascoaes, o qual encarna em si a alma das duas pátrias, o que hoje diríamos um galeoportuguês de corpo inteiro.

Atribui a Leonardo Coimbra, a quem considera uma das mais fortes mentalidades europeias contemporâneas, o milagre da encarnação das ânsias lusogalaicas e a de criar, mercê da sua eloquência, um novo ambiente espiritual propício para que em breve ambas as terras sejam uma só no futuro. Como se vê, o autor do artigo vai mais além do que um simples relacionamento cultural. Postula uma unidade política. Leonardo é considerado um novo Cristo que diz aos galegos *surge et*

(7) *Ib.*, p. 1.

ambula o que os levará a futuros acontecimentos. Ele escreveu na Corunha um novo capítulo da História galega e os galegos receberam-no como irmão. E no fervor do entusiasmo exclama:

«Com os braços abertos vos aguardamos e aguardarémós-vos sempre, portugueses! Com os braços abertos, o coração a latejar num ritmo de afecto sincero e fundo e com a alma cheia de saudade...!»⁸

2.2. Viagem polas terras galegas

O deambular da embaixada portuguesa polas diversas cidades da Galiza foi triunfal e foi recebida, em toda a parte, com toda a classe de mostras de carinho e amizade. Em Ourense recebeu-nos uma selecta representação de nacionalistas à frente dos quais estava Antom Lousada Diegues. Em Betanços saíram à passagem do comboio pessoas das irmandades de Betanços e Ferrol. Em Monforte une-se a eles Vicente Risco que se achava de férias em Castro Caldelas. Em Guísamo cumprimentam a João Vicente Biqueira e lá estavam já muitos irmãos da cidade herculina.

Na chegada à estação dos comboios da Corunha o recebimento foi apoteósico. Lá os esperavam o presidente do «Circo de Artesanos» e da «Associação da Imprensa» corunhesa, o presidente e secretário da Câmara Municipal, Sres. González Rodríguez e Martín Martínez, o Conselho directivo da «Irmandade da Fala», delegados da Academia Galega, Lugris Freire e Eládio Rodríguez González, os directores das revistas «A Nosa Terra» e «Nós», o director e redactor chefe de «Correo Gallego» de Ferrol: Vilar Ponte e Jaime Quintanilha, a directiva do coral «Cantigas da Terra» e todos os elementos do mesmo, um representante do Instituto Geral e Técnico da Corunha, Outro da Escola Superior de Comércio, além de outras muitas pessoas enviadas por centros e entidades de lazer e cultura.

A chegada do comboio com os portugueses foi cumprimentada com aplausos e vivas a Portugal, Galiza, Corunha e Porto. De ali foram trasladados uns no landeau municipal e outros em carros entre os aplausos da multidão ao centro da capital. Foram recebidos no salão de festas do «Circo de Artesanos». Após um breve descanso, Leonardo Coimbra apre-

(8) *Ib.* p. 2.

sentou o Coral, que lhes ofereceu algumas peças do seu repertório. Ao dia seguinte deram o segundo concerto no «Teatro Rosalia Castro» sendo amplamente ovacionados.

Mas o que realmente os emocionou, o mesmo que nos relataram em Nós, foi a conferência de Leonardo Coimbra. O brilhante orador falou do pensamento filosófico e político de Portugal através do escritor Antero de Quental, de Sampaio Bruno e Teixeira de Pascoaes. Resume o cronista parte do pensamento de Leonardo Coimbra através da sua palestra e como foi seguido atentamente por conhecedores e profanos na matéria, sendo aplaudido entusiasticamente.

Descreve de seguido a exposição de Arte, passando depois a contar-nos os actos levados a cabo na sede da Irmandade corunhesa, onde dividiram o terreno para um intercâmbio cultural, participando os portugueses nas publicações galegas e os galegos nas de Portugal. Os membros da Irmandade ofereceram-lhe um jantar onde houve brindes e discursos. Leonardo Coimbra pronunciou uma frase verdadeiramente profunda: «Só por viver esta hora — disse o grande pensador — valeria a pena ter nascido.»⁹

Uma vez retirados aos seus aposentos, depois da actuação do Orfeão portuense no Teatro Rosalia, Cantigas da Terra deu-lhe uma serenata ao Doutor Leonardo Coimbra e aos senhores Leça e Casimiro, frente ao Palace Hotel onde se hospedavam. Passava da uma da noite e milhares de pessoas escutavam a serenata. A Av. dos Cantões estava cheia de gente. Ao esgotar Cantigas da Terra o seu repertório entoaram o hino galego. Todo o mundo atento, cabeças descobertas e com unção religiosa cantaram:

« (...) Nom dêa esquecemento
da injúria o rude encono,
desperta do teu sono
naçom de Breogám.
À nobre Lusitânia
os braços tende amigos,
aos eidos bem antigos
com um pungente afám;

(9) Ib. p. 4.

e cumpre as vaguidades
dos teus soantes pinhos,
duns mágicos destinos,
naçom de Breogám!»

Terminado de cantar o hino, os aplausos atroavam. Leonardo Coimbra, vivamente emocionado, desde o Hotel dirigiu a palavra às multidões. Segundo o cronista

«Foi um momento emocionante, inolvidável, formoso. A voz do insigne pensador, cristalina, ampla, forte, limpíssima, enchia o espaço até muito longe. E a voz envolvia conceitos profundos ateados de sentimentos. Leonardo Coimbra, todo a vibrar como um leão de juba alporizada, com uma elegância de gesto pasmosa, com mil cousas poéticas deitando dos seus lábios, conquistou o coração de todos. E todas as mãos bateram. E milhares de mãos batendo e milhares de gargantas a gritar: Viva o genial Leonardo Coimbra! Viva Portugal irmão! coroaram momento tão inesquecível, que fechou ainda esta frase síntese: Vivam Portugal e Galiza unidos!...»¹⁰

A despedida, diz o cronista, foi como a chegada. Uma pequena diferença: na chegada a alegria encheu os peitos de todos. Na despedida foi a mágua do afastamento, a pena da separação, as brêtemas saudosas que inundaram os corações de galegos e portugueses que se misturavam e abraçavam com grande carinho. Houve prendas da parte galega e da parte portuguesa no acto da despedida. O acto adquiriu tal importância que a Irmandade da Corunha deu conta dos actos celebrados ao presidente da República portuguesa, ao ministro de Instrução pública, ao presidente da Câmara Municipal do Porto, ao Reitor da Universidade portuense e ao ministro dos Negócios Estrangeiros e também aos jornais «Primeiro de Janeiro» e o «Jornal de Notícias».¹¹

2.3. Deixa Castela e vem a nós

No mesmo número publica-se uma poesia de Afonso Lopes Vieira intitulada *A Galiza* na qual o poeta repete cada dous versos o refrão «deixa Castela e vem a nós!», que vale a pena copiar e ler:

(10) Ib. p. 4.

(11) Ib. pp. 4-5.

A GALIZA

A modo de velho cantar

*Que Castela e castellanos
todos num montom, a eito,
nom valem o que una ervinha
destes nossos campos frescos.*

(Trova galega)

O Galiza dos verdes prados
tão irmaos dos nossos, por Deus abençoados,
-deixa Castela e vem a nós!
O Galiza, Galiza dos campos floridos,
por Deus abençoados, por vós tão queridos,
-deixa Castela e vem a nós!
O velha Galiza dos cantares amados,
tão irmãos dos nossos, tão bem suspirados,
-deixa Castela e vem a nós!
Galiza soidosa dos cantares sentidos,
se es tão longe «deles», vem aos teus amigos,
-deixa Castela e vem a nós!

Afonso Lopes Vieira

Aparece também reproduzida a famosa caricatura que Cebreiro lhe fez a Teixeira de Pascoaes com uma nota onde se diz que esteve sempre presente o recorde do grande poeta e conclui com a seguinte afirmação que demonstra o grande apreço em que era tido naquela altura:

«Teixeira de Pascoaes tem um culto nos corações dos moços da Galiza. Para nós é como um símbolo luminoso»¹²

2.4. A carta da Câmara Municipal do Porto

No número seguinte de ANT, o 148 de primeiro de Outubro, publica-se a carta da Câmara Municipal do Porto dirigida à Irmandade Galega da Corunha e que, para interesse de todos, reproduzo a seguir:

(12) Ib. p. 5.

«Excmo. Senhor Presidente da 'Irmandade da Fala'
Corunha - Galiza

As saudações amistosas que V. Ex^a dirigiu a esta Municipalidade por ocasião da visita à Corunha do Orfeão do Porto calaram tão fundo no nosso espírito, que dificilmente encontramos palavras que possam traduzir o nosso mais profundo reconhecimento para com a ilustre corporação de que V. Ex^a é muito digno Presidente.

É sempre consolador ter de registar estas provas de estima e consideração, sobretudo quando elas partem duma nação irmã e amiga, à qual desejamos as maiores prosperidades.

Apresentamos a V. Ex^a, em nome desta cidade, os protestos da nossa maior consideração, fazemos votos de Saúde e Fraternidade.

Porto e Paços do Concelho, 20 de Setembro de 1921.

O Presidente da Comissão Executiva,
Manuel R. Azevedo»¹³

Acho impossível encontrar na história do relacionamento da Galiza com Portugal um acto tão importante e a tão alto nível. Pena que com as duas ditaduras —a de Primo de Rivera e a de Franco— se perdesse um tempo óptimo para levar à realidade uma ânsia de muitos anos de história.

3.0. Teixeira de Pascoaes e Rodrigues Lapa

3.1. Ainda que o título deste trabalho parece restringir-se à *Embaixada da Cultura*, através destes actos enxerga-se a importância que Teixeira de Pascoaes teve em todo este movimento restaurador, tendo em conta o seu papel n'*A Águia* e na *Renascença* e o vínculo que o unia com Leonardo Coimbra e todos os que formaram parte da mesma. Por isso acho interessante que aqui mesmo se diga qualquer coisa de Teixeira de Pascoaes e também de Rodrigues Lapa, o qual estava a formar-se nessa altura, para perceber um pouco melhor a nossa história cultural

Tem-se falado muito -e com razão- do papel de Rodrigues Lapa no movimento reintegracionista. Quase nada do papel de Teixeira de

(13) *A Nosa Terra*, nº 148, p. 2.

Pascoaes. Cabe perguntar-se, existiria Rodrigues Lapa se antes não houvesse existido Teixeira de Pascoaes? Apesar de serem temperamentos tão diferentes e nalguns pontos encontrados, qual dos dous influenciou mais na cultura galega?

Não podemos esquecer que muitos dos símbolos que se repetirão por activa e por passiva já provêm desta etapa. E talvez melhor cunhados. Para Teixeira de Pascoaes Portugal é o filho pródigo que se foi por esses mares adiante abandonando Galiza sua mãe. Para Rodrigues Lapa o filho pródigo é a Galiza. Antes de que João Verde compusesse o poema «Vendo-os assim tão pertinho, | A Galiza e mail'o Minho» em *Ares da Raia* já Teixeira anunciara «A Galiza e Portugal aparecerão espiritualmente casados». O vocábulo *reintegração* está nesta altura muito presente. Leonardo Coimbra, o mesmo que Vicente Risco, consideraram-no sempre Mestre.

a) Teixeira de Pascoaes

Trata-se de uma das pessoas mais enigmáticas da cultura luso-galaica. Natural das terras de Amarante, de uma extrema sensibilidade humana e poética, foi interiorizando por si mesmo, como se pode comprovar através do *Epistolário*, a realidade cultural galega. Desde as montanhas do Marão olhava para as terras da Galiza espanhola considerando-as parte integrante de uma mesma e única terra pátria.

O seu poema *Fala do Sol*, dedicado aos jovens poetas galegos e publicado no primeiro número da revista *Nós*, produziu uma comoção profunda no mundo cultural galego. Já dantes, ao publicar *Marânus* coloca à frente o poema *A Galiza*: «Galiza, terra irmã de Portugal | que o mesmo Oceano abraça longamente...». Publicará posteriormente outros poemas dedicados a personagens galegas, os quais lhe acrescentarão a enorme simpatia e carinho a respeito da sua obra e da sua pessoa. Criou-se arredor dele uma plêiade de simpatizantes e admiradores e pouco e pouco foi-se convertendo no centro de atenção de todos os galegos. Cartas, livros, andavam de lá para cá e de cá para lá. Os galegos esperavam a redenção da Galiza através de Portugal e ele esperava a redenção de Portugal através da Galiza. Homem admirado por alguns em Portugal e por muitos na Espanha e na América Latina, onde melhor se sentia ele

era com os galegos, pois estes disputavam os seus poemas e artigos para serem publicados nos seus respectivos meios.

Ainda que os galegos tinham diferentes maneiras de olhar os problemas galegos, tratando-se de Teixeira todos viam nele o amigo, o poeta, o «Mestre de todos nós». Uns viam nele o poeta e outros queriam ver nele o salvador e redentor do povo galego. Ele procurou não defraudar ninguém e não se comprometer com grupúsculos. Estava por cima do bem e do mal. Foram bastantes os que passaram pola sua casa grande de Pascoaes e que conviveram horas e dias com ele, incluído o próprio Castelão.

Tinha a obsessão de visitar Galiza em santa peregrinação, mas o destino não quis que o seu desejo se cumprisse. Em parte porque via que os galegos estavam divididos e não queria ser apropriado por ninguém. Mesmo num momento dado em que parecia que isso ia ser realidade, ficou num simples desejo incumprido. Foi quando Noriega Varela o convidou a ir a Trasalva. Decide aceitar e apresentar-se ali com a sua irmã, mas ao ver que podia provocar moléstias perante um Noriega confuso e tímido da condição da sua vivenda, decide desistir. E só mais adiante atravessará o solo galego no comboio caminho de Madrid sem pisar terra galega. Que coincidência! Cebreiro, o seu grande amigo e caricaturista, também prometeu uma e mil vezes ir de peregrinação a Portugal e nunca tal cousa se levou a cabo.

b) Rodrigues Lapa

Que parecidos e que diferentes! Ambos os dous grandes amantes da Galiza, dos galegos e da nossa comum cultura. Quando tive a oportunidade de o conhecer pessoalmente e depois de o continuar tratando, este homem sempre me cativou e me segue a cativar pola lucidez de pensamento e polo seu trato humano. A sua atitude perante os problemas galegos foi totalmente diferente. Amigo dos seus amigos, isto não lhe privou de primar a verdade mesmo a risco de ser incompreendido dos amigos. Como ele era nobre e sincero achava que os demais também o seriam. Não tinha malícia. Isso provocou-lhe afastamentos e incompreensões. Por isso ao lado dos admiradores e simpatizantes também teve os seus inimigos acérrimos. Entrou de cheio nos problemas galegos, o que não fez Teixeira. O filho pródigo não é Portugal, é a Galiza que se afastou da

família comum. Ele visitou Galiza várias vezes, mesmo leccionou em Santiago algum curso.

Rodrigues Lapa integrou-se plenamente na cultura galega e aceitou-a sem preconceitos. Chegou a admitir alguns vocábulos com significação deturpada por culpa dos informantes. Conhecia, e tinha na sua casa, todas as publicações galegas. Para ele tudo o que era autenticamente galego era autenticamente português. Neste sentido muito mais aberto e tolerante do que alguns dos seus seguidores. Mas nunca admitiria, com a ingenuidade que admitiu Teixeira, a versão ao galego de *Canção Humilde*. E como era homem de inteligência serena, Galiza não se salvaria através de saudades ou sentimentalismos, senão através do trabalho específico de cada galego.

Felizmente, a vida e os trabalhos destes dous homens estão a dar frutos e os seus desejos esperamos que em breve possam ser realidade.

Defendendo D. Ricardo

Luís Gonçalves Blasco

(I.E.S. Arcebispo Gelmírez 1, Compostela)

Já há muito tempo, mesmo em vida del, que começou umha campaña denigratória contra o saudoso professor Carvalho Calero, mestre de todos nós, apenas polas suas posiçons lingüísticas. Quando D. Ricardo vivia podia-se ainda defender destes ataques, mas após a sua morte os seus inimigos lançárom-se como abutres sobre a sua memória e tratárom de desqualificar toda a sua vastíssima obra; contodo ainda existia um certo respeito para o seu trabalho como historiador da nossa literatura contemporánea, mas até isto está-se-lhe a ser negado. Eis um pequeno exemplo de como acontece isto.

No número 1.034 de *A Nosa Terra* (16 ao 22 de Maio de 2002), Carme Vidal publica o artigo “O poeta berciano Antonio Fernández Morales rexurde no Ano Sarmiento”. No artigo inclui-se o seguinte parágrafo:

De certo, poucas son as referencias que os estudos da escrita galega lle teñen adicado ao poeta de Cacabelos. Carré Aldao sitúao como un precursor ao pé de Pintos ou Añón, pero Carvalho Calero non mostrou entusiasmo coa obra do berciano que cualifica mesmo de “chocalleiro”.

Nom sei a quem se podem atribuir estas opinions mas é provável que pertencam a Xosé-Henrique Costas que é citado pouco antes dizendo que merece estar nas antologias¹, qualificando-o de liberal e acrescentando que partilhava as ideias dos outros autores do noso ressurgimento; literalmente di “O seu esquecemento da nosa literatura é imperdoábel”. Nom creio que essas opinions podam ser de Carme Vidal e ainda que também se fala de Anxo Angueira que vai fazer um trabalho sobre o

(1) É certo que na primeira antologia de poesia galega editada por Galáxia depois da guerra nom figura o seu nome no tomo III, elaborado por Francisco Fernández del Riego. O livro editou-se em Vigo em 1957 sob o título *Escolma de Poesía Galega*. A obra completa consta de quatro tomos: os dous primeiros ao cuidado de Xosé María Álvarez Blázquez e os dous últimos ao de del Riego, tardárom vários anos em saírem.

vulto deste precursor parece-me impossível que sejam del nem de Méndez Ferrín que também aparece citado no artigo.

O artigo parece estar feito sobre umhas declaraçõs do professor da Universidade de Vigo, Xosé-Henrique Costas ainda que sempre é possível que a jornalista adornasse o seu trabalho². No artigo di-se textualmente:

Pouco máis de un ano hai que o profesor da Universidade de Vigo escoitou o nome de Antonio Fernández Morales no Bierzo. Participaba daquela nunha conversa sobre a necesidade de que o Día das Letras Galegas se adicase a un escritor de fora das fronteiras administrativas galegas. Barallaban varios nomes e, entre eles, xurdíu o de Antonio Fernández Morales, un escritor a quen Costa (sic) non coñecía pero do que deseguida se apaixonou.

O próprio título do artigo é enganoso já que há muitos anos que eu, um simples professor de Médiás, conheço a importância de Fernández Morales, autor, segundo Carvalho, do segundo livro em língua galega, pois o professor considerava, com razom, que o primeiro lugar correspondia a *A gaita gallega* de Pintos.

Mas vejamos o tratamento que Carvalho Calero dava a Fernández Morales na segunda edição da sua monumental *Historia da Literatura Galega Contemporánea* (Vigo, 1973). Na página 113 começa o epígrafe 19 dedicado inteiramente a Fernández Morales e ao filólogo Mariano Cubí que escreveu umha introduçom para o livro cujo título completo nos dá:

Ensayos poéticos en dialecto berciano por el Comandante de Infantería e inspector provincial de Estadísticas, D. Antonio Fernández y Morales, con una introducción sobre lenguas, dialectos, subdialectos y jergas en general y el origen del berciano, lenguas y dialectos castellanos y gallegos en particular, por D. Mariano Cubí y Soler, autor de varias obras filológicas, fundador de dos Colegios literarios, y propagador de la Frenología en España.

Tam largo título foi publicado em Leom em 1861.

(2) Os jornalistas em geral e os d'A *Nosa Terra* em particular nom som muitas vezes rigorosos quando falam de cultura: No número 1.011 d' *A Nosa Terra*, M. Veiga dedica umha página a O Nobel cumpre cen anos, onde se podem ler cousas como as seguintes: «o Nobel non constitue umha garantía de inmortalidade para os escritores. En case nengunha librería é posible encontrar hoxe obras de Sully Prudhomme, Federico Mistral ou José Echegaray. Nas livrarias occitanas nom há problema nengum para achar as obras do grande protagonista do Ressurgimento da literatura provençal». Em outro lugar da página afirma-se: «Se cadra algún día toca premiar a unha lingua minorizada». Será possível que M. Veiga desconheça que precisamente Mistral recebeu o famoso prémio pola sua obra numha língua ainda mais minorizada do que a galega?

Carvalho Calero informa-nos de que Fernández Morales nasceu em Astorga, aínda que se criou no Berço, conhecendo Mariano Cubí em Vila Franca. A seguir descreve o libro e a modalidade lingüística utilizada polo seu autor. Remata a epígrafe com uns comentários literários:

Antre os poemas figura un tiduado “Cuento satírico” no que só se emprega o bercián pra reproducir as verbas de dous persoaxes da fábula. É unha historia dabondo enfadosa, que ocupa non menos de cento coarenta e sete páxinas.

O resto dos poemas, escritos totalmente en bercián, tenden na súa maior parte, non só a dar unha idea viva da fala do país, senón a presentar os costumes populares do mesmo. Se “O fiandón d’aldea”, “Villafranca e a vendima”, “A boda de Petriña” e algún outro non carecen de inxenio e fluidez, outros poemas son escesivamente chocalleiros, e can na grosería, que nalgúns deles, como “O entroido”, chega a se facer inaturabre.

Pero Fernández Morales empregou tamén o dialecto bercián pra o lirismo de inspiración nobre. Así nos poemas “A Santísima Virxen da Quinta Angustia”, “A Ponferrada”, “A Dios”.

Como se pode ver, Carvalho Calero apreçava a obra de Fernández Morales enquadrando-a, na súa maioría, dentro do costumismo propio da época e fala de unha serie de poemas que “nom carecem de inxenio e fluidez”; aléms disso fala tamén do seu lirismo de “inspiraçom nobre”.

Mas nom é só nesta epígrafe exclusiva onde a Historia da Literatura de Carvalho Calero se ocupa da obra do Maragato de nascimento e Berciano de adopçom. Quando se ocupa da poesia anacreóntica de Pondal³ compara un texto do bardo da Ponte-Ceso com o seguinte de Fernández Morales:

Lucas puxo de contao
pra colmar dela os acedos
pudores, na vista a mao;
pero foi tan descuidao
que non cerrou ben os dedos.
A pastoriña berciana
que delo se percatóu,
colléu o dengue de grana
e da mirada profana
de Lucas se recatóu.

(3) Nota a rodapé 34 nas páxinas 293-294.

Na página 451, na epígrafe consagrada a Manuel Martínez González, Carvalho di textualmente:

Alén das poesías contidas no libro *Poemas Gallegos*, hai que mencionar a composición “A fiada”, cadro de costumes dabondo animado, i escrito con fluidez. Remata con apagamento da luz, como “O fiandón da aldea”, de Fernández Morales; pero noutros aspectos lembra “A pantasma” de Añón.

O saudoso professor nom vacila à hora de situar o nome de Fernández Morales entre outros dos precursores do noso Resurgimento como Añón e Manuel Martínez González.

Falando de Noriega Varela volta Carvalho⁴ a falar do poema “O fiandón da aldea” relacionando-o com o conhecido “De ruada” da primeira época de Noriega.

As últimas referências a Fernández Morales achamo-las no *Cabo*, no *Cadro Sinóptico* e na *Bibliografía* que figuran ao final da monumental obra do inesquecível professor.

No *Cabo*⁵ reivindica para a sua obra, como já adiantei, o segundo lugar entre os libros do resurgir literário galego:

O segundo está escrito en dialecto berciano. Trátase dos *Ensayos*, de Fernández Morales, 1861.

Mas nom é na sua monumental *Historia* o único lugar onde Carvalho situa a Fernández Morales entre Pintos e Añón. Na “Unidad didáctica 1” da *Historia de las literaturas hispánicas*⁶ preparada polo, naquela altura, Catedrático da Universidade de Santiago, na página 65 di-se textualmente:

Figuras importantes

Entre los precursores de Rosalía figuran los autores de dos libros importantes, no por su valor estético, sino por su significación lingüística. En 1853 se publica en Pontevedra *A gaita gallega*, de Juan Manuel Pintos Villar, que es un híbrido de poema didáctico y monografía científica, en prosa y verso, cuya finalidad confesada es

(4) Página 532.

(5) Página 771.

(6) Universidad Nacional de Educación a Distancia. Ministerio de Educación y Ciencia. Madrid 1977.

iniciar al que lo desee en el conocimiento de la lengua gallega. Muchas curiosidades lingüísticas, al estilo del P. Sarmiento, contiene esta obra, escrita por un humanista que conocía muy bien el gallego de su tiempo.

El tomo titulado *Ensayos poéticos en dialecto berciano*, de Antonio Fernández Morales, se editó en 1861, y es interesante como expresión de poesía dialectal. Fue impreso en León.

Estos dos son los únicos libros escritos en gallego que se publicaron con anterioridad a los *Cantares* de Rosalía. Lo demás que los Precursores nos dejaron, apareció en periódicos o en antologías. Sólo más adelante se reunieron en volúmenes las poesías de Camino o Añón.

Depois de todo o anterior parece-me umha completa injustiça⁷ dizer o que figura n' *A Nosa Terra*. É certo que nom mostra "entusiasmo" pola sua obra, mas si manifesta interesse pola mesma situando-o, como Carré, ao lado de Pintos ou de Añón. Também lhe reconhece umha série de méritos literários mas, falando a sério, poderíamos manifestar hoje "entusiasmo" perante a obra poética de Añón ou a de Pintos, tam grande por outros conceitos?

Um estudoso, sempre preocupado polos escritos em galego feitos por nom galegos, que si esqueceu a figura de Fernández Morales no seu livro *O que compre saber da lingua galega*⁸ foi Xesús Alonso Montero. Na página 110 da obra citada e sob a epígrafe "História Literária" lê-se:

1853—Pintos: "A gaita gallega".

O primeiro libro vernáculo

1861—Xogos Florales (bilingües) na Cruña.

1861—José Sánchez de Santamaría: "Evanxelio de san Mateo".

Por primeira vez un libro bíblico en galego.

1863—Rosalía de Castro: "Cantares Gallegos".

Primeiro gran libro da nosa literatura.

Como se vê Alonso Montero esquece o vulto de Fernández Morales incluindo, porém, umha tradução do evangelho de S. Mateu que dificilmente podemos considerar que faga parte da nossa história literária (si que o faria da lingüística à que Alonso Montero dedica umha epígrafe anterior em que, justamente, volta a aparecer esta obra informando-nos

(7) Se nom for simples ignorância.

(8) Editorial Alborada. Buenos Aires. 1969.

de que está prologada por um estudo fonético do galego de Luís Luciano Bonaparte).

Parece-me umha excelente notícia que se recupere a obra de Fernández Morales e que vaia aparecer um libro sobre a mesma e o seu autor, mas acho intolerável que se “proveite” a oportunidade para lixar a memória de Carvalho Calero que há muitos anos se preocupara adequadamente da mesma. Claro que para tam sujo proceder parece que qualquer motivo é valido.

Quando este trabalho estava rematado, mas antes de ser entregue para a sua publicação, aparece em Maio de 2002 a *Escolma de poesía berciana en lingua galega (1860-1960)* publicada por Edicións Positivas e editada por Concepción Álvarez Pousa e Xosé Henrique Costas⁹. Apressei-me a comprá-la e lê-la, tanto por completar este pequeno trabalho como por ser um tema de muito interesse para mim.

Este livro aclara-nos um tanto as cousas e aparecem outros responsáveis, nomeadamente Anxo Angueira que, de ser certas as palavras que se lhe atribuem e nom estarem as citações tiradas do seu contexto, manifesta um sectarismo com o vulto mais esclarecido do reintegracionismo lingüístico bem pouco acorde com outros trabalhos del como o publicado recentemente n’ *A Trabe de ouro* em que fai um excelente estudo de um poema de *Cantares Gallegos*.

Na página 12, correspondente ao limiar e depois de informar dos critérios de edição afirma-se:

Por último, quixeramos agradecerlle e dedicarlle en especial a tres persoas a saída deste pequeno volume: a Alberte Gómez Bautista, ponferradino do colectivo de defensa da lingua “Fala Ceibe”, a quen lle escoitamos falar por vez primeira con entusiasmo de Fernández Morales en maio do ano pasado en Ponferrada, nos actos do Día das Letras Galegas no Bierzo. (...)¹⁰

Esta afirmação parece confirmar as minha suspeitas do desconhecimento prévio por parte dos autores da persoa de Fernández Morales. Fago a salvidade de “parece” polo modificador “com entusiasmo” já que é possível que si o checessem mas que faltasse esse “entusiasmo”.

(9) No copyright da obra figuram ambos como autores da selecção, do limiar e das nota.

(10) O sublinhado é meu.

Na parte da Escolma dedicada a Fernández Morales (:27-28) di-se textualmente:

A pesar da súa intensa e extensa contribución ás letras galegas do XIX, Fernández Morales é aínda hoxe desafortunadamente, case un completo descoñecido no panorama literario galego. Segundo o investigador Anxo Angueira*, as causas deste esquecemento desta obra hai que as buscar na escasa difusión en Galicia, debida sen dúbida ó "exilio" cultural e político en que viu a luz, así como a pésima interpretación e conseguinte menosprezo de que foi obxecto na xa clásica *Historia da Literatura Galega Contemporánea* do profesor Carballo Calero (...)

Carballo Calero na súa *Historia* (1981:114-116) fala de que algúns poemas de Morales –agás tres que el denomina “nobres”-, “son excesivamente chocalleiros, e caen na grosería, que nalgúns deles, como “O entroido” chega a se facer inaturabre”. (...)

Só se cita a Fernández Morales dentro da literatura galega no *Diccionario de Escritores en lingua galega* de Francisco Fdez. del Riego (1992:146) e no *Diccionario da literatura galega. I. Autores* de Dolores Vilavedra (1995:219). O resto de dicionarios de escritores ou obras e historias da literatura galega ignoraron incompresiblemente a figura e obra de Fernández Morales.

*Anxo Angueira realizou unha magnífica análise da obra poética deste autor no seu artigo “Antonio Fernández Morales: o grande poeta esquecido do Bierzo”, que se publicará proximamente na revista galega de pensamento crítico *A Trabe de Ouro*.¹¹

Disculpo-me pola extensom da citaçom mas recolhem-se nela vários aspectos que irei tratando separadamente e pareceu-me melhor dar umha citaçom extensa que reparti-la em vários apartados. Além disso, considero que desta forma som mais fiel ao pensamento dos autores.

A risco de resultar enfadonho repito que o que di Carvalho é:

Se “O fiandón d’aldea”, “Villafranca e a vendima”, “A boda de Petriña” e algún outro non carecen de inxenio e fluidez, outros poemas son escesivamente chocalleiros, e can na grosería, que nalgúns deles, como “O entroido”, chega a se facer inaturabre.

(11) Como o artigo de Angueira ainda nom foi publicado ignoro se o seu pensamento é correctamente interpretado polos autores que declaram conocê-lo. Também quero chamar a atençom da deficiente redaçom do escrito que estou a transcrever literalmente.

Da redacçom dos editores da *Escolma* tira-se que o conjunto dos poemas de Fernández Morales, “agás tres”, som chocalheiros. Nom é isso nem muito menos o que dixo o saudoso professor que reconhece ingênio e fluidez a umha série deles. Tampouco é exacto atribuir-lhe a opiniom de que só houvesse três de “inspiraçom nobre”. Escrevia Carvalho (e volto a me repetir):

Pero Fernández Morales empregou tamén o dialecto bercián pra o lirismo de inspiración nobre. Así nos poemas “A Santísima Virxen da Quinta Angustia”, “A Ponferrada”, “A Dios”.¹²

Como se vê, o máximo historiador da nossa literatura contemporánea cita esses poemas como exemplos.

Mas voltando ao aspecto de “chocalheiros e grosseiros” e nomeadamente ao poema “O entroido”, na *Escolma* o poema reproduz-se parcialmente. Vou citar alguns excertos do mesmo:

Levaba a modo de brida
na maõ zurda unha baraza
atada ó rabo do burro,
pra que esta acaso enseñara,
cosida no mesmo selso,
de ourelos unha gran maza.

Acho alguns problemas lexicos que o vocabulário final do livro nom acaba de resolver pois dá para “ourelo” e “selso” o mesmo significado. A compreensom do fragmento resulta difícil, mas, se pensamos numha possível gralha (ou numha variante lingüística), “selso” poderia ser “senso” ou “cenzo”, designaçom popular do ânus. Esta soluçom daria mais claridade ao texto que ainda assi deixa transparecer um forte conteúdo sexual: “a grande maça do burro”.

Abre o paso unha parella
dun diañote cunha diaña,
vestido aquel con calzois
feitos dunha vella manta,
dos que colgan falamendros
da camisa esmelandrada,
e a modo dunha casulla,
leva un felpo cunha raxa

(12) O sublinhado é meu.

no medio, pola que mete
a testa hasta a cocaracha.

Parece-me que também nestes versos está presente umha conotação sexual, acorde com toda a parte do poema antologada, mas se alguém nom ver clara esta alusom citarei dous últimos versos de conteúdo nom sexual mas que nom acho exagerado qualificar de vulgar e até de grosseiro:

e un campano amais no cu
colgando de entre as dúas cachas.

Tendo em conta o apreço que os antólogos sentem (e que eu comparto) por Fernández Morales, suponho que na parte nom reproduzida do poema nom devem escassear argumentos que justifiquem a opiniom de Carvalho Calero.

Nom deixa de ser curioso que cinco dos seis poemas expressamente citados como interessantes¹³ por Carvalho Calero sejam recolhidos polos antólogos que apenas reproduzem parcialmente “O entroido”, reprodução que ao meu ver justifica o juízo do professor Carvalho Calero. Porém, nengum dos outros poemas reproduzidos poderiam ser classificados de chocalheiros ou grosseiros e fariam parte desses outros poemas de que fala o saudoso professor. Considero que Fernández Morales cultivava, entre outros, um estilo literário que também se acha em outros escritores administrativamente galegos do século XIX, como Bento Losada, com os que Carvalho Calero nom se amostra mais indulgente do que o fai com Fernández Morales.

Quanto à ignorância do vulto de Fernández Morales por dicionários, histórias e obras sobre a literatura galega, de que se fala na citação, resulta umha contradição quando também se di que figura na *Literatura* de Carré, que o considerava um precursor mais como Pintos, Añón ou Camino; exactamente a mesma consideração em que o tinha Carvalho como já vim anteriormente. Além disso, no segundo tomo do *Diccionario Bio-bibliográfico de escritores* de Antonio Couceiro Freijomil (Santiago, 1952) dedica-se-lhe umha entrada a Fernández Morales (:59) que reproduzo:

Publicó: *Ensayos poéticos en dialecto berciano* (León, 1861). Prólogo de Cubí y Soler. Constituye una interesante muestra del peculiar gallego del Bierzo, comarca perteneciente a la antigua Galicia. Este autor es un poeta preferentemente descriptivo, que tiene composiciones estimables, como *O fiandón da aldea* y *O entroido*

(13) Nom se esqueça que também fala de “algum outro”.

Como se vê o gosto de Couceiro nom coincide com o de Carvalho. Nom é de estranhar dada a diferente concepção que ambos tinham da literatura galega. Nom se esqueça que a obra de Couceiro inclui tanto os escritores que utilizam o espanhol como os que utilizam o galego e no caso dos bilingües nom fai distinção entre as obras escritas em um ou em outro idioma.

Para continuar com as sugestões que tirei da leitura da, por outra parte, interessante antologia, devo dizer que acho excessivo o tratamento que se lhe dá a González Alegre, considerado como “figura capital na poesia galega de meados do século XX” e cuja obra galega desejam os antólogos ver reeditada na sua totalidade.

González Alegre foi um escritor bilingüe e a prática totalidade da sua obra está em espanhol. Nom pode ser considerado como “escritor berciano”, se temos em conta a variedade lingüística utilizada como se pode ver na própria *Escolma*. Por razões de idade tivemos a oportunidade de conhecê-lo¹⁴ e podó dizer que o seu galeguismo era muito escasso e que se considerava um escritor galego mas que utilizava fundamentalmente o espanhol como língua literária, cultivando o galego de forma esporádica, facto que na segunda metade do século XX é bastante significativo. Polo que fai à dedicatória das suas obras em galego: *A os galegofalantes do Bierzo* recolhida na antologia (:69), poderíamos contrastá-la com a do livro que me regalou e dedicou autografamente *El libro de los andares (Notas españolas)* publicado em 1963 pola *Editora Nacional*¹⁵ que di assi:

A ti, José Mari, a quien tanto gustan estas cosas de España y de los españoles.

Reconhecendo o papel de González Alegre na revista *Alba*, considero que há muitos outros escritores que mereceriam a pena de serem recuperados; por citar só um exemplo de literatura dialectal: para quando umha reedição dos deliciosos *Contos Vianeses* de Laureano Prieto, hoje impossíveis de achar?

Como remate do juízo que tirei da leitura da *Escolma*, direi que a acho bastante descompensada: apenas cinco autores antologiadados. O último é González-Alegre que, como venho de dizer, julgo que nom devia figurar como autor de poesia berciana. Dos outros quatro, Fdez. Morales ocupa 36 páginas do livrinho e os três restantes 14 (a González-Alegre dedicam-

(14) Foi-me apresentado por Celso Emilio Ferreiro, que nom sentia grande estima pola sua obra.

(15) Editorial oficial do regime franquista.

se-lhe 11 páginas). Em minha opinião teria sido melhor uma investigação mais aprofundada para justificar uma antologia que quer recolher cem anos de “poesia berciana em língua galega”. O glossário final também poderia ser melhorado.

Para concluir por onde comecei no número 1.042 d’*A Nosa Terra* (11-17 de Julho de 2.002) Xosé Freire fai uma extensa recensão do livro de Concepción Álvarez Pousa e Xosé Henrique Costas na que se insiste:

Non está de máis lembrar o tratamento que lle deu (a Fernández Morales) Carballo Calero na súa *Historia*, onde cualifica os poemas do berciano de chocalleiros ou incluso de groseiros, mergullando a Fernández Morales no esquecemento.

Leria Xosé Freire a obra de Carvalho Calero cujo nome era grafado até há bem pouco nas páginas d’*A Nosa Terra* de acordo com as últimas opções ortográficas do professor?

Até quando durará esta perseguição *post mortem* de um dos mais ilustres galegos do século XX à que parece ter-se incorporado o semanário nacionalista?

Acréscimo

Quando este pequeno trabalho reivindicativo estava na fase de correcção de provas de imprensa, apareceu o número 53 d’*A Trabe de Ouro*; nel figura o estudo de Anxo Angueira, nom com o título de *Antonio Fernández Morales: o grande poeta esquecido do Bierzo* mas como ***Ensayos poéticos en dialecto berciano. Antonio Fernández Morales***. O primeiro que tenho que dizer é que Concepción Álvarez Pousa e Xosé Henrique Costas citam-no correctamente e nom desfiguram, em modo algum, o pensamento de Anxo Angueira que começa assi o seu estudo:

Os *Ensayos poéticos en dialecto berciano* de Antonio Fernández Morales deben facer remover de vez o immobilismo e o marasmo con que a crítica literaria en Galicia, repetindo tópicos, aparcou o estudo do século XIX e así devolverlle a este autor e a esta obra excepcional, pouco e por veces desafortunadamente interpretada, absolutamente silenciada nos manuais de Historia da literatura máis recentes, un lugar de privilexio dentro do Rexurdimento das nosas letras.¹⁶

(16) Os sublinhados som meus.

As diatribes contra Carvalho Calero som pois de Anxo Angueira. O primeiro que quero dizer é que julgo que Anxo Angueira fai umha valoración excessiva da obra do poeta berciano. É de muito interesse a reivindicação dos *Ensayos* como parte da literatura galega (como já fijo Carvalho Calero) e nom podo por menos que concordar com Anxo Angueira em reivindicar o galeguismo destas terras, que hoje ficárom fora dos límites administrativos da nossa comunidade autónoma¹⁷, mas Antonio Fernández Morales nunca considerou galegas as terras do Berço galegófono.

Resulta quando menos curiosa a afirmação de Antón Santamarina quem, segundo Angueira, qualifica de suspeito o facto de que Murguía nom falasse del em *Los Precursores*. Em minha opiniom Antonio Fernández Morales estaria completamente fora de lugar em dita obra; no limiar da mesma di-se:

No era yo sólo: eran otros también los que alimentaban los mismos sueños. Por eso les amaba. Así como el bretón espera todavía la vuelta del rey Arthur, esperábamos nosotros lo que ya no se sabe si será posible jamás. (...)

La importancia de nuestros hombres la medíamos por lo hecho en favor y por la gloria de la pequeña patria.

Fué esta una nobilísima tendencia, que si no dió los frutos apetecidos, nunca podrá decirse que fué una cosa estéril. Cuanto era de Galicia, cuanto se refería a su pasado, cuanto tenía relación directa con su porvenir, todo era objeto de nuestro estudio y observación; pues queriendo levantar un pueblo, preciso era que se conociese bien y pronto.¹⁸

Como fica claro na citação, em *Los Precursores*, Murguía rende homenagem à geração dos Provincialistas e à imediatamente posterior (a sua, de Pondal e Rosalia). Se deixamos de lado o último capítulo, *Ignotus*, que se explica por motivos parecidos, o denominador comum de todas as personagens de *Los Precursores* é o patriotismo galego.

Di-nos Angueira que Fernández Morales compartia as ideias liberais e progressistas dos que sentárom as bases do Resurgimento galego; mas também reconhece a ausência de contactos coa rede creada por Manuel Murguía. Di-nos todavia que *Se vivise en Galicia estaría sen dúbida tamén co levantamento provincialista de 1846*.

(17) E impossibilitadas de se incorporar a ela na legislação actual. Convém lembrar que o Estatuto de 1936 contemplava esta possibilidade.

(18) *Los Precursores*. Emecé editores, S.A. Buenos Aires. 1940. Página 14.

O que fai Angueira é descontextualizar o vulto de Fernández Morales. Para nós nom há dúvida de que Fernández Morales era Galego. Galego de umha Galiza que nom estava compreendida nos estreitos limites que desenhou, como gostava de lembrar Carvalho Calero, Javier de Burgos, mas... Fernández Morales nem tinha consciência da sua própria galegüidade, nem da das terras bercianas. Nos próprios exemplos citados por Angueira vê-se como o autor estudado distinguia os Galegos dos Bercianos e a Galiza do Berço, apesar de lhes reconhecer algo em comum.

Chega Angueira a falar dos usos lingüísticos de Fernández Morales para dizer que utiliza as formas *Galegos* e *Galegas*: *así, cando Rosalía e os demais mestres puñan gallegos*. Parece-me impossível que Angueira ignore que tanto no Berço como na prática totalidade da Galiza “exterior” as formas próprias conservam-se ainda na actualidade¹⁹. Fala também do bilin güismo do *Cuento satírico*:

(...) co que os *Ensayos*, portadores dun valor extraordinario, vense privados do estricto monolingüismo, algo que a poría, xa sen ningún tipo de dúvida, por riba de calquera outra obra do Rexurdimento. En todo caso, Fernández Morales actuou aquí coma moitos outros escritores en lingua galega que reproducían “axustándose á realidade” a lingua natural dos seus personaxes. Tal é o caso de *A Gaita Gallega* (1853) de Pintos, en verso,...

Mais umha vez, o entusiasmo e a ideologia cegam a correcta visom de Angueira. Se dedicasse tanto tempo a Pintos como a Fernández Morales, nom diria que *A gaita gallega* está toda ela em verso e teria percebido que os usos lingüísticos em Pintos som algo extraordinário: contrariamente ao que ocorre na maioria das obras bilingües, o galego é a língua do que ocupa um estrato social mais importante (o gaiteiro) mentres que o espanhol é a língua do subordinado (o tamborileiro que deseja, além disso, aprender o galego)

Que Fernández Morales era um home de ideias avançadas é algo que está fora de discussom. Falar de *rabelesianismo* para justificar umha linguagem grosseira, em occasions, parece-me um anacronismo. Igualmente anacrónico é sacar a reluzir a Manuel António.

(19) Provavelmente a causa de se conservarem estas formas seja a de nom pertencerem estas terras à Galiza administrava. Os seu habitantes nom eram Galegos para a administração e é bem sabido que a linguagem administrativa, como a religiosa, fôrom as mais contaminadas polo espanhol.

Dizia Mao Zedong nos seus escritos sobre arte e literatura que não é suficiente que as ideias sejam justas; numa obra de arte a forma tem também a sua importância. Se ignorarmos isto teríamos que situar a Alfredo Fernández, *Nan de Allariz*, e o seu *Fume de Palla* na cimeira da nossa literatura do século XIX e considero que Angueira não quererá chegar tão longe.

Resumindo, julgo bastante pouco ético ensalçar Fernández Morales para rebaixar a categoria de Carvalho Calero. Seguramente, e para pecar também de anacrónico, Fernández Morales nunca faria tal coisa.

Ernesto Guerra da Cal e o Brasil: um reconhecimento mútuo e frutífero

Joel R. Gómez

A estrela de Ernesto Guerra da Cal brilhou com força no Brasil em 1970, ano em que proferiu a conferência “O impacto da cultura brasileira nos Estados Unidos”, cujo texto oferece *Agália*, entre outras realizações activas e passivas. Porém, naquela altura, o escritor e investigador galego era já umha personalidade na Terra de Santa Cruz, onde desfrutava de prestígio e reconhecimento.

Guerra da Cal tivo relacionamentos muito diversos com o Brasil na década de 40, através de viagens em que exerceu de conferencista, do tratamento de personalidades brasileiras nos Estados Unidos, e outras actuações. Na década de 50 ocupáram-se da sua produção queirosiana críticos de relevo como Gilberto Freyre, Sílvio Elia ou Silveira Bueno. Mas será no triénio 1958-1960 quando a sua consagração brasileira, através de três acontecimentos marcantes¹:

- a) Inauguração, em Dezembro de 1958, do Instituto Brasileiro na New York University, empreendimento de que Da Cal foi impulsor principal, com o respaldo do Governo brasileiro, políticos norte-americanos como o Governador Nelson Rockefeller ou o presidente da Câmara Municipal de Nova Iorque, Robert Wagner; o escritor John dos Passos; o compositor Heitor Villalobos... e muitas outras personalidades. Esse centro serviu para projectar a cultura brasileira nos Estados Unidos.
- b) Em 1959 recebeu o Doutoramento Honoris Causa pela Universidade da Bahia e tivo participação de destaque no IV Colóquio Internacional dos Estudos Luso-Brasileiros, celebrado na mesma cidade. Esse ano promoveu também o primeiro *Junior Year* no Brasil, empreendimento pedagógico pioneiro que, durante anos, inseriu alumnado universitário de diversas procedências dos Estados Unidos na realidade brasileira.

(1) Os interessados em mais informação sobre as questões aqui focadas pode consultar o meu estudo *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra da Cal: Um duplo processo de canonicidade literária na segunda metade do século XX*, publicado em 2002 por Ed. do Castro.

c) Em 1960 foi Convidado de Honra, junto com Jean-Paul Sartre, do *I Congresso de História e Crítica Literária*, celebrado no Recife; e um dos principais promotores do centro de estudos galegos inaugurado na Bahia.

Também em 1959 se apresentou como poeta, com composições publicadas na Bahia, Rio e Porto Alegre. E recebeu reconhecimentos políticos e académicos como a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul (1959), ou a Medalha Padre Anchieta e a designação de Cidadão Honorário do Rio de Janeiro (1960).

Na década de 60 continuou a privilegiada relação, com estudos e traduções sobre figuras centrais da Literatura brasileira, merecendo destaque a atenção que dedicou a Machado de Assis, Manuel Bandeira ou Cecília Meireles, tendo tratamento com estes dois últimos vultos da poesia do século XX. Mas não só: além do campo literário, relacionou-se estreitamente com muito distintas personalidades da “nova crítica”, da Universidade e da intelectualidade, entre elas Afrânio Coutinho, Alceu Amoroso Lima, Antônio Houaiss, Antônio Pedro Rodrigues, Aurélio Buarque de Holanda, Cassiano Nunes, Celso Cunha, Clodomir Vianna Moog, Edilberto Coutinho, Eduardo Portella, Elysio Condé, Eurialo Cannabrava, Fernando Henrique Cardoso, Gilberto Freyre, Gilberto Mendonça Teles, Gladstone Chaves de Melo, Guilherme Figueiredo, Guilhermino César, Heitor Lyra, Hélio Simões, Leodegário A. de Azevedo Filho, Miguel Reale, Moacyr de Albuquerque, Soares Amora, Wilson Martins, Wilson Sousa... A imprensa diária (*O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Folha de São Paulo*...) e revistas especializadas (*Revista Camoniana* de S. Paulo, *Jornal de Letras* do Rio...) ocuparam-se da sua produção neste período.

Em 1970 acontecem três factos principais, os três em Janeiro, no Rio, e na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ):

- a) Participação no Seminário sobre a Literatura Americana e a Língua Inglesa, organizado pela UFRJ e a Comissom para o Intercâmbio Educacional entre os Estados Unidos de América e o Brasil. A esse lugar corresponde a conferência que agora oferece *Agália*.
- b) Nova participação para proferir o ciclo conferências subordinado ao tema “Problemas do Romance Cervantino e a sua Projecção no Romance Ibérico”.
- c) Lançamento da versão brasileira do seu estudo sobre Eça de Queirós, intitulada *Língua e Estilo de Eça de Queirós*.

Antes da morte merecem destaque acontecimentos como a edição do volume que recolhe as suas conferências cervantinas, antes citadas, publicado pela UFRJ em 1973, com elogiosa apresentação de Afrânio Coutinho; ou a concessão da Medalha Oskar Nobile, pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, no ano 1976. A sua morte, em 1994, foi lamentada oficialmente pela Academia Brasileira de Letras, que o acolhera em diferentes ocasiões; e em 1997, o primeiro dos quatro volumes dedicados pela editora Aguilar às *Obras Completas* de Eça de Queirós, coordenados pela Professora Doutora Beatriz Berrini, da Universidade de S. Paulo, começava com uma “Homenagem a Ernesto Guerra da Cal”, reconhecimento à sua indiscutível autoridade nesse âmbito.

“O impacto da cultura brasileira nos Estados Unidos”, texto da palestra proferida em 14 de Janeiro de 1970 na UFRJ, relata os principais instantes da receptividade da cultura brasileira nos Estados Unidos desde o século XIX. Apesar dos mais de trinta anos decorridos, mantém interesse didático-informativo e exemplifica a rigorosidade de pesquisa e o excelente estilo que caracterizam a produção de Guerra da Cal. O trabalho foi difundido pelos organizadores do encontro em que foi proferida a palestra, e posteriormente apareceu no *Correio do Povo*, de Porto Alegre, em 24/25 de Outubro de 1970; e no *Jornal do Commercio* de Recife em 29 de Outubro de 1970.

A versão que agora oferece *Agália* reproduz o original, conservado pela viúva, Elsie Allen da Cal, que generosamente forneceu. O magnífico trabalho aproxima à Galiza também o Guerra da Cal orador, que se une ao poeta, investigador, docente, historiador, pedagogo, actor, artista plástico e jornalista, e que fazem dele figura principal e indiscutível da Galiza.

Compostela, 16 de Abril de 2003 (dia do XL aniversário da primeira edição galega de Rio de Sonho e Tempo).

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO (UFRJ)

Comissão para o Intercâmbio
Educativo entre os Estados
Unidos da América e o Brasil

SEMIÁRIO SOBRE A LITERATURA AMERICANA E A LÍNGUA INGLESA
JANEIRO DE 1970

O IMPACTO DA CULTURA BRASILEIRA
NOS ESTADOS UNIDOS

Dr. Ernesto Guerra Da Cal

Para fazer um relatório - necessariamente esquemático - do impacto da civilização brasileira no mundo norte-americano, teremos que nos referir principalmente aos fenômenos desse processo tal como eles se refletem na vida acadêmica e intelectual. Porque é evidentemente essa a área onde se originam e estabelecem mais proficua e duradouramente no mundo de hoje (e talvez no de sempre) as relações significativas entre as diferentes culturas. Esse contacto, se o examinarmos bem e sem preconceitos, é sempre um assunto entre elites visto a cultura ser - por triste fatalidade - apatágio de minorias. Eliminaremos, porém, desta comunicação, deixando-a para outro dia, a história do ensino da língua portuguesa e da literatura brasileira nos Estados Unidos - com toda a problemática a ela inerente - por tratar-se dum aspecto muito específico daquele impacto, que merece tratamento aparte.

De fato, as relações culturais entre os povos são, pela sua própria natureza, as únicas totalmente desinteressadas.

As relações entre os governos têm a sua motivação em interesses pragmáticos - e nem sempre nobres - como são os políticos.

As diplomáticas, embora sirvam às anteriores, podem por vezes, quando se canalizam através de personalidades de alta categoria intelectual e espiritual, atingir uma fértil projeção cultural - como já aconteceu em certos casos no campo de atividade que nos ocupa, segundo teremos ocasião de ver.

As econômicas, pela sua índole, paramente cronométrica, variável e transitória, não são o alicerce - mais sólido para um bom e permanente entendimento entre as nações.

As relações culturais, como têm a dizer com o espírito, é só por condução dos espíritos mais celetos e criadores de cada cultura que se ligam. E esses espíritos de exceção são os pensadores, os escritores - romancistas, poetas, dramaturgos, ensaístas - os pintores e escultores, os arquitetos e músicos - isto é, as personalidades superiores que constituem as minorias que ao longo da história definem, e impõem às maiorias do mundo, o perfil da civilização de cada país, e do seu contributo ao acervo da cultura universal comum.

Paralelamente, as formas subculturais - aquelas que mais facilmente se exportam, pela sua mais pronta assimilação pelas massas maioritárias - são sempre passagêiras e perecíveis - e constituem o elemento inter-nacional de cada momento da vida dum povo. Estas formas são as que, inicialmente se estabelecem como linguagens parciais, e depois um

O impacto da cultura brasileira nos Estados Unidos

Ernesto Guerra da Cal

Para fazer um relatório –necessariamente esquemático- do impacto da civilização brasileira no mundo norte-americano, teremos que nos referir principalmente aos fenómenos desse processo tal como eles se refletem na vida acadêmica e intelectual. Porque é evidentemente essa a área onde se originam e estabelecem mais profícua e duradouramente no mundo de hoje (e talvez no de sempre) as relações significativas entre as diferentes culturas. Esse contacto, se o examinarmos bem e sem preconceitos, é sempre um assunto entre elites visto a cultura ser –por triste fatalidade- apanágio de minorias. Eliminaremos, porém, desta comunicação, deixando-a para outro dia, a história do ensino da língua portuguesa e da literatura brasileira nos Estados Unidos –com toda a problemática a ela inerente- por tratar-se dum aspecto muito específico daquele impacto, que merece tratamento à parte.

De fato, as relações culturais entre os povos são, pela sua própria natureza, as únicas totalmente desinteressadas.

As relações entre os governos têm a sua motivação em interesses pragmáticos –e nem sempre nobres- como são os políticos.

As diplomáticas, embora sirvam às anteriores, podem por vezes, quando se canalizam através de personalidades de alta categoria intelectual e espiritual, atingir uma fértil projeção cultural –como já aconteceu em certos casos no campo da atividade que nos ocupa, segundo teremos ocasião de ver.

As económicas, pela sua índole, puramente crematística, variável e transitória, não são o alicerce mais sólido para um bom e permanente entendimento entre as nações.

As relações culturais, como têm a dizer com o espírito, é só por conduto dos espíritos mais seletos e criadores de cada cultura que se ligam. E esses espíritos de exceção são os pensadores, os escritores –romancis-

tas, poetas, dramaturgos, ensaístas- os pintores e escultores, os arquitetos e músicos –isto é, as personalidades superiores que constituem as minorias que ao longo da história definem, e impõem às maiorias do mundo, o perfil das civilizações de cada país, e o seu contributo ao acervo da cultura universal comum.

Paralelamente, as formas subculturais –aquelas que mais facilmente se exportam, pela sua mais pronta assimilação pelas massas maioritárias –são sempre passageiras e perecíveis –e constituem o estereótipo internacional de cada momento da vida dum povo. Estereótipo esse que, às vezes, infelizmente se estabelece como lamentável perduração, como um cliché impagável, que obscurece e deturpa a imagem de cada país.

O interesse pela língua portuguesa e pela tradição literária luso-brasileira começou cedo na vida independente da União Norte-Americana. Jefferson (o grande impulsionador da vida cultural da nação recém-nascida e o criador da Universidade de Virgínia) que em 1808, numa carta ao Príncipe Regente do Brasil, já preconizava a necessidade de amizade entre os dois grandes povos deste hemisfério –afirmou, num relatório dirigido ao Conselho Diretor daquela universidade, datado de 1818, que se devia destacar a língua portuguesa –juntamente com a italiana e a espanhola- como uma das que podiam orgulhar-se de possuir uma literatura nacional universalmente reconhecida. Naturalmente que essa literatura nacional à que Jefferson fazia referência, era a portuguesa –a portuguesa clássica clássica, se entende. Dentro do clima europeísta e passadista da vida académica norte-americana dessa altura, a tradição literária da língua portuguesa –como as das outras línguas europeias- acabava nos fins do século XVII, e incluía apenas o Velho Continente. Porém, (apesar desse reconhecimento explícito, da parte do ilustre autor da *Declaração de Independência dos Estados Unidos* da existência dessa literatura de prestígio universal em língua portuguesa, o aparecimento dela nas aulas americanas como objeto de estudo, ainda havia de tardar. Não temos base nenhuma para supor que nas primeiras aulas de português que se deram nos Estados Unidos –que foram as do Padre Peter Babad, no St. Mary College, de Maryland, de 1816 a 1819- nem mais tarde nas da Universidade de Harvard –de 1826 a 1840 ou nas da Columbia University, iniciadas em 1894, se ensinasse aos alunos nem literatura portuguesa –nem muito menos brasileira.

Porém, foi justamente nos fins do século XIX que apareceram no mapa universitário dos Estados Unidos os primeiros lusófilos –que de facto eram hispanistas, que tinham chegado às letras lusitanas através das

espanholas. O mais insigne desses pioneiros foi o Professor Henry Lang, da Universidade de Yale, que no Duodécimo Congresso Annual da *Modern Language Association*, celebrado nesse ano de 1894, em Filadelfia, apresentou a primeira comunicação sobre literatura em língua portuguesa, lida nessas douradas reuniões. Tratava-se de um trabalho que versava sobre o tema da métrica da primitiva lírica galaico-lusa. Nesse mesmo ano o ilustre mestre enriqueceu esse novo campo de pesquisa –inédito até então na investigação americana–, com outros monumentais estudos: a edição do *Cancioneiro del Rei Dom Diniz de Portugal*, seguida poucos anos após, em 1902, pelo *Cancioneiro Galego-Castelhano*, erudita coletânea de poetas da escola Galego-Portuguesa de Quatrocentos, contidos no *Cancioneiro de Baena*; além dos seus magistrais estudos críticos sobre o *Cancioneiro de Ajuda*, aparecidos em 1908. Todos estes trabalhos ainda hoje mantêm a sua vigência. Por essa mesma altura, o Professor J. D. M. Ford, iniciava a sua carreira de hispanista na cátedra de Harvard, na que havia de derivar para a luso-brasilofilia, com a publicação anotada da tradução inglesa d’*Os Lusíadas*, feita por Sir Richard Fanshawe em 1655, –e a sua própria edição comentada do grande poema épico-lírico. Ainda mais tarde, em 1931, voltou os olhos para as letras brasílicas dando-nos um primeiro e excelente instrumento de investigação literária modestamente intitulado: *A Tentative Bibliography of Brazilian Belles-Letres*.

Por sua parte o Reitor e Catedrático da Stanford University, Dr. John Casper Brenner, que se tinha familiarizado com a língua portuguesa durante uma longa residência no Brasil –dedicada a estudos de geologia, que era o campo da sua especialidade académica– deu à estampa, no fim do século, uma fina versão da *História da Inquisição em Portugal*, de Alexandre Herculano, figura essa que, na sua opinião, pertencia, com Camões e Almeida Garrett, à galeria de glórias imortais das letras universais. O Professor Branner foi quem convidou, em 1912, o ilustre diplomata e escritor brasileiro Manuel de Oliveira Lima a lecionar na Universidade de Stanford –e organizou um ciclo de conferências daquele vulto da inteligência do Brasil, por doze universidades do país. Nessas conferências Oliveira Lima desenvolveu pela primeira vez nos Estados Unidos o amplo panorama comparativo dos contrastes histórico-culturais da civilização brasileira com a da América Hispânica e a da Anglo-saxônica. Essas conferências foram depois compiladas e publicadas, em 1914, por outro pioneiro do luso-brasilismo norte-americano no campo da história: o Professor Percy Alvin Martin –que foi dos primeiros catedráticos que fizeram do Brasil objecto de estudo nas suas aulas– e quem verteu para inglês a *Formação Histórica do Brasil*, de Pandiá Calógeras.

Oliveira Lima, que em 1916 foi também professor em Harvard –afirmou que tinha aprendido mais dos Estados Unidos durante os dois meses que passou em Stanford, e nos seis durante os quais regeu a cadeira de Harvard, que nos quatro anos que viveu como diplomata em Washington.

Também foi devido ao entusiasmo brasileiro de John Casper Brenner que Joaquim Nabuco, o primeiro Embaixador do Brasil em Washington, fosse convidado em 1908-1909 a fazer conferências sobre Camões nas universidades de Yale, Cornell, Chicago, Wisconsin e outros importantes centros de ensino superior. A passagem de Nabuco e Oliveira Lima pelas aulas da Academia americana foi a primeira presença viva do intelecto brasileiro na vida cultural da grande república do Norte. Eis o caso de dois diplomatas que –como apontei no início desta palestra- foram, pela alta categoria de sua cultura humanística e da sua personalidade intelectual, muito além da sua função profissional e política, deixando nas aulas americanas uma fulgurante esteira de prestígio para a cultura luso-brasileira no seu mais amplo e profundo sentido.

Outro nome ilustre entre os pioneiros do luso-brasileirismo americano é o do Professor John W. Burnam, da Universidade de Cincinnati, que também por esses dias fez edições eruditamente valiosas de facsímiles de manuscritos medievais portugueses.

A tradição dos estudos medievalistas da cultura luso-brasileira iniciada por Lang e continuada por Burnam atingiu na nossa época um carácter nuclear com a escola discipular criada na Universidade da Pennsylvania arredor duma figura ainda viva –numa gloriosa e frutífera aposentação- o decano Edwin Williams, Catedrático reformado de Filologia Românica, mestre de estudiosos, a quem somos devedores, entre outras muitas obras, dum trabalho capital sobre a morfologia e fonologia históricas da língua portuguesa *From Latin to Portuguese*, aparecida em 1938 e publicada no Rio em tradução portuguesa de Antônio Huaiss, em 1961, pelo Instituto Nacional do Livro, do Ministério da Educação e Cultura.

A partir de 1940 todas estas atividades se multiplicam e a literatura brasileira começa a projetar-se com total independência da sua irmã europeia. O primeiro apóstolo da literatura brasileira “in partibus infidelium” foi o crítico Isaac Goldberg, que, em 1921, apresentou aos seus compatriotas –em fiel e delicada tradução inglesa– uma antologia de contos de Machado de Assis, Coelho Netto, Medeiros de Albuquerque e mais alguns

autores. Um ano mais tarde o mesmo homem de letras deu à imprensa o primeiro ensaio sobre literatura brasileira publicado nos Estados Unidos, sob o título *Brazilian Literature*. Aberta a brecha começaram a aparecer versões de obras contemporâneas, principalmente literatura de ficção –que é a que tem um público leitor mais amplo e portanto os proventos mais certos para tradutores e editores. Há que mencionar que antes dos contos de Goldberg, em 1920, tinha saído à luz uma tradução anónima do *Canaã*, de Graça Aranha –que teria sido preferível que houvesse ficado nas trevas do não-ser. Em 1926 tivemos *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, vertido por Harry Brown, com o título de *The Tenement*.

O primeiro romancista contemporâneo, porém que teve uma apresentação sistemática perante o público americano foi Erico Veríssimo, que em 1945, deu à imprensa em Nova Iorque um ameníssimo, vivo e original roteiro interpretativo do desenvolvimento da literatura brasileira intitulado *Brazilian Literature, An Outline*. Este livro, que era a compilação duma série de palestras proferidas em centros universitários norte-americanos, muito contribuiu à compreensão do contexto histórico, sociológico e psicológico das letras do Brasil e a gerar para elas um ambiente propício nos níveis mais inteligentes do mercado. Desde 1943 a 1956 tornaram-se acessíveis ao público americano cinco romances de Erico Veríssimo: L. C. Kaplan traduziu *Caminhos Cruzados* (*Crossroads*, em 1943), e *O Resto é Silêncio* (*The Rest is Silence*, 1946). Em 1946 Jean Karnoff verteu *Olhai os Lírios do Campo* (com o título infame *Considerer the Lilies of the Field*, que é razão suficiente para não nos aventurarmos além da capa). Na década de 50 o Professor Linton Lomas Barrett regalou-nos com duas versões, estas fieis e precisas, de *O Tempo e o Vento* (*Time and the Wind*) e *Noite* (*Night*).

O romance brasileiro começou nessa época a alicerçar a sua posição entre os leitores americanos. Desse período são as traduções inglesas de *Inocência* de Taunay (*Inocence*, da autoria de Henriette Chamberlain, em 1945) e *Angústia* de Graciliano Ramos (vertido por Kaplan, como *Anguish*, em 1946). A atmosfera favorável criada por toda essa literatura de ficção permitiu já em 1944 lançar ao público uma obra clássica das letras do Brasil que pela sua natureza impunha exigências muito maiores ao leitor do que os livros de livre efabulação. O saudoso Samuel Putnam, figura de primeira ordem daquele extraordinário grupo de artistas da geração intervalar das duas Grandes Guerras, que tantos serviços prestou à causa do conhecimento das literaturas latinas na sua pátria, o exímio tradutor do *Dom Quixote* em termos de sensibilidade do nosso sécu-

lo- que foi tão apaixonado conhecedor da alma brasileira- deu-nos em 1944 a sua belíssima translação de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, intitulada *Rebellion in the Backlands*. E quatro anos mais tarde publicou aquela realmente maravilhosa e emocionada romagem pelos santuários das grandes obras das letras brasileiras que tem por título *Mervellous Journey. A Survey of Four Centuries of Brazilian Writing*. Esta, com o *Outline* de Erico Veríssimo, constitui um espelho de duas faces: a própria e a alheia, que fundidas dão uma imagem de conjunto de extraordinário relevo do jardim mavioso da literatura da Terra da Santa Cruz.

Será, porém, na década de 50 quando toda esta atividade tradutora atinge as mais altas proporções. A equipa de tradutores não só cresce nessa altura numericamente –e há editores, como Alfred Knopf, que assumem o papel de verdadeiros patrocinadores desse nobre empreendimento- mas esses intérpretes culturais aparecem alta e solidamente munidos de conhecimento dos diferentes níveis e matizes significativos da expressão verbal do Brasil, tanto social como artística, e com uma bagagem mais rica e quantiosa de leituras de fundo sobre o país, o seu carácter e a sua tradição. As versões, em geral, atingem um nível estético superior. Além disso, deu-se uma circunstância que muito influenciou para abrir definitivamente as portas do mercado leitor da América do Norte aos escritores hodiernos e mesmo –como veremos- aos autores de livros de áreas alheias à literatura de imaginação. Refiro-me à descoberta de Machado de Assis.

Em 1952, o meu amigo William Grossman –que nessa altura era também meu colega na New York University- e nela catedrático de Economia do Transporte, veio ao Brasil para lecionar sobre matérias da sua disciplina. Como além do transporte –como humanista que é- interessa-se pelos mistérios do homem –nas horas de lazer que a economia lhe deixava, começou a ler Machado de Assis e ficou “espavorido” (a expressão é dele!) com as impressionantes sondagens dos reconditórios tenebrosos da alma humana e as fundas e clarividentes revelações dessas angustiosas caves da condição da espécie que o grão-mestre do romance brasileiro lhe desvendava. Pôs-se logo a traduzi-lo lenta e conscienciosamente e o resultado desses amorosos desvelos foi *Epitaph for a Small Winner*, tradução das *Memórias Póstumas de Braz Cubas*, aparecido em 1952. A crítica, pasmada, esgotou os adjectivos e agitou as palmas verdes da homenagem reverenciosa, confessando a contrita surpresa de que um romancista de tão insólita hierarquia pudesse ser ainda totalmente desconhecido nos Estados Unidos. Logo no ano seguinte saiu dos prelos a versão do *Don Casmurro*

–com o mesmo título do original, e também de Grossman, que logo passou a ser um best-seller- e que novamente espantou os críticos: “One of the great writers of all times... A novelist with whom we have none to compare”... “A literary force transcending nationality and language, comparable certainly to Flaubert, Hardy or James”... “A masterly mind who has something to say and says it in a most striking way”. Eis algumas das frases dos críticos. Dois anos mais tarde apareceu *Quincas Borba*, completando a trilogia insuperável, com o título *Philosopher of Dog*, sensitivamente transladado para inglês por Clotilde Wilson. Apenas tinha decorrido um ano quando saiu dos prelos *Esau e Jacob* também espiritualmente traduzido por outra mulher, Helen Caldwell –que de colaboração com Grossman nos deu, em 1963, uma antologia do conto machadiano sob a epígrafe *The Psychiatrist and other Stories*. Sabemos que esta equipa de machadófilos, ou talvez seria mais exato chamá-los “máchadóltras”, planejam entregar ao público mais gêmeas do minério do grande efabulador dos abismos da psique humana. O facto incontrovertível é que Machado de Assis é hoje já reconhecido como um clássico do romance internacional nos meios literários e críticos dos Estados Unidos –e além disso, tem um quantioso público de leitores, como demonstram as edições repetidas das suas obras- isto é, o sucesso é simultaneamente minoritário e maioritário, coisa, como sabemos, nada vulgar.

A década que agora acaba de findar marcou o florescimento na América da fala inglesa da literatura contemporânea do Brasil –com outras duas descobertas também sensacionais: a de Jorge Amado, primeiro, e a de Guimarães Rosa, depois.

A primeira tradução de Jorge Amado data de 1945: *Terras do Sem Fim*, amorosamente feita por Putnam, foi bem tratada pela crítica, mas distou de ser um sucesso clamoroso. Porém, quando em 1962 apareceu a *Gabriela Cravo e Canela*, em versão de Grossman –com o seu título que vertido literalmente para o inglês (*Gabriela Clove and Cinnamon*) parecia o duma receita de cozinha- o clamor entusiástico foi instantâneo. Jorge Amado se tornou um nome de atualidade –e entrou a constituir com Machado de Assis a diarquia do reino do romance brasileiro. Em rápida sucessão saíram mais romances do “author of Gabriela” segundo apregoavam e continuam a apregoar os anúncios nas páginas bibliográficas dos jornais. Em 1964 apareceu *Home is the Sailor*, título abreviado de *A Completa Verdade sobre as Discutidas Aventuras do Comandante Vasco Moscoso de Aragão* -que deve ser indubitavelmente um dos romances de título mais estenso de todos os tempos- traduzido pela nossa saudosa amiga, recentemente des-

aparecida, Harriet de Onís. Essa narrativa recebeu as ovações unânimes da crítica – e o mesmo acolhimento foi dispensado, em 1965, a *The Two Deaths of Quincas Waterywell* (*A Morte e a Morte de Quincas Berro Dágua*, vertido por Bárbara Shelby, e em 1967, a *Sheperds on the Night* (*Pastores da Noite*) e a *The Two Husbands of Dona Flor* (*Dona Flor e os seus Dois Maridos*), traduções ambas da mão de Mrs. De Onís – a última terminada em 1969, pouco antes da sua morte. O NYTimes disse de *Dona Flor*: “It would be hard ti find a writer in English today as gay in imagination and with a sense of the absurd as extraordinary- as Jorge Amado. We are in the presence of a Brazilian Balzac. In a fantastic manner he makes the incredible credible, with a spirited magic that envelops and insituates. He can turn fables inside out to reveal a fabric that is as true as life”.

Quase simultaneamente apareceu no firmamento bibliográfico americano outra estrela do Cruzeiro do Sul brasileiro: Guimarães Rosa, que foi apresentado por Jorge Amado numa bela introdução escrita para a versão de *Grande Sertão: Veredas*, feita também por Harriet de Onís, de colaboração com James L. Taylor, sob o título *The Devil to Pay in the Backlands*. O grande estilista foi também imediatamente reconhecido como figura de primeira magnitude, apesar das quase insuperáveis dificuldades que oferecem o seu vocabulário, a sua sintaxe – e a sua singularíssima focalização poética do idioma; que o tornam, como James Joyce, traduzível apenas por aproximação e equivalência. Em 1966, a mesma benemérita tradutora nos deu *Sagarana*; e finalmente em 68 apareceram as *Primeiras Estórias*, em versão de Bárbara Shelby, sob o título inglês de *The Third Bank of the River and other Stories*. Como no caso de J. Amado os críticos prodigalizaram os ditirambos, rivalizando nos elogios. Já houve um que qualificou o grande regionalista-universalista de “*genius of Brazilian literature*”.

Não foram estes, porém, os únicos ficcionistas brasileiros que nestes últimos anos se tornaram conhecidos nos Estados Unidos. *Vidas Secas* de Graciliano Ramos – autor já antes mencionado- foi traduzido por Ralph Dimmick com o título *Barren Lives*, em 1966, livro que veio enriquecer a revelação do romancista nordestino e o panorama vital-artístico do Brasil, com a tragédia da região das secas. Em 1963 o Professor Fred Ellison alargou essa paisagem com a sua versão de *As Três Marias*, de Raquel de Queiroz (*The Three Maries*) que foi aliás a primeira amostra da novelística psicológica e feminina, seguida poucos anos após (em 1967) por Clarice Lispector, com *A Maçã no Escuro*, em belíssima tradução (*The Apple in the Dark*) do meu colega na City University of New York, o Professor Gregory Rabassa. A visão do Nordeste se alargou com a reve-

lação do patriarcalismo açucareiro contida em *Menino do Engenho*, de Lins do Rego, que apareceu em 1966, em versão de Emmi Baum, intitulada *Plantation Boy*. O romance de análise interna também nos chegou, com a tradução, devida a Clotilde Wilson, das profundas *Lições de Abismo*, de Gustavo Corção –publicada há três anos com o título *If I Cry Out*. A Dra. Wilson já os tinha dado em 1957 a presença do grande ensaísta católico com *My Neighbor as Myself (A Descoberta do Outro)*.

Outros prosistas (Mário de Andrade, Marques Rebelo, Luis Jardim, Ribeiro Couto, Darcy Dazambuja e Aníbal Machado) foram apresentados em 1967 por William Grossman, numa antologia do conto moderno (*Modern Brazilian Short Stories*). Sabemos que neste momento estão em preparação traduções de obras de Antônio Callado, José Maria de Vasconcelos, José da Veiga e Autran Dourado.

A poesia viaja muito pior e muito mais lentamente do que a prosa narrativa. Como disse Heine: “Um poema traduzido é um raio de lua... empalhado”. Porém, há que traduzir os poetas, mesmo sabendo que não há maneira de evitar a traição, ora à letra, ora ao espírito da lírica. Pois como disse um cínico anônimo, “nos poemas traduzidos e nas mulheres é uma grande sorte quando encontramos juntas a beleza e a fidelidade”. Além disso, como é bem sabido, o público leitor de poesia é sempre e em todas as partes notoriamente minoritário –e nos países anglo-saxônicos, em geral, muito mais do que nos latinos. Isto torna a aventura de transportar poetas através das fronteiras linguísticas, muito mais arriscada e muito menos prometedora –do ponto de vista dos editores- do que a da publicação de romances. A mercadoria lírica vende-se muito lenta e desanimadoramente –e mesmo as edições limitadas ficam com lamentável frequência a criar bolor nas prateleiras dos livrheiros, durante longos e improdutivos períodos de tempo. Só as editoras universitárias, pelo seu espírito, mais altruísta, benemeritamente se lançam a um empreendimento como esse, de benefícios tão incertos.

Mesmo assim, atrás dos efabuladores que abriram o caminho –começaram a chegar-nos os poetas, primeiro em antologias e depois em edições individuais. Já em 1942 (na *Anthology of Latin-American Poetry*, organizada por Dudley Fitts) –Melissa Hull e Donald Poore nos oferecem amostras da obra lírica de Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Ronald de Carvalho, Menotti del Picchia, Drummond de Andrade, Murílio Mendes e Ismael Nery. Os três primeiros nomes desta galáxia apareceram novamente, em 1960, outra coleção panorâmica de 45 poetas modernos franceses, alemães, italianos e ibéricos –publicada sob

a epígrafe *The Poem Itself* –e organizada por Stanley Burnshaw. Nesta, os poemas de Bandeira, Jorge de Lima e Cecília, foram apresentados, com comentário crítico, por Dora Vasconcellos –outra embaixadora cultural– e por quem vos fala. Em 1962, o poeta e romancista John Nist, atualmente diretor do Departamento de Inglês do Austin College, no Texas, lançou a primeira antologia dedicada exclusivamente à poesia do Brasil: *Modern Brazilian Poets* editada pela “University of Indiana Press”. Na qual, além dos três repetidamente mencionados se incluíam Mário de Andrade, Cassiano Ricardo, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Cabral de Melo Neto, Paulo Bonfim e Domingos Carvalho da Silva. Esta coleção tiveram como as anteriores, considerável eco crítico –e a Academia Brasileira de Letras outorgou ao tradutor- como já tinha feito no caso de William Grossman- a Medalha Machado de Assis. Três anos mais tarde, este brasileiro, novamente voltou ao público trazendo nas mãos uma bela coleção de 63 poemas de Carlos Drummond de Andrade, delicadamente transferidos para inglês. Esta antologia bilingüe –editada pela “University of Arizona Press” (dum dos fundadores do Modernismo), recebeu o título do primeiro poema nela incluído “No Meio do Caminho”, *In the Middle of the Road*. Na esteira de Nist, Jack E. Tomlins, Professor de Português da Universidade do Novo México, contribuiu a acrescentar o conhecimento americano da lírica brasileira contemporânea, e do movimento Modernista, com *Hallucinated City*, sensibílíssima versão da *Paulicéia Desvairada* de Mário de Andrade –em outra edição de texto duplo da Editora da Universidade de Vanderbilt.

Do teatro contemporâneo alguma coisa nos chegou, não muito. Em 1963 o Professor Dillwyn Ratcliff, deu-nos sob o título *The Rogue’s Trial* uma perspicaz versão do *Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna. No que diz respeito ao drama não como literatura mas como realidade cênica, temos conhecimento apenas de uma encenação, no Provincetown Playhouse, do Village de Nova Iorque, por volta, parece-nos lembrar, de 1958 ou 59, de *Um Deus Dormiu Lá em Casa*, do grande dramaturgo Guilherme Figueiredo, na versão inglesa de Lloyd F. George –publicada em 1957 aqui no Rio pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação. Em Dezembro deste ano que acaba de findar, na grande enciclopédia do drama universal, aparecida poucos meses após a morte do famoso teatrólogo John Gassner, que a dirigiu- o teatro brasileiro recebeu ampla atenção, com artigos especiais dedicados a figuras importantes, como é o caso do autor que acabamos de citar. Há também que assinalar a passagem recente por Nova Iorque do *Grupo Teatral Arena* de São

Paulo, que apresentou *Arena Conta Zumbi*, de Augusto Boal e Jean Francesco Guarnieri. Em ambos os casos a crítica saudou com interesse o que esses breves relances deixavam admirar do dinâmico desenvolvimento da dramaturgia e das artes cênicas hodiernas do Brasil.

Uma das figuras da inteligência brasileira cuja obra tem tido considerável importância no conhecimento e no prestígio do Brasil nos EE. UU. é Gilberto Freyre. Para isso contribuiu sem dúvida, numa certa medida, o facto de haver ele feito a sua formação profissional em instituições de ensino superior norte-americanas. Freyre tornou-se bem conhecido entre os cientistas sociais estadunidenses, quando a *Hispanic-American Historical Review*, em 1922, acolheu nas suas páginas a tese de licenciatura apresentada pelo então jovem estudante para a obtenção do seu grau na Universidade de Columbia. Já em 1939, a *Revista Hispânica Moderna*, órgão do Hispanic Institute da sua Alma Mater Americana, publicou um estudo bio-crítico do sociólogo brasileiro, da autoria do destacado historiador Lewis Hanki. Em 1945 o Mestre da sociologia brasileira deu à imprensa *Brazil- an Interpretation* –que era a estruturação em livro duma série de conferências em inglês proferidas na Universidade de Indiana –estudo este que, refundido e ampliado, foi reeditado em 1959 com o novo título de *New World in the Tropics. The Culture of Modern Brazil*. Em 1946 começaram a aparecer versões da sua obra: a primeira, a tradução, já famosa, da *Casa Grande e Senzala*, amorosamente realizada por Samuel Putnam –*The Masters and the Slaves*. Em 63 Harriet de Onís deu a lume *The Mansions and the Shanties*, escrupulosa versão de *Sobrados e Mucambos*; e em 67 Barbara Shelby verteu *Dona Sinhá e o Filho Padre (Mother and Son)*. O meu amigo Rod H. Horton, Catedrático de literatura inglesa –a quem me orgulho de haver revelado há muitos anos a cultura luso-brasileira, e de tê-lo orientado no estudo dela –tem pronta para sair dos prelos a sua tradução de *Ordem e Progresso*. Índice do renome, altíssimo, de que o Mestre de Apipucos goza nos EE. UU. é o facto de que, em 1967, ter ele sido designado para receber, em Colorado, o “*Aspen Humanities Award*”, prémio reservado às grandes figuras internacionais do saber humanístico.

O notável desenvolvimento da curiosidade e o interesse inteligente das elites norte-americanas por tudo quanto tem a dizer com a cultura brasileira há tempos que ultrapassou a etapa puramente literária. O campo das traduções agora, como evidencia o caso de Gilberto Freyre, começou a estender-se às disciplinas de estudo –à história e à crítica literárias. Desde 1964 até aos fins de 69 temos visto aparecer *Bandeirantes and Pioneers*, de Vianna Moog; *A History of Ideas in Brazil*, de Cruz e Costa;

dois livros de José Honório Rodrigues: *The Brazilians, Their Character and Aspirations e Brazil and Africa; The Colonial Background of Modern Brazil*, de Caio Prado Junior, em duas edições sucessivas; *Brazil South*, título inglês de *Capitania d'El Rei*, de Moisés Velinho; *The Black Book of Hunger*, de Josué de Castro; três livros de Celso Furtado: *The Economic Growth of Brazil, Development and Underdevelopment*, e *Diagnosis of the Brazilian Crisis*; bem como *The Negro in Brazilian Society*, de Florestan Fernandes – e “last but not least” – *An Introduction to the Literature in Brazil*, que é uma compilação feita pelo tradutor Gregory Rabassa, dos brilhantes ensaios prefaciais do Professor Afrânio Coutinho aos quatro vols. de *A Literatura no Brasil*. Como a catolicidade destas traduções está a indicar o interesse pelo Brasil entre os vossos vizinhos do hemistério Norte atinge já uma massa de leitores preocupada em alicerçar a sua curiosidade numa informação sólida sobre os aspectos mais variados da civilização brasileira, suficiente para justificar o risco editorial dessas publicações.

Há, naturalmente, outros aspectos e formas de criação da civilização brasileira que não tem a dizer com a palavra escrita – e que também provocaram a admiração e exerceram a sua influência na vida estadunidense. Tais são a música, a arquitetura, a pintura e o cinema. Infelizmente apenas poderemos dar aqui – para não fazer esta palestra tediosamente longa – os dados mais salientes e significativos.

Talvez se poderia dizer que a música – cuja linguagem universão não precisa de intermediários é a influência brasileira mais assimilada nas correntes vitais da cultura americana. Ela penetrou nos EE UU por duas vias – intimamente relacionadas – a da alta criação, culta – e a do folclórico-popular. Na primeira destas categorias o nome que imediatamente nos vem à mente é o de Heitor Villa-Lobos, de que se poderia afirmar sem exagero que hoje está integrado no património da música norte-americana. O meu amigo e grande amigo também de Villa-Lobos e do Brasil – o musicólogo Carleton Sprague-Smith, assegurava-me ainda não há muito tempo, que a obra do Maestro brasileiro se tinha projetado pelo mundo inteiro – pelo menos em parte – através do culto que se lhe rendeu nos EE UU quase desde o início da sua carreira. As suas *Bachianas* e as suas canções, tão estreitamente ligadas ao filão da tradição do seu povo, influíram profundamente na música americana, tanto a culta como a popular. De resto, as suas canções serviram também de veículo para o conhecimento e apreciação da poesia brasileira, visto uma boa parte delas basearem-se em peças líricas de poetas contemporâneos, entre os quais se contam muitos dos que antes mencionamos, e outros como

Guilherme de Almeida, Abgar Renault e Ribeiro Couto. Não foi Villa-Lobos o único compositor brasileiro de nível culto que obteve o favor dos públicos americanos. Francisco Mignone e Camargo Guarnieri são nomes familiares entre os auditórios habituais das salas de concertos. A homenagem mais recente à memória de Villa-Lobos teve lugar em novembro de 1969, data em que The New School Concerts comemorou o 10º aniversário da sua morte em um recital de suas obras, dirigido pelo Maestro Alexander Schneider.

No nível diretamente folclórico-popular a primeira grande influência foi a de Carmen Miranda –que, na década de 40, quando chegou aos EE UU acompanhado do *Bando da Lua*, e de Garôto, o compositor das *serestas*, se apossou, através do *écran* de Hollywood, do coração das multidões, de tal maneira que passou a converter-se numa espécie de super-símbolo de toda a canção latino-americana. Ela fez com que até o Pato Donald ensaiasse de maneira canhestamente simpática os ritmos feitiçeiros e irresistíveis do samba –levado da mão amiga do expertíssimo Joe Carioca, e da fogosa influência da cachaça –por obra e graça daquele mágico Esopo moderno do cinema que se chamou Walt Disney.

Mais tarde, há uns dez anos, chegou às nossas plagas a “bossa nova”, com o ambiente preparado pelo fenomenal e duradouro sucesso do filme *Orfêu Negro*, cuja música sedutora deixou uma esteira que ainda não se apagou. “Felicidade”, “O Nosso Amor” e “Manhã de Carnaval” entraram a fazer parte definitiva do cabedal melódico da América do Norte, onde ainda estão diariamente a vibrar como coisa própria. Essas belíssimas canções tornaram já conhecidos os nomes de Vinícius, Luis Bonfá e António Carlos Jobim. Mais tarde, a presença viva destes dois últimos artistas, além de João Gilberto, de Sérgio Mendes e ultimamente de Baden-Powell acabaram de fazer arraigar e dar frondoso viço no panorama musical ao novo estilo vindo das terras de Pindorama. A “bossa nova” impôs-se, como uma norma magistral e um novo caminho de desenvolvimento para a música popular e folclórica estadunidense, fertilizando a tradição sulista negra do Jazz e chegando a influir nas camadas mais altas da música semi-culta. Os discos destes artistas, juntamente com os de Chico Buarque, são hoje tocados e absorvidos, com agulha diurna e nocturna, por toda a nossa mocidade, sem distinção de classes. Outro nome que não devemos esquecer –embora hoje ela esteja já inativa- é de Olga Coelho, que durante os muitos anos da sua residência em Nova York, com a sua voz adorável e o seu admirável violão, tanto fez para a divulgação da canção do seu país.

A menção do *Orfeu Negro* levou-nos ao terreno do cinema. O sucesso desse filme brasileiro foi quase igualado pelo *Cangaceiro* (quem não se lembra da “Mulher Rendeira”?) também totalmente assimilada no acervo musical popular dos EE UU. Esses dois filmes, com o *Pagador de Promessas* deram uma auréola de prestígio ao cinema com que o Brasil irrumpia na tela internacional. Prestígio esse que levou há dois anos o *Museu de Arte Moderna de Nova Iorque* a organizar o 1º Festival da Arte Cinematográfica Brasileira, que durou 4 semanas; nas quais se passaram *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, *Grande Cidade*, de Carlos Diegues e *Hora e Vez de Augusto Matraga* de Roberto Santos. O programa desse festival está ainda neste momento percorrendo com grande sucesso muitas universidades do país, sob o patrocínio do Museu de Nova Iorque.

As artes plásticas –a pintura e a arquitetura também tiveram forte impacto. Na primeira o nome consagrado é o de Portinari, artista de quem os principais museus de arte moderna da América possuem telas –e cujos famosos painéis instalados nas paredes da Hispanic Foundation da Biblioteca do Congresso dos EE UU em Whashington são elemento público e permanentemente recordatório.

Passando à arquitetura: Brasília e o empreendimento que ela representa, interessa o homem médio da rua, que o associa, naturalmente, com o caso de Washington, capitalidade federal criada também como um ato de vontade nacional livre e unida. Não há conversa sobre o Brasil em que Brasília não apareça, como uma espécie de símbolo épico contemporâneo do impulso constructor do povo brasileiro. Na conversa culta, Brasília vem sempre associada aos nomes de Lúcio Costa e Oscar Niemayer –que figuram no mesmo plano de referência de Gropius, Le Corbusier, Lloyd Wright, Candela ou Saarinen. Nos círculos profissionais nem há que dizer que se considera a arquitetura brasileira como um original desenvolvimento técnico-artístico de importância internacional. Em 1953 –se a memória não me é infiel- teve lugar, no citado Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, uma exposição de fotografias e maquettes de edifícios, subordinada ao tema “Brazilian Architecture from 1942 to 1952” –da qual a imprensa amplamente se ocupou. Pouco depois se publicou um livro, com o mesmo título, organizado pelo historiador americano da arte da edificação Phillip Godwin. Sobre Niemayer já apareceram três volumes de estudo, obra do arquiteto Stamo Papadaki.

Eis sumariamente expostos os elementos agentes, operantes, da civilização brasileira de hoje sobre o corpo socio-cultural dos EE UU. Para

fazer o balanço completo, não podemos deixar de aludir a todos os professores, escritores e homens do espírito, no sentido mais amplo, que cada vez mais frequente e densamente se deslocaram nestes últimos tempos aos EE UU para dar aulas e fazer conferências, oferecendo ao público e à Academia americana não só a sua sábia lição mas a sua presença, insubstituível, de representantes vivos da alma da sua cultura. São embaixadores dela, que seguem o sulco luminoso iniciado por Oliveira Lima e Joaquim Nabuco. Dispensai-me de dar-vos uma lista, forçosamente incompleta, e que resultaria enfadonha. Bastará dizer que para aqueles que temos a missão permanente de apresentar, analisar e propagar a vossa cultura no mundo universitário dos EE UU através da letra descorporeizada, a presença desses colegas é o maior elemento de vitalização com que contamos hoje na nossa labuta.

Terei lugar apenas para aludir com a mesma fugacidade ao que poderíamos qualificar como a resposta cultural americana ao impacto da civilização do Brasil. Estou referindo-me ao contributo dos estudiosos americanos de hoje à pesquisa no campo da literatura, da história, da arte e da musicologia e das ciências sociais e políticas. Aqui a lista seria impossível –e ainda mais cansativa. E teria também o risco certo de cair em lamentáveis omissões. Essas equipas de investigadores especialistas produziram nos últimos 40 anos um corpus imponente de livros, monografias e artigos, que constituem já uma parte muito valiosa no panorama internacional dos estudos brasileirofílos. Essa teoria de nomes e de realizações continua crescendo num ritmo cada vez mais imponente –e esses trabalhos estão já pedindo uma compilação metódica numa *Bibliografia Geral da Pesquisa Norte-Americana sobre o Brasil*, tarefa essa a que haverá que pôr ombros em breve.

Se depois de tudo o que ficou dito se me perguntasse qual a imagem do Brasil que hoje prevalece nos EE UU eu não saberia responder. Diria que não é uma –que são muitas, e muito divergentes, provavelmente. Possivelmente tantas como cidadãos –ou pelo menos como camadas culturais de cidadãos. A daqueles que mal sabem a geografia própria e para os que todas as alheias se fundem num conjunto vagamente assustador, colectivamente denominado: o estrangeiro –ou a dos semi-cultos, aqueles que Unamuno chamava “los analfabetos que saben leer y escribir”, abundantíssimos em todas as latitudes do planeta, para os quais o Brasil é uma nevoenta noção de atlas de escola primária –como aquela personagem da comédia inglesa *Charlie's Aunt*, para quem o Brasil era a terra “where the nuts come from”. Ou a terra do samba e do perpétuo

Carnaval, um país simpático, colorido e alegre, parte do grotesco muito turístico criado pelas agências de viagens, essa *Latin America* dos “mañana lands”, paraíso pitoresco para férias divertidas. (Cuja réplica é a visão dos EE UU como o “never-never land” dos “cow-boys” e dos “gangsters”, do ouropel escandaloso das estrelas do cinema hollywoodense e do culto exclusivo e desafortunado do dólar e da força). Para esses, no Norte e no Sul do continente americano, Lincoln e Bonifácio de Andrada, Machado de Assis e Edgar Allan Poe, existem apenas como nomes e não como fontes de vida.

Ficam depois em ambos os lados as minorias conhecedoras, aquelas cuja missão e cuja função é educar os outros no amor da verdade difícil, na desconfiança dos lugares comuns e das noções fáceis superficiais e indolentes, no desejo de conhecer o próximo e conhecerem-se a si próprios. A missão desses grupos é procurar as verdadeiras imagens mútuas, destruindo os estereótipos culturais e os preguiçosos preconceitos que neles se aninham, alicerçam e perduram.

Essas imagens verdadeiras estão constituídas por tudo aquilo que na vida dos povos não tem caducidade, tudo o que sobrevive ao tempo, sempre crescendo em valor com a passagem dele — e que se compõe das mais altas criações do espírito e do melhor do gênio do povo. Imagem inefável na que entram certamente, no caso do Brasil, a arquitetura de Brasília e as esculturas do Aleijadinho, os romances de Machado de Assis e as histórias sertanejas, e todas as outras grandezas do espírito nacional de ontem e de hoje e de sempre, *excelsas e humildes*. O mesmo poder-se-ia dizer da imagem equivalente da grande América do Norte.

Essas imagens são as que nós temos que construir, interpretar e apresentar nas nossas respectivas aulas. Eis a nossa para sempre interminável labuta, nobre e permanentemente missionária. Ela é evidentemente o alvo e o sentido deste Seminário. Muito obrigado.

USIS
EGDa Cal/elisa
Jan 14 1970

Poemas e Pinturas de Guerra. *Mar Meu* de Xanana Gusmão

Roberto López-Iglésias Samartim

(Universidade de Vigo)

Mesmo em tempos de guerra o livro continua a ser um objecto precioso, ou quando menos assi se nos revela na última obra de Xanana Gusmão¹. Editado com um luxo considerável, este livro está composto por apenas nove textos escritos em português na cadeia indonésia de Cipinang entre Outubro de 1994 e Novembro de 1995 e pola sua correspondente tradução para inglês. A obra inclui também a reprodução de quinze pinturas sem nome elaboradas entre Março de 1994 e Junho de 1996 por um Xanana que nos descobre com elas as suas paisagens de preso: só espaços abertos, com mar, com céu, com gente e floresta, com construções próprias da sua ilha e a denúncia dumha árvore ou crocodilo desventrado; unicamente umha excepção nos leva para o interior –o quadro intitulado *Ausência*– e retrata umha sala moderna, enfeitada de flores, com frutas por cima da mesa e umha única chávena de café sem gente.

Nas páginas que seguem pretendo dar breve notícia dos últimos poemas publicados por Xanana Gusmão no ano já recuado de 1998 e caracterizar estes produtos culturais como pertencendo ao que umha certa crítica deu em chamar *Literatura de Resistência*², entendendo como tal os produtos literários que propositadamente assumem umha função de mobilização social e ocupam a sua posição dentro dumha mais larga luta de resistência (armada,) política e cultural. Incluo à maneira de anexo o texto intitulado *Avô Crocodilo* escrito em Lisboa em 1999; nele recolhe-se umha síntese da história do povo de Timor Leste acompanhada dalgum comentário pessoal com o qual tenciono noticiar o acolhimento que tivo na antiga metrópole europeia a proclamação da independência de Timor Leste e, quiçá, deitar algumha luz sobre a primeira parte destas notas.

(1) Xanana Gusmão: *Mar Meu. Poemas e Pinturas / My Sea of Timor. Poems and Paintings*. Mia Couto (prólogo), Kristy Sword e Ana Luísa Amaral (trad. inglesa). Porto; Granito, Editores e Livreros, 1998.

(2) Ver Harlow, Bárbara: *Literatura de resistencia*. Xoán Vila Penedo (trad. galega). Santiago de Compostela, Edicións Laiovento, 1993; em especial o Cap.II "Poesía de Resistencia" (pp.61-104).

Mar Meu:

Qualquer tentativa de aproximação crítica e compreensom do papel jogado polos produtos culturais gerados numha sociedade marcada polo colonialismo deve, do meu ponto de vista, levar em conta a transcendência histórica e a função social a eles atribuída dentro do projecto geral de libertação nacional em que essa sociedade está envolvida. A produção de Xanana Gusmão posterior à invasom do seu país pola República Indonésia em Dezembro de 1975 é claro exemplo dumha obra posta ao serviço da causa da libertação social e nacional do povo de Timor Leste³ e, neste sentido, enquadra-se paradigmaticamente no que acima foi designado como literatura de resistência, isto é, um produto literário elaborado no período em que vigora o colonialismo, que cumpre umha destacada função de denúncia, oposição e combate ao poder imperialista numha realidade sócio-literária resultante da imposição política e cultural em que está ausente qualquer tipo de autonomia (quer sistémica quer política), e que mantém um código estético próprio e afastado de considerações válidas apenas para a literatura produzida, digamos, nas terras do ocidente do mundo (periodização e géneros literários, a literatura como luxo ou a exclusiva reivindicação do prazer do texto, e etc.)⁴.

De facto, nos nove poemas incluídos neste último livro de Xanana Gusmão actualizam-se várias das normas e dos modelos próprios da literatura de resistência. Um lugar central é ocupado pola denúncia das atrocidades e do genocídio derivados da ocupação indonésia, material temático presente na prática totalidade dos poemas quer dumha maneira mais ou menos latente, como por exemplo na metonímia utilizada para descrever os bombardeamentos procedentes dos barcos de guerra do colonizador ("Do mar, do meu mar, / vinham tremores / saídos de bar-

(3) Xanana Gusmão (José Alexandre Gusmão: Laieia, Manatuto, 1946) recebeu em 1973 o Prémio Revelação da Poesia Ultramarina. Até a saída do prelo de *Mar Meu* em 1998 publica *Pátria e revolução. Guerra, temática fundamental do nosso tempo* (entre 1977 e 1979) e *Timor Leste: um Povo, uma Pátria* (em 1994, com prefácio do Dr. Mário Soares). Mais informação bio-bibliográfica em www.portimor.pt

(4) Para algunha crítica estes produtos fam parte da literatura pós-colonial, entendendo esta como toda a cultura afectada por um processo imperial desde *o momento da colonização até os nossos dias* (ver Ashcroft, Bill; Gareth Griffiths; Tiffin, Helen: "El imperio contraescribe. Introducción a la teoría y la práctica del postcolonialismo" in Vega, M^a José; Carbonell, Neus: *La Literatura Comparada: principios y métodos*. Gredos, Madrid, 1998, pp. 178-187). Pola minha parte, prefiro qualificar de **coloniais** aqueles produtos culturais elaborados no período em que vigora o colonialismo, caracterizados por suportarem um discurso imperialista ou por aplicarem repertórios próprios da metrópole sem os traduzir, e reservar o termo Literatura **Pós-colonial** para aquelas produções elaboradas com posterioridade ao exercício dalgumha autonomia sistémica (por precária que esta seja), em processo de se libertarem do discurso anti-imperialista e em que se constata a aspiração dos produtores de que os elementos repertoriais utilizados nom suponham já claras interferências do seu referente de oposição.

cos" –"Mar Meu", II, p.16), quer de maneira explícita e brutal por meio da linguagem descarnada utilizada por exemplo na descrição das torturas e violações de que são vítimas as mulheres de Timor pelos soldados ocupantes no poema intitulado "Gerações" (IX, p.36 e 38):

...uma mãe gemia/ sem forças seu corpo desenhava/ marcas da angústia/ esgotada/ Os farrapos que a cobriam/ rasgados/ no ruído da sua própria carne/ sob o selvático escárnio/ dos soldados indonésios/ em cima dela, um por um/ Já inerte, o corpo da mulher/ se tornou cadáver/ insensível à justiça do punhal/ que a libertaria da vida [...]

Repare-se como Xanana denuncia o efeito devastador das torturas colocando como objecto da brutalidade extrema dos corpos militares indonésios a figura vulnerabilizada da mulher, continente de vida, imprescindível geradora do porvir e vítima da agressão sexual praticada como arma de guerra pelas forças de ocupação. Porém, na poesia de Xanana Gusmão é a mesma violência da repressão que quer matar na raiz o futuro de Timor a parreira da resistência necessária para a construção por meio da luta dum futuro em liberdade reservado para as crianças ("Gerações", IX, p.38):

As lágrimas secaram/ nas lembranças das crianças/ veio o suor da luta/ porque as crianças cresceram/ Quando jovens seios/ estremecem sob o choque eléctrico/ e as vaginas/ queimadas com pontas de cigarro/ quando testículos de jovens/ estremecem sob o choque eléctrico/ e os seus corpos/ rasgados com lágrimas/ eles lembram-se, eles lembram-se sempre:/ A luta continuará sem tréguas!

Desta maneira a poesia quer cumprir a sua função de chamada à mobilização e à resistência colectiva no interior da pátria ocupada; utilizada "para criar filhos/ e ensinar-lhes a crescer e a amar/ a Pátria de Timor!" ("Oh! Liberdade", VII, p.31), a obra de Kay Rala Xanana Gusmão formula a (des)esperançada realidade de que só o sofrimento pode trazer a libertação ("Esperanças rasgadas", VI, p.26 e28):

Timor/ onde as pessoas/ nascem para morrer/ pela esperança/ em rasgos de dor/ em rasgos de carne/ em rasgos de sangue/ em rasgos de vida/ em rasgos de alma/ em rasgos/ da própria liberdade/ que se alcança.../ com a morte!

A poesia de Xanana Gusmão, pois, pretende funcionar no interior da terra devastada como instrumento de denúncia da opressão e chama-

mento à revolta, assumindo e utilizando em seu benefício a componente épica ligada à renúncia à própria vida ou à liberdade individual que a longa marcha cara o fim da opressão pode implicar para quem se envolver na luta. Neste sentido, na lógica épica da resistência, os oprimidos são elevados à categoria de heróis que acrescentam o seu capital simbólico perante o seu povo em progresso geométrica ao sofrimento impingido pelo opressor; e entre eles em lugar destacado também se encontra o poeta-soldado, símbolo máximo e referência indiscutida na resistência maubere sobretudo a raiz do seu apresamento pelas tropas da Indonésia em "20 de Novembro de 1992" (VIII, p.34), poema este datado no mesmo dia de 1995 em que Xanana Gusmão lembra "A amargura da sorte/ que parou uma marcha/ na luta" e mudou o seu destino para sempre.

Porém, com um sistema literário praticamente inexistente no interior da terra ocupada, numhas condições materiais de produção da literatura próximas da indigência, sem instituições, sem público alfabetizado, sem distribuição..., a poesia da resistência timorense só encontra no exterior o espaço necessário para a sua circulação e funciona conscientemente como instrumento ao serviço da internacionalização da luta e, sobretudo, como chamamento à solidariedade.

Neste sentido, é esclarecedor que a publicação de *Mar Meu* fosse promovida pela norte-americana Kristy Sword, amiga pessoal do autor e membro da East Timor Relief Association, com o objectivo de publicitar a causa da resistência do povo de Timor Leste no nível internacional; deste facto deriva também a oportunidade e a utilidade da edição bilingüe em que a obra vai circular: o original português colocado à esquerda e a correspondente tradução para inglês nas páginas da direita, a língua franca internacional que assegura ao livro, e à causa timorense, o acesso a um público mais alargado; e, por fim, não é menos significativo que, como resultado desta procura de solidariedade internacional, o livro publicado pela Granito no Porto em 1998 circule com profusão na antiga metrópole portuguesa, convertendo-se a sua aquisição nos meses do verão de 1999 numa clara mostra de apoio do povo português à causa da independência timorense.

Interessa destacar ao falar em solidariedade internacional o papel como parceiro privilegiado reservado para Portugal na obra poética do actual presidente da República de Timor Lorosae porque di muito da estratégia de política cultural proposta para o seu país no futuro. Em *Mar Meu* Xanana Gusmão assinala Portugal como o receptor modelo internacional desejado para a sua obra valendo-se de vários elementos: a esco-

lha da língua portuguesa para a elaboração dos seus produtos e nom, por exemplo, do tétum, a língua nacional do Timor, nom parece o menos importante dentro desta estratégia, mais também a dedicatória de cinco dos nove poemas às meninas lisboetas Sandra Lobo e Marta B. Neves serve como indicador de que é a antiga metrópole o espaço priorizado na interlocuom⁵.

Esta estratégia de orientação cultural visando um futuro diferente em penosa construção -um Timor reintegrado no espaço cultural da lusofonia-, completa-se co apoio fornecido polo recurso aos países africanos de língua portuguesa. Xanana procura nas antigas colónias portuguesas da África, nomeadamente nas duas maiores, Angola e Moçambique, os seus referentes de analogia. Assi acontece desde o momento em que é o escritor moçambicano Mia Couto, o agente mais prestigiado internacionalmente das literaturas africanas em língua portuguesa, o encarregado de prefaciá a obra de Xanana, e isto é assi porque nas palavras do moçambicano encontra-se nom apenas umha solidariedade geral própria da República das Letras, mais a assumpom como própria da causa timorense pola naom irmã da outra marge do oceano ("O Verso e o Universo", p.6):

Uma nação distante se reassume como nosso lar, nossa razão, nosso empenho. O sangue que se perde em Timor escorre de nossas próprias veias. As vidas que se perdem em Timor pesam sobre a nossa própria vida. [...] Há ali não apenas poesia mas uma epopeia que queremos partilhar, uma utopia que queremos que seja nossa.

E se no Prefácio ao cuidado de Mia Couto fica já esclarecido que "os timorenses não estão sós: por isso não estão condenados ao silêncio" (p.8), através do poema "Paz, 'Ngola!" (V, pp.22-24), é o próprio Xanana Gusmão quem procura as analogias entre o sucedido processo de libertação do povo angolano e aquele que estava a sofrer na altura o povo de Timor, e coloca o fecho de ouro à ponte entre o passado e o futuro do seu país dirigindose à "mulher negra, mulher / irmã, guerreira companheira" angolana para lhe dizer que "Fomos irmãos, somos irmãos/ na dor das LUTAS/ Somo[s] irmãos, seremos irmãos/ Na liberdade da PAZ" (p.24).

(5) Para Sandra Lobo vam os poemas "Mar Meu", "Esperanças rasgadas" e "Oh! Liberdade"; à criança de 10 anos Marta B. Neves é endereçada a carta encabeçada com "(Para Marta B. Neves, Lisboa)" e o poema "Avô Crocodilo". A conta das dedicatórias completa-se co poema "Paz 'Ngola" dirigido "(para a Sra Isabel G., Angola)".

Demanda, pois, de solidariedade política internacional e de solidariedade cultural intersistémica, porque doutra maneira é difícil entender a reivindicação da igualdade no sofrimento e na luta de Timor unicamente coas antigas colónias portuguesas se nom como a plasmação do desejo de proximidade e pertença a um intersistema cultural veiculado em língua portuguesa; vontade de inclusom num intersistema que pode funcionar no futuro de apoio e reforço para o próprio sistema precarizado, de preenchimento dos numerosos défices existentes, e que já actua agora como referente de analogia e fonte de solidariedade, como um lugar no mundo onde se quer integrar o povo do leste da ilha de Timor.

Estas breves notas sobre a obra poética do timorense Xanana Gusmão nom podem estar completas sem a referência, ainda que seja de passage, a outras duas características próprias da literatura de resistência tamém presentes em *Mar Meu*. Por um lado, a inclusom como literário dum texto que com olhos do primeiro mundo pode constituir exemplo de utilização dum material poético, digamos, "anómalo" -a carta de agradecimento endereçada "(Para Marta B. Neves, Lisboa)" (III, p.18)- está a questionar a distinção entre o "literário" e o "nom literário" nom aplicável pacificamente aos produtos gerados numha sociedade marcada polo colonialismo. Por outro lado, a recriação dos mitos fundacionais ("Avô Crocodilo", IV, p.20) nom como um simples artefacto arqueológico a conservar, mais como metáfora útil para a recuperação por via da lenda dum passado mítico agora negado, funciona para indicar através da poesia a pertença a umha colectividade vítima da opressom e o caminho para um futuro diferente. Ou por outras palavras, as de Mia Couto (p.8):

A poesia pode ser uma destas subtis armas que poderá remover montanhas. E fazer com que o crocodilo devore os monstros e, vitorioso, se volte a espriar em luminosas montanhas.

Esta metáfora de Timor como crocodilo está recriada tamém na primeira reprodução da obra pictórica de Xanana Gusmão recolhida no livro, o quadro em que por umha vez, apenas por umha vez, a pintura nom funciona como contraponto à destruição e à guerra, e os pincéis esquecem as cenas bucólicas e as paisagens idílicas do leste da ilha de Timor para lembrar-nos com toda a crudeza que o crocodilo tem/ tinha o ventre destrozado.

Avô Crocodilo⁶:

“No mar, tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade avorrecida!
Onde pode acolher-se hum fraco humano,
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Céu sereno,
Contra hum bicho da terra tão pequeno?”

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, I-106.

Conta o povo maubere que no início foi um crocodilo que partiu sobre raios de luz com um rapaz no lombo à procura das terras onde nasce o sol. O crocodilo, canso da viagem, não conseguiu voltar e soubo que o seu destino era ser ilha; medrou e converteu-se em pedra e terra, com rios que vam dar ao mar e florestas onde nasce o sândalo. O rapaz caminhou a ilha, rodeou-na e chamou-lhe Timor (Oriente).

Desde que a começos do séc. XVI o vice-deus da Índia, Afonso de Albuquerque, espetou a Cruz de Cristo no coração do crocodilo o avô nom deixa de sangrar. Portugueses, holandeses e britânicos deixárom aqui a sua herança, porque já tivêrom estas águas por suas⁷:

- A **primeira colónia portuguesa** foi estabelecida polos frades dominicanos no ano do senhor de 1533.

- No **séc. XVII** Da Ornai dirige a revolta que libera a terra por três anos (1629-1632). Um ano depois os holandeses conquistam as possessões lusas no arquipélago, excepto o leste da ilha de Timor que, na

(6) As linhas que seguem, escritas em Lisboa em Setembro de 1999, publicam-se aqui sem qualquer alteração posterior; contodo, umha leitura generosa deve levar em conta que desde entom muitas cousas acontecêrom no leste da ilha de Timor (e, infelizmente, no mundo): o regresso dos membros do C.N.R.T. do exílio, a instauração de facto dum protectorado da ONU no território, as tomadas de posição dos países ocidentais para a *reconstrução* e exploração dos recursos económicos da ilha, os empréstimos do Banco Mundial e, por fim, a eleição dumha assembleia constituinte e a independência formal da República de Timor Lorosae no mesmo dia (20 de Maio de 2002) em que o seu primeiro governo democrático assinava um acordo coa Austrália para a exploração do petróleo do mar de Timor. Ver Bourrier, Any: "El feliz nacimiento de un Estado en Timor", *Le Monde Diplomatique* (ed. espanhola), Junho de 2002, p.27.

(7) Ver Jornal *Expresso* 18-9-99: "Especial Timor Loro Sae".

segunda metade do século, virará “Império” autónomo da mão de mestiços, aventureiros e comerciantes portugueses obrigados a pagarem uma renda anual à metrópole.

- Durante o **séc. XIX** a concorrência comercial britânica e holandesa faz que os portugueses substituam no leste da ilha a exploração da madeira de sândalo pela plantação de café.

- O **séc. XX** abre-se com dezassete anos de rebelião (1895-1912) encabeçada pelo rei local Boaventura de Manufani. O desembarco de forças holandesas e australianas durante a Segunda Guerra Mundial provoca o bombardeamento e posterior ocupação do exército japonês (mais de 50.000 timorenses morreram na resistência). O final da Guerra deixa a ilha sob o controlo administrativo de Austrália, esta devolve-a aos poderes coloniais da Holanda e de Portugal.

- A **República da Indonésia** nasce em 1945 nas fronteiras do império colonial holandês e nome reivindica Timor-Leste. “Em 1958, durante a administração Eisenhower, a América [EUA] levou a cabo na Indonésia a sua maior operação clandestina de pós-guerra, numa tentativa de desmembrar o país e separar as ilhas onde se concentrava a maioria dos recursos. Falhou. Depois disso, os EUA passaram a apoiar os militares indonésios, o que conduziu ao golpe de Suharto, em 1965”⁸ (Suharto e os militares tomaram o poder em Jacarta com o pretexto de ‘conter um golpe comunista’, massacraram 500.000 opositores).

- A **Revolução dos Cravos** de 25 de Abril de 1974 inicia a descolonização. A guerra civil desatada entre os partidários da integração na Indonésia e os independentistas leva à administração militar portuguesa a abandonar precipitadamente Timor-Leste; era 26 de Agosto de 1975. Passaram 450 anos de presença colonial. A Igreja Católica Portuguesa ficou no território.

- Em 28 de Novembro de 1975 a FRETILIN, liderada por Nicolau Lobato, expulsa de Díli os seus adversários políticos e proclama unilateralmente a República Democrática de Timor-Leste; é nomeado presidente Francisco Xavier do Amaral. Neste mesmo ano Henry Kissinger e o presidente Ford tinham visitado Jacarta; o sete de Dezembro tropas indonésias desembarcam em Díli, a ONU condena a invasão⁹. Seis meses

(8) Noam Chomski, entrevista concedida em 15 de Setembro a World Media. *Público* 18-9-99, pp.8-9; Chomski é autor, nomeadamente, do livro: *A Guerra Escondida de Timor-Leste* (1979).

(9) Para o relacionamento dos EUA com o regime militar indonésio e a invasão de Timor-Leste, veja esclarecedoras as declarações do na altura embaixador norte-americano na ONU, Patrick Moynihan, citadas por Chomsky (ver nota anterior).

despois a Indonésia proclama a anexaçon de Timor-Leste como a sua 27ª província (nos anos seguintes 200.000 timorenses morrem a maos do exército indonésio). Em 1977 Carter armava Suharto, um ano despois Gram-Bretanha e França unem-se aos norte-americanos vendendo armas e apoiando diplomaticamente a Indonésia.

- Em **1979** Austrália reconhece oficialmente a anexaçon, “foi o único país a fazê-lo. Pouco despois, iniciou negociações com a Indonésia para explorar as reservas de petróleo”¹⁰ do mar de Timor (o tratado assinará-se em 1989, ano em que o Papa Joam Paulo II visita Díli).

- Em **1981** Xanana (José Alexandre) Gusmão, poeta, é eleito líder da Resistência Timorense. Em 1988 é criado o Conselho Nacional da Resistência Maubere.

- No dia 12 de Novembro de **1991** as tropas indonésias assassinam no cimitério de Santa Cruz, em Díli, centenas de timorenses e ferem dous jornalistas norte-americanos; isto dá orige à maior campanha mundial de denúncia do genocídio do povo maubere. Semanas despois começam as prospecçons de petróleo pola Austrália ao abrigo do tratado assinado dous anos antes.

- Em 20 de Novembro de **1992** Xanana Gusmão é capturado em Díli. Condenado inicialmente a prisom perpétua vê reduzida a pena a 20 anos. Passará quase sete preso na cadeia de Cipinang.

- Em **1995** tem lugar na Áustria o Iº Encontro Intra-timorense; auspiciado pola ONU, reúne líderes pró-Indonésia e independentistas. Um ano mais tarde o bispo de Díli D. Ximenes Belo e o vice-presidente do Conselho Nacional da Resistência Maubere José Ramos-Horta recebem o Prémio Nóbel da Paz.

- Em Abril de **1998** celebra-se em Portugal a Convenção Nacional Timorense na Diáspora. Todas as opções independentistas aprovam a Carta Magna que deverá reger o futuro Estado soberano; o Conselho Nacional da Resistência muda o nome de Maubere e passa a denominar-se Timorense, Xanana Gusmão é o seu líder indiscutido. Em Maio desse ano estoura a revolta popular em Jacarta e Suharto abandona o poder; o novo presidente da Indonésia, Iussuf Habibie, tenta reformas democráticas co apoio de ocidente.

- Em **1999** Portugal e a Indonésia estabelecem por primeira vez rela-

(10) Chomsky (ibidem).

cionamento diplomático. Em Maio, junto a Kofi Annan, acordam a realização dum Referendo de autodeterminação em Timor-Leste sob a supervisão da ONU. O Referendo de 30 de Agosto (Independência ou Autonomia) alcança uma participação de 98,6%. O resultado, anunciado no dia quatro de Setembro, dá a vitória aos partidários da independência com 78,5% dos votos. A partir de aqui a situação precipita-se: A violência das forças armadas indonésias (milícias –AITARAK- e exército, encarregado pelo acordo de Maio de manter a ordem após o Referendo) provoca que a UNAMET (forças da ONU para Timor-Leste) abandone Díli em contra do que tinha dito e que perto de 70% da população fuja para as montanhas onde se refugia a resistência armada da FRALINTIL, seja deportada a campos de refugiados da parte indonésia da ilha (mais de 200.000) ou se exilie na Austrália. No dia 15 de Setembro a ONU aprova o envio da força internacional que desembarcará no dia 20. A Austrália contribui com mais de 4.500 soldados (quase tantos como os outros catorze países por junto) e 10 barcos de guerra. À espera de que o parlamento indonésio decida conceder a independência a Timor-Leste, Xanana Gusmão, libertado o sete de Setembro, preside a Comissão de Emergência formada por membros da resistência, representantes da ONU e de Portugal –até o de agora único país reconhecido pelas Nações Unidas como administrador do território. Protegido pelo governo australiano, o futuro Estado de **Timor Lorosae** (Sol Nascente) espera o regresso do poeta.

“Nesse território que se define por via de uma lenda -o crocodilo que caminhou sobre raios de luz- existem hoje monstros que se movem por raios de escuro”¹¹, dizia em 1998 o escritor moçambicano Mia Couto.

Nas últimas semanas [Setembro de 1999], mais que nunca, os meios de comunicação ocidentais pousaram os olhos no povo de Timor. As opiniões a favor (e raramente em contra¹²) do seu processo de autodeter-

(11) Prefácio de Mia Couto a *Mar Meu/My Sea of Timor* (1998: 8). O poema número IV (pág.20) leva por título o mesmo que encabeça este texto, “Avô Crocodilo”.

(12) Publicamente, as opiniões contrárias à independência de Timor-Leste são escassas. Fora os representantes da Indonésia e das suas milícias, unicamente Cuba parece não querer que forças multinacionais desembarquem em nenhuma ilha com feitura de crocodilo. Ainda assim, num artigo do *International Herald Tribune* do dia 31 de Agosto do presente ano [1999], Philip Bowring distinguia-se escrevendo que “já não existe o poder imperial do Ocidente, mas um dos seus melhores legados, a consolidação das entidades tribais e dos Estados feudais em Estados modernos viáveis, está a ser ameaçada pela paixão romântica do Ocidente em encorajar os pequenos nacionalismos, como o dos 800 mil habitantes de metade de uma pequena ilha num arquipélago povoado por 200 milhões. [...] Editoriais nos Estados Unidos e na Austrália –países que não apoiaram a independência de Timor-Leste em relação a Portugal e que concordaram até com a sua anexação pela Indonésia- estão bizarramente a pedir a utilização de força ocidental contra a Indonésia, o terceiro mais

minhação enchem a imprensa deste lado do mundo. O eterno temor à manipulação informativa, a que a voz precária da verdade sempre se escuita noutra parte, máis longe, máis tarde, parece nom impedir que esta seja por fim a hora da unanimidade em volta da causa da independência de Timor-Leste; as críticas venhem pola demora da intervenção internacional ou por como esta se levou a efeito. É difícil nom saudar hoje com optimismo o fim da longa marcha do povo maubere para a sua libertação. Ainda suspeitando que as potências internacionais só actuam movidas polos seus interesses e que o eventual recuo do recurso à violência física como forma de controlo e dominação pode ver-se compensado por um avanço de novas formas máis subtis de domínio, qualquer cousa sempre parecerá melhor que a tortura, a morte e a violação.

Enquanto o exército indonésio soma o assassinato dum jornalista holandês aos milhares de mortos mauberes, as suas milícias criam a Frente da Unidade da Nação para “liberar Timor-Leste do domínio neocolonialista” e denunciam umha “conspiração internacional visando o desmantelamento do estado unitário da República de Indonésia”¹³. Por outra parte, a Gram-Bretanha di apoiar *agora* a criação dum tribunal internacional para julgar os crimes contra a humanidade cometidos no leste de Timor¹⁴. Por suposto seria alcunhado de iluso e mesmo demagogo quem pedisse responsabilidades penais nom só ao Estado indonésio mais tamém aos seus cúmplices; os possíveis tribunais de após-guerra só julgam vencidos, condenam a arma e quiçá o braço que a mexe, os órgãos vitais ficam para um transplante.

Portugal é desde os anos setenta o único aliado ocidental da causa timorense. Quer por “responsabilidade histórica”, quer por um “complexo de culpa” que outros estados europeus parecem nom sentir para coas suas ex-colónias, o certo é que o Estado português foi até o de agora o garante solitário do direito à soberania de Timor-Leste nos foros internacionais. A Igreja Católica Portuguesa (de quem dependem directamente as dioceses de Timor) entende como sua a causa maubere e recebe, caminho do Vaticano, a D. Ximenes Belo como a um Papa que nom

populoso país da Ásia. O que é que vai ser a seguir libertado pelos imperialistas morais? O Daguestão? Chittagong Hill Tracts? Goa? [...] As Nações Unidas estão a tratar Timor-Leste largamente na base dos portugueses e das fronteiras coloniais que tão rapidamente deixaram. O assunto encontra-se apenas nos braços das Nações Unidas como um legado da Guerra Fria –un esforço apoiado pelos soviéticos para desacreditar a Indonésia pró-ocidental. No entanto, o relógio não pode voltar para trás, até a saída de Portugal, há um quarto de século”. Citado no *Público*, 1-9-99, pág.5; itálicas minhas.

(13) Ver *Público* 23-9-99, pág.4.

(14) *Ibidem*, pág.3.

hesita em abençoar o legítimo direito à defesa armada¹⁵. Em Lisboa, à espera do terramoto, os habitantes da Cidade ao Sul som solidários insultando a Clinton e à Indonésia, enviado *e-mails* e recolhendo sinaturas, colocando faixas nas fachadas que mal aguantam e cartazes por toda a parte, indo a manifestações até serem 50.000, vestindo-se de branco, acendendo velas, atirando flores à água, chorando ou comprando o último livro de Xanana Gusmão para lerem, juntos, e ficar sabendo desde o princípio que

“Estou em guerra
o céu não é meu
Estou em guerra
o mar não é meu
Estou em guerra
e a vida só se conquista
com a morte...
na esperança de recuperar
o meu mar!”¹⁶

E ainda mais umha vez Mia Couto, mais noutra lugar: “Só um Mundo Novo nós queremos, o que tenha todo de novo e nada de mundo”.

(15) Ver a entrevista concedida pelo bispo de Díli ao *Público* 11-9-99, pp.6-7. “Os timorenses têm o direito de se defender com armas”.

(16) *Mar Meu*, pág. 12.

Indícios da Planificação Linguística na Galiza: a *Gran enciclopedia gallega*

M.^a Carmen Pérez

(Fene)

A *Gran enciclopedia gallega*, editada em 1974 por Silverio Cañada em Compostela, pretende compilar toda a informação existente sobre diversos aspectos da realidade galega: toponímia, etnografia, história, arqueologia. Na realidade, muitos dos verbetes desta enciclopédia são pequenos artigos escritos por especialistas nas diferentes matérias, compêndios ou antecipações de obras de maior entidade. Assim acontece com os escassos exemplos de artigos que dizem respeito à Sociolinguística. Fazer um estudo destes artigos é de grande interesse, enquanto os verbetes vêm assinados por nomes que vão conformar mais adiante a política linguística sancionada pelos estamentos do poder na Galiza.

É claro, pois, que neles se podem perceber já as linhas que vão definir as posições futuras dos autores. Mas, junto a estas linhas, aparecem muitas das teses que, alguns anos depois, os mesmos autores vão desaprobar com o mesmo ardor com que as defenderam naquela altura. Estas profundas mudanças de orientação em poucos anos de diferença talvez possam ser explicadas pela especial -e fugaz- conjuntura histórica em que foram escritas estas páginas.

Com efeito, as décadas de 60 e 70, como todo o século, aliás, são anos em que os processos sociolinguísticos começados durante o último quartel do século XIX experimentam uma aceleração:

- A consciência idiomática aumenta qualitativamente e quantitativamente. Quase todas as iniciativas de recuperação do galego estão vinculadas ao nacionalismo;
- Na sociedade, o castelhano ganha cada vez mais terreno (no ensino, nos meios de comunicação).

Neste contexto aparentemente paradoxal, a atenção concentra-se na lenta recuperação do galego no campo cultural da parte de pequenos grupos nacionalistas, e logo adiante de associações, partidos e sindicatos, fundamentalmente a esquerda, em plena acção entre 1970 e 1975 (*O Galo*, *O Facho*, *a Asociación Cultural de Vigo*, *a Agrupación Cultural Auriense*, *os Amigos da Cultura*, *Abrente*, *o Ateneu Ferrolano*, o PSG, a UPG, o MC, a LCR, o PC, etc).

Com palavras de Bernardo Máiz (1988):

"No remate da década dos cincuenta e nos primeiros anos sesenta hai datos abondo que indican que estaban madurecendo condicións para un salto adiante nas estruturas políticas e sindicais galegas: unha opinión progresivamente sensibilizada, unha clase obreira quantitativamente importante e cualitativamente concienciada, unha mocidade que non vivira a guerra civil e andaba á procura de meirandes marxés de liberdade, un sistema disposto a perpetuarse a si mesmo mais que, ás veces, esvaía e amornaba as formas máis estridentes de opresión.

Nesa confluencia facíase preciso artellar anovadas formas políticas que pulasen por un galeguismo de clase, cando o renacido PCE non tiña moita conta real do galeguismo".

Assim, em 1963, ano em que o Concílio Vaticano II aprova a introdução progressiva das línguas vernáculas na liturgia e a *Real Academia Gallega* celebra o centenário da publicação dos *Cantares Gallegos*, instaurando o *Dia das Letras Galegas*, é criado o *Consello da Mocidade*. Dele vão nascer a *Unión do Povo Galego* (UPG) em 1964, e o *Partido Socialista Galego* (PSG) em 1965, formações muito distantes do *Partido Galeguista*, mas que mantêm a normalização linguística como ponto reivindicativo básico.

A UPG e o PSG surgem já fora do controle dos "históricos", que se mostraram incapazes de criar o seu próprio espaço político (um nacionalismo moderado) quando a democracia lhes permitiu fazê-lo, decidindo integrar-se nos partidos estatais e rompendo assim com a tradição galeguista.

É na Universidade que a reivindicação linguística e a recuperação do galego aparecem antes: em 1965 é criada a Cátedra de Língua e Literatura Galegas, na Faculdade de Letras de Santiago, ocupada por Ricardo Carvalho Calero. Este facto, de incalculável importância simbólica na altura, será da maior transcendência posteriormente.

Em 1968, quando nascem *Nova Canzón Galega* e o *Instituto da Língua Galega*, está a decorrer uma greve na Universidade em que se pede liberdade política e democracia na Espanha, além da substituição dos velhos quadros organizativos pelas forças políticas preparadas na clandestinidade (uma amálgama política, integrada por marxistas, anarquistas, cristãos, lumumbistas, galeguistas e antifranquistas sem outra conotação). Esta greve é o início duma série de acções políticas ininterrupta até 1977 (contra o processo de Burgos em 70-71, em favor da anistia, contra a pena capital de Puig Antich, contra os processamentos de Ferrol, ou contra as mortes de 1975).

Com esta resistência intelectual, está a resistência operária, frequentemente muito mais eficaz. De 1967 são as primeiras greves importantes, em Ferrol (*Bazán*). Desta mesma empresa são despedidos em 1970 os dirigentes comunistas Pillado e Aneiros. Em 1972, cento e onze trabalhadores de Citroën (Vigo) são despedidos após dias de greve. Em Ferrol, a polícia mata Amador Rey Rodríguez e Daniel Niebla González numa manifestação. São encarcerados numerosos dirigentes operários, bem como intelectuais, estudantes e jornalistas de toda a Galiza, que mostrava a sua solidariedade (arrecadamentos de assinaturas e de dinheiro, demonstrações, grafites, canções contestatórias, etc).

Estes acontecimentos vieram mostrar que o regime tinha medo, principalmente de um PC (director de todas as greves) com uma infra-estrutura perfeitamente montada nas grandes empresas, com experiência de luta e com evidente capacidade de atracção.

E vai ser nesta sequência que a *Gran enciclopedia gallega* começa a tomar forma, da mão de intelectuais relacionados com a Universidade, com os movimentos nacionalistas de esquerda, com o Partido Comunista, com a elite que na altura, enfim, estava pronta a desalojar dos postos de poder aqueles que lá tinham estado durante decénios.

Tendo sempre à vista este contexto, tentarão rastejar-se os pressupostos ideológicos sustentados pelos autores nas páginas desta obra, no que diz respeito à Planificação Linguística. Com este propósito, foram seleccionados seis termos pertencentes ao campo da Sociolinguística. Um estudo atento destes verbetes proporciona uma interessante visão de conjunto dos projectos que pouco tempo depois haviam de mudar em realidades sob o controlo dos responsáveis pela Política Linguística do Governo

Autonómico. Os artigos, especialmente significativos, são os seguintes:

· *GALEGO* (tomo 14, pp. 222-255), assinado por Rosario Álvarez Blanco, Francisco Fernández Rei e Xosé Xove Fernández (do *Instituto da Lingua Galega, I.L.G.*). Na realidade, este artigo constitui todo o referente à Sociolinguística nesta Enciclopédia, pois nele aparece compendiada toda a informação que podemos encontrar nos outros verbetes com conteúdo sociolinguístico, raros nas páginas desta obra.

· *GALICIA. CUESTIONES ONOMÁSTICAS* (tomo 15, pp. 38-43), obra de Isidoro Millán González-Pardo, integrante da *Comisión de Lingüística y Toponimia* desde 1979, nomeado subdirector geral de *Enseñanza de la Lengua Gallega* na *Consellería de Educación da Xunta de Galicia* em 1982. Neste artigo tenciona-se justificar a escolha *Galicia* como designação oficial do território galego.

· *ORTOGRAFÍA DE LA LENGUA GALLEGA* (tomo 23, pp. 131-133), de Xulián Maure, na altura, licenciado em Filologia Românica pela Universidade de Compostela, que participa na criação de *Edicións Xerais* em 1979.

· *GRAMÁTICA* (tomo 16, pp. 191-195), escrito por Antón Santamarina, catedrático de Filologia Românica na Universidade Compostelana e membro do *I. L. G.* desde 1971. Tem parte na *Comisión de Toponimia* desde 1979, ano em que ocupa também a *Secretaría da Lingua Galega*. Antón Santamarina toma parte na redacção das *Bases prá unificación das normas lingüísticas do galego* (1977), das *Normas ortográficas do idioma galego* (1980) e das *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego* (1982).

É interessante analisar a valoração que das distintas gramáticas e propostas ortográficas da história do galego fazem os encarregados da confeição duma normativa oficial para este idioma.

· *SESEO* (tomo 28, pp. 150-153), com assinatura de Francisco Fernández Rei, membro do *I.L.G.* desde 1974, redactor das *Bases prá unificación das normas lingüísticas do galego* (1977) e do manual *Lingua galega para o Curso de Orientación Universitaria* (COU) de 1985.

· *GHEADADA* (tomo 16, pp. 21-23), do mesmo autor que o anterior.

Estes fenómenos dialectais da língua galega são os mais controversos, pois houve grande polémica sobre a conveniência ou não de serem inclu-

ídeos numa gramática normativa do idioma. As páginas dedicadas a estes verbetes esclarecem a posição do autor.

Nas páginas dedicadas ao termo **galego**, os autores oferecem um amplo estudo sobre esta língua, em que tratam a sua distribuição geográfica, a história da sua formação e a descrição do seu estado actual, concedendo especial atenção à variação geográfica.

Não é possível afirmar que os temas citados sejam desenvolvidos com escrupulosa objectividade, mas é nos apartados mais directamente relacionados com a Sociolinguística que os autores se desviam do que por princípio cabe esperar numa enciclopédia.

Galego, Galiza, Ortografia e Gramática

O primeiro ponto do verbete GALEGO é uma caracterização geral da situação linguística da Galiza. O castelhano é apresentado como intruso e invasor, e não só, pois aceitando a tese de que o conflito galego é muito mais que linguístico, afirma-se literalmente que a comunidade linguística castelhana, o grupo dominante, é um agente duas vezes opressor: em qualidade de agressor colonial e como explorador de classes. A solução proposta é a revolução nacional democrático-popular. Nessa via rumo à libertação seria imprescindível, para os autores, a normalização e estabilidade totais do galego. E o simples facto de esta língua ser oficial ou cooficial não garante isto, servindo com frequência este tipo de estratégias apenas para ocultar situações de domínio e de substituição. Desta maneira, o emprego do termo *bilinguismo* aplicado ao caso galego serviria só para manter encobertos determinados interesses ideológicos, isto é, para manter uma situação conflitiva de substituição do galego pelo castelhano.

Os problemas e soluções da língua galega são para os autores parte e base fundamental do problema político geral da Galiza. Nesta linha de argumentação, não estimam uma actitude "culturalista" ser válida neste esforço pela recuperação social do idioma, pois não influi nas raízes do problema, o colonialismo e a luta de classes. Assim, os defensores do galego a nível exclusivamente cultural, os "históricos", são acusados de "reducionistas". A única opção viável para as "forças de resistência totalmente comprometidas com o idioma" parece ser o avanço para um monolinguismo em galego. Falar galego, bem ou mal, é para estas forças

assumir uma posição não burguesa, é recusar toda a conceição alienadora, desumanizadora, que encontra no castelhano, *idioma suntuário*, o seu instrumento mais útil.

Com outras palavras, as teses marxistas da luta de classes são adaptadas para servir como sustento ideológico às novas formações nacionalistas (AN-PG, UPG), enquanto o galego converte-se no estandarte de qualquer atitude "contra o sistema" (chega-se a afirmar que, se tivesse existido na sociedade galega o *hippie*, a sua língua teria sido o galego [Alonso Montero 1969: 21]).

Com estas teses de partida, ao descrever o número de falantes e a posição social do galego, tende-se a justificar o dito no apartado anterior sobre a relação classe-língua. A distribuição do galego na população coincide, segundo os dados estatísticos apresentados, com os grupos sociais de rendas mais baixas e/ou menor nível de estudos. Os "baluartes" do galego são os imagináveis: o sector primário e o meio rural. A estes âmbitos clássicos há-de acrescentar-se um: o galego é qualificado agora de "língua operária".

Ao invés, o poder central, que "fomentou nas últimas décadas por grosso a pressão castelhanizadora", as mulheres procedentes de centros urbanos, que "por razões e procedimentos conhecidos de todos são mais permeáveis às modas e preconceitos sociais" e a Igreja, "sempre ausente, ao contrário do que se passa em outras partes do Estado e do que predica" (*Gran enciclopedia gallega*, p. 224) são apresentados como travões ao processo de normalização do galego.

Após esta declaração de princípios, que postula a erradicação da língua castelhana da Galiza (esta é, no mínimo, uma inferência lógica do visto até aqui), os autores passam a tratar por extenso as diferenças entre os sistemas linguísticos galego e português.

Partindo de que "está fora de toda a dúvida a existência de um complexo linguístico galego-luso-brasileiro" (galego e português são "duas modalidades de uma mesma entidade idiomática" [Alonso Montero, 1969]), acrescenta-se a seguir que "semelhança não quer dizer igualdade e o galego não é português nem o português é galego". Esta conclusão tira-se do facto de a separação política e cultural de ambas as comunidades explicar o nascimento e consolidação das diferenças entre as duas lín-

guas. Essa mesma argumentação política e cultural serviria para justificar, por outra parte, a tendência da língua galega a evoluir para uma identificação cada vez maior com o castelhano, coisa que parece estar em contradição com os pressupostos ideológicos exprimidos pelos autores nos primeiros parágrafos. Além de ser muito questionável e de uma tendenciosidade que a afasta do que deveria figurar num verbete enciclopédico, esta comparação entre galego e português troca-se com excessiva frequência em defesa de diversos pontos especialmente polémicos que, naquela altura, o I. L. G. defendia como de obrigada inclusão em qualquer projecto normativizador do galego.

Assim, apresentam-se como diferenças fundamentais entre português e galego elementos como as segundas formas do artigo, quando não existia (nem existe) consenso sobre a pertinência ou não de considerar estas formas apropriadas para um galego padrão. O mesmo acontece com os grafemas *lh*, *nh*, descritos como caracterizadores do português, opostos aos *galegos ll* e *ñ*, com as comparativas *ca* e *coma*, com os pronomes *ti* como sujeito e *el* como interrogativo.

Na epígrafe "A deterioração do sistema lingüístico" faz-se explícito o inferido da leitura de páginas anteriores. Afirmam os autores (p. 251) que "a contradição entre a pretensa defesa do idioma e o uso de um sistema lingüístico galego irreconhecível como tal amostra muitas vezes muito claramente o que de demagógico e falso há naquela suposta defesa da língua". Não é fácil objectar alguma coisa a estas palavras. Com efeito, postulava-se na altura a realidade de uma língua depender da vontade dos seus falantes, não admitindo "uniformismo normalizador" nenhum. O sistema lingüístico "*irreconhecível*", assim, é qualquer um que não seja o "galego do povo", isto é, o galego cheio de interferências do castelhano, sendo qualificada de "aportuguesada", "culteranista" ou "tecnocrática" qualquer opção distinta das sancionadas por este dogmatismo populista. Surpreende, contudo, que se fale em deterioração do galego logo depois de soster que esta língua é já utilizada para todas as funções e que está ganha a batalha do prestígio cultural.

No último ponto do verbete GALEGO, que desenvolve o tema da constituição do galego como "língua escrita unificada", encontram-se de novo afirmações de lesa objectividade. Para os autores, "a existência dum galego escrito unificado, 'comum', é, na altura, praticamente um facto,

pois tanto na ortografia como nas formas gramaticais seleccionadas os acordos são importantes. Os escritos amostram, em geral, um galego muito uniforme e muito mais correcto do que anteriormente".

Ao afirmar poucas linhas mais abaixo que "a *Real Academia Gallega* nunca foi uma Academia da *Língua*" e que esta tem reconhecido a sua incapacidade para produzir uma gramática e um dicionário normativos não se deixam muitas dúvidas sobre a natureza dos "importantes" acordos anteriormente referidos. Acordos que também não parecem ter sido tomados com representantes de posturas "irredentistas", dos quais é dito que "desprezam o povo que fala galego".

Na mesma linha de justificar as propostas unilaterais do I. L. G., o verbe "Galicia. Cuestiones onomásticas" defende a escolha de *Galicia* (e a exclusão de *Galiza* do galego padrão), seguindo critérios etimológicos. Não se menciona, por exemplo, que **Galiza** é a primeira e, durante tempo, única forma documentada em galego-português (Afonso X o Sábio em castelhano escreve sempre *Galizia* e em galego-português sempre *Galiza*). Assim, se o nome genuíno da *Galiza* quando tem poder irradiador próprio é este, não se explica como a forma *Galicia*, em castelhano, pode ser um empréstimo do galego-português, segundo mantém o autor, apresentando conclusões seguras a partir de reflexões conjecturais. Estas palavras do autor são suficientemente explícitas:

"Su restauración o acaso exclusividad en la lengua actual [da forma **Galiza**], en la creencia por ventura de ser la única forma gallega legítima, se pretende por hablantes o gramáticos preocupados por el máximo acercamiento a la tradición o práctica lingüística lusitana, siguiendo el ejemplo de modernos círculos literarios o de algunos escritores de relevante prestigio -Castelao, en primer término-. No llevan, sin embargo, su empeño loable al restablecimiento del seseo (que éste, sí, conserva vitalidad gallega en formas como *ghalisia*), [...]"

O segundo par de termos escolhido é "Ortografía de la lengua gallega" e "Gramática". Sendo os anos de edição desta enciclopédia de intensa actividade codificadora na Galiza, estes dous verbetes parecem de grande interesse *a priori*. O pensamento do primeiro deles está perfeitamente recolhido numa citação de Couceiro Freijomil, que aparece no próprio verbe:

"La pretensión de algunos de nuestros escritores a adoptar una ortografía imitación o copia de la portuguesa, más imperfecta que la castellana, se opone, no solamente a la tradición del gallego, sino a los progresos a que la escritura debe siempre tender, con miras a la simplificación, y es, además, dar por bueno lo que hoy se reconoce en todos los países, al lamentar complicaciones ortográficas, como obra funesta de los pseudo-eruditos en colaboración muchas veces con la ignorancia".

Não é muito mais rigoroso e objectivo o percurso historiográfico que Antón Santamarina faz pela obra de distintos autores que têm procurado dar uma gramática à língua galega. São sete os autores que aparecem citados neste artigo: Francisco Mirás (que, embora afirmar que escreve uma gramática como medida transitória enquanto os galegos não adoptam o castelhano, está na prática contra a tendência da civilização, isto é, tratando de assimilar os castelhano-falantes da Galiza ao galego, segundo o autor), Juan Antonio Saco Arce ("o seu diferencialismo não se escapava pelos caminhos alheadores dos que têm vindo depois"), Juan Cuveiro Piñol (que visa à "regeneração da pátria"), Marcial Valladares Núñez (Santamarina aponta que é nesta gramática onde começa a ser manifesta a virulência da polémica ortográfica), Manuel Lugrís Freire (não muito atinado para o autor), Ricardo Carvalho Calero (qualificado de pouco estrito e rigoroso) e Leandro Carré Alvarellos (uma grande retrocessão, diz-se).

Como observações de carácter geral, encontramos que "para outros idiomas [não para o galego] uma gramática descritiva é de maneira automática uma gramática normativa. Porque o que o povo diz é a norma", e termina o autor com o vaticínio de que "quizá no sea posible escribir nunca una gramática gallega sin prejuicios". Se difícil é escrever uma gramática galega com rigorosa objectividade, fazer uma crítica das já existentes evitando juízos de valor parece impossível.

Traços geolectais

Pela sua especial significação nos estudos sociolinguísticos na Galiza foram escolhidos os termos *seseo* e *gheada*, dois fenómenos fonéticos que caracterizam certos *geolectos* do galego.

Francisco Fernández Rei, além de oferecer um estudo sobre os tipos de *seseo*, a sua origem e distribuição, apresenta umas "considerações" sobre a sua relação com a língua. Este fenómeno, como também a *gheada*, tem sido considerado um signo de incultura, impróprio da variedade padrão, pois, diz o autor, ao não existir um protótipo de pronúnciação para o galego, o castelhano age como modelo indirecto.

A tese defendida quanto à *gheada* e ao *seseo* é a seguinte: ambos têm cabida no galego culto, pelo que é necessário conhecê-los e usá-los. São rasgos diferenciais do galego e rejeitá-los é, para o autor, aceitar um critério idiomático "antigaleguista", isto é, "antipopulista". Não parece conveniente, porém, converter fenómenos fonéticos como a *gheada* e o *seseo*, embora sejam muito característicos de certas zonas da Galiza, em formas padrão da escrita atendendo só a critérios que não deixam de ser preconceitos linguísticos (o galego é a língua dos marinheiros, mas não da astronomia ou da matemática). Os dialectólogos deviam limitar-se a registá-los, sem pretender a sua incorporação na língua padrão por amor à *cor local*.

É possível encontrar mais algum verbete nesta obra que acrescente dados para confirmar as conclusões tiradas neste estudo, ainda não sendo a Sociolinguística um dos temas mais pormenorizadamente tratados nas suas páginas. Contudo, os artigos destacados fornecem suficiente e valiosa informação para melhor compreender as actitudes e as tendências de determinados sectores envolvidos muito significativamente no trabalho com a língua nestes últimos anos, ao tempo que surpreendem ao leitor pela quantidade de afirmações sostidas neles, repelidas quando o contexto político mudou e as "forças de resistência" deixaram de ter contra que "resistir". Nomeadamente, faz-se evidente a mudança de posições quanto à "falácia da cooficialidade". Com efeito, se nas páginas desta *Enciclopedia* encontramos abundantes referências a que a única opção realmente normalizadora é a do monolinguísmo em galego, estas opiniões foram logo esquecidas quando foi possível materializá-las criando as condições jurídicas pertinentes, já no período democrático. No relativo a outros aspectos, porém, as ideias apontadas nesta obra não só não foram refugadas, mas se fizeram mais fortes. É o caso do empenho em diferenciar quanto possível a língua galega do português, ainda que para fazê-lo haja que falar nos "riscos comuns" do galego e o português do Norte, opostos ao português padrão.

Parece evidente, pois, o interessante de incluir estes textos em qualquer estudo que vise à elaboração duma antologia da história sociolinguística galega, enquanto constitui um exercício muito revelador de isso tão necessário – e esquecido – que se chama **memória histórica**.

Referências bibliográficas

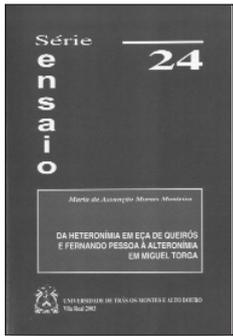
- ALONSO MONTERO, XESÚS. 1969. O que compre saber da lingua galega. Buenos Aires: Alborada.
- BARREIRO FERNÁNDEZ, X. RAMÓN. 1982. Historia política. Siglos XIX-XX (Temática gallega). A Corunha: Gamma.
- CARVALHO CALERO, RICARDO. 1972. "A liña do galego literario". Grial X (36): 129-137.
- CARVALHO CALERO, RICARDO. 1974. "La constitución del gallego como lengua escrita". Verba. Anuario Gallego de Filología 1: 31-40.
- GARCÍA, CONSTANTINO. 1977. Galego onte, galego hoxe. Santiago de Compostela: Secretariado de Publicacións da Universidade de Santiago.
- MÁIZ, BERNARDO. 1988. Galicia na II República e baixo o franquismo. Vigo: Xerais.
- MORALEJO ÁLVAREZ, JUAN JOSÉ. 1977. A lingua galega hoxe. Vigo: Galaxia.
- PENSADO, JOSÉ LUIS. 1972. "Interferencias estructurales castellano - gallegas: el problema de la geada y sus causas". Revista de Filología Española LIII: 27-44.
- PORTAS, MANUEL. 1991. Língua e sociedade na Galiza. A Corunha: Bahía.
- VV. AA. 1974. Gran enciclopedia gallega. Santiago de Compostela: Silverio Cañada editor.





RECENSONS

DA HETERONÍMIA EM EÇA DE QUEIRÓS
E FERNANDO PESSOA À ALTERONÍMIA
EM MIGUEL TORGA, de Maria da
Assunção Morais Monteiro



A utilização na literatura de umha assinatura diferente à do bilhete de identidade dá lugar a situações que se têm definido de alonímia, pseudonímia (criptonímia) e/ou heteronímia. No caso particular de Adolfo Rocha/Miguel Torga trata-se de alteronímia, segundo um dos novos vocábulos (os outros som “alteronímico”, e “alterónimo” na dupla acepção de substantivo e adjectivo) que propom a Professora Doutora Maria da Assunção Morais Monteiro neste estudo^(*).

A autora defende ter sido Fernando Pessoa o primeiro em culminar o processo heteronímico, com precedentes nas persona-

gens de João Mínimo de Garrett, e de Fradique Mendes de Eça de Queirós. Afirma (2003: 24) que Garrett “foi mais longe que o próprio Eça na medida em que pôs o narrador a dialogar com a figura criada e chegou a considerá-la como um outro eu, pelo que se antecipa a Eça e de forma mais completa”; e no respeitante à personagem queirosiana (2003:25) “Como Fradique não tem um estilo próprio, não se distancia quanto o necessário para poder ser considerado um heterónimo”⁽¹⁾. Em Pessoa, no entanto, (2003:36) “existe um processo de alteridade do eu que é total, já que as figuras criadas são encaradas como outros seres dos quais chega a sentir saudades”.

Em Adolfo Rocha-Miguel Torga a situação difere. Nos perto de setenta anos de trabalho literário, como Adolfo Rocha publicou a poesia de *Ansiedade* (1928), *Rampa* (1930), *Tributo* (1931) e *Abismo* (1932); e as narrativas *Pão Azimo* (1931) e *A Terceira Voz* (1934). Neste último volume apresentou o seu “irmão” Miguel Torga num texto em que, segundo Monteiro (2003:47) “Adolfo Rocha, como se vê, é o Judas que se sacrifica para dar lugar ao

(*) Monteiro, Maria da Assunção Morais, (2003), *Da heteronímia em Eça de Queirós e Fernando Pessoa à alteronímia em Miguel Torga*, Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Série Ensaio, número 24, 71 páginas.

(1) Monteiro cita o trabalho “Viagens de Garrett: um caminho para Os Maias de Eça”, que publicou no número 52 da *Agália*, correspondente ao Inverno de 1997 (com umha carta no número 54, do Verão de 1998, por umha confusão no seu nome); e no respeitante a Eça-Fradique concorda (2003:24) com a opinião de Ernesto Guerra da Cal, quem se referiu a Fradique como “alter ego ideal” de Eça.

Cristo que passa a ficar em vez dele. Estabelecendo uma relação intertextual com a Bíblia, podemos dizer que Judas desapareceu, voluntariamente deixou de existir porque acabou com a sua própria vida já que, segundo o texto bíblico, Judas se enforcou numa fogueira. É de toda a pertinência salientar que Adolfo Rocha está consciente da existência de um eu e de um outro, o que nos conduz a um processo de alteridade”.

O ensaio documenta como, em textos posteriores a 1934, Miguel Torga (a sua nova assinatura habitual, excepto para assuntos legais) dá notícias de Adolfo Rocha e constrói umha (2003:50) “‘personalidade mítica’ que faz com que não seja um pseudónimo”. Até chegar ao volume XVI do *Diário*, o último que publicou, no ano 1991, no qual (2003:62) “na indicação Obras do Autor, encontramos incluídas também as que são pertença de Adolfo Rocha e que apareceram pela primeira vez com o seu nome, revelando que Miguel Torga ficou detentor de tudo o que pertenceu ao primeiro autor”.

É isto o que leva a professora trasmontana a propor os novos vocábulos, rectificando a designação de “processo pseudonímico” com que se tinha referido com antecedência ao fenómeno Rocha-Torga. Deste modo chama a atenção para o alunado universitário, que habitualmente utiliza a

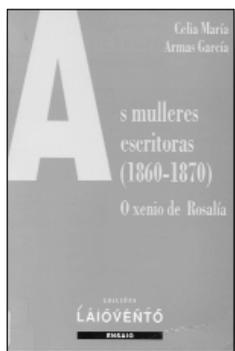
forma “pseudónimo”, como assim também fizeram (2003:60) David Mourão Ferreira e outros críticos. Monteiro propom “alteronímia” definindo-a como (2003: 63-64) “Criação e apresentação de um outro nome e personalidade, através de um processo de alteridade do autor, que acaba por ficar detentor de todas as obras, inclusive as publicadas anteriormente com o verdadeiro nome”. Deste modo, valendo-se da lexicografia, liga língua e literatura.

O ensaio da professora Monteiro, que já em outras ocasiões se tem ocupado de Miguel Torga –um dos grandes nomes trasmontanos e da literatura portuguesa–, foi conhecido nos primeiros dias de Junho, na sequência do “VII Encontro de Reflexão e Investigação” organizado pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Nesse lugar intervinhêrom vultos da crítica portuguesa, que alertárom da difícil situação porque atravessam os estudos literários em Portugal, e nom só. Umha situação que, sem sombra de dúvida, se ultrapassará com trabalhos como este, e com a introdução de novos caminhos e formulações, que fagam ver a utilidade desses estudos e a sua necessidade.

Joel R. Gómez

AS MULLERES ESCRITORAS (1860-1870).

O XENIO DE ROSALÍA,
DE CELIA M. ARMAS



O traballo de investigación que Celia M. Armas^(*) realizou sobre as escritoras galegas durante a década de 1860 é amplamente esclarecedor em dous puntos básicos: em primeiro lugar, na descriçom do estado do campo literário na Galiza desta época, onde começa a percerber-se um intento de autodefiniçom (por oposiçom) e legitimaçom dum sistema literário diferenciado do espanhol, produto da incipiente ideologia provincialista. Partindo desta questom, a autora tenta definir o posicionamento que as escritoras galegas tomavam (ou lhes era permitido tomar) dentro deste campo seguindo um critério cronológico. O terceiro apartado e o quarto do livro, de maior extensom, apresentam estes dous assuntos principais a desenvolver

e adquirem a maior das atençons.

O instrumento básico de que se serve a autora para a análise é o material hemerográfico da época conservado actualmente. O estudo minucioso das publicaçons periódicas que aparecem ao longo da década, empregando como metodologia as teorias polissistémicas do Prof. I. Even-Zohar, assi como a do *Campo Literário* formulada por P. Bourdieu, permiten-lhe chegar a conclusons reveladoras sobre estas duas premissas fundamentais para as que se dirige a investigaçom.

É destacável no traballo o extenso cómputo de escritoras nessa década e das que hoje nom temos conhecimento (com algunhas excepçons como Rosalía de Castro ou Emilia Pardo Bazán). A autora vai constatando o paulatino aumento de assinaturas femininas nas publicaçons ao longo da década, destacando o ano de 1865, e demonstra como, paradoxalmente, a historiografia literária galega foi-se esquecendo delas e mitigando a importância que adquirirom no seu tempo. A raíz disto, denuncia-se neste livro a injustiça cometida, produto de dous erros fundamentais: primeiro, a desconsideraçom de moitas delas por nom terem empregado o castelhano nos seus textos numha época de destacada

(*) Celia Armas García, *As mulleres escritoras (1860-1870). O xenio de Rosalía*. Liovento, Santiago de Compostela, 2002.

diglossia social na Galiza e, segundo (e mais importante), a tradição patriarcal de infravaloração da “produção” (seja a que for) feminina. Por causa disto, a maior parte das escritoras decimonónicas (nom só galegas) fôrom relegadas ao esquecimento com a passage do tempo e só nas últimas décadas do s.XX começa a revalorizar-se a sua criação. Por outra parte, as escritoras que resultam mais difíceis de nom incluir nas referências bibliográficas, caso de Rosalia de Castro, sofrem umha “prostituição” dos seus textos e da sua figura segundo convenha à ideologia patriarcal imperante em cada período histórico.

As publicações contrastadas no trabalho som voceiros do Provincialismo galego, polo que parece suficientemente indicativo da aderência destas escritoras a esta ideologia, mas a autora do trabalho nom aprofunda nesta questom que nós consideramos muito importante. De facto, como bem demonstrou S. Kirpatrik nos seus estudos sobre escritoras espanholas a meados do s. XIX, os jornais liberais (entre os que nom se pode excluir aos galegos) som mais proclives à publicação de textos de autoria femininos. Responde isto a umha estratégia de mercado para conseguir umha maior difusom das suas ideias, já que o número de leitoras ia

ampliando-se cada vez mais. Por outra parte, umha tendência liberal (como é o caso do Provincialismo galego) sempre mostrará maior permissibilidade para as actividades literárias das mulheres para manter coerência entre as suas formulações teóricas e a prática. Também nom se repara neste trabalho em como muitos dos editores destas revistas serám também os que possibilitem as publicações em livro destas escritoras (destacando a figura de Soto Freire), ainda que si explicita a situação sócio-cultural de privilégio que elas compartiam ao manter estreitas relações familiares e de amizade com os colaboradores masculinos destas publicações. Por isto, surge a pergunta de se na Galiza desta década seria possível a aparição de textos de autoria feminina de nom existirem estas publicações periódicas ligadas ao Provincialismo galego.

Por outra parte, consideramos que neste estudo resulta incompleta a justificação da atribuição de determinados textos ao Provincialismo (basicamente polo tratamento de assuntos claramente reivindicativos, com independência da língua empregada). Aponta acertadamente a investigadora como muitas autoras concretizam a temática, habitual na época, do *locus amoenus* por meio dum topónimo galego, atribuindo isto a um costume feminino bur-

guês, quando em realidade cremos que é um modelo poético mui empregado na Galiza da época e que constitui umha estratégia mais para a transmisom do Provincialismo, empregada com igual regularidade tanto por autores masculinos como femininos (un claro exemplo é o *Album de la Caridad*).

O ponto mais salientável deste trabalho é a situação das escritoras que, como mulleres, tinham mui delimitada a sua produçom no que di respeito aos autores masculinos. Isto deve-se à construçom patriarcal da definiçom do género feminino (por oposiçom e complementaçom-subordinada à masculina). A actividade literária, em princípio, constituia umha atribuiçom exclusivamente masculina, posto que implicava umha açom pública e um tratamento de assuntos de validez intelectual, mas a definiçom do género feminino concede às mulleres açoms relacionadas con assuntos de validez moral e sentimental. Deduze a investigadora a inquestionável aceitaçom social nesta época da figura do “anjo do lar”, através dumha análise comparativa entre os abundantes textos teóricos assinados por varons, sobre a educaçom da mulher, e os próprios textos de autoria feminina ao longo da década. A criaçom literária para as mulheres converte-se, assi, num acto transgressor da

norma social e tentam justificá-lo e legitimá-lo polo uso estratégico de modelos já consolidados e prestigiados sem pôr em dúvida a definiçom e validez do “anjo do lar”.

Daí a predominância da poesia, género que na época estudada já contava com umha tradiçom consolidada de autoria feminina no sistema literário espanhol (de que as escritoras nomeadas eram conscientes) e que adquirira na década de 1860 valorizaçom implícita do “anjo do lar”. S. Kirpatrik demonstrou como esta nova concepçom da lírica, a partir da década de 1850, é comum para os/as productores/as literários/as em Espanha. Segundo o dito, achamos que a identificaçom que C. M. Armas fai: mulher=poesia, varóm=prosa no seu trabalho nom é de todo certa. Prova disto som os textos narrativos publicados por estas escritoras (por exemplo Rosalía), onde destaca igualmente a suposta “sentimentalidade” feminina, como consequência da priorizaçom dos modelos românticos no subsistema galego. Os modelos líricos som mui rígidos formal e tematicamente neste momento, polo que nom existe umha variaçom notável entre textos segundo seja o género das/os suas/seus autoras/es; si se percebe umha maior predisposiçom por parte das mulheres para a produçom lírica, mas isto por causa da definiçom social do

género feminino e a própria concepção da poesia procedente das teorias românticas.

Nom se deve descartar também o próprio contexto onde aparecem estas publicações, mais propícias à apresentação de poesia nos apartados literários. Entre outras muitas causas para isto, está a tradição jornalística. É preciso ter em conta que estas novas publicações galegas estão tentando entrar no mercado empregando modelos consolidados para a captação de público. Na época estudada, os romances por entregas de autoria feminina vinham sendo habituais (lembre-se, por exemplo, a própria Rosalia nesta década) na imprensa madrilenha mas, sendo a poesia um material repertorial que contava com maior prestígio e devido à histórica pressão social patriarcal, as escritoras começariam a produzir textos que mais facilmente seriam admitidos no campo literário.

Sem dúvida, este trabalho constitui uma importante e necessária aproximação à situação das escritoras galegas no s. XIX. Dá a conhecer como nom som tam poucas as assinaturas femininas como em princípio consideramos actualmente, visibiliza as balizas com as que se tinham que enfrentar e a “genialidade” do exemplo dalgumas autoras que ultrapassáram as expectativas

naquela altura atribuídas a uma escritora, dá conta dumha forte solidariedade feminina entre estas mulheres e, fundamentalmente, denuncia o esquecimento da sua produção literária e da relevância que adquiriram durante a década de 1860.

Maria Anjos López Otero





Alonso Estraviz em homenagem a Teixeira de Pascoaes (Guimarães)

Em 7 de Dezembro passado tivo lugar, na *Sociedade Martins Sarmiento* de Guimarães, umha homenagem a Teixeira de Pascoaes no 50 aniversário da sua morte, na qual participárom António Cândido Franco, da Univ. de Évora, e Isaac Alonso Estraviz, da Univ. de Vigo. Estivérom presentes a sobrinha, Maria José, que foi a sua secretária e que na actuali-

dade tem 89 anos, e Amélia, sobrinha política do mesmo por ter casado com João Vasconcelos, o já falecido sobrinho de Teixeira, autor da portada do livro *Epistolário*.

A palestra do Professor Estraviz referiu-se às "Relações de Pascoaes com escritores e intelectuais", e será publicado na *Revista de Guimarães* da Sociedade Martins Sarmento.

Edelmiro Momám Noval, tese de doutoramento em Química

Queremos deixar grata constância da recente defesa na Universidade de Santiago de Compostela de umha tese de doutoramento do domínio da Química redigida em galego-português, neste caso em norma lusitana. Trata-se da memória intitulada *Funcionalização Remota na Síntese de Análogos do Calcitriol (1 α , 25-Dihidroxitamina D₃)*, elaborada por Edelmiro Momám Noval, sob a direcção do Prof. Dr. António Mourinho Mosqueira, do Departamento de Química Orgánica. A tese foi defendida a 28 de Abril deste ano 2003 na Faculdade de Química da universidade de compostelana perante um tribunal constituído polos Doutores Gregorio Asensio Aguilar (Universidade de Valência), Luís Alberto Sarandeses da Costa (Universidade da Crunha), Paul R. Jenkins (Universidade de Leicester), Miguel Ángel Pericás Brondo (Universidade de Barcelona) e Fer-

nando Aznar Gómez (Universidade de Oviedo), que lhe concedeu por unanimidade a qualificação de "Sobresaliente *Cum Laude*".

Numha altura em que, infelizmente, som ainda escassíssimas as teses de licenciatura e de doutoramento que, no campo das Ciências Naturais e da Técnica, se redigem em língua galega nas universidades da Galiza, muito nos temos de congratular pola elaboração desta rigorosa tese doutoral de Edelmiro Momám, escrita num eficaz galego-português científico, e que ainda contém umhas amáveis palavras de reconhecimento para com a AGAL que a seguir reproduzimos: «*Ao Dr. Carlos Garrido, a Salvador Mourelo, à Associação Galega da Língua-AGAL e a quantas pessoas trabalham de modo altruísta pela normalização do idioma galego no âmbito científico.*»

m ú l t i p l o s a c t o s

Durante os últimos meses continuárom as mobilizações cidadás contra os governos autonómico e do Estado Espanhol exigindo atençom e justiça por causa do desastre do *Prestige*. Com protagonismo e coordenação principal da *Plataforma Nunca Mais* e da *Burla Negra*, ao mesmo tempo que nos seus sítios de internet se podia seguir em detalhe a crise e conhecer informação sobre voluntariado e ajudas (*plataformanuncamais.org*, *burlanegra.vieiros.com*), organizavam-se variadas e imaginativas intervenções e actos de protesto:

-CADEIA HUMANA contra a manipulação informativa (21-XII, às 16.30h em S. Marcos, Compostela, em volta da TVG e TVE).

-APAGAMENTO (Sexta-feira 27-XII, às 22.00h, tentando deixar o país às escuras durante 5 minutos).

-NOITE DE HUMOR NEGRO: Kiko Cadaval, Carlos Blanco, Patricia Vázquez, Manuel Manquiña, Nancho Novo, Serxio Pazos, Javier Veiga, Mofa e Befá..., na *Grande Noite do Humor Negro*, evento lúdico contra a manipulação informativa (segunda-feira, 23-XII, Paço de Congressos da Corunha).

-VELÓRIO DO MAR (28-XII às 17:00h. Praia do Orçám, Corunha).

-CADEIA HUMANA pola costa (22 de Janeiro).

-UVAS NEGRAS: Proposta do colectivo VA-CA, tomar as uvas à hora correspondente do fuso horário da Galiza, que deveria ser o mesmo de Portugal e das Ilhas Británicas (quando em Espanha fosse a 1:00 hora no lugar das 00:00). Por certo, as uvas deviam ser NEGRAS, como símbolo da

maré negra. Convocatória na Quintana.

E Xosé María Álvarez Cáccamo foi incumbido de ler um texto para encerrar a manifestação do 11-XII em Vigo, protesto reivindicativo que congregou mais de 120.000 pessoas. Eis o teor (adaptado com o consentimento do autor):

REDES NA MARÉ NEGRA

Hoje Galiza é unha rede do tamanho do mundo, unha irmandade popular de marinheiros em luta contra um monstro descomunal de alcatrám e censura, contra unha besta apocalíptica de cinismo e breu, cobra cósmica de piche e de mentira. Temos bem afirmado nas maos o aparelho cosido entre todos os galegos e galegas, que todos somos mar, e através desse tecido de esperança feramente democrática andamos a caminhar em uivo dramático, em balbúrdia de notícias pavorosas, em brado de justiça. Cai na rede o chapote como cairám os governos responsáveis desta tragédia, que nom foi causa de catástrofe natural, destino cíclico dum povo debruçado sobre os precipícios da fatalidade, mas consequência de obscuro comércio: o dos negócios clandestinos que deixárom agarrar um barco de boca aberta em agónico vômito infernal sobre a linha bamba do horizonte e sepultárom logo um cadáver empenhado de terror a 3.600 metros de fundo. A bomba do Prestige ficou activada em estado de permanente erupçom, veneno letal em frente das costas da Galiza.

Contra essas armas do terrorismo de estado neoliberal temos unha rede nossa feita de indignação, corcosida ainda e por muito tempo com os fios da tristeza mas assentada no chumbo do labor comunal, da comum vontade do

p o r t o d a G a l i z a

povo em frente do poder iníquo dos seus governantes, em frente do cinismo infinito dos presidentes, ministros, delegados e conselheiros do Partido Popular, em frente da mentira como estratégia propagandística e única norma moral, que paralisou toda acção preventiva do povo contra os avanços da maré negra. Mas nós temos umha frota explosiva de marinheiros em armas de verdade, com aparelhos de fantástica tecnologia-ponta, a raiva e o ganhápam a bordo das planadoras, a fraternidade e a colher dos barcos dos bateiros, um símbolo novo da Galiza a apanhar veneno enquanto os governantes da Xunta se enguedelham na peleja polo poder nas suas leiras miserentas de ambição conselheiresca ou pernoitam em hotel de cinco estrelas antes do exercício cinegético menor. Os outros, os de Espanha, entregam-se à caça maior, como corresponde à hierarquia de grau principal.

Nós, aqui, estamos organizados para a pesca oceânica do chapapote, essa palavra que lhes parece tam graciosa, preparados para umha faina que nos devolve consciência de nós, malha larga e firme que se chama Galiza e medra em tamanho interior, de Ortegá a Cabo Silheiro, do Caurel a Compostela. A Compostela levámos o primeiro de Dezembro de 2002 umha rede de multidom em combustom algareira e aquele oceano de espuma encheu dez vezes a enseada do Obradoiro em rebeldia de ondas a bruar e a ressaca levava o remoinho dos corpos acesos em ira feliz outra vez contra as furnas da Praça de Fonseca e das fontes da Alameda continuava a nascer gente em enxurrada que nunca esmorecia. A gente, o povo da Galiza em representaçom unânime, bruava

contra o chapapote da política ignominiosa do PP. E os berros fôrom clamor transparente que continua a ecoar e se renova em cada rua, em cada casa, em cada praia, em cada barco: Demissom!, Demissom!, Demissom! Exigimos a responsabilidade política e penal dos presidentes, ministros, delegados e conselheiros dos governos do Partido Popular.

E agora somos todos maré cheia contra os alcantis da manipulaçom informativa, contra a pedra seca da censura, velho ofício franquista, hábil labor de informaçom e turismo, contra o desprezo manifesto do governo de Madrid e a sua secçom noroeste por este povo que todo é mar e como mar brua e nom se submete. Que nom se submete. Que quando a pinga derradeira do piche reborda os canais da indignaçom contida, medra em nós um facho de flor irmandinha. E agora o facho é rede unânime estendida do coruto soberbo de Cabeça de Maceda até aos alcantis calcinados de Tourinhá, da praia de Soesto acutilada em negro até aos últimos ninhos da luz na Devesa da Rogueira. E a rede somos nós, que todos somos mar, e a vontade nossa de vencer na batalha do chapapote significa ganhar também a guerra política contra um poder enlameado na visguenta maré negra do beneficio contável como único objectivo. A rede deles, as artes ilegais da aranhira cacical, começa a quebrar-se aqui e acolá contra os cons da consciência popular. A nossa é um aparelho de futuro, tecnologia-ponta da vontade colectiva, e está a ser cosida entre todos os galegos e galegas, que todos somos hoje mar insubmisso contra a maré negra do rumo criminal do Prestige nas maos dos governos do Partido Popular. E a rede somos nós.

Grupos Locais da AGAL

Em Sábado 25 de Janeiro foi constituído o Grupo da AGAL em **Madrid**, no Centro Galego dessa cidade. O seu endereço de contacto é:

madrid@agal-gz.org

O 7 de Maio constituiu-se a Assembleia Local da Agal em **Vigo**, nascida com o objectivo de dinamizar na cidade as actividades relacionadas com a padronização e naturalização da nossa língua como parte integrante da sociedade galega e da lusofonia. Procura fornecer um ponto de encontro para todas aquelas pessoas preocupadas por estes assuntos, quer estejam associadas à Associação Galega da Língua, quer simpatizem com os seus fins e objectivos. Na referida assembleia procedeu-se à distribuição de responsabilidades no seio do grupo local, sendo designados Salvador Mourelo como Coordenador Local, Carlos Garrido como Secretário e Jesus Miguel Conde como Tesoureiro. Entre as actividades previstas encontram-se a realização de cursos de língua, a divulgação das propostas reintegracionistas através de folhetos, a organização de palestras, o lançamento de livros ou a oferta de um serviço de consultadoria linguística. Os encontros terão lugar com periodicidade quinzenal. Qualquer pessoa que estiver interessada em pôr-se em contacto com o Grupo de Vigo, pode fazê-lo através do endereço electrónico:

smourelo@agal-gz.org

(ou do portal galego da língua,
www.agal-gz.org)

E no sábado 22 de Março inaugurou-se em **Compostela** o Local Nacional, com umha homenagem a Ricardo Carvalho Calero, ao se comemorar o 13º aniversário da morte (25 de Março de 1990) do que foi primeiro Catedrático de Língua e Literatura da Universidade Galega, e fundador e membro de honra da AGAL. O acto iniciou-se por volta das 12.00 horas no Salom de Graus da Faculdade de Filologia, onde o Professor José Luís Rodrigues, Catedrático do Departamento de Filologia Galega, proferiu umha palestra subordinada ao título "Carvalho Calero no início do século". A seguir, por volta das 13.00 horas, decorreu a inauguração do Local Nacional da AGAL, no número 40 da rua Castela de Santiago, seguindo-se um Jantar de Convívio.



WWW

O mês de Maio foi o mais exitoso para o **Portal Galego da Língua**. As suas estatísticas de visitas incrementáram-se em todas as categorias, ultrapassando as 7000 (exactamente 7086) visitas ao mês. Magnífico jeito de celebrar o primeiro aniversário na rede! Fôrom doze meses de intenso trabalho compesados com estes excelentes resultados. Até 3121 visitantes diferentes se achegaram à Porta da AGAL na Rede, cifra que confirma o incremento na fidelização da audiência. Outro dado de grande impacto é a quantidade de páginas vistas polos visitantes: nada menos que 100.886.

A *Agália* parabeniza a *Comissom Informática da AGAL*, onde está integrada a equipa de redactores do Portal, por estes resultados. Mas também por outras fabulosas propostas que comentamos a seguir.

NUMERGAL 1.2

Em Janeiro foi lançada a versom 1.2 do Conversor NUMERGAL, nova ferramenta linguística capaz de converter algarismos para a sua forma por extenso em galego. Nesta versom é capaz de desenvolver formas em feminino, alcança os bilhões e também converte números decimais, além de incorporar informação de interesse na ajuda acerca do uso correcto dos números na nossa língua. O programa está disponível na secção de descargas do Portal Galego da Língua e aparece em versom com-

características do conversor podemos salientar que agora é também capaz de ler números com espaços em branco, pois em galego-português esta é umha opção de escrita. A importância do NUMERGAL também radica em que ele poderá fazer parte, como módulo, de futuros programas a trabalharem com textos nos quais poderão facilmente aparecer números que tenham de ser desenvolvidos por extenso, como poderia ser um sintetizador de voz em galego da Galiza...

TOPOGAL 1.0

Foi igualmente lançada a versom 1.0 do TOPOGAL, nova ferramenta informática de livre distribuição, um programa informático que pretende aproximar o público galego à toponímia do seu País dumha maneira agradável e atraente. A sua interface está

gal-gz.org

pleta e na reduzida. Esta última, que apresenta um arquivo de instalação bem menor mas que possui idêntica funcionalidade, pode ser descarregada por aquelas pessoas que já tenham instalado no seu computador o CONJUGAL ou qualquer outro programa realizado em *Visual Basic*.

NUMERGAL é umha ferramenta única na sua classe no contexto da nossa língua, nomeadamente na Galiza, mas também no resto da Lusofonia se nos cingimos ao elenco de programas de livre distribuição. No Brasil existe algum produto similar, mas de pagamento. Entre as

desenhada em Visual Basic 5.0 e o seu funcionamento é similar ao de um dicionário electrónico, com várias possibilidades de acesso aos dados, inclusive por meios gráficos, ainda que o TOPOGAL é um programa independente. Funciona em plataformas Windows e permite executar desde o menu do programa a função de ver o *Portal Galego da Língua* àqueles que tenham instalado o Internet Explorer no seu computador.

O programa do TOPOGAL corre bem em computadores com pentium II ou superior (ou equiparáveis), e a resolução de tela adequada para a

sua perfeita visualização é de 1024 x 768 ou superior (está-se a estudar a hipótese de lançamento de uma versão reduzida para equipas menos avançadas). É um programa de livre distribuição, fruto do trabalho da Comissom Informática da AGAL que se pode obter na secção de descargas do *Portal Galego da Língua*. Incorpora nas entradas correspondentes a cada topónimo (comarcas, concelhos, paróquias e aldeias) umha informação padrom consistente no Nome do topónimo (com versão em mínimos), Informação acerca da entidade superior a que pertence o topónimo, Informação acerca das entidades inferiores que compreende, etc. E, além disso, também incorpora mais informação relativa a cada topónimo, respeitante ao lugar referido.

Do Portal Galego da Língua aceitaram-se contributos, no seu canal Projecto Topogal, sugestom, opiniom ou mesmo propostas para ser ampliado o banco de dados toponímico ou corrigir possíveis erros.

A proposta toponímica do TOPOGAL é provisória, à falta de referendo por parte da Comissom Lingüística, embora neste número se apresentem ainda alguns acordos relativos à Toponímia. A proposta de comarcalização (oficial do Governo Autónomo Galego) é também provisória.

◇ www.agal-gz.org ◇

Novos números da

Na Rede tivemos os últimos números da magnífica revista electrónica ***Ómnibus***, com vários artigos redigidos em galego-português. De Janeiro destacamos “Os nom lugares e as sociedades contemporâneas” (Lois Magarinhos); “A Sócio-lingüística Matemática em Txillardegui” (Andoni Herrera), “O Catalám das Baleares” (Joam-Inácio Alonso e Soares), e “A Língua Catalã na franja de Ponent (Josep San Martin Boncompte); Em Política, “As côres da multitude” (Raimundo Viejo Viñas), “A irresponsabilidade política e a crise do político” (Dani Fernández Blanco); Na Música, “O Planet Hemp e a hegemonia do cinismo” (Alberto Zacharias Toron); e em O atraso psicológico da Galiza, “Mortos de fome, droghadictos!” (J. Ramom Pichel Campos).

No número de Abril, outro artigo de J. Ramom Pichel sobre relações entre o hipertexto e a literatura. Umha análise sobre a situação da mulher em Angola (António Mogambo, secção Norte-Sul). Um artigo do professor Corredoira sobre a lusofilia do reintegracionismo. Na secção de Política, artigo de Xulio Rios sobre a China, e outro do professor Raimundo Viejo sobre questons nacionais. Ernesto Vázquez Souza volta a maravilhar-nos com as suas investigaçom esta vez sobre Castelao no seu labor de recuperação da memória histórica. Umha visom do mundo por Gabriel O Pensador “para entender o Brasil” na área de Música, “Nunca mais” artigo já publicado por Xosé M. Penas Patiño que ainda vigora, e na secção pataffisa, método desaprendista para con-

versas aborrecidas por Ramom Gris, crónicas agudas transitórias do Brother Moses, e uma versom patafísica de umha entrevista ao fundador do Opus Dei (Monsieur Mirrinhao).

No final de Maio ainda se viu o nº 6, com um tema central: é necessário boicote comercial aos produtos americanos após a guerra contra o Iraque? Novos artigos, na Secçom Rede, A cultura pública dixital de Amsterdam (Geert Lovink e Patrice Riemens), e um artigo de J. R. Pichel sobre os SMS (já publicado nas *Novas da Galiza*). Em Norte-Sul, análise sobre o descobrimento do Brasil (Aldeneiva Celene de Almeida Fonseca). Um artigo de Xavier Frías Conde, secçom Língua, sobre a A fragmentación lingüística pola i-fluência das linguas estatais: o caso asturo-leonés. Também análise do novo Museu das Palavras de Vigo *Verbum* polas Redes Escarlata. Em política, vários artigos sobre a II Guerra do Golfo, descontentamento laborista no Reino Unido, etc. Ernesto Vázquez Souza fala da exposiçom aberta em Sargadelos a partir da sua tese sobre o ex-alcaide galeguista Anxel Casal em 1936. Visom da música do Ben Harper que tocará em 1 de Nov. em Lisboa (Daniel Galera). Xosé M. Penas Patiño sobre as repercussions ecológicas que continua a causar o *Prestige*. E na secçom patafísica novos artigos *pata* com umha premiere do Virutillas e colaboraçom do *Novíssimo Instituto Patafísico de Buenos Aires*, artigo desaprendista de medo aos avions e umha nova incorporaçom da VA-CA sobre a eurovisom.

Quico Cadaval em Lisboa



Operação Triunfo Operação Triunfo Operação Triunfo

Em Fevereiro começou na RTP a versom portuguesa do programa *Operação Triunfo*, que tanto sucesso levantou na televisom espanhola. Na Galiza admirou-nos nem tanto que um dos professores da "Academia" de Lisboa fosse o dramaturgo e mesmo assim amigo Quico Cadaval (grande descoberta do produtor do programa, que o viu actuar em Évora e decidiu contratá-lo como professor de interpretação), mas acima da fundada escolha –nom fossem as qualidades dramáticas e a capacidade para instruir do mencionado–, admirou-nos que na Galiza mais comum continuassem chegando as notícias da versom espanhola com maciça presença. Nada do Quico. Pois viva o Quico!

Manuel Maria na RAG



Manuel Maria Fernández Teixeira (Outeiro do Rei, 1929) é já membro numerário da Real Academia Galega (RAG), substituindo Marino Dónega. No acto que encenou o seu ingresso, celebrado em Vilalba no passado 15 de Fevereiro a pedido do Instituto de Estudos Chairegos, o poeta falou do tema que centra grande parte da sua produção literária: a Terra Chá, poesia e paisagem. No seu discurso tentou explicar a unidade territorial, lingüística e idiomática da Terra Chá, e

também aludiu aos diversos poetas da comarca, nomeadamente Crecente Vega, Diaz Castro e Aquilino Iglesias Alvariño. A actualidade também esteve presente no discurso, com alusões à maré negra do *Prestige* e à guerra contra o Iraque, concluindo com um “Nunca Mais a guerra”.

Manuel Maria foi o primeiro poeta que publicou um poemário galego após a Guerra de 1936, *Muiñeiro de Brétema* (1952), que à sua vez inaugurou a *Escola da Tebra*. Na década de 60 e 70 esteve muito comprometido cultural mas também politicamente com o nacionalismo, sendo mesmo vereador (1979). A sua obra evoluiu do existencialismo e pessimismo radical até a uma poesia mais social. Em 1995 foi homenageado pola *Asociación Socio-Pedagógica Galega* na Corunha, e a sua obra poética completa foi publicada em dous volumes de quase 1.500 páginas, pola editorial Espiral Maior, há dous anos, manifestando entom o seu desejo de deixar de escrever versos. Mas também colaborou com a AGAL, publicando o seu poemário *A Luz Ressuscitada*, na nossa Colecçom Criaçom.



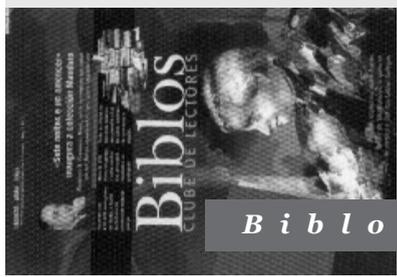
Mesa Redonda

No dia 11 de março, *A Enciclopédia dos Espelhos* (www.encyclopediaspejos.org), organizou umha mesa redonda sobre a problemática da normativa galega confrontando o presidente da AGAL, Bernardo Penabade, com Henrique Monteagudo, investigador do ILG e secre-

Mesa Redonda

Iniciativa promovida polo xornalista e escritor Tucho Calvo, *Biblos-Clube de Lectores* apresentou-se o vinteoito de Fevereiro como umha empresa, sediada em Cessures, que polas suas características facilitará a multiplicação da edición de libros em galego. Ao fazer umha distribución a domicilio, fará possível que cheguem a qualquer lugar da geografia galega. Também se ofrecen libros nas variantes portuguesa e brasileira, pretendendo-se novidade na história da Galiza

que ajudará a superar umha “situación de anormalidade que dura moitos séculos: a de viver de costas viradas aos nosos viciños lingüística e culturalmente máis próximos”. Veremos se podemos valorizar e saudar a iniciativa tam positivamente como a última parte promete.



B i b l o s - C l u b e d e L e c t o r e s

III Curso de Galego Científico e Técnico

Entre Fevereiro e Abril, e organizado polo Departamento de Tradução e Lingüística da UV e a AGAL, para membros dessa Universidade, reconhecido com 1 crédito de livre configuración (30 h. lectivas), e ministrado por Carlos Garrido (Prof. de Tradução de Textos Científicos e Técnicos Inglês>Galego). Decorreu no C&amp;amp;amp;ampus das Lagoas –Marcosende.

n ú m e r o 1 5 d o b o l e t i m R e n o v a ç ã o

Saiu em Março, promovido pola Embaixada da Cultura Galega sediada em Madrid, esta publicação cultural e informativa que procura contribuir para o objectivo de difundir a língua e a cultura próprias da Galiza e promover as relações entre os povos lusófonos. Nos Conteúdos deste número, *Língua-Patrimônio Cultural dos Povos Lusófonos*, por Magarida Silva; *Discurso do presidente Lula*; *História da língua portuguesa*, Texto digitado e divulgado pelo Instituto Culturas Lusófonas Antônio B Sampaio Elos Clube Uberaba; e *Quem voltasse àqueles tempos de garoto*, por Moncho de Fidalgo.

M e s a R e d o n d a

tário do Conselho da Cultura Galega. Foi às 19:30 horas no salom de graus da Faculdade de Ciências Políticas (Compostela, Campus Sur). Os argumentos, conhecidos; os modos, altamente cívicos. Ainda bem. Nom é a primeira vez que temos do género, mas diálogo sempre falta...



M e s a R e d o n d a

Dia das Letras na Bélgica

Entre 16 a 19 de Maio, com diversas actividades entre as quais um concerto da guitarrista galega Isabel Rei, um jantar comemorativo, a projecção do filme *O Bosque Animado* (Sala Vandôme). Também organizada pela *Belgaliza*, associação de galegos na Bélgica, com a colaboração da livraria *Orfeu*, charla-colóquio com Antón Lopo, tema Avilés de Taramancos.

Celebrou-se igualmente o 10 de Junho, Dia de Portugal, com mesa-redonda (com portugueses de diversos campos sociais, profissionais e políticos, tratando o estado global da sociedade portuguesa hoje: análise e perspectivas, à mistura com as experiências individuais dos participantes), Concertos de piano organizados pelo Serviço de Ensino da Embaixada de Portugal, e ainda se prepara em data a fixar as *Regards sur les Littératures Africaines de Langue Portugaise*, por Fernanda Afonso e Mme. Marie-Claire Vromans: *Mia Couto, un constructeur de la Nation mozambicaine*. E a livraria *Orfeu* anuncia apoio de actividades culturais referidas a Portugal ou à Galiza.

Dicionário em-linha

A Porto Editora anunciou o serviço **Infopedia.pt**, que inclui o acesso aos Dicionários em-linha da Porto Editora e a mais 7 outros dicionários, para além de umha multiplicidade de outros valiosos conteúdos e funcionalidades. É um serviço em-linha português de conteúdos de referência, estruturada em três grandes áreas, com vasta oferta de recursos úteis.

Dia das Letras em Ponte Vedra

A *Assembleia Reintegracionista ENE AGÁ-Movimento de Defesa da Língua Ponte Vedra*, organizou por nono ano consecutivo a **Festa da Língua** na Praça da Lenha da Cidade do Lérez. O dezassete de Maio, a partir das 11:00 h. da manhã, o coração da Zona Velha encheu-se de música e contos com a intenção de celebrar o nosso idioma. As actividades, especialmente orientadas aos mais novos, incluírom duas actuações de contos, o brasileiro Nílson Leite e o duo de Cangas *Côdea e Miolo*. O irregular colectivo de teatro *Bucaneros Ponto Com* preparou em exclusiva para este evento umha obra protagonizada por um dos actuais heróis televisivos, o Shin-Chan. Com a intenção de motrar a internacionalidade da nossa lingua, Joam Curiel deleitou-nos com umha selecção de música popular brasileira, enquanto o grupo *Quinta-Feira* achegou os sons mais tradicionais da Galiza do século XXI. Como convidados de excepção, os do grupo *Ecléctica Ensemble*, surgido do Conservatório Folque de Lalim com Ugia Pedreira à frente. A esta celebração do Dia das Letras em Ponte Vedra aderírom movimentos reintegracionistas de todo o país, de modo que nesta edição a capital do galego-português estivo nesta cidade, superando-se assim a dimensão local e achegando-se a defensores do idioma da Galiza toda para compartilhar celebração e reivindicação.

A Festa da Língua nasceu há dez anos por iniciativa da agrupação pontevedresa da Mesa Pola Normalização Lingüística. Em anos posterior-

res foi a *Assembleia Reintegracionista ENE AGÁ* quem tomou a responsabilidade da organizaçom e continuou mantendo-a nos últimos oito anos. A colaboraçom da *Assembleia da Língua* no passado ano, e do *Movimento de Defesa da Língua* na actual ediçom, permitirom assegurar a continuidade dum evento que se foi consolidando como acto imprescindível para a manhã do 17 de Maio. Nos últimos quatro anos, a organizaçom com a inestimável ajuda do Concelho, que forneceu material cénico e apoiou a ediçom de publicidade. Desde os seus inícios foi apoiada também polos hoteleiros da Praça da Lenha, que notam como ano após ano é mais a gente que se achega a este recanto da zona antiga para passar a manhã.

Dia das Letras da Artábria

Concentraçom diante do monumento a Rosalia, oferenda floral, um passa-ruas lúdico-reivindicativo até ao Cantom por um 'Ferrol em Galego', parte das iniciativas do dia...

Dia das Letras em Barcelona

Homenagem à língua galego-portuguesa da Galiza e à sua literatura, como desde 1963. Mas esta vez reivindicando a figura de Avilés de Taramancos e recordando-lhe à sociedade catalá a catástrofe ecológica e social que assola as costas atlánticas.

Na medieval Praça del Rei, celebrou-se um acto com recitais poéticos da obra de Avilés, e actuaçoms musicais, teatrais, conta-contos e mesmo exposiçoms pictóricas relacionadas com a nossa cultura.

Dia das Letras no Berço

Vários reintegracionistas e membros da AGAL participárom nas actividades do dia 16 de Maio em Ponferrada, organizadas pola associaçom cultural 'Fala Ceibe' do Berço, para comemorar o 'Dia das Letras' nessas terras. Projectos culturais, leitura, poesia, música, conferências, teatro, conta-contos... No recital poético-musical galego-berciano, contavam-se reintegracionistas e membros da AGAL. Entre os participantes podem ser indicados José Alberte Corral Iglesias, Alexandre Banhos, Maria José Montero, Pepe Cañal, Trinaldi, Igor Luginis, e Carlos de la Torre, com música de Christian Lebretón, Grupo Yibendrel e Escola de Gaitas de Vila Franca do Berço. Decorreu ainda umha leitura de textos polos rapazes bercianos estudantes de galego, Teatro por Vagalume, Conta-contos por Raúl Gómez Pato, Anxo Angueira ; e umha conferência sobre Antón Avilés de Taramancos.

Salvato Trigo em Ourense

A Associaçom Galega da Língua (AGAL), em colaboraçom com o Consulado Português e a Universidade de Vigo, organizou no Ateneu (dia 10 de Junho) umha conferência do Reitor da Univ. Fernando Pessoa do Porto, Salvato Trigo, que se referiu à problemática da língua Galego-Portuguesa no mundo. O professor deixou patente, mais umha vez (já foi ponente em vários Congressos organizados pola AGAL, além de ter colaborado na revista *Agália*), o conhecimento da problemática galega.

I Congresso Luso-Brasileiro de Estudos Jornalísticos II Congresso Luso-Galego de Estudos Jornalísticos

O Centro de Estudos da Comunicação da Universidade Fernando Pessoa organizou estes dous congressos em simultâneo, com o objectivo de promover a troca de conhecimentos e experiências entre pesquisadores do campo científico da comunicação jornalística. O encontro pretendeu ainda contribuir para a solidificação dos laços que unem a comunidade lusófona de pesquisadores em comunicação, contando, por isso, com o apoio da *Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação* (INTERCOM), da Associação Galega de Investigadores da Comunicação (AGIC) e da *Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*

(SOPCOM). Os congressos, que decorreram no auditório da Fernando Pessoa do Porto (10-11 de Abril), subordinaram-se ao tema "Jornalismo de Referência". Em três sessões plenárias procurou-se analisar o papel dos jornais de qualidade no Brasil, na Galiza e em Portugal e avaliar a pesquisa que sobre eles tem sido produzida. Também era pretensão possibilitar um diálogo abrangente entre os pesquisadores da área. Por isso se deu oportunidade ao maior número possível de interessados para apresentar e debater os resultados da sua pesquisa pessoal sobre o campo jornalístico, com comunicações científicas livres.

Biblioteca Virtual Galega

A Biblioteca Virtual Galega da Univ. da Corunha (www.bvg.udc.es), que visa divulgar a Literatura Galega de diferentes períodos através da internet, incorporou recentemente Guerra da Cal e Raquel Miragaia. Do primeiro, Membro de Honra da AGAL, oferece um resumo bio-bibliográfico. De Miragaia inclui também um trecho da sua narrativa *Diário Comboio*, coeditada pola Associação Galega da Língua e Laiovento, e que que figurou várias semanas entre os livros mais vendidos na Galiza. Outros autores que defendem o Galego-Português fôrom incluídos com anterioridade na BVG, em andamento desde Fevereiro do ano 2002.

UTAD com galeguidade

O VII Encontro Internacional de Reflexão e Investigação, organizado em inícios de Junho na Universidade de Tras-os-Montes e Alto Douro (UTAD), para além de contar com a presença de nomes importantes da crítica e da docência universitária portuguesa (Vitor Manuel de Aguiar e Silva, Maria Alzira Seixo, etc.), recebeu dous contributos galegos: Aurora Marco, com o estudo "Lembrança de Avilés de Taramancos, escritor homenageado na Galiza no 2003"; e Joel R. Gómez, com "1900-2000: um século para o processo de canonicidade de Eça de Queirós". Este último ainda compareceu para mais um lançamento do seu volume *Fazer(-se) um nome. Eça de Queirós-Guerra da Cal: um duplo processo de canonicidade...*, publicado por Ed. do Castro.

Artábria por Carvalho Calero

A Fundação Artábria promoveu o 23 de Março umha homenagem a Ricardo Carvalho Calero na Rua S. Francisco de Ferrol Velho, consistente numha oferenda floral na casa natal do homenageado, umha breve intervenção na sua memória, e a interpretação de peças polo grupo de gaitas da Artábria. Além disso, apresentou umha iniciativa ao Sr Alcaide-Presidente do Concelho de Ferrol, na altura o nacionalista Jaime Velho, na qual se expunha o seguinte:

"Com motivo de se cumprir nestes dias o XIII aniversário do falecimento do polígrafo ferrolá D. RICARDO CARVALHO CALERO, filho ilustre do Concelho de Ferrol e da Galiza, a nossa entidade insta ao Concelho de Ferrol a fazer efectiva na memória de CARVALHO CALERO e POR TODO ISTO SOLICITA QUE:

1/ O Concelho de Ferrol proceda a aprovação da construção dum monumento na nossa cidade a Ricardo Carvalho Calero. Supomos que o melhor local para tal é no bairro onde Carvalho nasceu, agora em feliz reabilitação, de Ferrol Velho.

2/ O Concelho de Ferrol, por respeito à prática e ao pensamento normalizador do seu filho ilustre Ricardo Carvalho Calero, proceda à substituição e correcção do nome da tabela da rua a ele dedicada no bairro de Recimil (tal e como acontece no Centro de Usos Múltiplos do Inferninho), e ponha bem escrito o seu nome, do modo como ele o escrevia: Rua Ricardo Carvalho Calero.

3/ O Concelho de Ferrol faga a distribuição da obra de/sobre Carvalho Calero nas Bibliotecas Municipais, assi como fazê-la chegar tamém (polo menos a máis sobranceira), aos Centros de ensino e entidades associativas de todo o tipo da nossa cidade.

4/ O Concelho de Ferrol, e nomeadamente desde a área de Normalização Lingüística (Alcaldia), colabore económica e nom só, garantindo a precisa ajuda a todas aquelas entidades que como a nossa trabalham pola necessária normalização lingüística e cultural, consoante a principal tarefa exercida por Carvalho Calero, patente na sua vida e obra.

Da Artábria achamos que é muito importante que o Concelho de Ferrol continue, dando máis um passo, no seu caminho do reconhecimento da vida e obra, da acção e do pensamento do seu filho predilecto Carvalho Calero. Neste senso, disponibilizamo-nos para calquer assunto tendente a contribuir no labor normalizador, labor do que nom sobra ninguém. Labor que D. Ricardo Carvalho Calero empenhou durante a sua vida, e do que a nossa entidade, humilde, mais constantemente, reivindica e segue dia-a-dia no seu trabalho cotidiano pola normalização do nosso idioma e da nossa cultura."

Portal apresentado em Lugo

Foi em 6 de Maio, na sala de Informática da Escola de Magistério, que acolheu um acto organizado conjuntamente pola Associação Cultural Alto Minho e mais a Associação Galega da Língua, e em que também foi lançado publicamente o sítio em internet de Alto Minho. Polo Portal da Língua acudírom o jornalista e membro da Comissom de Informática da AGAL, Miguel Penas, e o também integrante da mesma Comissom, Vítor Manuel Lourenço Peres, ambos co-responsáveis pola manutenção e desenvolvimento do Portal.

C a r t a d a M E S A à R A G

A Mesa pola Normalización Lingüística enviou un informe com as últimas declaracións de Francisco Vázquez sobre o idioma galego ao Director da Real Academia Galega, Xosé Ramón Barreiro. Acompañando esse dossiê, remeteu-se a seguinte carta:

Sr. Presidente:

Nunhas declaracións suas, feitas o sábado vinteoito de Febreiro, vosté dubidaba de que Francisco Vázquez tivese afirmado que o galego pon en perigo a supervivencia do español. Estas declaracións tivemo-las en conta despois na Mesa pola Normalización Lingüística para denunciar a conduta política do alcalde, reiteradamente agresiva contra a lingua galega e os seus falantes.

Non é nada estraño nen infrecuente que o alcalde coruñés faga valoracións destas características. Pode estar seguro que non é a primeira vez que as fai e, lamentabelmente, é ben certo que non será a última. Francisco Vázquez caracteriza-se por iso, pola sua agresión constante contra o idioma galego. Mesmo incumpra a Lei de Normalización Lingüística e as sentenzas do Tribunal Superior de Xustiza de Galiza e do Tribunal Supremo. É en consecuencia un delincuente, cos suficientes apoios fácticos dentro dos aparatos do Estado como para que non sexa seriamente sancionado e suspendido do seu cargo. Detenta por tanto uns privilexios ilexítimos que nos son alleos á imensa maioría das persoas.

Francisco Vázquez fai declaracións destas características con certa frecuencia, e son recollidas nos medios de información. Están ao alcance de calquer lector. Vosté dubida que unha persoa intelixente pudesec dicir esas cousas. Non di só esas. No mes de Outubro afirmou nunha charla pública na cidade de Xixón, que o idioma galego non debería ser lingua oficial. É perfectamente compatíbel ser intelixente con ter perdidos os estribos. No caso do rexedor coruñés

ocorre. É a sua unha postura totalitaria, ou cando menos pre-democrática, e sobre todo temeraria, pois pensar en ilegalizar os idiomas propios de Galiza, Cataluña e País Basco, só se entende en alguén que perdeu o xuízo ou que desexa vivamente a confrontación social e a ruptura da convivencia pacífica no territorio do Estado español.

Nas mesmas declaracións nas que vosté, señor Presidente, dubida do que dixo Vázquez, afirma tamén que as sentenzas hai que acatá-las e cumprí-las. É positivo que o Presidente da Real Academia Galega diga iso publicamente. No entanto di tamén que hai que difundir o galego “pero non a través de coaccións e de leis”. Chamou-nos moito a atención esta afirmación. É evidente que nada se debe difundir a meio da coacción. Mais a coacción e as leis non son o mesmo. Inclusive as leis son útiles moitas veces para evitar a coacción. En todo o caso, o preocupante é que o Presidente da Academia afirme que o galego non se debe difundir através de leis. Porque é tanto como dicir que a Lei de Normalización Lingüística non debería de existir. Que a Lei de Uso do Galego nos concellos tampouco. Mesmo que a lei que regula o funcionamento da TVG debería ser suspendida. Habería que reformar a Constitución española para que non inclua a regulación das linguas oficiais que se usan no Estado español...

É dubidábel, señor Presidente, que se recoñeza vosté nunhas declaracións tan perigosas como pouco meditadas. Preferimos crer que son froito dunha confusión momentánea e que non quería dicir iso. Ademais, ou estamos moi errados ou é evidente que esas ideas non poden representar o espírito da Real Academia Galega, que se di en proceso de renovación. E que por certo está regulada tamén por lei. Sería bon que o seu Presidente rectificase esas declaracións, para non recaír na má imaxe que historicamente se lle atribuí a esa institución.

*Asdo.: Carlos Manuel Callón Torres
Presidente da Mesa pola Normalización Lingüística
A Mesa pola Normalización Lingüística
4 de Marzo de 2003.*

Acordos da Comissom Lingüística da AGAL sobre Toponímia

Em reuniom de 31 de Maio em Compostela, a *Comissom Lingüística da AGAL* adoptou acordos relativos à forma escrita que devem revestir alguns topónimos galegos. Trata-se de umha pequena revisom das regras aplicáveis à representaçom gráfica dos topónimos e da reconsideraçom de algunhas formas toponímicas concretas (regras e formas toponímicas que constam do apêndice geográfico do *Prontuário Ortográfico Galego*, pp. 267-294). Esta revisom fora instada por dúvidas suscitadas durante a confeçom do *Topogal* e por algunhas discrepâncias toponímicas registadas entre este e o *Prontuário*, e que agora ficam resolvidas. O Dr. Carlos Garrido, secretário da Comissom, tornou públicos estes acordos junto com os parabéns à Comissom de Informática, integrada por José Henrique Peres Rodrigues, Vítor Manuel Lourenço, Miguel Penas, Eugénio Outeiro e José Manuel Outeiro, "polo grande serviço prestado aos utentes da língua com a elaboraçom do *Topogal*". Também agradeceu publicamente, em nome da Comissom Lingüística, os contributos de Crisanto Veiguela, que participou como convidado nesta reuniom.

A seguir reproduzimos os mencionados acordos da Comissom (excluindo umha epígrafe relativa a trabalho toponímico futuro):

"A) Ditame da Comissom Lingüística a respeito das discrepâncias registadas nas formas toponímicas entre o *Topogal* e o *Prontuário Ortográfico Galego* (POG)

1ª Resolução: A Comissom Lingüística, apreciando os critérios de harmonizaçom gráfica com os usos toponímicos consagrados noutras variantes da língua e de facilitaçom do reconhecimento dos elementos componentes dos topónimos, expostos no próprio apêndice geográfico do POG (p. 26), resolve que os topónimos compostos que incluam a preposiçom *de* (mais artigo) seguida de um elemento começado por vogal sejam grafados com os seus componentes separados, excepto a preposiçom *de*, que aparecerá aglutinada e ligada mediante apóstrofo ao elemento que lhe segue. Ex.: *Ninho d'Água*, *Poço d'Ouro* (POG: *Poçodouro*), *Riba d'Ávia* (POG: *Ribadávía*), *Vale d'Ouro* (POG: *Valadouro*).

Nota: Fica assim prescrito dentro da normativa da AGAL o emprego do apóstrofo em palavras formadas por substantivo+de+substantivo, em contra do estabelecido no parágrafo 369 do POG; nom obstante, este emprego do apóstrofo fica restringido à toponímia e nom se fai extensivo ao léxico geral.

2ª Resolução: A Comissom Lingüística, em atençom aos critérios citados no ponto anterior, resolve que os topónimos compostos cujo primeiro componente seja um substantivo reconhecível (quer dialectal, quer supradialectal) sejam grafados com os seus elementos separados, excepto no caso daqueles topónimos cujos componentes, segundo os padrons actuais, nom concertarem em género ou número, que serám grafados com os seus elementos unidos mediante traço. Exemplos: *Agro*

Valdeano (POG: *Agrovaldeano*), Aira Vedra (POG: *Aira-Vedra*), Bouça Mar (POG: *Bouçamar*), Ponte Vedra (POG: *Ponte-Vedra*), Vila Melhe (POG: *Vilamelhe*); mas: Area-Brancas (POG: *Areabrancas*), Val-Boa (POG: *Valboa*), Vilar-Seca (POG: *Vilarseca*).

B) Revisom adicional de regra aplicável na representaçom gráfica de topónimos

3ª Resoluçom: A Comissom Lingüística, em atençom ao critério de hamonizaçom gráfica com os usos toponímicos consagrados noutras variantes da língua, resolve que os topónimos integrados por dous elementos ligados por artigo sejam grafados com os seus componentes unidos mediante traços. Exemplos: *Soa-Vela*, *Sobre-os-Moínhos*, *Trá-la-Corda*, *Trá-lo-Crasto*.

Nota: Esta resoluçom introduz o emprego na normativa da AGAL do hifem em palavras compostas formadas por mais de dous elementos, em contradicçom com a nota nº 278 (do parágrafo 253) e com o parágrafo 368 do POG; nom obstante, este emprego do hifem fica restringido à toponímia e nom se fai extensivo ao léxico geral.

C) Revisom de formas toponímicas concretas

4ª Resoluçom: A Comissom Lingüística, em vista da documentaçom disponível, estabelece as seguintes formas toponímicas: *Arouça* (actual Comissom de Toponímia da Junta da Galiza [CTJG]: *Arousa*); *Nóia* (CTJG: *Noia*), *Óia* (CTJG: *Oia*), *Róis* (CTJG: *Rois*); *Culheredo* (CTJG: *Culleredo*); *Jalhas* (POG: *Xalhas*); *Meaos* (CTJG: *Meaus*), *Sarriaos* (CTJG: *Sarreaus*); *Gontim* (CTJG:

Guntín); *Peroja* (POG: *Peroxa*); *Negueira* (CTJG: *Negueira de Muñiz*), *Pontes* (CTJG: *Pontes de García Rodríguez*)."

denúncia perante o Comité de Expertos da UE

A AGAL participou junto com outras entidades e associaçoms na redaçom de um relatório de denúncia perante o Comité de Expertos da Uniom Europeia encarregado de verificar a aplicaçom dos pontos recolhidos na *Carta Europeia para as Línguas Regionais e Minoritárias*, assinada polo Estado Espanhol em 2001. O citado relatório, que aborda os incumprimentos em matéria de promoçom lingüística e intercâmbios transfronteiriços, é resposta ao relatório elaborado em seu dia polo Estado com a pretensom de demonstrar o seu cumprimento das medidas contempladas na Carta.

Este relatório limitava-se a enumerar de maneira vaga as medidas de tipo estritamente jurídicas já previamente adoptadas em matéria de reconhecimento das línguas minoritárias, sem qualquer referência ao seu grau de cumprimento. À AGAL correspondeu a redaçom do ponto relativo ao incumprimento do artigo XIV da Carta, relativo aos intercâmbios transfronteiriços

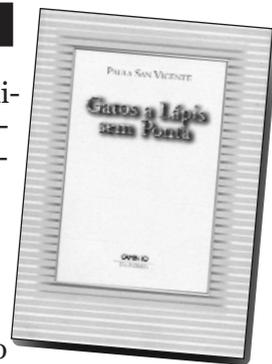
As entidades e associaçoms que participaram na elaboraçom do relatório de denúncia som: *Mesa pola Normalización Lingüística, Comité Galego da Axéncia Europea para as Línguas Menos Estendidas*, a *Asociación Sócio-Pedagóxica Galega*, o *Bloque Nacionalista Galego* e a *Confederación Intersindical Galega*.

prémio para reintegracionista

Paula San Vicente, com "As idades dela", foi distinguida polo júri do XII Certame "Manuel Murguía de Narracións Breves", junto com Bieito Iglesias e o seu "Comentario ó Apocalipse". Houve também mençom para o



relato "Estremonías" de Alex Alonso, proposto igualmente para publicación. O volume que recolla as obras será editado pola Cámara de Arteixo em 2005, com os textos premiados do próximo ano. Paula San Vicente Pellicer nasceu na Corunha em 1963, licenciou-se em Filologia pola USC (actualmente está concluíndo também a especialidade de Português) e trabalha em publicidade no jornal *La Voz de Galicia*. Militou no movimento reintegracionista e participou em diferentes grupos poéticos juvenis a ele associados. Em 1998 a Editorial Caminho publicou-lhe em Portugal o livro de poemas *Gatos a lapis sem ponta*, que na Galiza passou ignorado.



BNG e a língua no Parlamento

O Grupo Parlamentar do BNG apresentou umha proposiçom nom de lei com umha "bateria de propostas" para a promoçom e utilizaçom da língua galega na Adminsitraçom da Justiça, pois "Vinte anos depois de se aprovar a Lei de Normalizaçom Lingüística, a situaçom dista muito de ser a esperável". Entre as medidas concretas a responsável do BNG pola Política Lingüística, Pilar Garcia Negro, salientou o pedido ao Governo que, no praço de um ano, se garanta que todo o material escrito utilizado e utilizável na Administraçom de Justiça exista em língua galega, com informaçom e distribuìçom suficiente para administrados e funcionários. O pedido fai-se extensível a utilizaçom de todo o material informático em galego no mesmo praço de um ano. Além disso,

outros propostas vam encaminhadas a subscriçom de convénios com o Conselho Geral da Advocacia, com os Colégios de Advogados, com as Faculdades de direito e ainda com as associaçom profissionais do sector, sem esquecer a colaboraçom com aqueles profissionais que já estão a efectivizar o previsto na Lei de Normalizaçom Lingüística ou na Lei Orgánica do Poder Judicial.

Mas o que maior interesse levantou nas últimas semanas foi a proposta de ensino de português como 'língua estrangeira', também realizada por Pilar Garcia Negro. O jornal *Público* noticiou objectiva e pontualmente este assunto em Portugal, ao mesmo tempo que aqui um conhecido jornal compostelano dedicava umha das suas "pólvoras" à representante par-

lamentar, num tom absolutamente delirante: *"Pólvora Para Pilar García Negro, diputada del BNG, que ha sufrido otro flipe lusista y está exigiendo a la Xunta que incorpore la asignatura de Portugués en todos los institutos, de forma que los jóvenes galaicos puedan comunicarse a la perfección con sus colegas del país vecino. Aunque saber muchas lenguas es bueno, lo que tienen que hacer los churumbeles españoles es dedicar muchas más horas al inglés, que para eso es el idioma universal. Y vamos a dejarnos ya de giliflautadas"*.

A Associação de Amizade Galiza-Portugal tomou este assunto bem mais a sério e os seus presidente e secretário acudiram como observadores ao Parlameto Galego, enviando ao Portal da AGAL um informe que, pola sua minuciosidade interesse reproduzimos na íntegra:

DEBATE DA COMISSÃO DE CULTURA DO PARLAMENTO GALEGO (13-06- 2003)

Intervenção de Pilar Garcia Negro (Bloco Nacionalista Galego): A su defensa tenta demostrar o que qualificou como "paradoxo não resolvido" ["paradoxo" foi a palavra que mais repetiu], o facto de o português ser a mesma língua que o galego, mas não ser estudada nos centros escolares. Resume-se nos seguintes pontos:

1. Galego e português são a mesma língua, facto constatado e defendido por Rosália, Murguía, Irmandades da Fala (antigas), Vilar Ponte, Castelão, Biqueira. Cita também Menéndez Pidal, "do outro lado, não suspeito de nacionalismo galego (antes, era nacionalista espanhol)".

2. Não podendo ser estudado como língua nacional, "pomo-nos no caso -o único possível- de tratarmos o português como língua estrangeira".

3. O português é conveniente para melhorarmos o relacionamento cultural e económico da Galiza com Portugal e não só: cita Brasil, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Timor. Comenta a necessidade de as emissoras de televisão portuguesas ser recebidas nos televisores da Galiza.

4. Maior paradoxo é o facto de, na Extremadura espanhola haver 6000 alunos de português, projeto promovido pela Junta regional, e defendido publicamente pelo seu Presidente (do P.S.O.E.), para o reforçamento das relações com Portugal.

5. A inexistência de uma política da Junta da Galiza a favor da promoção do português é inaceitável, anacrónica e reveladora de um desprezo e complexo de superioridade relativamente a Portugal, aplicando uma suposta hierarquia de nacionalidades.

6. É precisa a implantação do "ensino português", [não diz "em português"]: da língua e cultura portuguesas, nos I.E.S. e centros de ensino secundário da Galiza.

7. Finalmente, como resumo: é uma "anagnólise necessária", urgente e reparadora, que nos porá no lugar que nos corresponde por origem e história: a lusofonia.

A seguir deu leitura à "Proposición non de lei":

O Parlamento de Galiza insta a Xunta de Galiza a:

1.- Estudar e prever, con aplicación no curso 2003-2004, a implantación xeneralizada, nos I.E.S. e en todos os centros onde se imparte educación secundaria de todo o país, o ensino, como matéria optativa, da Língua e de Literatura Portuguesa.

2.-Programar, desde a Consellaria de Educación e Ordenación Universitaria, con eventual colaboración doutras Consellarias, viaxes e intercambios escolares entre os centros de ensino da Galiza e de Portugal.

3.- Enviar aos centros de ensino secundário do noso país materiais didácticos, incluídos audiovisuais, que podan resultar de proveito para o ensino da(s) disciplina(s) mencionadas no ponto 1.

Santiago de Compostela, 3 de Febreiro de 2003

Asdo.: Maria Pilar Garcia Negro, Deputada do G.P. do BNG

INTERVENÇÃO do representante do grupo do P.artido Socialista Operário Espanhol (Mendes Romeu): Começa por negar a existência do “complexo de inferioridade” aludido pela representante do BNG. A seguir, manifesta-se a favor de “experiências de ensino em casos isolados”. Lembra que a legislação galega não favorece ou não permite estas experiências, e que resulta conveniente adotar as medidas adequadas para as levar a termo.

INTERVENÇÃO do representante do Partido Popular (Sr. Maximino Rodrigues):

1. A senhora Pilar Garcia Negro empregou “posições ideológicas, legítimas, mas ideológicas” para defender a ideia de o galego ser semelhante ao português, mas o galego é uma língua independente, como está demonstrado pelas universidades galegas.

2. Respeito da ausência de aprendizado do português e do desconhecimento da literatura nessa língua, diz: “algo disso acontece, mas eu tenho um grande interesse, já leio em português Eça” (lembrou Os Maias e outras obras, etc. e parecia satisfeito). Confessa sentir uma “grande tristeza, porque não há demanda”.

3. Respeito da normativa fomentada pela Junta da Galiza (tema não tratado por Pilar Garcia Negro), diz que “a normativa actual é discutida, e há que procurar um equilíbrio”.

4. Respeito do aprendizado da nossa língua, diz “corresponde aos centros educativos a oferta de uma língua estrangeira”, e não ao Governo Autónomo. Lembra que existe o programa LALO, financiado pelo governo português, por meio do qual se ensina a nossa língua em 9 centros escolares de Ourense (citou os lugares), 2 em Ponte Vedra e mais algum, referindo que a maior parte destes alunos são filhos ou descendentes de cidadãos portugueses ou de países de língua oficial portuguesa.

5. Finalmente, afirmou (por outras palavras, mas isto é o que dizia): “estamos a favor, por isso votamos em contra da proposta”. “Temos Portugal no coração”.

Resultado da votação: A favor: 2 (dos 3 representantes do BNG); Abstenções: 2 (do P.S.O.E.); Contra: 8 (do P.P.)

REFLEXÕES POSSÍVEIS:

1. A proposta do BNG merece o nosso apoio, porquanto é uma iniciativa positiva e endereçada a melhorar a dignidade do nosso povo, dando-lhe acesso à sua língua nacional. Contudo, seria muito útil que a representante do BNG na Comissão de Cultura olhasse “para dentro” e percebesse o mesmo paradoxo que descreve. A maior parte dos membros do seu grupo político sabem pouco ou nada de português. Deveria começara por criar uma escola interna para o aprendizado do português, especialmente para os presidentes das câmaras e vereadores. Se o português é digno de ser aprendido e utilizado na Galiza, por que não o aprendem e utilizam os militantes de deputados do BNG? Por que nunca tem defendido o direito a empregar publicamente o português?

2. Dos outros grupos políticos (P.S.O.E. e P.P) fica clara a sua posição, oposta a qualquer tentativa de “equilíbrio” ou “moderação” em questão de língua. O seu projeto é claro: activa ou passivamente (conforme ao caso), promover a espanholização do galego para fazer desaparecer a Galiza, convertendo-a em “Galicia, región española”.

Ângelo Cristóvão

Secretário Associação de Amizade Galiza-Portugal

C u r s o d e G a l e g o - P o r t u g u ê s

Organizado pela AGAL e coordenado pelo Doutor Júlio Diéguez, da Faculdade de Filologia de Santiago, decorreu a partir do 24 de Abril, na sede nacional da Associação Galega da Língua (Av. Castelao, 8). Nesta ocasião os alunos e alunas participantes, em número considerável, receberam também umha mais ampla visom da realidade da nossa língua no mundo com a participação de Paulo Malvar, Bernardo Penabade (presidente da AGAL), e Júlio Rocha (docente da universidade brasileira de Rondônia e da galega USC).

O programa contemplou quatro blocos principais:

I.-“Perspectiva histórica da Língua

da Galiza” (com epígrafes como evolução interna da língua; dialectização e crioulização; penetração do castelhano e história do conflito linguístico; Ressurgimento e restauração do uso literário no século XIX; e propostas de padronização e disputas normativas ao longo do século XX).

II.- “A defesa da unidade da língua: a norma da AGAL” (explicando as características ortográficas, de acentuação, e outras da proposta da Associação Galega da Língua).

III.-“Sociolinguística” (em que se focaram os grupos sociolinguísticos mais representativos, as prioridades de actuação e as estratégias de inte-

e m C o m p o s t e l a

graçom, finalizando com um obradoiro de sociolingüística).

IV.—“Os desafios actuais do Reintegracionismo Galego-Português: supegraçom do ‘culturalismo’” (diferenciando uso literario e uso social; necessidade de supegraçom da actual fase ‘literária’; papel das associaçoms; e a defesa dos direitos lingüísticos dos cidadaos da Galiza e o caminho para a restauraçom do uso social da língua própria).

O coordenador do curso, Professor Doutor Júlio Diéguez (USC), é de todos nós conhecido e representa bem este movimento que tenciona a recuperaçom do Galego-Português na Galiza desde a década de oitenta. A ele se devem contributos de relevo, como a coautoria do *Estudo Crítico* e do *Guia práctico de verbos galegos conjugados*, dous dos principais textos teóricos editados pola Associaçom Galega da Língua. É também reconhecida autoridade nos campos da Onomástica e dos Estudos Medievais, com investigaçoms sobre documentos notariais galegos e portugueses na Baixa Idade Média (1250-1500), assunto que focou na sua Tese de Doutoramento; metafonía nominal galega e galego-portuguesa, vocalismo, toponímia ou onomástica pessoal, entre outros. Na sua trajectória, além da ampla experiência como ensinante da língua no âmbito universitário e nom universitário, merecem destaque o ter sido fundador da *Associaçom Reintegracionista de Ordes*, ou dirigente do sindicato de estudantes ERGA, entre outros méritos de destaque.

e l e i ç õ s A G A L

Na Assembleia do Sabado, 22 de Março, a AGAL, para além doutros assuntos, acordou a Convocatória de eleiçoms ao Conselho. Seriam na Assembleia Extraordinária do 7 de Junho (Faculdade de Filologia) e a candidatura de Bernardo Penabade, a única apresentada, obtería um amplo apoio sem receber nengum voto em contra.

Após ser proclamado oficialmente Presidente, Bernardo Penabade agradeceu a activa participaçom de todas as pessoas que estiverom na assembleia da associaçom, e mesmo salientou que “a serenidade dos debates e o exemplar clima de convívio supõem um enorme estímulo para afrontar esta nova etapa”. Também salientou que o incremento da massa associativa, a potenciaçom e descentralizaçom organizativa da Associaçom, e mais a revitalizaçom da Comissom Lingüística, entre outros objectivos, som metas a atingir no novo período que desde já começa.

A nova equipa do Conselho, responsável pola direcçom da AGAL durante os próximos dous anos, está conformada por Isaac Alonso Estraviz (Secretário), Isabel Morám Cabanas (vice-presidenta), Jesus Miguel Conde Llinars (Tesoureiro), Óscar Dias Fouces (Contador), Raquel Miragaia Rodrigues (Vogal), Felisa Rodríguez Prado (Vogal), Anjo Gonçalves (Vogal), e o co-responsável do Portal Galego da Língua Miguel R. Penas (Vogal).



Mesa 6ª do dia 14. Tema: *A Poesia no Reverso do Quotidiano*. Participantes: Emílio Cao, Cármen Yañez, João Luís Barreto Guimarães, Carlos Quiroga (moderador), Maria do Rosário Pedreira e Luís Serguilha.

Decorreu na Póvoa de Varzim entre 12-15 de Fevereiro, com presença galega, concretamente Emílio Cao e Carlos Quiroga (em exaustiva geografia de nascença, haveria que mencionar ainda Susana Fortes). O primeiro foi convidado a participar na mesa da sexta, dia 14, moderada pelo segundo, e Carlos Quiroga também o foi para a mesa de encerramento. Os nove temas propostos para mesa (*O Medo ou o Fascínio do Desconhecido, Poesia e Alquimia, Escrita Modo de Emprego, Media versus Literatura ou vice-versus, Ibero fonias na Europa, A Poesia no Reverso do Quotidiano, Por onde nos levam os Livros, A Cor da Palavra, e O Desafio da Folha em Branco*), representam apenas umha parte do sump-

tuoso programa. Da Inauguração de Exposições ao Lançamento de Livros e Revistas (mais de vinte lançamentos), passando por Cinema (em colaboração com o cineclube *Octopus*), Documentários, Teatro (em colaboração com o *Varazim Teatro*), o “Conta-me histórias”, as Sessões de Poesia, e outras Iniciativas Paralelas em locais que envolveram especialmente o Auditório da Póvoa, mas também a Biblioteca Municipal, o *Novotel Vermar*, a Casa da Juventude, o *Diana Bar*, o Casino da Póvoa, e até a Gráfica *Norprint* (Sessão Oficial de Abertura das *Correntes d’Escritas*, em Fontiscos, Santo Tirso), e até Escolas do ensino básico e secundário para os Encontros de escritores com alunos, sem esquecer umha Feira do Livro a expor e vender os livros dos participantes. Um Encontro deslumbrante...



Mesa final, sábado Dia 15. Tema: *O Desafio da Folha em Branco*. Participantes: Ignácio Martínez Pisón, Angela Vallvey, Maria Flor Pedroso (moderadora), Carlos Quiroga, António Sarabia e Germano Almeida.

PARTICIPANTES

Alexandre Quintanilha	Guimarães	Maria Flor Pedroso
Ana Luísa Amaral	João Rui de Sousa	Mário Delgado Aparaim
Ana Paula Tavares	Jorge Fallorca	Martin Amanshauser
Ana Sousa Dias	Jorge Franco Ramos	Mempo Giardinelli
Ângela Vallvey	Jorge Marmelo	Michael Kegler
António Cabrita	José António Gonçalves	Michel Laban
António Sarabia	José Carlos Vasconcelos	Miguel Barroso
Aurelino Costa	José Luís Peixoto	Milton Fornaro
Carlos Pinto Coelho	Jose Manuel Fajardo	Nelson Saúte
Carlos Quiroga	Leonardo Padura	Ondjaki
Cármén Posadas	Lídia Jorge	Onésimo Teotónio A.
Cármén Yañez	Luís Adriano Carlos	Ray-Güde Martin
Emílio Cao	Luís Carlos Patraquim	Rui Zink
Germano Almeida	Luís Sepúlveda	Santiago Gamboa
Henrique Cayatte	Luís Serguilha	Susana Fortes
Ignacio Martínez Pisón	Mafalda Lopes da Costa	Tabajara Ruas
Ivo Machado	Manuel Rui	Teolinda Gersão
João Luís Barreto	Maria do Rosário Pedreira	Urbano Tavares R.
		Vergílio Alberto Vieira

Compostela de passagem

Durante estes últimos meses tivemos entre nós em Compostela várias presenças de interesse, nomeadamente nas vertentes académica e literária, que passárom pola Faculdade de Filologia, mas nom só. Nomes da altura de um Helder Macedo, Aníbal Pinto de Castro, ou Mário Vilela, que estanciárom para Cursos de Doutoramento e proferirom conferências; ou ainda Sebastião Tavares de Pinho para falar de Camões e Mapas; ou Teresa Sousa de Almeida para evocar os anos de formação da Marquesa de Alorna. Helder Macedo, da sua altura de prestigioso professor e escritor, concedeu umha entrevista jornalística na que aludia à ortografia “oficial” do galego como problema e limitaçom...

Mas quem mais furor levantou foi sem dúvida o escritor angolano Ondjaki, nascido em Luanda em 1977 e já com vários livros publicados (*Actu Sanguíneu*, poesia; *Momentos de Aquí*, contos; *O assobador*, novela; *Bom Dia Camaradas*, romance). Participou em encontros com alunos da especialidade de Filologia Portuguesa, em lançamentos do seu último romance numha livraria, e até visitou a costa e se misturou na noite compostelana. Nós ficamos sabendo mais de Angola e ele de nós e da nossa realidade lingüística e cultural. Já ficou connosco, mas voltará fisicamente...



Propostas de Artábria ao Concelho de Ferrol

A Fundação Artábria elevou um catálogo de vinte propostas aos grupos políticos que se apresentavam às eleições municipais de 25 de Maio em Ferrol, tratando de incidir na problemática lingüística e cultural galega e referindo-se a acções realmente normalizadoras da nossa língua e cultura, a acometer pola nova Corporação Municipal. A seguir recolhemos algumas daquelas medidas relativas à política lingüística e cultural por acharmos modelares:

1.- Posta em andamento do recentemente aprovado por unanimidade Plano de Normalização Lingüística (PNLF) do Concelho de Ferrol. Para tal há-se consignar umha partida do Orçamento Municipal com o fim de alcançar cumprir o grosso dos objectivos do Plano nesta legislatura.

Isto implica que os primeiros passos, e umha das primeiras medidas a efectivar seja velar polo cumprimento exhaustivo da Ordenanza de Normalização Lingüística e outros regulamentos municipais que digam respeito à língua, assim como da Lei de Normalização Lingüística, que o Concelho deve fazer cumprir; quer nas suas relações internas como externas. Neste senso, o caso da toponímia é sangrante, polo seu incumprimento sistemático, mesmo barbarizando o nome da nossa cidade.

2.- Criação no Concelho de Ferrol da Concelharia de Normalização Lingüística (CNL), que teria umha função transversal com o resto de áreas municipais, para lograr a progressiva galeguização do âmbito municipal.

3.- Neste senso, é imprescindível estabelecer maior dotação humana e económica (e infraestrutural) para o Serviço de Normalização Lingüística (SNL). Tal Serviço, dependente da Concelharia de Normalização Lingüística, estaria encarregado do Assessoramento em matéria de normalização lingüística ao serviço da cidadania; ou através deste Serviço e do Conselho Municipal de Língua, podería-se exigir e garantir o cumprimento do PNLF e doutros regulamentos que digam respeito à normalização da nossa língua. O S.N.L deve dar a conhecer estes textos; espalhá-los nom só a nível interno às pessoas trabalhadoras do Concelho, organismos que del dependam, que tenham assinado convénios de colaboración com o Concelho ou que desenvolvam labores para o Concelho, mais tamém aos movimentos associativos da cidade: vizinhais, culturais, empresariais, desportivas,...

O S.N.L tem de publicitar e canalizar todo o tipo de ajudas e campanhas em prol do idioma, quer para desenvolver um Curso de capacitação idiomática, quer para fazer um serviço de correcção e tradução lingüística, quer para evitar um uso incorrecto do nosso idioma, que para espalhar a Regulamentação existente, explicar o seu conteúdo e fazer as pertinentes aclarações entre as pessoas e entidades associativas vizinhais, etc.

O S.N.L informará e apoiará, tamém, das ajudas fiscais e económicas a entidades (incentivos, descontos, isenções, etc.), quer seja para a rotulagem, publicidade ou etiquetagem em galego, quer se trate de campanhas, da obriga do conhecimento do galego por parte de pessoas da administração,...

4.- O Concelho de Ferrol, como institución máis próxima à cidadania, deve instar e promover, colaborar e facilitar a entidades e institucións representativas da cidade (tenham ou nom algum tipo de convénio ou colaboración com o Concelho) a que desen-

volvam a sua actividade em galego, sem incumprir a legalidade a este respeito e mesmo se rebaticem em galego (p.ex, Rácing Clube de Ferrol ou Tranvias de Ferrol).

Assim, seria muito importante que entidades destacadas do mundo do desporte, com equipas representativas (Rácing de Ferrol, O Parrulo, Galicia, Valdetires,...), empresariais (Izar Ferrol, Arriva, Tranvias del Ferrol, Alcampo...) ou institucionais (Arquitecto Marcide-Novoa Santos, Museu Naval da Armada,...) fisessem uso na sua vida interna e externa da nossa língua.

5.- Propomos que o Concelho de Ferrol, dentro da sua aposta pola normalizaçom do galego, se dote nesta legislatura dumha Emissora de Rádio Municipal feita 100% em galego, e que estaria sob o cargo da Concelharia de Normalizaçom Lingüística (CNL).

A Rádio é um meio fácil e assequível economicamente, e que permite o fácil e rápido acceso à informaçom máis cercana por parte da cidadania. Nom ocultamos que Rádio Fene é o exemplo a seguir.

6.- O Concelho de Ferrol instará à Deputaçom Provincial a fornecer, nas Salas de Informática que instalou em diferentes locais da cidade, (AA.VV,...) os programas, sistemas operativos e ambientes informáticos em galego (velando polo cumprimento da regulamentaçom lingüística que a Deputaçom infringe). Ademais, tal seria e serviria como um primeiro passo no caminho da colaboraçom municipal com as Associaçons Cidadás para favorecer a sua galeguizaçom.

7.- Ediçom dum jornal mensal municipal com informaçom relativa ao Concelho, e no que o peso da informaçom lingüística e cultural fosse sobranceira.

8.- Propomos que o Concelho de Ferrol, dentro da sua aposta pola normalizaçom do galego, condicione e priorize todas as ajudas económicas que concede ou das aquisiçons de material que realiza a que tais actividades fruto do subsídío ou materiais adquiridos sejam ou estejam feitos em galego (sem menoscabo da opçom normativa ou variantes do idioma que se empregarem, como no Prémio Carvalho Calero), podendo retirar a ajuda se o projecto subsidiado nom se realizar em galego.

Trata-se de o Concelho efectivizar umha política de ajudas económicas em base à discriminaçom positiva sempre a prol do galego.

9.- O Concelho de Ferrol na sua aposta por um ensino em galego, alicerce indiscutível para garantir a normalizaçom da língua, deve garantir que tal seja umha realidade, para o que deve exigir da administraçom galega que garanta na área educativa de Ferrol, polo menos no nível Infantil, Primário e Secundário professorado que ensine em galego.

10.- Relacionada em parte com o anterior, o Concelho de Ferrol criará como mínimo umha Escola Infantil Municipal para satisfazer e garantir certeiraamente a necessidade social do aprendizado no nosso idioma. Tal necessidade é umha questom estratégica e fundamental, mesmo é objectivo 1, prioritário no Plano Xeral de Normalizaçom Lingüística da Xunta da Galiza (em elaboraçom).

É triste comprovarmos que o ensino em galego é praticamente inexistente. Som muitos os casos de criançs galego-falantes que começam na Escola e perdem o idioma.

11.- O Concelho de Ferrol criará umha Ludoteca Municipal de Jogos Galegos e em galego.

12.- O Concelho de Ferrol promoverá campanhas normalizadoras específicas nos ámbitos infantil e juvenil.

13.- O Concelho de Ferrol, tendo em conta que a onomástica galega padeceu um processo de deturpação e barbarização idiomática, vai-se dirigir a todas aquelas pessoas vizinhas da cidade recenseadas em Ferrol e que tiverem o seu apelido deturpado, para informá-los não só da sua origem e forma correcta, senão instando-os a procederem a sua mudança.

Para tal labor o Concelho de Ferrol há de chegar a um acordo de colaboração a este respeito com o Registo Judiciário com o fim de favorecer e facilitar os trâmites precisos que permitam a correcção dos nomes e apelidos galegos.

14.- O Concelho de Ferrol, na sua aposta pola normalização lingüística, promoverá a chegada e intercâmbio com aqueles projectos culturais e não só, interessantes para a naturalização do idioma que se desenvolvam noutras áreas do nosso país. Idem, também, em Portugal e outros estados de fala galego-portuguesa.

15.- O Concelho de Ferrol demandará e apoiará a criação na Escola Oficial de Idiomas de Ferrol dos Estudos de Língua e Cultura Portuguesa. O Concelho de Ferrol deve apostar decididamente polo Intercâmbio, difusão e Conhecimento da Realidade Cultural Portuguesa pois pode favorecer a alargar por razões de prestígio a autoestima idiomática de termos umha língua que nos serve para andarmos polo mundo.

Quanto à política Cultural:

16.- O Concelho de Ferrol revisará a política de Subsídios que outorga, assim como os Convénios que tem assinados com organizações culturais. O Concelho há controlar e auditar (se for o caso), aquelas entidades beneficiárias. Trata-se de lograr a transparência das ajudas e de recebermos todas e todos o justo, nem mais nem menos, e sem discriminar ninguém, cousa que não está a acontecer.

17.- O Concelho de Ferrol deve favorecer ao movimento associativo o poder ter e usufruir locais municipais para garantir a sua vida cultural e associativa.

18.- O Concelho de Ferrol colaborará, cedendo temporariamente a gestão das infraestruturas municipais àquelas entidades culturais sempre que seja para fins estritamente culturais (Jornadas, Concertos, ...). Tal serviria para tender umha ponte na organização de actividades culturais entre o Concelho e o movimento associativo, pois não toda a política cultural deve recair no Concelho.

19.- O Concelho de Ferrol remodelará e adequará as infraestruturas municipais existentes para os fins culturais para as que são usadas. Neste sentido dizer que as infraestruturas municipais têm umha carência absoluta para fins teatrais ou musicais (p.ex: a Capela do antigo hospital da Caridade ou o Carvalho Calero do Inferninho, que não têm camerinos, banhos em condições,... ou bem a acústica precisa para este tipo de actividades).

20.- O Concelho de Ferrol tem de reunir-se umha vez no ano com o movimento associativo de todo o tipo da cidade para conhecer a sua realidade, iniciativas, problemáticas,... e não aguardar a um mês vista das eleições.

Em Ferrol, Terra de Trasancos, em Maio de 2003.

Grupo de Língua e Cultura da Fundação Artábria

III FESTIVAL DA TERRA E DA LÍNGUA

27 e 28 de Junho

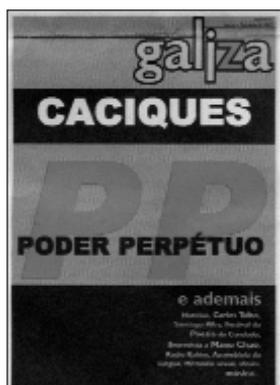


Com o lema *Exercendo e Reivindicando a Cidadania!!*, este ano muito variado, com teatro, magia, jogos, desporto, música..., mas também exposições e debates no *Fórum*, assim como um certame poético, um Festivalzinho para as crianças... As actividades a desenvolver corresponderam-se com alguns dos objectivos principais da **Fundação Artábria**, como é o fomento da cultura e da língua, e a promoção de valores solidários e fraternais entre os povos e as pessoas. No Programa O Mago António Romaris, apresentando o seu espectáculo de magia e teatro; a companhia *Os Contracontos* que apresentará a obra *Capercitoloxia*. O grupo folk *Cachimonia*. Repichoca de instrumentos tradicionais. Já o Sábado 28 abriu com a exposição no espaço solidário, material sobre a defesa dos direitos civis, da catastrophe do *Prestige* e contra a guerra. Projecção dum filme, Mostra de 'Mushing', carreiras com cans de arrastre, com a colaboração da *Associação de Ferrol-Terra*, num circuito no mesmo recinto do festival à beira do rio. E um jantar popular, o *III Campeonato de Matraquilha Moinho de Pedroso* com prémios para as quatro equipas finalistas, Jogos e Desporto Rural, Mostra

de Pintura e Desenho de artistas veteranos e novos...

No FESTIVALZINHO, feito pelas crianças, a música, o teatro e os jogos, com a participação destacada de *Ecos de Trancos* e o Grupo de Teatro Infantil de Sam Mateo. No Fórum de Debate e Exposição sobre o RESSURGIMENTO DA CIDADANIA diante da Globalização Neoliberal, participando pessoas relacionadas com o movimento social galego, na carpa com apoio áudio-visual, através de projectores de vídeo. O certame poético, no espaço solidário, dedicou-se a Roberto Vidal Bolanho, com a participação de Xosé Leira, Rosa Méndez, Ramiro Vidal e Antom Cortizas. O Pregom da noite correu por conta de Uxía Senlle, integrante das plataforma NUNCA MAIS, a que se seguiu a actuação de Gaitas da Artábria.

No FESTIVAL MUSICAL as actuações dos seguintes grupos musicais: *As garotas* [Grupo galego de Rap composto por Sofia e Paola], *Inadaptats* [Grupo catalán de Hardcore], *Afro Vungo* [Grupo português de música Afro-Lusa], *A Matraca Perversa* [Grupo galego de músicas fusionadas], *Skármio* [Banda galega de Ska]... Isto vai a mais!



A publicação bimensal *Novas da Galiza* celebra o seu primeiro aniversário anunciando umha nova periodicidade mensal. Será a partir de Julho deste ano. Assim, o que só parecia umha “boa idéia”, dessas imprescindíveis mas complicada de efectivar, está conseguindo ser realidade e ter permanência. Até ao presente, ofereceu notícias e reportagens sobre a sociedade galega de forma comprometida e desde a dificuldade acrescentada aos projectos comunicativos (neste registo e neste país) de ser grátis. Por trás da aventura, como costuma acontecer, está

apenas um pequeno grupo de pessoas sob a direcção de Ramon Gonçalves que, com poucos meios e grande esforço e entusiasmo, e até contributo económico, conseguem ultrapassar o muro do espaço saturado e estão assentando-se na estrutura mediática nacional como referente alternativo.

Novas da Galiza tem proporcionado notícias sobre os sectores produtivos, o desemprego, a espoliação energética, o agro, o sindicalismo, as mobilizações, a resposta social e os movimentos populares que dam forma a um país, este país. E entre-

vistas de pessoas significativas da vida política e cultural, adentrando-se em questões relevantes da política internacional, como a luta na Palestina, em Timor ou as polémicas eleições francesas. Colorações como a de Ramón Chao, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Jorge Paços, J. Carlos Ánsia, entre outras, contribuíram ainda a afirmá-la no compromisso original de abrir um espaço de liberdade e independência no mercado actual da informação. E durante um ano, foi tomando forma, crescendo

em conteúdos e repartindo-se aos milhares para ser um referente de alta dignidade, tanto polos conteúdos como polo uso do idioma galego-português.

As pessoas interessadas em receber no domicílio a revista, e apoiar o projecto com um simbólico contributo, podem efectivar a assinatura anual no Apartado dos correios 1069 de Lugo, C.P. 27080; ou escrever para info@novasgz.com

(web novasgz.com; TM 639 146 523)

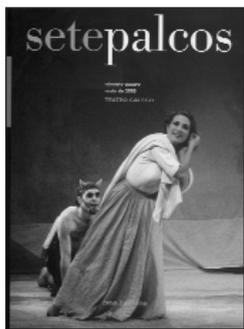
ESCULCA, “OBSERVATÓRIO PARA A DEFENSA DOS DIREITOS E LIBERDADES”



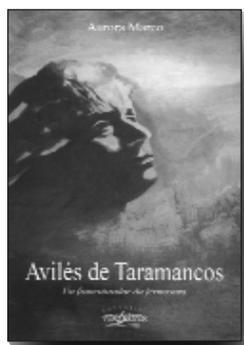
Em Julho de 2002 aparecia diante da opinião pública galega o primeiro Manifesto deste colectivo que pretendia sair ao encontro do desarme ideológico e da renúncia da sociedade ao exercício da crítica. A voracidade dos mecanismos de poder efectiva cada dia com maior intensidade um controlo estrito sobre o pensamento e o acto da cidadania, acabando-se por cair na cegueira social e na insolidariedade. Por isso *Esculca* pretendia assumir a *defensa dos direitos e liberdades*, no meio da vaga de autoritarismo que invade a Europa e o planeta. O deterioro das formas democráticas e a diminuição de direitos até há bem pouco considerados básicos e irrenunciáveis, tomando como desculpa a luta anti-terro-

rista, com medidas legislativas e policiais que atentam contra o próprio estado de direito, num percurso acelerado após os atentados do 11 de Setembro, servem de contexto e denúncia a essa primeira denúncia e aparição pública. Trata-se do correlato em Galiza da resposta alarmada que se deu em numerosas pessoas e colectivos, como *Anistia Internacional*, *Ligue des Droits de l'Homme*, *Statewatch*, *Advogados Democratas Europeus*, etc, preocupados polo mui sério perigo de involução democrática. Nestes meses, motivos nom faltáram para a associação levar a cabo a acção crítica, nomeadamente com o caso do petroleiro *Prestige* (*Esculca* promoveu durante os domingos de 4 meses concentrações de denúncia na Pr. do Obradoiro). E acaba de publicar o seu primeiro *Boletim* (Aptado. 2112 Vigo 36208). Mais informação na sua página, www.esculca.org, ou escrevendo para

esculca2003@tiscali.es



A revista lusa *Setepalcos* dedica Monográfico ao teatro galego. Com 2.000 exemplares de tiragem e distribuição para o Brasil, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau, Cabo Verde e Timor, vai permitir mostrar os nossos palcos ao mundo de fala portuguesa. Nos convites de colaboração estão Laura Tato (*A História: o teatro galego até 1936*), Inmaculada López Silva (*O teatro galego desde Abrente até aos nossos dias*), Ogando (*Três eram três... grandes no teatro galego*), Fernández Castro (*Os novos dramaturgos nos anos oitenta*), Manuel F. Vieites (*O sistema teatral galego. A perspectiva da divulgação e da recepção*), Eduardo Alonso (*O movimento teatral galego*), Chema Paz Gago (*O Centro Dramático Galego, quase duas décadas*), Vilavedra e López Silva entrevistando Quico Cadaval e Cándido Pazó (*Os contadores de histórias na Galiza*), Antón Lamapereira (*O teatro amador na Galiza*), Magdalena de Rojas (*Uma miragem, uma realidade*). Também Anxo Abuín e Nuria Araúxo (*Um diálogo de surdos –ou quase: sobre a crítica teatral na Galiza*), Concha Pino (*O incerto futuro das salas alternativas*), Rui Madeira (*Basta de flores!*). Recolhe-se ainda umha secção de POÉTICA, com participação de Ancora Produccións, Teatro do Atlántico, Chévere, Librescena, Matarile (AnVallésa), Teatro do Morcego (Celso Parada), Teatro do Noroeste (Eduardo Alonso), e Sarabela Teatro (Anxeles Cúria Bóveda). E completa-se com um Dicionário do Teatro Galego, por López Silva e Vilavedra. A iniciativa, magnífica. A ausência do reintegracionismo, lamentável e tam berrante como costuma (afinal, trabalhos “traduzidos” para português!)♦



A editora Toxosoutos publica este ensaio da Professora Doutora Aurora Marco, *Avilés de Taramancos. Un francotirador da fermosura*, de 335 páginas de texto e um extraordinário contributo iconográfico. Trata-se da biografia autorizada do literato ao que se lhe dedicou este ano o Dia das Letras Galegas, editado com apoio do Concelho de Noia, vila natal do escritor, e na qual foi vereador de cultura e grande dinamizador da vida sociocultural, sobretudo após o regresso do exílio em Colúmbia.

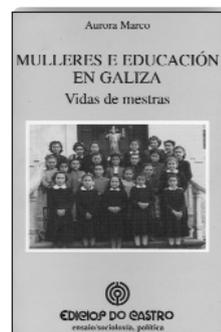
Aurora Marco utiliza epistolário e outros materiais inéditos e apresenta a figura de um escritor vocacional, focando os principais instantes da sua biografia e produção cultural e literária. O volume começa com uma citação de Avilés de Taramancos, de onde a investigadora extrai o título, e estuda progressivamente a infância e adolescência, a etapa na Corunha, de boemia e poesia, onde Avilés tivo relacionamento privilegiado com Urbano Lugrís e que foi um instante marcante da sua vida por outras personalidades que tratou; o serviço militar em Ferrol; a estada em Colúmbia, pesquisan-

do as incursões na selva e o relacionamento com a guerrilha, mas também o contacto com as gentes da cultura; e o regresso à Galiza e a sua actividade desde Noia, com instantes como a edição da obra poética, o trabalho no jornal Barbanza ou a presidência da Associação de Escritores em Língua Galega. Também a colaboração em muitas publicações, entre elas *Agália*, onde se difundiu a poesia de Avilés. No capítulo da Corunha figura um anexo, com reprodução de 16 epístolas: de Julio Rodríguez Yordi, Ramón Otero Pedrayo, Ramón González Alegre, Ramón Piñeiro, Víctor Luís Molinari, Tareixa e Xosefina Rodríguez Castelao, Neira Vilas, Mauro Gómez (abade de Samos), da Embaixada de Colômbia e de Salvador García Bodaño, para além de umha carta de amor manuscrita do próprio poeta; e a epígrafe de Colômbia finaliza reproduzindo oito cartas de Avilés a García Bodaño, duas à família, umha a Neira Vilas e mais um currículo.

Finaliza o volume com textos dos filhos, Santiago, Luís e Guillermo Avilés Baquero; e de Agreló Hermo, Cairo Antelo e Anísia Miranda; e um duplo epistolário, activo (com cartas a Alexandre González Pascual, Tomás Barros e Xosé Neira Vilas) e passivo (com reprodução de escritos que recebeu de Xulio Valcárcel, José Pardo Llada, Basilio Losada, Miguel Anxo Fernán Vello, Tomás Barros, Ánxeles Penas, Xosé Neira Vilas, Méndez Ferrín, Basilio Losada, Helena Villar e Jack Hill, 18 epístolas no total). Trata-se, pois, de umha magnífica fotobiografia que ajuda a conhecer a figura literária e política de quem foi nos últimos anos da vida também personagem de destaque do BNG♦

Mulleres e Educación en Galiza. Vidas de mestras, de Aurora Marco, 158 páginas, publicado por Edicións do Castro, foca a polémica sobre a educação das mulheres na Galiza entre 1850 e 1936, com apresentação de textos, discursos e iconografias diversas, e citando alguns dos nomes principais do período. E estuda demoradamente a actividade e o contributo pedagógico de três mestras: Concepción Sáiz Otero, Antonia de la Torre Martínez e Antia Cal Vázquez.

Aurora Marco sublinha que a cultura tradicional e dominante a respeito da educação e instrução das mulheres criou um estado de opinião maioritário, que contemplava como umha ameaça para a sociedade o cultivo da inteligência, a formação das fêmeas. O objectivo da sua educação estava encaminhado a consolidar o rol de filhas, esposas e maes. É a partir da chamada “Ley Moyano”, em 1857, que o tema educativo cobra nova força e umha nova linha de pensamento começou a alastrar através das publicações periódicas. A polémica transpareceu na imprensa, com posicionamentos a favor e em contra. A autora ilustra o trabalho de investigação com a reprodução de valiosos textos e iconografia, que ajudam a entender melhor esta questão♦





No primeiro semestre do ano 2003 Láióvnto publicou, na colecção Foradeserie, o *Projecto Dicionário Vivo*, de João Guisan Seixas. Para o leitor nom avisado, o título do volume passa por ser *Isto é um livro*, quando essa formulação nom é se nom umha das conseqüências. O trabalho consta de 79 páginas, um índice e um boletim de participação.

Guisan Seixas define o *Projecto Dicionário Vivo* como (2003: 23-24) *“uma tentativa de realizar o ‘Dicionário Vivo’ apesar de ser conscientes da impossibilidade do seu acabamento. Daí que, podendo ser perfeitamente um dicionário multilíngue (o modelo de actuação que vamos apresentar seria perfeitamente utilizável em qualquer outra língua ou grupo de línguas) pretendamos limitar-nos, por enquanto, a uma Língua e um território determinados”* para conseguir três alvos principais: *“um ‘happening’ social”, “um sistema prático de aprendizado social de uma Língua” e “uma festa da Língua destinada a promover a consciência da Língua Comum entre comunidades linguísticas divididas por razões políticas ou administrativas”*. Nas páginas seguintes vai apresentando o modo como os produtos se definem, através da etiquetagem, elaboração, distribuiçom, *“máquinas de significar”*... diferenciando por um lado o modo de executar na realidade e por outro a organização e o funcionamento do *Projecto Dicionário Vivo*, sempre com umha prosa atractiva, que surpreende continuamente o leitor e aproxima-o do imenso talento deste imenso narrador e original estilista. Assim se vam pondo (2003:57) *“as palavras ao lado das cousas”* e consegue-se *“explicar os conceitos do dicionário com objectos tridimensionais, sólidos e reais, porque afinal o que interessa é ‘extrair’ as palavras adormecidas nas cousas, expor a ‘Língua’ que se encerra na nossa rotineira vida”*. Em definitivo, estamos perante um projecto (2003:63) *“para pôr as cousas e as palavras no seu lugar”*, através de (2003: 68) *“strip-tease vocabular”* e fórmulas semelhantes.

Como nom podia ser de outro modo, o *Projecto* visa (2003:74) *“aproveitar os vínculos económicos crescentes entre Galiza e Portugal para favorecer com ele a relação linguística, hoje em dia absolutamente anormal, entre ambos. Mas também o reatamento das relações linguísticas redundaria no desenvolvimento das relações económicas”*. O texto finaliza com um *“corolário acerca da utopia”* e com estas palavras (2003:79) *“o que resulta de veras utópico, considerando realistamente a situação hoje em dia na Galiza, é pensar que a Língua se vai salvar se nom acontecer algum milagre, como este que proponho”* ♦



Omáximo, que iniciou caminhada separada de *Agália* com um número zero anterior, apresentou o n.º 1 como tal na sala de actos do MARCO (Museu de Arte Contemporânea de Vigo) o dia 4 de Abril. Trata-se praticamente de um monográfico sobre a cidade de Vigo, entre outras cousas, com umha entrevista ao escultor Francisco Leiro feita por David Barro; umha análise urbanística da cidade polo arquitecto português Alexandre Alves Costa; poemas de Xesus do Rio da Torre e Maria Reimóndez; um percurso sob as águas da ria; um comentário do heráldico Eduardo Pardo de Guevara y Valdés sobre o heterodoxo escudo da cidade... Ilustrado por Carmen González Otero e Iván Sendé ♦

Em 26 de Fevereiro apresentou-se na Biblioteca Municipal Almeida Garrett do Porto o primeiro volume de actualização do agora intitulado *Dicionário de Literatura Portuguesa, Brasileira, Galega, Africana e Estilística Literária*. Trata-se da continuação do magno empreendimento dirigido por Jacinto do Prado Coelho, que iniciou o seu andamento, em fascículos, em Agosto de 1956, com primeira edição em volume único em 1960, e posteriores revisões até chegar aos cinco da última. Este primeiro volume de actualização consta de 301 páginas, continua sob a chancela da editora portuense Figueirinhas, e anuncia-se umha tiragem de 4.000 exemplares. Agora conta com três coordenadores: Viale Moutinho para a parte galega, Ernesto Rodrigues para a portuguesa, e Pires Laranjeira para a brasileira e africana.



Nas primeiras edições este *Dicionário de Literatura* tivo como autor da maioria dos verbetes galegos ao Professor Doutor Ernesto Guerra da Cal, com contributos de Emílio González López, Leandro Carré Alvarellos e Ramón Lugris, embora algumas entradas tenham outras assinaturas. Resultou decisivo para internacionalizar a Literatura Galega nos cinzentos tempos do franquismo e materializar o almejado sonho dos galeguistas de dar-lhe projecção na comunidade lusófona. Nesta ocasião, excepto o verbete dedicado à cidade da Corunha, que é responsabilidade de José Maria Monterroso Devesa, e um breve contributo de Leandro Carré, que partilha outro dos verbetes com Viale Moutinho, todo o resto da parte galega corresponde a este escritor e jornalista. Som muitos os verbetes que inclui Viale Moutinho de novos nomes da Literatura Galega, entre as letras A e D, as quatro a que chega este primeiro volume de actualização. Anunciam-se dous mais, com um conjunto de 790 entradas em cerca de mil páginas, todos eles publicados, segundo previsom, neste ano 2003.

A maior novidade nesta versom é a consideração dos escritores africanos de países de língua portuguesa. Entre os colaboradores, para além dos citados, contam-se Álvaro Dória, António Cândido Franco, António Coimbra Martins, Álvaro Manuel Machado, Annabela Rita, António Rebordão Navarro, Álvaro Salema, António Valdemar, Baptista-Bastos, Fernando Campos, Fernando Guimarães, José Augusto França, José António Gomes, José Manuel Mendes, Luís Amaro, Aliete Galhoz, Paula Morão, Serafim Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues ou Vergílio Alberto Vieira. A actualização deste *Dicionário de Literatura* tivo algumha recepção de interesse na Galiza♦

O Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho editou em 2001, na Colecção Poliedro, o volume *Estudos de História da Língua Portuguesa. Obra dispersa*, de José de Azevedo Ferreira (Braga, 21 de Abril de 1942-13 de Abril de 1995), em homenagem a quem foi docente da instituição entre 1975 e a data da sua morte, exercendo cargos diversos em Portugal e no estrangeiro.

Vítor Manuel de Aguiar e Silva assina o primeiro trabalho (2001:XI-XV), “Memórias para José de Azevedo Ferreira”, em que lembra o relacionamento pessoal e académico com



ele, e afirma (2001: XIII) “Encontrei sempre no Azevedo Ferreira uma inexaurível generosidade afectiva e espiritual, um raro sentido de dedicação institucional, uma invulgar capacidade de trabalho, uma probidade sem mácula, uma bondade imensa, a par de admiráveis qualidades pedagógicas e científicas”. A continuação (2001: XVII-XXI), os professores Brian F. Head, Maria Aldina Marques e Aida Sampaio, numha “Nota prévia”, explicitam a organização do volume, responsabilidade dos três, para possibilitar (2001:XXI) “um instrumento de trabalho para todos quantos se interessam pela Língua Portuguesa”, por mais que, como advertem previamente (2001:XX), falte neste seu trabalho “uma reflexão aprofundada sobre o lugar da obra do Professor José de Azevedo Ferreira na história das ciências da linguagem em Portugal”. Uma “Bibliografia” do homenageado (2001:XXIII-XXXI) finaliza esta primeira parte do volume.

A continuação publica-se a produção de Ferreira, diferenciando duas epígrafes: “Estudos sobre a História da Língua Portuguesa” (2001: 1-287), em que se incluem 19 trabalhos; e “Edição de Textos Medievais” (2002: 291-496), com mais seis. Os estudos apresentam-se segundo a versão original, indicando onde apareceram inicialmente, em idiomas português e francês, sendo Afonso X o autor mais especificamente estudado por este investigador. Todos os trabalhos som de interesse, é claro. No entanto, merece destaque o intitulado (2001: 61-73) “Raízes do Galaico-Português” em que afirma, no início: “Se até meados do século XIV se pode falar de um ‘galaico-português’ ou ‘galego-português’, devido à quase total identidade da língua falada a Norte e a Sul do Minho, a partir daquela data, mercê de circunstâncias várias, quebra-se essa unidade e cada língua segue a sua evolução separadamente. Hoje estamos em presença de duas realidades lingüísticas diferentes, mas, durante muito tempo, não foi assim, pois a língua de Portugal e da Galiza caracterizavam-se por diferenciações de tal modo ligeiras que se torna difícil saber o que é tipicamente português e o que é tipicamente galego”, ocupando-se aqui dos diversos posicionamentos. No volume, Azevedo Ferreira demonstra conhecer publicações da Associação Galega da Língua, que cita. Vale a pena lembrar como na Galiza este professor foi objecto de homenagem (partilhada com o brasileiro Houaiss e com Marinhãs del Valle), em Setembro de 2000, pelas Irmandades da Fala de Galiza e Portugal, a Associação de Amizade Galiza-Portugal e a Associação Galega de Escritores♦

Henríquez Salido, Maria do Carmo, (2002), *El vocabulario jurídico en el “Diccionario da Academia das Ciências de Lisboa” y en el “Diccionario de la Real Academia Española”*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 387 pp.

Diferenciam-se neste volume um “Prólogo” (2002: IX-XII), de João Malaca Casteleiro, Presidente do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa; um “Antelóquio Indispensável” (2002: XIII-XVII) da autora, Maria do Carmo Henríquez Salido, apresentada como Professora Catedrática da Universidade de Vigo; e o estudo em si (2002: 1-387).

Trata-se de um trabalho de relevo, resultado de umha dedicação de anos, em que se analisam os dous dicionários, as famílias de palavras, a formação de palavras; a prefixação, a sufixação e a parassíntese; e as formas complexas e termos sintagmáticos. Casteleiro (2002:IX) qualifica-o de



“extenso, rigoroso e bem fundamentado estudo comparativo sobre o vocabulário de natureza jurídica”. Segundo a autora, o objectivo da investigação foi (2002: XIV) “oferecer, tanto aos usuários destes dois grandes e autorizados Dicionários como aos operadores jurídicos, um material que regista e analisa aquelas vozes e acepções marcadas procedentes do campo do Direito e das actividades profissionais relacionadas com o jurídico, que fazem parte, por sua vez, na sua condição de tecnicismos jurídicos, da língua geral (nomeadamente da língua culta e comum)”. Verifica a existência de um muito elevado número de acepções e palavras do campo do Direito e da Justiça, que analisa e estuda, para concluir que (2002:369) “en cada obra existe un (sub)diccionario jurídico, dotado de auctoritas”. Na Introdução há um parágrafo especialmente significativo (2002:4):

“Ambos Diccionarios están pensados tanto para los usuarios habituales de esta clase de instrumentos –escritores, traductores, periodistas, investigadores, profesores, alumnos de enseñanza universitaria, estudiantes, etc.– como para los hablantes de la ilustre lengua ecuménica nacida en los territorios de Gallaecia y Lusitania que viven en el momento presente además de en Galiza y en Portugal, en Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Goa, Damão, Diu, Macau y Timor; y los de la otra extensa lengua románica formada en los territorios de la antigua Castiella que moran en España, Guínea, América Central y América Meridional o Filipinas. Estos destinatarios integran, respectivamente, la comunidad panlusitánica y la comunidad panhispánica, comunidades lingüísticas que concentran el mayor número de lusitano-hablantes e hispanohablantes en América”

O trabalho realizou-se com apoios da “Consellería da Presidencia e Administración Pública da Xunta de Galicia” e da Vice-Reitoria de Investigación da Universidade de Vigo, além de numerosas personalidades e cargos públicos do campo de estudo♦

Casahamlet (nº 5, A Corunha, Maio 2003, 74 pp)

Com desenho de Miguelanxo Varela e direcção de Francisco Pillado, reúne este número trabalhos sobre encenação, edição, ensino, cenografia, interpretação, e até escrita de teatro galego. Interessou-nos particularmente o ensaio de Biscainho Fernandes, “Paisaxes dramáticas do ensino teatral galego (reflexións desde a Teoría de Polisistemas)”, e especialmente os matizes relativos ao uso de um galego ritual e simplificado no teatro galego, e os que se referem às “costas viradas á lusofonía”♦



TABAJARA RUAS: **O fascínio** (Ambar, Porto, 2002, 138 pp)

Bertholino, um empresário à beira da falência, recebe como herança umha fazenda que pode significar a sua redenção financeira. O que parece a sua salvação acaba por revelar-se a sua mais completa perdição. Fascinado pola história de violência dos seus antepassados, a personagem central deixa-se envolver num turbilhão de sensações até entom desconhecidas e comandadas polo mórbido poder dos assassinos: o poder da vida e da morte♦





VERGÍLIO ALBERTO VIEIRA

Chão de Víboras (Caminho, Lisboa, 2003, 120 pp)

O tema da guerra colonial atravessa a 1ª parte; na 2ª, os escapados ao fascismo polas fronteiras do Norte de Portugal. O seu lançamento nas *Correntes d'Escrita* até causou um ataque♦



VALTER HUGO MÃE

Útero (Quasi Edições, Vila Nova de Famalicão, 2003, 64 pp)

Breves textos poéticos, 46 ao total, divididos em dous blocos, de grande continência, em que um prisma evanescente filtra o olhar sobre o mundo:

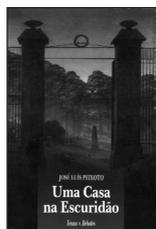
“as flores mais belas da ladeira/ seriam capazes de criar/ deus” (p. 44)♦



JOSÉ LUÍS PEIXOTO

A Casa a Escuridão (Temas e Debates, Lisboa, 2002, 77 pp)

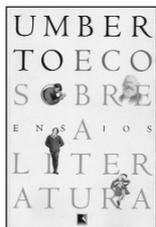
Poemas... Se acontece ler antes do romance que se lança em simultâneo (vid. a seguir) pode-se ficar decepcionados. Mas depois de ler o outro livro, estes versos lacerantes cobram outra luz♦



JOSÉ LUÍS PEIXOTO

Uma Casa na Escuridão (Temas e Debates, Lisboa, 2002, 251 pp)

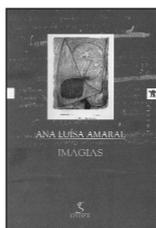
Casa com escritor fechado. A escrita e a mulher amada que brotam do onírico. Mas um dia chegam os invasores e com eles a barbárie, a casa transforma-se num asilo de seres mutilados, violados, brutalizados. E o podre, a Peste, abate-se sobre todos♦



UMBERTO ECO

Sobre a Literatura (Record, Rio de Janeiro, 2003, 305 pp)

Proibida a venda na Europa. E até podem preferir o original italiano. Mas sempre dá para ver o hibridismo de Eco, crítico e narrador, revelando parte da sua Farmácia e Biblioteca♦



ANA LUÍSA AMARAL

Imagias (Gótica, Lisboa, 2002, 105 pp)

Uma das vozes mais interessantes, autora já de sete livros de poesia e dous infantis. Pequenas gavetas com histórias do quotidiano e as magias de olhadas disseminadas por cima♦

JOÃO LUÍS BARRETO GUIMARÃES

Lugares comuns (Mariposa Azul, Lisboa, 2000, 80 pp)

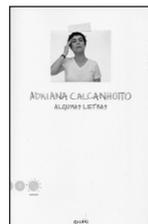
Desde a capa, lugares comuns à volta de um café, chávenas, mesas aos cantos, pessoas que frequentam, objectos... Como um levantamento do campo, cada quinta-feira de todo um ano ♦



ADRIANA CALCANHOTO

Algumas letras (Quasi Edições, Famalicão, 2003, 128 pp)

Claro, a cantora e compositora brasileira! Aqui as suas letras cantadas com outros poemas inéditos, e muita e boa fotografia e algum “parecer”, de badalados nomes da foto e da crítica ♦



TERESA MARGARIDA DA SILVA E ORTA

Aventuras de Diófanés (Caminho, Lisboa, 2002, 286 pp)

Edição crítica (Maria de Santa-Cruz) do 1º romance em língua portuguesa assinado por mulher, séc. XVIII, a reivindicar direitos, na escrita hermética, simbólica, de umha senhora rebelde ♦



ONDJAKI

O Assobiador (Caminho, Lisboa, 2002, 117 pp)

Umha história mágica e hipnotizante no coração da África. As pessoas boquiabertando-se por um assobio que lhes alcança a profundidade das almas e lhes muda as vidas ♦



ONDJAKI

Bom dia camaradas (Caminho, Lisboa, 2003, 138 pp)

Contada pola voz de umha criança. Da época em que Angola e os luandeses formavam um universo peculiar, de monopartidarismo e cartons de abastecimento, de professores cubanos ♦

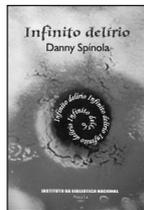


VVAA

Putas -novo conto português e brasileiro (Quasi, Famalicão, 2002, 205 pp)

É gente nova dos dous lados do Atlântico, 21 nomes ao total, com nótula biográfica e contributo à volta do tema proposto. Variável. Irregular, como nom podia deixar de ser. Mas bom ♦





DANNY SPÍNOLA

Infinito delírio (IBN, Praia, 2002, 137 pp

Épico magma de várias vertigens, certa ebulição caboverdiana em seis livros, poemas de 1998/2000 ♦

LOIÇ WACQUANT

As prisíons da miseria, Laiomento, 2003, 157 pp

Ensaaios para ter consciência do controlo penal e crescente, na nova Europa policial e penitenciária ♦



HUMBERTO LIMA (organ.)

Un Bes Tinha Nho Lobu ku Tubinhu..., INIC, 200, 198 pp

Histórias recolhidas da Ilha de Fogo, compostas de contos e fábulas. Para avaliar a literatura oral caboverdiana ♦

VVAA

De sonhos e memorias, Espiral Maior, 2003, 185 pp

Seis histórias premiadas nos Certames “Manuel Murguía” de narrativa breve (edição de H. Rabuñal) ♦



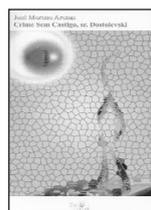
Viola Delta XXXIV, Edições Mic, Estoril, 2003, 32 pp

Pequena revista literária, muito aceitável entre os poetas, neste volume dedicada a poemas sobre Sintra ♦

MATEO RELLO

Orilla sur, Grupo León Felipe, Barcelona, 2002, 78 pp

Mais coerente e bom do que se poderia aguardar à primeira vista, e de umha primeira estreia em livro, como é... ♦



JOSÉ MORENO ARENAS

Crime sem castigo, Sr. Dostowieski, Tema, Lisboa, 2003, 37 pp

Teatro (trad. de Alberto Augusto Miranda). A chispa genial do absurdo no quotidiano real mais absurdo. Delinquentes ♦







